



**UNIVERSIDADE DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS –
NÍVEL DE MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

ROSANGELA ORO BROCARDO

**O GÊNERO *CARTA DO LEITOR* EM DIFERENTES SUPORTES E MÍDIAS: UMA
ANÁLISE DE ASPECTOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS**

CASCAVEL – PR
2015

ROSANGELA ORO BROCARDI

**O GÊNERO *CARTA DO LEITOR* EM DIFERENTES SUPORTES E MÍDIAS: UMA
ANÁLISE DE ASPECTOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de Mestrado e Doutorado - área de concentração Linguagem e Sociedade.

Linha de pesquisa: *Linguagem: Práticas Linguísticas, Culturais e de Ensino*

Orientadora: Prof^a Dr^a Terezinha da Conceição Costa-Hübes

ROSANGELA ORO BROCARDI

O GÊNERO *CARTA DO LEITOR* EM DIFERENTES SUPORTES E MÍDIAS: UMA ANÁLISE DE ASPECTOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado, área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do oeste do Paraná – UNIOESTE.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Terezinha da Conceição Costa-Hübes
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Orientadora

Prof. Dr. Rodrigo Acosta Pereira
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Membro efetivo

Prof^a. Dr^a. Benedita de Almeida
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Membro efetivo

Prof^a. Dr^a. Carmen Teresinha Baumgartner
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Membro efetivo

Cascavel, 16 de março de 2015.

Dedicatória

Dedico este trabalho a meu esposo Marcos e a meus filhos Isadora e Junior, por todo o amor e apoio constantes.

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, Marcos, companheiro de tantos anos, por ter estado ao meu lado durante toda essa trajetória e por ter apoiado todas as minhas buscas – as existenciais e as teóricas.

A meus filhos, Junior e Isadora, que trazem tanta luz e amor para minha vida.

A toda a minha família, em especial a minha mãe e meu pai, meu sogro e minha sogra, pelo apoio e pelas lições fundamentais de vida.

À minha querida orientadora, Prof^a Dr^a Terezinha da Conceição Costa-Hübes, pela dedicação, carinho, humildade, por acreditar em mim e me mostrar o caminho da ciência.

Aos membros da banca, Prof. Dr. Rodrigo Acosta Pereira, Prof^a Dr^a Benedita de Almeida e Prof^a Dr^a Carmen Baumgartner, pelas valiosas sugestões para o desenvolvimento desse trabalho.

Aos colegas de mestrado, porque – ainda que separados por centenas de quilômetros – continuamos unidos pelas boas lembranças e laços de companheirismo que construímos.

Às minhas amigas “Legionárias”, por todo o amor, apoio e alegria que me dão.

À Secretaria Estadual de Educação do Paraná, pela licença que me foi concedida para a realização do curso de mestrado.

Ao Programa Observatório da Educação – CAPES/INEP – por possibilitar minha inserção, como pesquisadora voluntária, no Projeto de Pesquisa *Formação Continuada para professores da educação básica nos anos iniciais: ações voltadas para a alfabetização em municípios com baixo IDEB da região Oeste do Paraná*.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta pesquisa de mestrado.

O mundo em que o ato realmente se desenvolve é um mundo unitário e singular concretamente vivido: é um mundo visível, audível, tangível, pensável, inteiramente permeado pelos tons emotivo-volitivos da validade de valores assumidos como tais. É isso que garante a realidade unitária deste mundo – a singularidade não relativa ao conteúdo-sentido, mas a singularidade emotivo-volitiva, necessária e de peso – é o reconhecer-me insubstituível na minha participação, é o meu não-álibi em tal mundo. Esta participação assumida como minha inaugura um dever concreto: realizar a singularidade inteira como singularidade absolutamente não substituível do existir, em relação a cada momento deste existir. E isso significa que esta participação transforma cada manifestação minha – sentimentos, desejos, estados de ânimo, pensamentos – em um ato ativamente responsável.

(M. Bakhtin, *Para uma Filosofia do Ato Responsável*)

BROCARD, Rosangela Oro. **O gênero carta do leitor em diferentes suportes e mídias**: uma análise de aspectos linguístico-discursivos. 2015. 199 páginas. Dissertação (Mestrado em Linguagem) – Universidade estadual do Oeste do Paraná. Cascavel.

RESUMO

Essa pesquisa de mestrado objetivou investigar a constituição e o funcionamento do gênero discursivo *carta do leitor*, do jornalismo de revista, considerando sua circulação em diferentes suportes e mídias. A fundamentação teórico-metodológica sustenta-se nos escritos do Círculo de Bakhtin e nas pesquisas de seus interlocutores contemporâneos (ACOSTA-PEREIRA, 2008, 2012; BRAIT, 2006, 2012; FARACO, 2009; RODRIGUES, 2001, 2005), no campo que, dadas suas particularidades, se convencionou a ser denominado de Análise Dialógica do Discurso (ADD). Considerando a ordem metodológica (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929]), as perguntas que movem esta pesquisa são: como se configura essa reorganização do projeto linguístico-discursivo do locutor, tendo em vista um novo contexto de interação verbal promovido pela Internet? Que fatores determinam a constituição e o funcionamento da *carta do leitor* em diferentes suportes e mídias? Quais as relações dialógicas que se estabelecem por meio do gênero *carta do leitor* nas versões da revista *Veja* em seus suportes impresso e *online*? Para aclarar essas questões, selecionamos o gênero discursivo *Carta do leitor* como tema, buscando ampliar nosso conhecimento sobre sua função social, seu contexto de produção, sua organização composicional e seu estilo, lançando um olhar, também, para as influências do suporte impresso e digital. Quanto aos dados da pesquisa e sua delimitação, selecionamos como objeto, 38 *cartas do leitor* publicadas em diferentes suportes da revista *Veja*, referentes a dois artigos de Lya Luft publicados no mês de abril de 2013. A metodologia e a apresentação dos dados têm como base Rodrigues (2001) que propõe a análise do gênero a partir de duas categorias articuladas: sua dimensão social e sua dimensão verbal. Sobre a **dimensão social** da *carta do leitor*, consideramos relevantes as especificidades da esfera social do jornalismo, especialmente as particularidades de um de seus segmentos, o jornalismo de revista. Mediada pela esfera jornalística, as situações de interação discursiva ocorridas por meio desse gênero, nas duas versões da revista, se estabelecem entre leitor e articulistas, e entre os leitores da revista *Veja*. Quanto à autoria, no caso das cartas publicadas na revista *Veja* impressa, ocorre uma relação de co-autoria entre leitor e editor. Já na versão *online*, o autor das cartas é o leitor internauta. Além disso, ao analisarmos a *carta do leitor* em diferentes suportes e mídias, observamos que estas apresentam orientações para diferentes interlocutores numa e em outra situação. Enquanto na versão impressa de *Veja*, os enunciados são dirigidos ao editor, à colunista e ao público leitor, na versão da revista publicada na internet, as possibilidades de interlocução são ampliadas. Os locutores, ao interagirem por meio desse gênero na *Veja online*, podem se dirigir, a qualquer tempo, tanto ao público leitor geral da revista, quanto a públicos mais específicos, a outros colunistas, etc. Quanto à **dimensão verbal**, analisamos, primeiramente, o objeto de discurso da *carta do leitor*, o qual é composto pela marcação de uma posição axiológica dos leitores acerca de aspectos relacionados à educação e violência contemporâneas. Verificamos que a finalidade desse gênero consiste na elaboração de uma reação-

resposta do locutor, que busca tomar uma posição acerca dos temas, tendo como evento motivador imediato os artigos de Lya Luft sobre essas questões. Em suas reações-resposta os leitores apresentam diferentes posições avaliativas frente ao tema, ora contestando-o, ora enaltecendo-o. Verificamos também que esse gênero apresenta regularidades estilísticas e composicionais diferentes em cada suporte e mídia. Por exemplo, na versão impressa da revista, possivelmente devido ao processo de edição, verificamos a preferência pelo uso da norma padrão culta nas *cartas do leitor*, enquanto nas *online*, apresentam forte tendência ao uso informal da linguagem, dada a maior liberdade de interação observada nessa mídia. Sobre as marcas composicionais específicas desse gênero em sua versão *online*, constatamos como uma regularidade discursiva a intercalação da *carta do leitor* com outros gêneros, como o comentário e a propaganda. No decorrer de nossa análise, verificamos que esse gênero se estabiliza de maneiras diferentes num e noutro suporte e mídia. Acerca da relação entre o gênero-suporte-mídia, compreendemos, a partir da análise das dimensões da *carta do leitor*, que o suporte, como elemento da mídia, não é o componente que mais diretamente se relaciona ao gênero. No processo de interação em que se situam as *cartas do leitor* em estudo, observamos que é a mídia que exerce maiores determinações na constituição e no funcionamento desse gênero, e não o suporte.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo de revista; gênero do discurso; *carta do leitor*; suporte; mídia.

THE GENRE READER'S LETTER IN DIFFERENT SUPPORTS AND MEDIAS: AN ANALYSIS OF LINGUISTIC-DISCURSIVE ASPECTS

ABSTRACT

This master's research aimed to investigate the constitution and functioning of the discursive genre *reader's letter*, of the magazine journalism, considering its circulation in different supports and medias. The theoretical and methodological foundation is sustained by the writings of Bakhtin's Circle and in research of its contemporaneous interlocutors (ACOSTA-PEREIRA, 2008, 2012; BRAIT, 2006, 2012; FARACO, 2009; RODRIGUES, 2001, 2005), in the field that, given its particularities, is conventionally to be called Dialogic Discourse Analysis (DDA). Considering the methodological order (BAKHTIN / VOLOSHINOV 2012 [1929]), the questions that move this research are: how the reorganization of the linguistic-discursive project of the speaker configures, aiming at a new context of verbal interaction promoted by the Internet? What factors determine the constitution and the functioning of the *reader's letter* in different supports and medias? What dialogical relations are established through reader's letter genre in the *Veja* magazine in its printed and online supports? To clarify these questions, we selected the discursive genre *reader's letter* as the theme, seeking to expand our knowledge of its social function, its production context, its compositional organization and its style, taking a look also at the influences of printed and digital support. As for the research data and its boundaries, we selected as object, 38 *reader's letters* published in different supports of *Veja* magazine, referring to two articles of Lya Luft published in April 2013. The methodology and data presentation are based on Rodrigues (2001), which proposes the analysis of the genre from two articulated categories: the social dimension and the verbal dimension. On the **social dimension** of the reader's letter, we consider relevant the specificities of the journalism social sphere, especially the particularities of one of its segments, the magazine journalism. Mediated by the journalistic sphere, the situations of discursive interaction occurred through this genre, in the two versions of the magazine, are established between reader and article writers, and among readers of *Veja* magazine. As to the authorship, in the case of letters published in the printed magazine *Veja*, there is a relationship of co-authorship between reader and editor. In the *online* version, the author of the letters is the web surfer reader. Furthermore, when analyzing the reader's letter in different supports and medias, we observed that they present guidelines for different partners in one and in another situation. While on the printed version of *Veja*, the statements are directed to the editor, the columnist and the reading public, in the version published in the internet, the possibilities for interlocution are enlarged. The speakers, when interacting through this genre at *online Veja*, can address to, at any time, the general reader public of the magazine, as for more specific audiences, the

other columnists, etc. As for the **verbal dimension**, we analyzed, firstly, the object of discourse of the reader's letter, which is composed by the marking of an axiological position of the readers regarding aspects related to contemporary education and violence. We verified that the purpose of this genre consists on the development of a speaker's reaction-response, which seeks to take a position regarding the themes, having as immediate motivator event the articles by Lya Luft about these issues. On their reactions-response the readers have different evaluative positions of the theme, sometimes challenging it, sometimes exalting it. We verified also that this genre presents different stylistic and compositional regularities in each support and media. For example, in the printed version of the magazine, possibly due to its editing process, we found the preference for the standard cultural norms on the *reader's letters*, while on the online versions, present a strong tendency to the informal use of language, given the greater freedom of interaction observed on this media. About the specific compositional marks of this genre in its online version, we noted as a discursive regularity the interleaving of the *reader's letter* with other genres, such as the comment and the propaganda. In the course of our analysis, we found that this genre is stabilized in different ways in one and another support and media. About the relation between genre-support-media, we understand, from the analysis of the dimensions of the *reader's letter*, the support, as a media element, is not the component that most directly relates to genre. In the process of interaction that situates the reader's letters in study, we observed that it is the media that exerts higher determinations on the constitution and functioning of this genre, not the support.

KEYWORDS: magazine journalism; discourse genre; reader's letter; support; media

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Relação entre texto-enunciado-língua	39
Figura 02 - Capa da revista <i>Veja</i>	103
Figura 03 - Lugar de ancoragem da <i>carta do leitor</i> na revista <i>Veja impressa</i>	118
Figura 04 - Lugar de ancoragem de artigo de Lya Luft na versão <i>online</i> da revista <i>Veja</i>	119
Figura 05 - Lugar de ancoragem das <i>cartas do leitor</i> na versão <i>online</i> da revista <i>Veja</i>	119
Figura 06 - Artigo “A Formação de um povo”, de Lya Luft	131
Figura 07 - Artigo “Brasileiro Bonzinho”, de Lya Luft	132

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Quadro 01: Pesquisa no banco de teses da Capes	18
Quadro 02: Dados gerais das <i>cartas do leitor</i> selecionadas	22

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 CONCEPÇÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM DO CÍRCULO DE BAKHTIN	24
1.1 DIALOGISMO	24
1.2 DISCURSO	28
1.3 TEXTO-ENUNCIADO	32
1.4 GÊNEROS DO DISCURSO	39
1.5 CRONOTOPO	46
2 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS E APRESENTAÇÃO DOS DADOS	53
2.1 A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO E O MÉTODO SOCIOLÓGICO	54
2.1.1 O conteúdo temático	59
2.1.2 O estilo	63
2.1.3 A construção Composicional	71
2.2 AS DIMENSÕES SOCIAL E VERBAL DOS GÊNEROS	75
2.2.1 Dimensão social do gênero	76
2.2.2 Dimensão verbal do gênero	79
2.3 OS DADOS DA PESQUISA: DELIMITAÇÃO DO UNIVERSO E DO OBJETO DE ANÁLISE	80
3 AS DIMENSÕES SOCIAL E VERBAL DO GÊNERO DISCURSIVO CARTA DO LEITOR	83
3.1 A DIMENSÃO SOCIAL	83
3.1.1 A questão do suporte	84
3.1.2 A esfera social do jornalismo	90
3.1.2.1 Gêneros do discurso na esfera jornalística	108
3.1.2.2 O Gênero <i>carta do leitor</i>	112
3.1.3 O cronotopo da <i>carta do leitor</i>	114
3.1.3.1 As condições sócio-históricas da <i>carta do leitor</i> na contemporaneidade, considerando o conceito de cronotopo	115
3.1.3.2 O lugar de ancoragem da <i>carta do leitor</i> na revista e sua periodicidade ...	117
3.1.4 A autoria	121

3.1.5 O leitor previsto	126
3.2 A DIMENSÃO VERBAL	130
3.2.1 O conteúdo temático e as relações dialógicas	130
3.2.1.1 O objeto do discurso e o projeto discursivo	133
3.2.1.2 Movimentos dialógicos de responsividade: a reação-resposta ao já-dito ...	141
3.2.1.3 <i>Carta do leitor</i> impressa e digital: diferentes orientações para diferentes leitores	148
3.2.2 As projeções estilístico-composicionais	156
3.2.2.1 Projeções de estilo da <i>carta do leitor</i> em diferentes suportes e mídias	156
3.2.2.2 A construção composicional da <i>carta do leitor</i> em diferentes suportes e mídias	165
3.2.2.3 <i>Carta do leitor</i> na mídia <i>online</i> e a intercalação de gêneros	170
CONSIDERAÇÕES FINAIS	174
REFERÊNCIAS	178
ANEXOS	184

INTRODUÇÃO

Na condição de professora atuante na Educação Básica nos últimos 20 anos temos observado, ao longo dessa experiência, a organização de documentos norteadores do ensino de língua materna, como, por exemplo, das Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná (doravante, DCE) (PARANÁ, 2008). Este documento, em especial, considera que as ações pedagógicas com a linguagem partem do discurso como prática social, tendo em vista diferentes formas de interação verbal. Nesse sentido, segundo as DCE, “na abordagem de cada gênero, é preciso considerar o tema (conteúdos ideológicos), a forma composicional e o estilo (marcas linguísticas e enunciativas)” (PARANÁ, 2008, p. 64).

Bakhtin (2003[1979]; 2010a[1929]; 2010b[1975]) e Bakhtin/ Voloshinov (1926; 2012[1929]) ao proporem reflexões sobre a linguagem como fenômeno social de interação verbal, observam que todas as esferas da atividade humana estão sempre relacionadas à utilização da linguagem. Assim, se queremos estudar a língua, discursivamente, temos sempre que nos remeter a uma ou outra esfera da atividade humana. Nossos enunciados (orais ou escritos, verbais ou não-verbais) apresentam conteúdo temático, organização composicional e estilo próprios, sempre relacionados às condições específicas e às finalidades de cada esfera de atividade humana (BAKHTIN, 2003[1979]).

Com base em tais pressupostos, entendemos que a linguagem é uma das faculdades do ser humano mais flexíveis e adaptáveis aos novos contextos, responsável por transformações sociais e culturais. Suas modificações “refletem e refratam”¹(BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929]) novas exigências de interação verbal, segundo os diferentes contextos de produção, recepção e circulação dos textos. Essas demandas dão origem a estudos que discutem as modificações provocadas por esse processo, analisando, por exemplo, as características de vários

¹ Segundo Faraco, “os textos do Círculo de Bakhtin vão dizer recorrentemente que os signos não apenas *refletem* o mundo, mas também o *refratam* [...] Quer dizer: com os signos podemos apontar uma realidade que lhes é externa (para a materialidade do mundo), mas o fazemos sempre de modo refratado. E *refratar* significa, aqui, que com nossos signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos – na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos – diversas interpretações (*refrações*) desse mundo” (FARACO, 2009, p. 50-51, grifos do autor).

gêneros discursivos que estão surgindo ou se reconfigurando na esfera jornalística, considerando diferentes mídias e suportes.

O uso da tecnologia, em especial a Internet, e, por consequência, as novas formas de interação verbal, têm sido, nos últimos anos, motivo de estudos dos mais variados domínios do saber. No domínio da Linguística Aplicada, por exemplo, há estudos que buscam elucidar o papel da linguagem neste meio, especialmente no que se refere à constituição de gêneros discursivos emergentes e sua relação com outros gêneros pré-existentes.

Porém, dada a velocidade de informações e inovações que ocorrem nessa mídia e devido ao fato de que, na grande maioria desses gêneros, a comunicação tenha ocorrido pela linguagem escrita, acreditamos que cabe uma análise mais detalhada de gêneros discursivos emergentes, em especial, nesta pesquisa, a *carta do leitor*, uma vez que aspectos a respeito da interação verbal precisam ser revistos, traçando um paralelo entre os gêneros pré-existentes e sua (re)configuração em outros suportes e mídias, de acordo com as influências desse novo contexto sócio-histórico e ideológico. Assim, esta pesquisa focalizará, mais especificamente, o gênero *carta do leitor* na internet, com o propósito de estabelecer sua interface com o suporte impresso.

Assim, as perguntas que movem esta pesquisa são: Sabendo que o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional dos gêneros estão indissoluvelmente ligados, como se configura essa reorganização do projeto linguístico-discursivo do locutor, tendo em vista um novo contexto de interação verbal promovido pela Internet? Que fatores determinam a constituição e o funcionamento da *carta do leitor* em diferentes suportes e mídias? Quais as relações dialógicas que se estabelecem por meio do gênero *carta do leitor* nas versões da revista *Veja* em seus suportes impresso e *online*?

Para aclarar essas questões, selecionamos o gênero discursivo *Carta do leitor* como tema, buscando ampliar nosso conhecimento sobre sua função social, seu contexto de produção, sua organização composicional e seu estilo, lançando um olhar, também, para as influências dos suportes impresso e digital. Buscamos, então, analisar as (re)configurações do gênero na internet, na interface com o suporte impresso, avaliando como se (re)configura essa organização do projeto linguístico-discursivo do locutor, tendo em vista o novo contexto de interação verbal.

Para tanto, esta pesquisa sustenta-se nos escritos do Círculo de Bakhtin² e nas pesquisas de seus interlocutores contemporâneos (ACOSTA-PEREIRA, 2008a, 2008b, 2012; BRAIT, 2006; BRAIT, SOUZA-E-SILVA, 2012; FARACO, 2009; RODRIGUES, 2001, 2005;), no campo que, dadas suas particularidades, se convencionou a ser denominado de Análise Dialógica do Discurso (ADD). Acerca dessa perspectiva teórica, a ADD, Brait afirma:

Mesmo consciente de que Bakhtin, Voloshinov, Medvedev e outros participantes do que atualmente se denomina *Círculo de Bakhtin* jamais tenham postulado um conjunto de preceitos sistematicamente organizados para funcionar como perspectiva teórico-analítica fechada, arrisca-se a sustentar que o conjunto das obras do *Círculo* motivou o nascimento de uma **análise/teoria dialógica do discurso**, perspectiva cujas influências e consequências são visíveis nos estudos linguísticos e literários e, também, nas Ciências Humanas de maneira geral. Sem querer (e sem poder) estabelecer uma definição fechada do que seria essa análise/teoria dialógica do discurso, uma vez que esse fechamento significaria uma contradição em relação aos termos que a postulam, é possível explicitar seu embasamento constitutivo, ou seja, a indissolúvel relação existente entre línguas, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas. (BRAIT, 2006, p. 9-29, grifos da autora).

Estudar a linguagem significa, nesse sentido, ir além da análise das estruturas verbais, das formas da língua, direcionando o olhar também para o(s) sentido(s) do discurso produzido numa situação única de enunciação.

A partir desse posicionamento teórico, o objetivo geral deste estudo é investigar, com base nos textos do Círculo e em estudos da ADD, a constituição e o funcionamento do gênero discursivo *carta do leitor* considerando sua circulação em diferentes suportes e mídias e estabelecendo relações entre seu conteúdo temático, seu estilo e sua construção composicional.

No intuito de concretizar o objetivo geral, delimitamos como objetivos específicos:

² Utiliza-se a expressão Círculo de Bakhtin porque, além do pensador Mikhail Bakhtin, as formulações e as obras são produto de reflexão de um grupo que tinha a participação de outros intelectuais, entre eles V. N. Voloshinov e P.N. Medvediev. Para maiores informações acerca do assunto, indicamos a obra *Bakhtin e o Círculo*, de Beth Brait, editora Contexto, 2009. Não é nosso objetivo entrar no debate a respeito da autoria das obras; as que forem citadas no decorrer do texto respeitarão as assinaturas presentes nas edições utilizadas.

- a) Identificar as características peculiares do gênero *Carta do Leitor*, observando a sua integração na esfera jornalística e sua função social, seu contexto de produção, seu projeto discursivo, identificando a interferência dessas marcas em textos do gênero;
- b) Analisar as marcas linguístico-enunciativas do gênero *carta do leitor* na mediação de interações verbais, conferindo de que maneira este gênero reflete e refrata, na materialidade do texto, a dimensão social na qual está inserido;
- c) Pesquisar em que medida o gênero digital *carta do leitor* diferencia-se de sua contraparte impressa e se essas possíveis divergências são (ou não) essenciais para transformá-lo em um gênero novo.
- d) Contribuir para a (re)construção de ações em relação ao ensino/aprendizagem de língua materna, buscando angariar maiores subsídios para propor encaminhamentos teórico-metodológicos para o trabalho com os gêneros em sala de aula.

Consideramos, para isso, que o trabalho com os gêneros discursivos compreende que a língua é social e, portanto, revela-se em textos-enunciados³ (orais e escritos) os quais circulam na sociedade, cumprindo uma função específica: fazer rir, fazer chorar, informar, orientar, persuadir etc. Assim, podem ser compreendidos como a materialidade do discurso de determinada esfera da atividade humana que elabora seus enunciados de maneira “relativamente estável” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 283), os gêneros do discurso.

Uma grande contribuição de Bakhtin e de outros pesquisadores que compartilham de sua visão acerca dos gêneros foi a de chamar a atenção para o caráter mediador e organizador do uso que é feito da linguagem. Todos os usuários de uma língua moldam sua fala/escrita às formas dos gêneros e os reconhecem nos usos sociais. Logo, todo texto-enunciado concreto se organiza em um gênero situado sócio-ideologicamente.

³ Assumimos nesse trabalho a concepção de *texto-enunciado* na perspectiva bakhtiniana, entendendo, a partir disso, que: todo *texto-enunciado* é orientado pelo seu contexto; possui um autor, a assinatura de um sujeito, o qual mobiliza discursos para constituir-lo e constituir-se; é dirigido a alguém, o que exerce determinações em sua constituição; é constituído por elementos linguísticos e extralinguísticos, estabelecendo relações dialógicas diversas com outros textos-enunciados anteriores e posteriores a ele. Ao nos valermos das palavras “texto”, “texto-enunciado” e “enunciado” nesse trabalho, estaremos nos referindo a esse conceito, o qual será especificamente tratado no item 1.2.

Conforme Bakhtin (2003[1979]), para o verdadeiro domínio da linguagem, o reconhecimento de um gênero se constitui como algo essencial, uma vez que todas as situações comunicativas só se efetivam por meio de enunciados concretos materializados nos gêneros discursivos. Tendo em vista os novos gêneros que surgem a partir de novas exigências de interação por meio da linguagem, entendemos que a ação da linguagem, em sua função como mediadora das práticas sociais, se torna, assim, objeto de estudo relevante.

No intuito de observar o número de estudos realizados na última década, a fim de verificar a necessidade (ou não) de pesquisas sobre a temática aqui proposta, incorremos em breve pesquisa no banco de dados da Capes, acerca do tema em questão. Os resultados indicados no quadro abaixo apontam para a lacuna existente sobre o tema, notadamente quando se relaciona o gênero *carta do leitor* em diferentes suportes.

Quadro 01: Pesquisa no banco de teses da Capes

Temas	Número de ocorrências (teses e dissertações)						Total
	2002	2004	2006	2008	2010	2012	
Gêneros discursivos	33	54	90	118	112	147	554
Gênero carta do leitor	02	01	01	02	00	02	08
Gênero discursivo carta do leitor no suporte digital	00	00	00	00	00	00	00

Fonte dos dados: <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>, acesso em 20/jun./2013.

Observamos que o tema gêneros discursivos já avança consideravelmente em números de pesquisas na última década. Quanto à *carta do leitor*, há poucos estudos e de diferentes perspectivas teóricas. Porém, quando a relacionamos ao suporte digital, e numa perspectiva dialógica, não encontramos, até a data da pesquisa, nenhum estudo no *site* pesquisado.

Justificamos, assim, a necessidade de ampliação de estudos sobre os gêneros discursivos, impressos e digitais, a fim de avançarmos em termos de entendimento sobre como se constituem o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo, característicos desses gêneros, buscando explicitar suas especificidades, pois ao compreendê-los, toma-se, em relação a eles, atitudes responsivas ativas.

Além disso, ciente da grande dificuldade enfrentada pelos professores da educação básica com relação ao desenvolvimento de um trabalho com língua materna que considere o estudo dos gêneros discursivos como práticas sociais, justificamos esse trabalho no sentido de buscar auxiliar no ensino de língua portuguesa. Para tanto, ao investigarmos a constituição e o funcionamento desse gênero discursivo a partir da análise de seu conteúdo temático, seu estilo e sua construção composicional, além de contribuir com o estudo das regularidades deste tipo de enunciado, este estudo poderá se constituir em um material para auxiliar professores com relação ao ensino da linguagem no âmbito escolar. Buscamos, com isso, assumir “uma postura discursiva de ensino da Língua Portuguesa, reconhecendo, nesse contexto, os gêneros discursivos como importantes instrumentos que dispõem de condições para o aprimoramento da linguagem” (COSTA-HÜBES, 2014, p. 21).

Por isso, considerando os referenciais teórico-metodológicos da ADD, essa pesquisa busca compreender as regularidades linguístico-discursivas que permeiam o gênero *carta do leitor* em diferentes suportes, procurando analisar a relativa estabilização desse gênero.

Sobre a análise/teoria dialógica do discurso, Brait afirma:

O enfrentamento bakhtiniano da linguagem leva em conta, portanto, as particularidades discursivas que apontam para contextos mais amplos, para um extralinguístico aí incluído. [...] E mais ainda: ultrapassando a necessária análise da “materialidade linguística”, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção (BRAIT, 2006, p.13-14).

Cabe observarmos que, ao mesmo tempo em que estudamos as formas relativamente estáveis do dizer, os gêneros discursivos, notamos que estes são abertos à contínua remodelagem, uma vez que são capazes de responder ao novo. Faraco, nesse sentido, afirma que “o repertório de gêneros de cada esfera da atividade humana vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa” (FARACO, 2009, p. 127). Logo, cabe refletir sobre os gêneros discursivos e suas co-relações com as esferas de atividade humana, marcadamente a jornalística.

Ao constatarmos que os gêneros têm características próprias, assumimos que estes devem ser analisados a partir da esfera em que se configuram. Ao propor análise do gênero *carta do leitor* tanto em sua versão impressa quanto em sua versão online, cabe observar em que medida este gênero emergente se configura (ou não) como uma projeção ou “transmutação” de sua contraparte prévia. A partir disso, questionamos, assim como Marcuschi: “Em que é que os gêneros virtuais divergem de suas contrapartes reais? Essas divergências são essenciais para produzirem gêneros novos” (MARCUSCHI, 2005, p.30)?

Ao entendermos que uma *carta do leitor* pode ser considerada como um gênero discursivo e a revista, onde está exposta, seu suporte⁴, observamos que isso torna a questão da circulação dos gêneros discursivos na sociedade um fator de imprescindível estudo, servindo para perceber como se organizam valores e como se opera com eles. Cabe, assim, também pesquisar de que forma o suporte define a constituição do gênero, uma vez que “a ideia central é que o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele. Mas ainda está por ser analisada a natureza e o alcance dessa interferência” (MARCUSCHI, 2008, p. 174).

Ao proceder a uma análise enunciativo-discursiva dos recursos mobilizados pelo locutor no gênero discursivo *carta do leitor*, entendemos que não podemos nos restringir unicamente à análise das palavras que formam as estruturas textuais, mas buscar identificar as relações dialógicas estabelecidas pelo enunciador ao proceder à seleção das palavras nesse contexto discursivo, isto é, a relação entre o texto e a situação⁵ comunicativa na qual este se insere. Para isso, conforme propõe Bakhtin/Volochinov, torna-se imprescindível que na ordem metodológica para o estudo da língua seja considerada:

- 1) As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza;

⁴Sobre o conceito de *suporte*, assumimos neste trabalho a posição de Bonini (2011), o qual o entende como portador de textos, defendendo a existência de duas formas de *suporte*: os físicos (o álbum, o *outdoor*, etc) e os convencionados (o jornal, a revista, etc). Segundo Bonini, “essa posição pressupõe a existência de um contínuo que vai do gênero (como unidade de interação dialógica) ao suporte em sua forma mais característica (como portador físico). Em meio a esses dois pontos extremos, haveria a ocorrência de elementos híbridos que seriam, ao mesmo tempo, um gênero formado por outros gêneros (um hipergênero) e um suporte, sendo exemplos, entre outros, o jornal, a revista, o *site*” (BONINI, 2011, p.682). Questões relativas ao suporte serão abordadas no item 3.2 deste trabalho.

⁵Volochinov, sobre o conceito de “situação” afirma: “Chamemos de *situação*, um termo que já conhecemos, aos três aspectos subentendidos da parte não verbal: o *espaço* e o *tempo* em que ocorre a enunciação – o “onde” e o “quando”; o objeto ou *tema* de que trata a enunciação – “aquilo de que” se fala; e a *atitude* dos falantes face ao que ocorre – “a valoração” (VOLOCHINOV, 2013[1930], p. 172).

- 2) As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias e atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal;
- 3) A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2012[1929], p. 129).

Desta maneira, a perspectiva teórico-metodológica da ADD busca entender as regularidades que constituem os gêneros e compreender a relativa estabilização do gênero, procurando confirmar que “estas regularidades serão devidas não às formas fixas da língua, mas às regularidades e similaridades das relações sociais numa esfera de comunicação específica” (ROJO, 2005, p. 199). Nesse sentido, define Bakhtin:

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade, refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso (BAKHTIN, 2003, [1979], p.285).

Para que se possam aprofundar conhecimentos acerca do trabalho com os gêneros discursivos, a fim de aliar teoria e prática no trabalho efetivo com o tema, adotaremos a concepção interacionista, tendo como foco a linguagem como meio de interação entre locutor/interlocutor (GERALDI, 1984; 1991), concretizada no gênero *carta do leitor* considerando seu contexto sócio-histórico-ideológico. Essa perspectiva, a partir de abordagem teórica advinda dos escritos do Círculo, prevê, então, a natureza social da linguagem e seu caráter dialógico.

Como *corpus* deste estudo selecionamos para análise textos do gênero *carta do leitor*, disponíveis em diferentes suportes da revista *Veja* (revista impressa e online), referentes a dois artigos da colunista Lya Luft publicados durante o mês de abril de 2013. Trata-se, assim, de nove textos no suporte impresso e vinte e nove textos no ambiente digital⁶, conforme explicitado no quadro a seguir:

⁶ Os critérios de seleção do *corpus* serão explicitados no item 3.1, “Os dados da pesquisa: delimitação do universo e do objeto de análise”.

Quadro 2: Dados gerais das *cartas do leitor* selecionadas

Título do artigo de Lya Luft	Dados gerais da publicação	Número de <i>cartas do leitor</i> referentes ao artigo publicadas na revista impressa	Número de <i>cartas do leitor</i> referentes ao artigo publicadas no site da revista ⁷
A formação de um povo	10/04/2013; revista <i>Veja</i> , edição 2316, ano 46, nº 15.	03 (publicadas na revista <i>Veja</i> impressa, 17/04/2013, edição 2317, ano 46, nº 16)	11
Brasileiro bonzinho?	24/04/2013, revista <i>Veja</i> , edição 2318, ano 46, nº 17.	06 (publicadas na revista <i>Veja</i> impressa, 01/05/2013, edição 2319, ano 46, nº 18)	18
Total		09	29

Fonte: Organizado pela pesquisadora.

Na análise, nossa proposta é delinear a maneira como se configura o gênero *carta do leitor*, considerando o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional destes textos, com base no escopo teórico-metodológico de Bakhtin e o Círculo (1926; 2003[1979]; 2010a[1929]; 2010b[1975]; 2012[1929]), e da ADD. Para isso, consideramos a pesquisa qualitativa de cunho crítico-interpretativista de particular relevância para o estudo das relações sociais, devido à pluralização das esferas da vida, uma vez que “estas precisam ser limitadas em termos locais, temporais e situacionais” (FLICK, 2009, p.20). Nessa perspectiva, as teorias são desenvolvidas a partir de estudos empíricos, sendo que o conhecimento e a prática são estudados enquanto conhecimento e prática situados socialmente.

Assumindo esse desafio de investigação, organizamos o presente trabalho, que parte dessa introdução e segue para um primeiro capítulo, no qual apresentamos aspectos teóricos norteadores, tendo em vista os escritos do Círculo de Bakhtin.

No segundo capítulo, abordamos os pressupostos teórico-metodológicos e a apresentação dos dados, considerando a ADD e o método sociológico, analisados segundo as dimensões social e verbal do referido gênero discursivo, conforme propõe Rodrigues (2001).

No terceiro capítulo, inicialmente tratamos da dimensão social do gênero *carta do leitor*, focalizando na análise a esfera social do jornalismo e aspectos relacionados, como: os gêneros jornalísticos de revista e na internet; o cronotopo da *carta do leitor*; as condições sócio-históricas desse gênero na contemporaneidade;

⁷ <http://veja.abril.com.br/> Dados coletados até 25/11/2014.

seu lugar de ancoragem na revista e sua periodicidade; a autoria e o leitor previsto. Na segunda seção desse capítulo, analisamos a dimensão verbal do gênero *carta do leitor*, focalizando aspectos como: o conteúdo temático dos textos e as relações dialógicas estabelecidas; o projeto discursivo; o discurso bivocal; projeções estilístico-composicionais; a intercalação de gêneros; a influência do suporte na organização do gênero.

Após, tecemos as considerações finais da pesquisa, além de estabelecer relações acerca das possíveis contribuições desse estudo para o contexto de ensino de língua materna.

1 CONCEPÇÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM DO CÍRCULO DE BAKHTIN

No decorrer dos séculos XX e XXI, os escritos de Bakhtin e o Círculo vêm consolidando lugar de destaque na história do pensamento linguístico, ao contribuir com suas reflexões de natureza filosófica para o entendimento sobre as relações dialógicas estabelecidas entre o homem, a linguagem e a sociedade.

Na perspectiva de ampliar nossos conhecimentos sobre esses princípios teóricos, este primeiro capítulo trata dos fundamentos teóricos dessa pesquisa, com base nos textos e concepções propostas pelo Círculo de Bakhtin e de estudiosos contemporâneos desse campo. Procuramos aproximar as discussões a partir de alguns conceitos, mas cientes de que a arquitetura bakhtiniana pressupõe um entrelaçamento intrínseco entre eles, de forma que não podemos tratar de qualquer um deles sem nos remetermos a outros. Apresentamos, assim, os seguintes conceitos norteadores que subsidiam essa dissertação: dialogismo; texto/enunciado; discurso; gêneros do discurso; e cronotopo.

1.1 DIALOGISMO

A compreensão de que o uso da linguagem consolida um processo de interação verbal entre locutor e interlocutor está presente nos textos de Bakhtin e do Círculo desde a década de 1920, como, por exemplo, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, em especial no capítulo 6, *Interação Verbal*. Ao propor que “qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p. 128), os autores compreendem o dialogismo como constitutivo da linguagem e o preconizam como característica essencial das interações que se estabelecem com o outro e com os outros enunciados.

Bakhtin/Voloshinov apontam que todas as formas de interação verbal, por serem influenciadas pelas condições de produção, são dialógicas, uma vez que todo enunciado é perpassado por diálogos (tanto no sentido estrito, quanto amplo) com o contexto em que é constituído.

O diálogo, no *sentido estrito* do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num *sentido amplo*, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p. 127, grifo nosso).

Princípio unificador dos estudos sobre a linguagem proposto por Bakhtin e o Círculo, o *dialogismo* apresenta diversas formas de manifestação. Sobre esse conceito norteador nos estudos bakhtinianos, Fiorin afirma:

Segundo Bakhtin, a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade dialógica. Essas relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face, que é apenas uma forma composicional, em que elas ocorrem. Ao contrário, todos os enunciados no processo de comunicação independentemente de sua dimensão, são dialógicos (FIORIN, 2010, p. 19).

Podemos perceber que os estudiosos do Círculo observam as manifestações da linguagem a partir da análise das relações dialógicas que por meio dela se estabelecem. A interação verbal, ao representar condições de uma situação real de uso da língua, constrói-se entre enunciados que apresentam essas mesmas condições. Assim, quando buscamos entender os seus sentidos, precisamos nos remeter não somente ao linguístico, mas também aos elementos extralinguísticos que penetram esses enunciados.

A natureza dialógica da linguagem pode ser compreendida, então, como as relações que se estabelecem entre discursos, constituindo, assim, um emaranhado de discursos que ecoam no ato de enunciar. Todo enunciado se organiza a partir de outros discursos, re-enunciando os já-ditos que, em outro momento histórico, por meio da voz de outro sujeito e para outros fins comunicativos, também se constituíram por meio da re-enunciação. A partir dessa reconstituição discursiva, o sujeito elabora seu discurso, configurando-o em enunciado. A respeito dessa constituição dialógica da linguagem, Bakhtin afirma:

As relações dialógicas [...] devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas (BAKHTIN, 2003[1979], p. 209).

As relações dialógicas, assim, estão presentes em todos os enunciados uma vez que os construímos a partir das vicissitudes de discursos engendrados, com os quais dialogamos constantemente. Logo, é possível afirmar, conforme Brait, que

[...] o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem. Por um outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos (BRAIT, 2007 p. 69).

A autora reafirma, então, que o dialogismo, nessa perspectiva, não se estabelece somente por meio de elementos estritamente linguísticos, uma vez que, segundo Bakhtin (2010a[1929]), as relações dialógicas pertencem ao campo do discurso, o qual é composto tanto pelo linguístico como pelo extralinguístico. Logo, as relações dialógicas “não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua como fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica dos que a usam” (BAKHTIN, 2010a[1929], p. 209). Ao direcionarmos o olhar para as relações dialógicas estabelecidas nos enunciados concretos, analisamos aspectos que se situam no campo do discurso, que é, por natureza, dialógico.

Acerca das maneiras em que o dialogismo é definido pelo Círculo, Sobral afirma:

O dialogismo se faz presente nas obras do Círculo de três maneiras distintas, aqui apresentadas da mais geral para a mais particular:

- a) como princípio geral do agir[...];
- b) como princípio da produção de enunciados/discursos, que advêm de “diálogos” retrospectivos e prospectivos com outros enunciados/discursos;
- c) como forma específica de composição de enunciados/discursos, opondo-se nesse caso à forma de composição monológica, embora nenhum enunciado/discurso seja constitutivamente monológico nas duas outras acepções do conceito (SOBRAL, 2005, p. 106).

Entendemos, assim, que o dialogismo consolida-se nas relações dos enunciados com a vida, com a realidade concreta dos sujeitos envolvidos, enfim, no agir do sujeito por meio do discurso. Ele está presente tanto no discurso construído para a interação direta com nosso interlocutor, quanto naquele que elaboramos sem termos exata clareza desse outro (interlocutor). Mesmo assim, é o dialogismo que

nos permite (re)organizar nosso discurso a partir dos já-ditos e em função daquilo que se poderá dizer. Dessa forma, dois enunciados, mesmo distantes no tempo e no espaço, podem estabelecer relações dialógicas, pois, como afirma Bakhtin:

O enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas (BAKHTIN, 2003[1979], p. 300).

A partir dessas considerações, entendemos que cada enunciado dialoga com outros enunciados dentro de determinada esfera/campo⁸ social, estabelecendo índices valorativos. Conforme Faraco, “as relações dialógicas são, portanto, relações entre índices de valor que constituem, no conceitual do Círculo de Bakhtin, parte inerente de todo enunciado entendido não mais como unidade da língua, mas como unidade da interação social” (FARACO, 2009, p.66). No sentido de definir a interação verbal como eixo articulador do dialogismo, concordamos com Faraco,

A visão de mundo bakhtiniana, a arquitetônica bakhtiniana (para usar um termo do próprio autor em seus primeiros textos), se estrutura a partir de uma concepção radicalmente social de homem. Trata-se de apreender o homem como um ser que se constitui na e pela *interação*, isto é, sempre em meio à complexa e intrincada rede de relações sociais de que participa permanentemente (FARACO, 2007, p. 101, grifo nosso).

Observamos, com isso, que não se atinge uma compreensão ampla e dialógica dos enunciados sem levar em conta a relação do falante com seus interlocutores e com outros enunciados/discursos. Conforme Rodrigues, “o nosso dizer é uma reação-resposta a outros enunciados. No processo de interação verbal, as palavras nos vêm de outros enunciados e remetem a eles” (RODRIGUES, 2005, p.155). Para esta autora, o estudo do enunciado se concretiza na medida em que se consideram todos os seus aspectos dialógicos como constitutivos.

⁸Compreendemos “esferas/campos da atividade humana” numa perspectiva bakhtiniana como relacionados aos contextos sociais de uso da linguagem. Por isso, o tema, o estilo e a construção composicional de cada gênero discursivo refratam condições específicas, ideologias, papéis sociais característicos do campo a que se vincula. Assim, para Bakhtin (2003[1979]), é imprescindível que se considerem as especificidades de cada campo de atividade humana ao analisar a linguagem. Segundo o autor, é esse tipo de análise que assegura o vínculo entre a língua e a vida, evitando abstrações que levariam ao formalismo.

Rodrigues afirma ainda que “o enunciado não pode ser separado da situação social (imediate e ampla). Não se pode compreender o enunciado sem considerá-la, pois o discurso, como fenômeno de comunicação social, é determinado pelas relações sociais que o suscitaram” (RODRIGUES, 2005, p. 160).

Sendo as relações dialógicas o objeto de estudos da linguagem, Bakhtin busca analisar o discurso a partir das suas relações estabelecidas com outros discursos, com o *discurso do outro*, usando uma expressão bakhtiniana. Disso decorre a necessidade de discutirmos o sentido de outros conceitos como o de *discurso*, apresentado a seguir.

1.2 DISCURSO

A noção de discurso numa perspectiva dialógica está atrelada ao reconhecimento deste como manifestação real da linguagem em suas diferentes circunstâncias de uso, pois é “a língua em sua integridade concreta e viva” (BAKHTIN, 2010a[1929], p. 207). Ao recorrermos à língua na interação, estamos produzindo discurso, o que, por si só, já pressupõe dialogicidade, pois, segundo Bakhtin, o discurso “[...] é por natureza dialógico” (BAKHTIN, 2010a[1929], p. 209). Sob esse ponto de vista, o discurso não se reduz à materialidade do texto, mas extrapola-o para seu contexto, uma vez que as relações dialógicas são também extralinguísticas.

Essa constatação é reafirmada por Brait quando diz que “a abordagem do discurso não pode se dar somente a partir de um ponto de vista interno ou, ao contrário, de uma perspectiva exclusivamente externa. Excluir um dos pólos é destruir o ponto de vista dialógico” (BRAIT, SOUZA-E-SILVA, 2012, p. 23). O discurso é construído, assim, tanto na materialidade linguística do texto-enunciado quanto no contexto extralinguístico. É na reenunciação dos já ditos que ele se revela em toda a sua plenitude, ancorado por marcas enunciativas do sujeito que, ao posicionar-se axiologicamente, constrói o seu discurso e, conseqüentemente, seu texto-enunciado. Ao observarmos esses aspectos que se estabelecem dialogicamente, entendemos que texto/enunciado/discurso são conceitos que se imbricam, o que significa dizer que, ao tomar um texto como objeto de estudo, essa prática exige muito mais que uma análise puramente linguística, pois pressupõe compreendê-lo e estudá-lo em toda a sua plenitude, considerando desde seu

complexo semântico, até seu contexto sócio-histórico e ideológico em que as marcas da interação se configuram.

Embora o conceito de *discurso* (direta ou indiretamente) perpassasse a maioria das obras de Bakhtin e o Círculo, é em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (BAKHTIN, 2010a[1929]), em especial no capítulo 5, *O discurso em Dostoiévski*, que Bakhtin busca discutir essa questão. Para ele, “o *discurso*, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida” (BAKHTIN, 2010a[1929], p. 207, grifo nosso), precisa ser analisado por um ângulo dialógico, a partir das relações dialógicas estabelecidas entre o discurso e a vida. Essas relações dialógicas, segundo o autor, “não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua como fenômeno integral concreto” (BAKHTIN, 2010a[1929], p. 209). Trata-se, assim, de entender a linguagem de acordo com o seu contexto de uso, inserido num determinado campo da comunicação humana.

Para Bakhtin, as relações dialógicas do discurso estão presentes em todo enunciado concreto, situado em algum campo da comunicação humana. Discurso, assim, implica em contexto e dialogismo. O entendimento do discurso, materializado nos enunciados, passa, necessariamente, pelo entendimento das relações dialógicas que este estabelece com outros enunciados. Bakhtin (2003[1979]) afirma que entre as unidades da língua (compreendidas como elementos de sua estrutura) não pode haver relações dialógicas. Somente no enunciado concreto (unidade da comunicação discursiva) isso ocorre, uma vez que “a compreensão dos enunciados integrais do conjunto discursivo é sempre de índole dialógica” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 332).

A essa questão, Bakhtin (2003[1979]) relaciona outros aspectos, como a responsividade⁹, uma vez que todo enunciado tem sempre um interlocutor, cuja compreensão responsiva o autor do discurso procura e antecipa.

⁹ Acerca do conceito de responsividade e do vínculo entre a interação e o dialogismo, Sobral considera que “o conceito de *dialogismo*, vinculado indissoluvelmente ao de *interação*, é a base do processo de produção dos discursos e, o que é mais importante, da própria linguagem: para o Círculo, o locutor e o interlocutor têm o mesmo peso, porque toda enunciação é uma “resposta”, uma réplica, a enunciações passadas e a possíveis enunciações futuras, e ao mesmo tempo uma “pergunta”, uma “interpelação” a outras enunciações: o sujeito que fala o faz levando o outro em conta não como parte passiva mas como parceiro – colaborativo ou hostil – ativo” (SOBRAL, 2008, p.231, grifos do autor).

Segundo Bakhtin (2012[1929]), o sujeito, exercendo papel ativo, além de um contexto imediato, considera também um horizonte social (uma situação mais ampla, um auditório social), na medida em que todo sujeito interage a partir de um determinado grupo social e em uma época¹⁰. Dessa forma, tanto a situação imediata, quanto o meio social mais amplo são aspectos determinantes da estrutura da enunciação.

Além disso, os limites do enunciado coincidem, então, com a alternância das atitudes responsivas do locutor e do interlocutor, uma vez que “o falante termina o seu enunciado para passar a palavra a outro ou dar lugar a sua compreensão ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 275). Assim, todo enunciado¹¹ tem um endereçamento e, como toda obra, “está disposta para a resposta do outro (dos outros), para a sua ativa compreensão responsiva, que pode assumir diferentes formas” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 279). Essa alternância dos sujeitos do discurso pressupõe, assim, a alternância de atitudes responsivas destes.

A partir disso, entende-se que todo discurso do sujeito é produzido a partir da interação deste com o discurso dos outros¹². Logo, a responsividade ativa do sujeito (a partir de seu discurso materializado em algum “tipo relativamente estável de enunciado”, ou seja, num gênero), configura-se como um resultado provisório de um processo de interação social. Nesse sentido, segundo Rodrigues, “todo sujeito se constitui a partir da interação que estabelece com o outro, isto é, é a interação que se processa entre o eu e o outro que define o eu como sujeito. [...] É a partir do discurso do outro que o sujeito se constitui na sociedade” (RODRIGUES, 2001, p.39).

Tendo em vista que “a compreensão responsiva do conjunto discursivo é sempre de índole dialógica” (BAKHTIN, 2003[1979], p.332), entendemos que, para a compreensão dos enunciados, torna-se inevitável a análise global da situação

¹⁰ Segundo Bakhtin, “todo enunciado tem sempre um destinatário (de índole variada, graus variados de proximidade, de concretude, de compreensibilidade, etc.), cuja compreensão responsiva o autor da obra de discurso procura e antecipa. Contudo, além desse destinatário [...], o autor do enunciado propõe, com maior ou menor consciência, um supradestinatário superior, cuja compreensão responsiva absolutamente justa ele pressupõe [...] Em diferentes épocas e sob diferentes concepções de mundo, esse supradestinatário e sua compreensão responsiva idealmente verdadeira ganham diferentes expressões ideológicas concretas (BAKHTIN, 2003[1979], p. 333).

¹¹ Conforme tratado no item 1.3.

¹² Segundo Bakhtin, “O autor nunca pode deixar plenamente a si mesmo e toda a sua obra feita de discurso à mercê plena e *definitiva* dos destinatários presentes ou próximos [...], e sempre pressupõe (com maior ou menor consciência) alguma instância superior de compreensão responsiva que possa deslocar-se em diferentes sentidos(BAKHTIN, 2003[1979], p.333, grifo do autor).

específica de interação, considerando os diversos aspectos dialógicos envolvidos, incluindo aí o papel responsivo/ativo tanto do locutor, quanto do interlocutor. Nesse sentido, conforme Bakhtin, “a compreensão dos enunciados integrais e das relações dialógicas entre eles é de índole inevitavelmente dialógica [...] O entendedor se torna participante do diálogo” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 332).

Além de orientar-se para o discurso do outro¹³, nessa perspectiva, o discurso também se orienta para o objeto, ou seja, nos termos bakhtinianos, para seu “*herói principal*” (BAKHTIN, 2010a[1929], p.211, grifo nosso). O entendimento dessa dupla orientação do discurso, caracterizada por Bakhtin como um dos aspectos do *discurso bivocal*¹⁴ (BAKHTIN 2010a[1929]), estabelece-se a partir da análise das relações dialógicas que ali se instauram.

Observamos, com isso, uma interpenetração constitutiva de alguns conceitos bakhtinianos. Sobre isso, Brait afirma,

Por mais que se afirme que determinados conceitos *deslizem* no conjunto das reflexões de Bakhtin, e esse é o caso de *texto, enunciado concreto e discurso*, o importante é observar de que maneira eles se interligam, se interdependem e apontam para uma maneira particular de entender a linguagem a partir de uma polêmica aberta com a Linguística e com outras disciplinas formalistas, com o objetivo de instaurar o que hoje se pode entender como *análise dialógica do discurso*, como disciplina que tem nos textos e nos discursos o seu objeto (BRAIT, SOUZA-E-SILVA, 2012, p. 17, grifos da autora).

Além de entendermos que estes conceitos se imbricam e suas concepções vão sendo tecidas e refinadas no decorrer das obras de Bakhtin e do Círculo, concordamos com Brait que, nessa perspectiva teórica, ao tratarmos do texto/discurso/enunciado como objeto de estudo, “é necessário considerar tanto a materialidade linguística, aquilo que pode ser considerado *interno* ao

¹³ A ideia de que o locutor se orienta em função de um interlocutor está presente em textos de Bakhtin e o Círculo desde a década de 1920, como por exemplo, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, no capítulo seis, *Interação Verbal*. Neste capítulo, dentre outros aspectos, o autor tece considerações acerca dessa orientação da palavra/discurso em função do interlocutor. Segundo Bakhtin/Voloshinov, “na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p. 117, grifos do autor).

¹⁴ Segundo Bakhtin, “as palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornam-se bivocais [...] O nosso discurso da vida prática está cheio de palavras de outros. Com algumas delas fundimos inteiramente a nossa voz, esquecendo-nos de quem são; com outras, reforçamos as nossas próprias palavras, aceitando aquelas como autorizadas por nós; por último, revestimos terceiras das nossas próprias intenções” (BAKHTIN, 2010a[1929], p. 223).

texto/discurso/enunciado, quanto a exterioridade, o extralinguístico incluído na complexidade do discurso, das relações dialógicas” (BRAIT, SOUZA-E-SILVA, 2012, p. 22). Essa compreensão importa no sentido de que o estudo de tais conceitos inclui diversas dimensões e planos de expressão para além de sua materialidade linguística. É o que pode ser observado, também, na definição de *gêneros do discurso*, conforme disposto a seguir.

1.3 TEXTO-ENUNCIADO

Para compreendermos a concepção de *enunciado* para Bakhtin e o Círculo, entendemos que, antes, precisamos nos remeter à noção de *texto* nesta perspectiva, já que este conceito tem polarizado discussões advindas de diferentes vertentes teóricas relacionadas à linguagem, além de estar relacionado a *discurso*, tema da seção anterior. Neste estudo, posicionamo-nos no sentido defendido por Bakhtin:

O texto (escrito ou oral) enquanto dado primário de todas essas disciplinas, do pensamento filológico-humanista no geral (inclusive do pensamento teológico e filosófico em sua fonte). O texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências), a única da qual podem provir essas disciplinas e esse pensamento. Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento. [...] Independentemente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida (BAKHTIN, 2003[1979], p. 307-308).

É possível depreendermos das palavras do autor que o texto é a mais pura manifestação da linguagem, organizado por um sujeito que, inserido em determinado contexto e atendendo a determinada necessidade de interação, organiza seu discurso que, materializado no texto-enunciado, revela-se em sua plenitude. Sendo assim, estudar o discurso significa estudar textos, o ponto de partida de todo processo investigativo ancorado nas manifestações da linguagem. Todavia, como o próprio autor anuncia, “cada texto é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 310). Único e singular porque cada texto, expresso a partir do uso de uma linguagem, só se revela numa situação única e singular na cadeia discursiva de determinado campo, no qual exerce relações dialógicas. E nesse aspecto, a definição de texto confunde-se com a

de enunciado, o que justifica, neste estudo de base bakhtiniana, empregarmos a expressão texto-enunciado.

Na perspectiva bakhtiniana, os conceitos de *texto*, de *enunciado* e de *discurso* se interligam, se interdependem e apontam para uma maneira particular de entender a linguagem. Segundo Brait e Souza-e-Silva,

[...] o conceito de *texto* produzido pelos trabalhos de Bakhtin/Voloshinov afasta-se de uma concepção que o colocaria como autônomo, passível de ser compreendido somente pelos elementos linguísticos, por exemplo, ou pelas partes que o integram, para inseri-lo numa perspectiva mais ampla, ligada ao enunciado concreto que o abriga, a discursos que o constituem, a autoria individual ou coletiva, a destinatários próximos, reais ou imaginados, a esferas de produção, circulação e recepção, interação (BRAIT, SOUZA-E-SILVA, 2012, p. 10, grifo da autora).

Além disso, todo texto-enunciado, onde se materializa o discurso, pressupõe uma autoria: “Todo enunciado tem uma espécie de autor que no próprio enunciado escutamos como o seu criador. Podemos não saber absolutamente nada sobre o autor real, mas ele existe fora do enunciado. As formas de autoria desse enunciado podem ser muito diversas” (BAKHTIN, 2010a[1929], p. 210). E, da mesma forma, todo texto demanda um interlocutor, é para ele que construímos o enunciado e é em função dele que o organizamos. Assim, observamos que, “toda palavra presente responde e reage com todas as suas fibras ao interlocutor [...] a palavra do outro influencia ativamente o discurso do autor, forçando-o a mudar sob o efeito de sua influência e envolvimento” (BAKHTIN, 2010a[1929], p. 226).

Para a realização de um estudo de texto, precisamos considerar seu contexto de produção, uma vez que seu sentido é construído na interação entre sujeitos, a partir de determinado contexto sócio-historicamente situado. A noção de texto, nesse caso, está necessariamente imbricada ao conceito de enunciado não como unidade autônoma, mas ligada a uma rede de outros textos, enunciados, discursos, conforme explica Brait:

Se um determinado texto, um editorial, por exemplo, for recortado do jornal em que apareceu, e se for analisado, interpretado, sem relação com os demais textos que compunham o jornal naquele dia, ou seja, as matérias do dia e/ou anteriores cujas temáticas ajudam a entender esse texto opinativo, a postura do jornal, o projeto gráfico em que estava inserido, dentre vários outros aspectos ligados à esfera de produção, circulação e recepção, esse texto não poderá ser considerado bakhtinicamente, isto é, como parte do todo do

enunciado concreto, completo (BRAIT, SOUZA-E-SILVA, 2012, p. 19).

Ao estabelecer estas relações entre texto e enunciado, Brait e Souza-e-Silva (2012) retomam postulados defendidos por Bakhtin: “Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 371). Essa ancoragem teórica confirma a relação intrínseca entre texto e enunciado, uma vez que este se mostra naquele. É por meio do texto que o sujeito manifesta seu discurso e, conseqüentemente, sua enunciação, e é no texto que ele revela as múltiplas vozes que o constituem, pois seu discurso é constituído dialogicamente. “A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem” (BAKHTIN, 2010a[1929], p. 209).

A partir disso, entendemos que todo discurso, materializado em um texto-enunciado, não existe isoladamente, mas no meio social circundante, vinculado à vida, portanto. A partir da proposição de exemplos e da discussão de como o verbal se engendra com a situação extraverbal dos enunciados para se estabelecer o sentido destes, Bakhtin/Voloshinov explicam,

Esse contexto extraverbal do enunciado compreende três fatores: 1) O horizonte espacial comum dos interlocutores;[...] 2) O conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores; e 3) sua avaliação comum dessa situação (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1926, p. 5).

Estabelece-se, a partir disso, que a situação extraverbal não se constitui meramente como causa externa dos enunciados, mas como sua parte integrante, constituinte e essencial. Enunciados concretos são compreendidos, assim, por duas partes: “(1) A parte percebida ou realizada em palavras e, (2ª) parte presumida” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1926, p. 6). Essa parte presumida, constitui-se de avaliações sociais, julgamentos de valor, e adquire papel fundamental na constituição do enunciado. Nesse sentido, para Bakhtin/Voloshinov, “um julgamento de valor qualquer existe em sua totalidade sem incorporar-se ao conteúdo do discurso e sem ser deste derivável; ao contrário, ele determina a *própria seleção do material verbal e a forma do todo verbal*” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1926, p. 7, grifos do autor).

Além de estabelecer uma correlação estreita entre o verbal e o não-verbal, Bakhtin/Voloshinov chamam a atenção para o fato de que o julgamento de valor também orienta e organiza a própria forma do enunciado, isto é, sua construção composicional e sua *entonação*. Para estes autores,

A entonação só pode ser compreendida profundamente quando estamos em contato com os julgamentos de valor presumidos por um dado grupo social, qualquer que seja a extensão deste grupo. A entonação sempre está na fronteira do verbal com o não-verbal, do dito com o não-dito. Na entonação, o discurso entra diretamente em contato com a vida (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1926, p. 7).

Tratando sobre a *entonação* e confirmando que o enunciado concreto ocorre num processo de interação social, e que, para sua compreensão, é preciso ir além da composição verbal, Bakhtin/Voloshinov ainda esclarecem,

Cada instância da entonação é orientada em duas direções: uma em relação ao interlocutor como aliado ou testemunha, e outra em relação ao objeto do enunciado como um terceiro participante vivo, a quem a entonação repreende ou agrada, denigre ou engrandece. Esta orientação social dupla é o que determina todos os aspectos da entonação e a torna inteligível (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1926, p. 9).

A preocupação com o interlocutor, discutida em todo o conjunto de obras do Círculo, também se mostra no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929]). Para Bakhtin/Voloshinov, a análise da relação estabelecida entre locutor e interlocutor na produção do enunciado é fundamental, uma vez que “toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro [...] É o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p. 117).

Outra questão essencial exposta por Bakhtin é a questão da expressividade, uma vez que, ao constituirmos um enunciado, valemo-nos dos discursos dos outros, os quais acabamos por reacentuar, reelaborar, derivando disso determinada entonação ao proferirmos o enunciado. A expressividade, conforme Bakhtin, surge na concretização do discurso e “[...] ou é uma expressão típica do gênero, ou um eco de uma expressão individual alheia, que torna a palavra uma espécie de representante da plenitude do enunciado do outro como posição valorativa determinada” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 295). Brait relaciona este conceito de expressividade à entonação e à avaliação social realizada pelo locutor, confirmando,

então, que o enunciado, não é neutro mas se atualiza de acordo com o contexto. Para Brait,

Essa *avaliação social*, conceito retomado em vários outros momentos do conjunto das obras do autor, reitera a ideia de particularidade da situação em que se dá um enunciado, envolvendo uma atividade que poderíamos traduzir como *competência avaliativa e interpretativa de sujeitos em processo interativo*, ou mais simplesmente, o julgamento da situação que interfere diretamente na organização do enunciado e que, justamente por isso, deixa no produto enunciado as marcas do processo de enunciação (BRAIT, 2005a, p. 93, grifos da autora).

Já em *O enunciado como unidade da comunicação discursiva. Diferença entre essa unidade e as unidades da língua*, texto que consta no livro *Estética da Criação Verbal* (BAKHTIN, 2003[1979]), o autor retoma e aprofunda as discussões acerca da natureza e constituição do enunciado, distinguindo-o das unidades da língua. Enquanto as unidades da língua são neutras, “o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 275). Sobre os limites do enunciado, Bakhtin esclarece:

Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (BAKHTIN, 2003[1979], p. 275).

Observamos, com isso, que o enunciado estabelece relações dialógicas com outros enunciados, de outros sujeitos do discurso, anteriores e posteriores a ele, caracterizando-o não como uma unidade da língua de modo convencional, mas, sim como uma unidade real, concreta e dialógica do uso da linguagem.

Além disso, conforme Acosta-Pereira, “é no extraverbal, compreendido como a sua dimensão social, que o caráter social do enunciado se constitui e se confirma, ou seja, que ocorre o trabalho da ideologia e da valoração que lhe é decorrente” (ACOSTA-PEREIRA, RODRIGUES, 2014, p.182). Entendemos com isso que as relações dialógicas estabelecidas pelos enunciados, os quais não são neutros e materializam os discursos, apresentam também uma dimensão axiológica/valorativa. Sendo, para o Círculo de Bakhtin, todo enunciado ideológico¹⁵, compreendemos,

¹⁵ Acerca da concepção de ideologia na perspectiva bakhtiniana, Ponzio afirma que “com o termo *ideologia* Bakhtin indica as diferentes formas de cultura, os sistemas superestruturais, como a arte, o

assim como Acosta-Pereira e Rodrigues (2014), que estes apresentam avaliações, posicionamentos sociais, índices sociais de valor, os quais representam o horizonte axiológico do discurso. Acerca dessa questão, Ponzio considera que “o ponto de vista, o contexto situacional e a perspectiva prático-valorativa estão determinados socialmente: o ideológico, que coincide com a signicidade, é um produto inteiramente social” (PONZIO, 2008, p. 109).

Ao tratar das peculiaridades do enunciado, Bakhtin comenta sobre a conclusibilidade do enunciado, como “uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 275). Sobre a inteireza acabada do enunciado e seus fatores determinantes, Bakhtin afirma:

Essa inteireza acabada do enunciado, que assegura a possibilidade de resposta (ou de compreensão responsiva), é determinada por três elementos (ou fatores) intimamente ligados no todo orgânico do enunciado: 1) exauribilidade do objeto e do sentido; 2) projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; 3) formas típicas composicionais e do gênero de acabamento (BAKHTIN, 2003[1979], p. 280-281).

Acerca desses três elementos que determinam a constituição dos enunciados, entendemos que: a) o objeto, ao se tornar tema em uma situação específica de interação verbal, ganha uma relativa conclusibilidade; b) a intenção discursiva do locutor determina a construção composicional e as fronteiras do enunciado; c) o enunciado tomará a forma de um gênero discursivo, de acordo com o projeto discursivo do falante. Em outras palavras, as fronteiras do enunciado são delimitadas pela intenção discursiva do locutor, tendo em vista o que quer dizer sobre o tema e como dizer, escolhendo o gênero discursivo adequado para a real situação de uso da língua, ao mesmo tempo em que estabelece relações dialógicas de ordens diversas. Sobre isso, Bakhtin ainda acrescenta que “essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 282), o que reforça a ideia de que o campo de atividade humana determina o gênero.

direito, a religião, a ética, o conhecimento científico etc. (a ideologia oficial), e também os diferentes substratos da consciência individual, desde os que coincidem com a *ideologia oficial* aos da *ideologia não-oficial*, aos substratos do inconsciente, do discurso censurado [...] No signo ideológico está sempre presente uma *acentuação valorativa*, que faz com que o mesmo não seja simplesmente expressão de uma *ideia*, mas a expressão de uma tomada de posição determinada, de uma prática concreta (PONZIO, 2008, 112-115, grifos do autor).

Cada enunciado é dirigido a alguém, e este endereçamento acaba por definir aspectos constitutivos deste enunciado. Portanto, “as várias formas típicas de tal direcionamento e as diferentes concepções típicas de destinatários são peculiaridades constitutivas e determinantes dos diferentes gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003[1979], p.305).

Observamos, enfim, que o conceito de enunciado na perspectiva bakhtiniana, constitui-se como unidade de significação necessariamente contextualizada, afastando-se de uma concepção de algo autônomo ou possível de ser entendido somente por seus elementos linguísticos. Assim sendo, para Bakhtin,

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social (BAKHTIN, 2010b[1975], p. 86).

Compreendemos, com isso, que o conceito de enunciado está relacionado a outros aspectos relevantes nesta perspectiva teórica, entrelaçando-se em interações complexas. O enunciado, dessa forma, não será compreendido se desconsiderarmos a situação social imediata e ampla, uma vez que “a comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2012[1929], p.128). Nesse sentido, pode-se afirmar que as unidades da língua somente se tornam aspectos constitutivos de um enunciado quando este é dialogicamente situado num determinado contexto, pois, conforme Bakhtin,

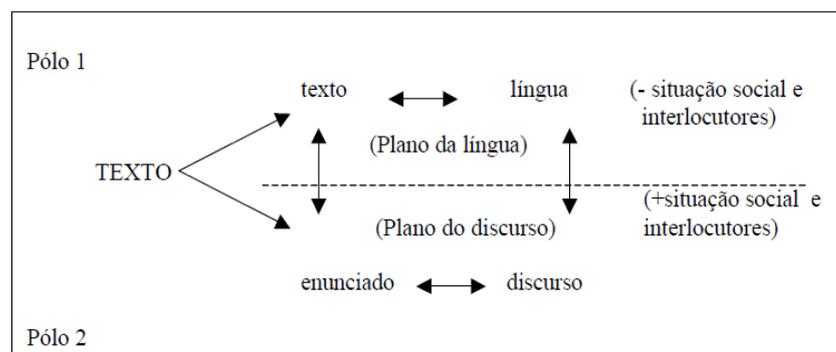
Um enunciado isolado e concreto sempre é dado num contexto cultural semântico-axiológico (científico, artístico, político, etc.) ou no contexto de uma situação isolada da vida privada; apenas nesses contextos o enunciado isolado é vivo e compreensível: ele é verdadeiro ou falso, belo ou disforme, sincero ou malicioso, franco cínico, autoritário e assim por diante. Não há enunciados neutros, nem pode haver (BAKHTIN, 2010b[1975], p. 46).

Assim, os enunciados são definidos, conforme postura autoral assumida pelo Círculo de Bakhtin, como realizações concretas de uso da língua que se organizam em função de uma necessidade de interação, situada em uma esfera da comunicação humana. Por isso, Bakhtin (2003[1979]) considera que em sua plenitude enunciativa, o enunciado “já não é uma unidade da língua, mas uma

unidade da comunicação discursiva, que não tem significado, mas *sentido*” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 332, grifos do autor). O estudo da língua, de suas formas de materialização, de constituição das palavras e de textos deve ocorrer de maneira articulada com seus usos sociais, pois “só no enunciado e através do enunciado tal significado chega à relação com o conceito ou imagem artística ou com a realidade concreta” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 332).

Rodrigues (2001), acerca da relação entre texto, enunciado, língua e discurso na perspectiva bakhtiniana e das formas de estudo dele, considera:

Figura 01: Relação entre texto-enunciado-língua



Fonte: Rodrigues (2001)

A partir dessa figura, compreendemos que, nessa perspectiva, o texto pode ser analisado de duas formas: no pólo 01, o texto propriamente dito, sob os princípios da linguística tradicional, abstraído de sua situação social, sendo a língua, caracterizada como sistema de signos; no pólo 02, o texto como enunciado (texto-enunciado), concreto, real, irrepitível, uma vez que inserido e determinado por uma situação específica de interação, a qual exerce determinações em sua constituição e funcionamento. Consideramos para esse estudo, o segundo pólo do texto, o texto como enunciado, buscando analisar aspectos da vida da linguagem em uso, determinantes da constituição do homem social.

A seguir, diretamente relacionada ao conceito de texto-enunciado, discutimos a noção de *gêneros do discurso*.

1.4 GÊNEROS DO DISCURSO

Conforme discutido nas seções anteriores, considerar a língua como elemento concreto, como enunciado, significa ancorá-la em um contexto social,

histórico e ideológico; nos sujeitos envolvidos no ato da enunciação; no projeto discursivo desses sujeitos; enfim, é necessário reconhecer que há um contexto que abarca as enunciações, o qual interfere decisivamente nas formas de uso da linguagem. Logo, para compreendê-la, segundo Bakhtin (2003[1979]), faz-se necessário, antes de tudo, reconhecer os elementos que constituem esse contexto e que fazem com que os enunciados sejam situados sócio-historicamente.

Nas palavras de Bakhtin (2003[1979]), os gêneros são considerados enunciados “relativamente estáveis” que se projetam ideologicamente a partir do contexto que os organiza. Considerar essa premissa teórica¹⁶ significa reconhecer os gêneros como instrumentos de interação verbal, uma vez que é neles que os enunciados se organizam, moldando o discurso conforme a esfera social em que se situa.

Uma vez que o discurso apresenta uma dupla orientação (tanto para o objeto do discurso, quanto para o discurso do outro), entendemos que, nessa perspectiva, ele se materializa nos “tipos relativamente estáveis de enunciados”, ou seja, nos gêneros discursivos, os quais refletem e refratam relações dialógicas de ordem diversa, de acordo com o campo social em que se realizam. Conforme Bakhtin (2003 [1979]), esses enunciados são marcados por regularidades temáticas, estilísticas e composicionais¹⁷. Essas regularidades constituem os gêneros discursivos de acordo com o campo em que se inserem. Podemos afirmar, então, que os gêneros discursivos não apenas se situam em determinada esfera social, mas também, em função desta, estabelecem relações dialógicas. Nesse sentido, conforme Bakhtin:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. [...] O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – *o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional* – estão indissolivelmente ligados ao todo do enunciado e são igualmente

¹⁶ Segundo Machado, “graças a essa abertura conceitual é possível considerar as formações discursivas do amplo campo da comunicação mediada, seja aquela processada pelos meios de comunicação de massas ou das modernas mídias digitais, sobre a qual, evidentemente, Bakhtin nada disse, mas para o qual suas formulações convergem” (MACHADO, 2005, p. 152).

¹⁷ Os conceitos de conteúdo temático, estilo e construção composicional serão especificamente tratados no capítulo 2.

determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação (BAKHTIN, 2003[1979], p. 261-262, grifos nossos).

Como podemos ver, constituindo-se o gênero discursivo como meio de compreender e agir na realidade, Bakhtin indica que tanto o estilo, quanto o conteúdo temático e a construção composicional do gênero estabelecem relações dialógicas com o campo social em que se situa. Acerca do significado de cada um desses três elementos, Fiorin explica:

O conteúdo temático não é o assunto específico de um texto, mas é o domínio de sentido de que se ocupa o gênero [...] *A construção composicional* é o modo de organizar o texto, de estruturá-lo. [...] *O ato estilístico* é uma seleção de meios linguísticos. *Estilo* é, pois, uma seleção de certos meios lexicais, fraseológicos e gramaticais em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado (FIORIN, 2010, p. 62, grifos do autor).

Para a compreensão dos enunciados é preciso entender por que estes são assim construídos, que elementos/condições específicas/finalidades consideram, e que relações dialógicas essas três dimensões constitutivas do gênero estabelecem com a esfera à qual se vinculam. Dessa forma, “os elementos de cada enunciado estão vinculados necessariamente à totalidade do enunciado e do gênero, do qual o enunciado é um representante concreto” (RODRIGUES, 2001, p. 43).

Machado (2005) destaca a inovação dos estudos bakhtinianos frente à clássica teoria aristotélica dos gêneros, considerando que “exatamente porque surgem na esfera prosaica da linguagem, os gêneros discursivos incluem toda sorte de diálogos cotidianos bem como enunciações da vida pública, institucional, artística, científica e filosófica” (MACHADO, 2005, p. 155). Entendemos, a partir dessas palavras, que os enunciados concretos, “os quais configuram tipos de gêneros discursivos e funcionam como *correias de transmissão* entre a história da sociedade e a história da língua” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 254, grifo do autor) não ficam indiferentes à esfera/campo em que se situam.

A essa compreensão se relaciona a questão da natureza dos enunciados e de sua heterogeneidade, uma vez que “o repertório de gêneros cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo” (BAKHTIN, 2003[1979], p.262), além da distinção, para Bakhtin, entre os gêneros primários e secundários. Sobre a diferença entre os gêneros primários e secundários, Bakhtin esclarece:

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente escrito) [...] No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação humana imediata. Esses gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios [...] (BAKHTIN, 2003[1979], p.263).

Conforme palavras do autor, os gêneros e suas especificidades (primários e secundários) correspondem às diferentes formas de usos dentro de convívios culturais distintos. Logo, a análise de sua natureza e da diversidade de suas formas é importante e está relacionada à ideologia e à relação que há entre os gêneros primários e secundários, uma vez que, segundo Bakhtin, para estudá-los “faz-se necessária uma noção precisa da natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos tipos de enunciados (primários e secundários), isto é, dos diversos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 264). Miotello, acerca do conceito de ideologia neste campo teórico esclarece que

[...] se poderia caracterizar *ideologia*, da perspectiva bakhtiniana, como a expressão, a organização e a regulação das relações histórico-materiais dos homens. Ao mesmo tempo, esse ponto de vista também manifesta sua compreensão diversa da exercida pela ideologia dominante. A super-estrutura não existe a não ser em jogo e relação constante com a infra-estrutura, defende Bakhtin, e essa relação é estabelecida e intermediada pelos signos e por sua capacidade de estar presente necessariamente em todas as relações sociais (MIOTELLO, 2005, p. 171, grifo nosso).

Uma vez que, conforme já afirmado, os enunciados são de natureza social, não existem fora de um contexto, estes são, portanto, ideológicos. O locutor, ao interagir, visa um interlocutor definido e seu horizonte social. Ao assumirmos que “a palavra é o signo ideológico por excelência” e que “ela [a palavra] registra as menores variações das relações sociais” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p.16) compreendemos que todo enunciado é, por natureza, ideológico.

Entendemos, com isso, que o meio social envolve por completo o locutor, pois “à medida que as interações vão se aprofundando e repetindo padrões [ou não], as enunciações se relacionam e se integram nos sistema ideológico que vem se constituindo naquele grupo” (MIOTELLO, 2005, p. 175). Dessa interação, derivam

índices de valor, os quais se refletem em todas as dimensões dos enunciados, os quais, por serem relativamente estáveis, são sujeitos à mudança constante.

Assim, ao buscarmos estudar a natureza dos enunciados, é preciso considerar a historicidade dos gêneros, suas mudanças, pois, à medida que as esferas de atividade se desenvolvem, alguns gêneros desaparecem, outros aparecem, diferenciam-se, ganham novos sentidos. A análise dos enunciados não fica reduzida à sua forma de composição, ao estilo e ao conteúdo temático, mas vai além da situação imediata de interlocução, ao buscarmos indícios de sua heterogeneidade constitutiva, sua participação em esferas de produção, as quais lhes conferem efetiva atuação. Nesse sentido, Rodrigues afirma:

Os gêneros, com seus propósitos discursivos, não são indiferentes às características de sua esfera, ou melhor, eles as “mostram”. Todo gênero tem um conteúdo temático determinado: seu objeto discursivo e finalidade discursiva, sua orientação de sentido específica para com ele e os outros participantes da interação (RODRIGUES, 2005, p. 167, grifo da autora).

Notamos, assim, que além dos gêneros discursivos refletirem as características de interação de cada esfera, são plásticos, uma vez que podem se reconfigurar de acordo com as diferentes exigências de interação. Faraco, nesse sentido, afirma que “o repertório de gêneros de cada esfera da atividade humana vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa” (FARACO, 2009, p. 127).

Entendemos, com isso, que é somente nessa situação de interação, ao relacionarmos o gênero a sua esfera de atividade e comunicação humana, que se pode apreender sua constituição e seu funcionamento. Sob a perspectiva bakhtiniana, os gêneros se desenvolvem de acordo com as esferas, apresentando características peculiares, influenciados pelas especificidades de cada campo. Tendo em vista que, para Bakhtin (2003[1979]) os gêneros são compreendidos como enunciados que se estabilizam nas diversas situações de interação, essas esferas sociais, por conseguinte, se mostram como princípios organizadores das formas de interação verbal.

Nesse processo de interação verbal, os gêneros, assim, se organizam de acordo com as situações reais de comunicação, as quais determinam os enunciados, possibilitando a construção de sentido por meio dos discursos, uma vez que, conforme Bakhtin/Voloshinov, “a enunciação só se desenvolve no curso da

comunicação verbal, pois o todo é determinado pelos seus limites, que se configuram pelos pontos de contato de uma determinada enunciação com o meio extraverbal e verbal” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p. 129).

Essas relações estabelecidas entre o meio verbal e o extraverbal nos levam, também, a observar que o locutor, ao enunciar, tende a orientar o seu discurso, “para um círculo particular, para o mundo particular do ouvinte, introduzindo elementos completamente novos ao seu discurso [...] O locutor penetra no horizonte alheio de seu ouvinte, constrói a sua enunciação no território de outrem” (BAKHTIN, 2010b[1975], p. 91). Essas relações dialógicas, definidas por Bakhtin como aspecto da dialogicidade interna do discurso (BAKHTIN 2010b[1975]), podem determinar tanto a escolha do estilo do gênero por parte do locutor, quanto de seu conteúdo temático e de sua construção composicional. Sobre isso, Bakhtin considera:

A relação dialógica para com o discurso de outrem no objeto e para com o discurso de outrem na resposta antecipada do ouvinte, sendo em essência diferentes e engendrando diversos efeitos estilísticos no discurso, podem, não obstante, se entrelaçar muito estreitamente, tornando-se quase que indistinguíveis entre si para a análise estilística (BAKHTIN 2010b[1975], p. 91).

Rodrigues (2005) afirma que, ao tratar das formas do dialogismo nos discursos e, sobretudo no romance, Bakhtin considera dois tipos de mecanismos dialógicos de introdução do plurilinguismo¹⁸ no discurso, ligado a gêneros: a construção híbrida e os gêneros intercalados. Nesse sentido, para Bakhtin,

Denominamos construção híbrida o enunciado que, segundo índices gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertence a um único falante, mas onde, na realidade, estão confundidos dois enunciados, dois modos de falar, dois estilos, duas linguagens, duas perspectivas semânticas e axiológicas (BAKHTIN, 2010b[1975], p.110).

Da mesma forma com que um enunciado, um gênero discursivo pode apresentar uma construção híbrida, e pode também se valer da intercalação de gêneros. Segundo Rodrigues, o que Bakhtin determinou como heterogeneidade genérica diz respeito “à característica de combinação, de *intercalação (implantação) de gêneros*, que pode ser vista tanto no seu processo histórico de formação como no seu funcionamento discursivo” (RODRIGUES, 2001, p. 226, grifo nosso).

¹⁸ Segundo Bakhtin, o plurilinguismo “é o discurso de outrem na linguagem de outrem”. (BAKHTIN, 2010b.[1975], p. 127)

Bakhtin (2010b[1975]) afirma que os gêneros intercalados, nesse sentido, se constituem como forma de implantação do plurilinguismo no gênero¹⁹. Conforme o autor,

Em princípio qualquer gênero pode ser introduzido na estrutura do romance, e de fato é muito difícil encontrar um gênero que não tenha sido alguma vez incluído num romance por algum autor.[...] Todos eles podem não só entrar no romance como seu elemento estrutural básico, mas também determinar a forma do romance como um todo.[...] Todos esses gêneros que entram no romance introduzem nele as suas linguagens e, portanto, estratificam a sua unidade linguística e aprofundam de um modo novo o plurilinguismo (BAKHTIN, 2010b[1975], p.124-125).

Assim, os gêneros introduzidos no romance, denominados *gêneros intercalados*, acabam por se tornar componentes do gênero em que se encontram, podendo determinar aspectos composicionais e estilísticos deste²⁰.

Acerca da heterogeneidade genérica, Rodrigues (2001) observa que isso não é uma especificidade de gêneros da esfera literária, uma vez que os gêneros secundários absorvem e reelaboram gêneros primários em sua formação. Para a autora,

Esse processo de transformação e de intercalação se constitui como uma das causas da dialogização mais ou menos marcada dos gêneros[...] O fenômeno da heterogeneidade genérica pode ser visto, ainda, como uma possibilidade de constituição e de funcionamento dos gêneros de um modo geral, não apenas dos secundários, pois as diferentes esferas sociais não são estranhas umas às outras, elas travam diálogos entre si (RODRIGUES, 2001, p. 227-228).

Esse processo de intercalação de gêneros (como característica do plurilinguismo) pode representar estratégias discursivas, modos de construção de sua orientação axiológica, que permitem ao locutor se enunciar a partir de outros projetos enunciativos. Essas diferentes formas de incorporação dos outros no enunciado, além de se configurarem como uma face do dialogismo, conforme Rodrigues,

¹⁹ Bakhtin se refere ao romance, mas entendemos que tal característica pode ser ampliada para a análise dos gêneros em geral.

²⁰ Segundo Bakhtin, “o papel desses gêneros intercalados é tão grande que pode parecer que o romance esteja privado da sua primeira abordagem verbal da realidade e precise de uma elaboração dessa realidade por intermédio de outros gêneros, ele mesmo sendo apenas uma unificação sincrética, em segundo grau, desses gêneros verbais primeiros” (BAKHTIN 2010b[1975], p.125).

[...] Apontam para a elasticidade e plasticidade dos gêneros, para a própria essência da sua forma, ou seja, a relativa estabilidade da sua parte verbal. Ainda, mostram que a dimensão verbal não é o todo do enunciado, do gênero, mas uma parte, que tem de estar articulada com a dimensão social, a situação social de interação (RODRIGUES, 2001, p. 238).

Assim, nessa perspectiva, o uso da língua se concretiza nos enunciados concretos, produzidos a partir de uma intenção discursiva de um locutor, tendo em vista um interlocutor específico (o que determina a escolha de um ou de outro gênero), dentro de determinadas condições sócio-ideológicas, inseridos num campo da comunicação humana. Nesse sentido, cabe ainda, situar outro conceito bakhtiniano, o qual trata da relação espaço-tempo nos gêneros discursivos, o cronotopo, assunto tratado a seguir.

1.5 CRONOTOPO

Segundo Bakhtin, os tipos relativamente estáveis de enunciados, os gêneros do discurso, em todas as suas dimensões (conteúdo temático, estilo e construção composicional), se organizam tendo em vista alguma esfera específica da comunicação humana e por ela se orientam. Nesse sentido, a investigação do espaço e do tempo, isto é, do cronotopo, em que os gêneros cumprem sua função social contribui para a compreensão da constituição e funcionamento desses enunciados.

Assim como acontece com outros conceitos bakhtinianos, o conceito de cronotopo vai sendo delineado ao longo da publicação de obras diversas do Círculo de Bakhtin, porém, é focalizado, especialmente, em duas obras: *Estética da Criação Verbal* (BAKHTIN, 2003[1979]), capítulo três, denominado *O tempo e o espaço das obras de Goethe*; e em *Questões de Literatura e Estética* (BAKHTIN, 2010b[1975]), no capítulo referente ao ensaio elaborado em 1937-1938, *Formas de tempo e de cronotopo no romance*. Entendemos que este conceito, dialógico por natureza, encontra-se relacionado a outros conceitos e ideias presentes em outras obras²¹, porém, considerando os objetivos desta pesquisa, somente os dois textos acima citados e textos de explicadores de seus conceitos, constituirão a base de nossa análise nesse momento.

²¹ Como por exemplo, em *A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (BAKHTIN, 2008[1965]).

Embora os textos de Bakhtin busquem delinear o conceito de cronotopo normalmente vinculado a questões da esfera literária, notamos que este conceito se estende a todas as esferas da comunicação humana, uma vez que se refere ao dialogismo estabelecido entre o espaço, o tempo e suas relações com o gênero discursivo²². Nesse sentido, o contexto social (localizado temporal e espacialmente) em que se insere o gênero exerce, de certa forma, uma coerção no que se refere à elaboração do enunciado, influenciando-o em sua constituição geral.

Conforme vimos, a compreensão dos enunciados não é obtida apenas pela análise de sua dimensão verbal, mas também a partir de sua dimensão extraverbal. Bakhtin, ao definir cronotopo como uma “interligação fundamental das relações temporais e espaciais” e entendê-lo como “uma categoria conteudístico-formal da literatura”, chama atenção à necessidade de se investigar para além da dimensão verbal, em busca do sentido global do enunciado (BAKHTIN, 2010b[1975], p.211).No cronotopo, conforme o autor,

[...] ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. *Os Índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo.* Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico (BAKHTIN, 2010b[1975], p.211, grifos nossos).

Como observamos, embora o cronotopo focalize tanto as relações dialógicas estabelecidas entre o tempo e o espaço, para o autor, a questão do tempo se torna o “princípio condutor do cronotopo” (BAKHTIN, 2010b[1975], p. 213). Essa perspectiva demonstra a correlação indissolúvel entre tempo e espaço, uma vez que, embora o espaço seja fixo, é nele que o tempo se movimenta. Segundo Machado, “condicionar a noção de tempo ao espaço dialógico das culturas das civilizações é entender o tempo e o espaço como duas manifestações de um único fenômeno” (MACHADO, 1998, p. 36).

Conforme Rodrigues,

²² Conforme Machado, “acerca da relação entre gênero e questões de espaço e tempo, Bakhtin vê a forma narrativa como modelo artístico de tempo, daí a perseguição ao estudo do gênero [...] O gênero é um conceito nuclear da poética histórica de Bakhtin não só porque a partir dele é possível reconstituir a imagem espaço-temporal da representação, mas porque o gênero orienta todo uso da linguagem, como Bakhtin demonstrou teoricamente em seu estudo sobre os gêneros discursivos” (MACHADO, 1998, p. 38).

A situação extraverbal do enunciado, considerada como uma forma de interação social relativamente estável do ponto de vista espaço-temporal, temático, pode ser relacionada com a noção de cronotopo[...] O autor [Bakhtin] define o cronotopo na esfera artístico-literária como o processo de assimilação e de interligação artística do tempo, do espaço e do indivíduo histórico real que se revela neles (RODRIGUES, 2001, p. 24).

Dessa forma, entendemos que o cronotopo exerce influência na constituição global dos gêneros (tanto literários, quanto de outras esferas), dando uma orientação ao seu significado temático, uma vez que, para Bakhtin,

Em primeiro lugar, é evidente seu significado temático. Eles [os cronotopos] são os centros organizadores dos principais acontecimentos temáticos do romance. É no cronotopo que os nós do enredo são feitos e desfeitos. Pode-se dizer francamente que a eles pertence o significado principal gerador do enredo. [...] No cronotopo, os acontecimentos do enredo se concretizam, ganham corpo e enchem-se de sangue. Pode-se relatar, informar o fato, além disso, pode-se dar indicações precisas sobre o lugar e o tempo de sua realização (BAKHTIN, 2010b[1975], p. 355).

O autor, assim, considera as questões relativas ao tempo/espaço determinantes de aspectos diversos do gênero, uma vez que acabam por exercer influência também no que se refere ao conteúdo temático do gênero. Segundo Bakhtin, “o cronotopo, como materialização privilegiada do tempo e do espaço, é o centro da concretização figurativa, da encarnação do romance inteiro. Todos os elementos abstratos do romance [...] gravitam ao redor do cronotopo” (BAKHTIN, 2010b[1975], p. 356). Entendemos que, ao situarmos todo gênero em um determinado tempo e espaço, inserido em uma esfera social de comunicação humana, essas relações cronotópicas se evidenciarão, pois estão presentes em todo enunciado concreto. Nesse sentido, Bakhtin considera ainda que “a linguagem é essencialmente cronotópica [...]. É cronotópica a forma interna da palavra, ou seja, o signo mediador que ajuda a transportar os significados originais e espaciais para as relações temporais” (BAKHTIN, 2010b[1975], p. 356).

O autor ressalta também que diversos cronotopos podem coexistir num mesmo enunciado, embora um deles prevaleça, pois “cada tema possui seu próprio cronotopo” (BAKHTIN, 2010b[1975], p. 357). Nesse sentido, Bakhtin considera:

Nos limites de uma única obra e da criação de um único autor, observamos uma grande quantidade de cronotopos e as suas inter-relações complexas e específicas da obra e do autor, sendo que um

deles é frequentemente englobador ou dominante (BAKHTIN, 2010b[1975], p. 357).

Conforme Bakhtin, “qualquer intervenção na esfera dos significados só se realiza através da porta dos cronotopos” (BAKHTIN, 2010b[1975], p.362). Encontramos, assim, mais uma faceta do dialogismo bakhtiniano, uma vez que, em busca da compreensão global dos enunciados, precisamos dirigir nosso olhar para as questões relativas ao espaço/tempo e suas relações dialógicas estabelecidas de forma diversa. O conteúdo temático do gênero, por exemplo, só pode ser pensado dentro de um espaço e situado em um tempo, em uma época determinada. Ou, ainda, todo enunciado pressupõe autoria e é dirigido a um ouvinte leitor, cada um com suas posições cronotópicas. Essas relações dialógicas ultrapassam, assim, as fronteiras do verbal, exigindo um olhar para questões extraverbais. Como afirma o autor,

Os cronotopos podem se incorporar um ao outro, coexistir, se entrelaçar, permutar, confrontar-se, se opor ou se encontrar nas inter-relações mais complexas. Estas inter-relações entre os cronotopos já não podem surgir em nenhum dos cronotopos isolados que se inter-relacionam. O seu caráter geral é *dialógico* (na concepção ampla do termo). [...] Esse diálogo ingressa no mundo do autor, do intérprete e no mundo dos ouvintes e dos leitores. E esses mundos também são cronotópicos (BAKHTIN, 2010b[1975], p. 357).

Conforme Amorim (2006), com essa concepção de cronotopo, Bakhtin almeja saber “como o problema do tempo é tratado ou qual é a concepção de tempo que vigora. A concepção de tempo traz consigo uma concepção de homem e, assim, a cada nova temporalidade, corresponde um novo homem” (AMORIM, 2006, p.103). Percebemos, assim, que questões culturais podem ser compreendidas pela janela do cronotopo, conceito que, embora privilegie o elemento tempo²³, revela uma indissolubilidade entre este e o espaço. Nesse sentido, concordamos com a autora, ao afirmar que “quando conseguimos identificar o cronotopo de determinada produção discursiva, podemos inferir uma determinada visão de homem” (AMORIM, 2006, p.106).

²³ Amorim, ao diferenciar os conceitos bakhtinianos *cronotopo* e *exotopia*, esclarece que “O conceito de exotopia, embora possa designar uma posição de tempo, por exemplo de um pesquisador que analisa um texto de outra época, enfatiza a dimensão espacial. [...] O conceito está relacionado à ideia de acabamento, de construção de um todo, o que implica sempre um trabalho de fixação e de enquadramento, como uma fotografia que paralisa o tempo” (AMORIM, 2006, p. 100).

Cabe ressaltar, ainda, que Bakhtin, em seu ensaio *O tempo e o espaço nas obras de Goethe* (2003[1979]), propõe que existem textos e autores com maior ou menor capacidade de se situarem no tempo e no espaço. Amorim, nesse sentido, ressalta que “como ocorre frequentemente no pensamento bakhtiniano, os conceitos de exotopia e cronotopo parecem estar sujeitos a uma gradação. Há textos mais *cronotópicos* do que outros” (AMORIM, 2006, p.112).

Para Bakhtin, a função do sujeito, situado temporal e espacialmente, cumpre papel determinante nas relações dialógicas uma vez que todo enunciado concreto, além de constituir “uma fração na corrente de comunicação verbal ininterrupta” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p.124), pressupõe autoria de um sujeito constituído nas práticas sociais. Observamos, com isso, que o conceito de cronotopo se relaciona diretamente com a enunciação. Nesse sentido, Bakhtin/Voloshinov afirmam:

A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por seu *auditório*. A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p. 129, grifo do autor).

Assim, o locutor, ao organizar seu enunciado, constrói seu discurso considerando tanto o contexto (situado espacial e temporalmente), quanto o interlocutor a quem se dirige (de quem pressupõe uma atitude responsiva). Conforme Bakhtin, “a palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p. 116). Assim, o discurso do locutor é elaborado de acordo com o interlocutor a quem se dirige e com quem interage. Logo, “a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p. 117).

Nesse sentido, entendemos que o próprio locutor, de certa forma, assume atitude responsiva, uma vez que seu discurso representa um elo no processo de interação verbal, isto é, além de dirigir sua palavra²⁴a um interlocutor e esperar dele

²⁴ Stella, acerca da relação entre a palavra e o interlocutor, afirma que “a compreensão da palavra exterior, resultado desse processo de confronto e interpretação, proporciona uma reavaliação, uma

atitude responsiva (e mesmo o silêncio configura responsividade), o locutor, com esta mesma palavra, já constitui uma resposta a outras palavras com as quais interagiu em determinado tempo e espaço.

Acerca da influência do interlocutor e sua atitude responsiva antecipada, Bakhtin ressalta que “a escolha de *todos* os recursos linguísticos é feita pelo falante sob maior ou menor influência do destinatário e da sua resposta antecipada (BAKHTIN, 2003[1979], p. 306)”. Observamos, com isso, que o endereçamento dos enunciados acaba por orientar o locutor quanto a sua constituição em diversos aspectos, entre eles, por exemplo, o estilo. Nesse sentido, conforme o autor:

A quem se destina o enunciado, como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, qual é a força e a influência deles no enunciado – disso dependem tanto a composição quanto, particularmente, o estilo do enunciado.[...] Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos(do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. Essa consideração irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios linguísticos (BAKHTIN, 2003[1979], p. 301-302).

Além disso, segundo Bakhtin, “não se pode construir uma enunciação sem *modalidade apreciativa*. Toda enunciação compreende, antes de mais nada, um *orientação apreciativa* [...]. A enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo *um sentido e uma apreciação*” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p. 140, grifos nossos). À medida que ocorre a interação verbal, situada em determinado tempo e espaço e mediada pelos gêneros discursivos, o sujeito posiciona-se em relação a valores, constrói uma *orientação apreciativa* sobre o conteúdo da experiência. Segundo Acosta-Pereira, “a projeção de valor que abarca e perpassa todo existir-evento singular não é uma reação inata ao ser ou uma reação psíquica passiva, mas uma orientação moralmente validada e responsavelmente ativa” (ACOSTA-PEREIRA, 2012, p. 61).

Enfim, a noção de cronotopo, ao perscrutar os processos históricos dos acontecimentos situados temporal e espacialmente que permeiam os enunciados,

modificação e o surgimento de um novo signo na consciência, uma nova *palavra interior*, resultado evolutivo do contato e da assimilação pelo sujeito da *palavra do outro*” (STELLA, 2005, p. 181).

colabora sobremaneira para a compreensão ampla do sentido destes. Segundo Bakhtin:

[...] tampouco há nada a fazer com uma lembrança histórica abstrata se ela não for localizada no espaço terrestre, se não for compreendida (nem visível) a *necessidade* da sua realização em um tempo determinado e em um espaço determinado (BAKHTIN, 2003[1979], p. 240).

Desta forma, entendemos que o estudo dos gêneros deve considerar a análise de seu cronotopo, uma vez que este determina sua constituição global e o encontro com o outro.

É a partir desse panorama conceitual que pretendemos analisar o gênero discursivo *carta do leitor*, inserido na esfera jornalística, considerando suas regularidades em diferentes suportes. Direcionados para essa análise, construímos os próximos capítulos.

2 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS E A APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Concebemos nossa pesquisa no contexto da pesquisa crítica, inserida no campo da Linguística Aplicada (LA), tendo em vista que, conforme Moita Lopes, esta área “tem como objetivo fundamental a problematização da vida social, na intenção de compreender as práticas sociais nas quais a linguagem tem papel crucial” (MOITA LOPES, 2008, p. 102).

Buscamos nos aproximar, nesta pesquisa, assim como Rojo, de

[...] uma LA mais recente – em especial, em sua vertente sócio-cultural ou sócio-histórica – que tem buscado e praticado uma *leveza de pensamento* que a torna capaz, como o xamã, de tentar enfrentar e modificar a precariedade da existência em sociedade ou a privação sofrida por sujeitos, comunidades, instituições (ROJO, 2008, p. 254, grifo da autora).

Assim, nos situamos no campo da LA como um espaço de natureza transdisciplinar e de articulações teórico-metodológicas orientadas pela análise do sujeito situado socialmente. Essa pesquisa inscreve-se na linha sócio-histórica, sobretudo nos estudos do Círculo bakhtiniano, os quais, segundo Rojo, podem fornecer um arcabouço possibilitador de um diálogo transdisciplinar com conhecimentos advindos de vários campos do conhecimento (ROJO, 2008). Nesse sentido, compreendemos o sujeito social como heterogêneo, que interage por meio de enunciados²⁵ relativamente estáveis, os gêneros discursivos, meios de interação verbal nos mais diversos campos da comunicação, aos quais recorreremos para organizar nosso discurso em diferentes práticas sociais de uso da linguagem.

Nossa pesquisa busca situar-se, assim, no campo da LA, a qual, conforme Moita-Lopes, destaca-se por aspectos como:

1. A imprescindibilidade de LA mestiça, que corresponde, na verdade, à mesma reestruturação interdisciplinar que está ocorrendo em outros campos do conhecimento, de modo a poder dialogar com o mundo contemporâneo [...];
2. Uma LA que explode a relação entre teoria e prática, porque é inadequado construir teorias sem considerar as vozes daqueles que vivem as práticas sociais que queremos estudar [...];
3. Uma LA que redescreve o sujeito social ao compreendê-lo como heterogêneo, fragmentado e fluido, historicizando-o [...];

²⁵ A partir desse capítulo, utilizaremos as expressões “enunciado” e “texto-enunciado” como equivalentes, conforme explicitado no capítulo anterior, página 29.

4. LA como área em que ética e poder são pilares cruciais (MOITA-LOPES, 2008, p.31).

Ancoradas nesses preceitos, apresentamos, para isso, neste segundo capítulo, dividido em duas seções, os fundamentos teórico-metodológicos que sustentam esta pesquisa. Na primeira seção, abordamos a Análise Dialógica do Discurso e o Método Sociológico, refletindo sobre como os gêneros do discurso estão inseridos neste escopo teórico-metodológico. A partir disso, apresentamos considerações de Bakhtin e do Círculo acerca das dimensões constitutivas dos gêneros discursivos: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Já na segunda seção, tratamos das dimensões social e verbal dos gêneros, tendo em vista as esferas sociais como seu princípio de organização.

2.1 A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO E O MÉTODO SOCIOLÓGICO

Não se pode negar que os conceitos norteadores do pensamento bakhtiniano assumem papel relevante para os estudos relacionados à linguagem. O conjunto das obras de Bakhtin e o Círculo, a partir dos conceitos formulados, configuram, conforme Brait, uma “teoria/análise dialógica do discurso, cujas influências e consequências são visíveis nos estudos linguísticos e literários e, também, nas Ciências Humanas” (BRAIT, 2006, p.10). Brait, assim como outros estudiosos atuais (ACOSTA-PEREIRA, 2008a, 2008b; BRAIT, 2005, 2006; BRAIT, SOUZA-E-SILVA, 2012; MACHADO, 2005; MIOTELLO, 2005; RODRIGUES, 2001, 2005; ROJO, 2005), buscam compreender os conceitos norteadores da Análise Dialógica do Discurso (ADD) e suas relações com a análise de gêneros, a partir dos escritos de Bakhtin e o Círculo.

Sem pretender definir uma posição fechada sobre essa análise/teoria, Brait considera que “é possível explicitar seu embasamento constitutivo [da ADD], ou seja, a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos” (BRAIT, 2006, p.10). Para a autora, esse embasamento diz respeito a uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas e empreendidas por sujeitos historicamente situados.

Segundo Brait (2006), essa perspectiva considera o que Bakhtin propôs, a princípio como uma disciplina, a *Metalinguística*²⁶, a qual, a partir do conjunto do pensamento bakhtiniano e seus conceitos, é interpretada como uma teoria/análise dialógica do discurso. Não excluindo os resultados da Linguística do início do século XX, Bakhtin considera que, aliado a isso, deve estar o estudo das “relações dialógicas, objetos da Metalinguística” (BAKHTIN, 2010a, p. 208). A partir da ideia de que as relações dialógicas não podem ser separadas do campo do discurso, Bakhtin considera que

É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem. [...] Essas relações [dialógicas] se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico, e, por isso, tais relações devem ser estudadas pela metalinguística, que ultrapassa os limites da linguística e possui objeto autônomo e metas próprias (BAKHTIN, 2010a, p. 209, grifo do autor).

Segundo o autor, nenhuma análise de textos rigorosamente linguística²⁷, estudados como fenômenos puramente linguísticos, conseguirá compreender as relações dialógicas, uma vez que estas são extralinguísticas (BAKHTIN, 2010a).

Nesse sentido, Brait (2006), acerca do enfrentamento bakhtiniano da linguagem, considera que o estudo das relações dialógicas aponta para a análise de contextos mais amplos, para um extralinguístico aí incluído,

[...] ultrapassando a necessária análise da “materialidade linguística” reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos (BRAIT, 2006, p. 14).

Ao apontar para a necessidade de uma análise que vá além de um estudo da materialidade linguística, Brait (2006) pretende chamar a atenção para um traço que caracteriza todo o pensamento do Círculo, acerca de sua forma de analisar a

²⁶ Segundo Brait, “a ideia de uma *Metalinguística* que tem nas relações dialógicas o seu objeto é várias vezes recolocada nesse capítulo [“O discurso em Dostoiévski”, presente na obra “Problemas da Poética de Dostoiévski”], confirmando, de diferentes maneiras, a especificidade da abordagem bakhtiniana do discurso, ou seja, sua proposta de encontrar caminhos teóricos, metodológicos e analíticos para desvelar a articulação constitutiva do que há de interno/externo na linguagem” (BRAIT, 2006, p. 13, grifo da autora).

²⁷ Bakhtin se refere ao sentido de Linguística conforme contexto do início do século XX.

linguagem: a abordagem do discurso deve considerar tanto um ponto de vista interno (materialidade linguística), quanto externo (extralinguístico), uma vez que esses dois pólos são constitutivos da linguagem. Nesse sentido, conforme Bakhtin, “qualquer confronto puramente linguístico ou agrupamento de quaisquer textos abstrai forçosamente todas as relações dialógicas entre eles enquanto enunciados integrais” (BAKHTIN, 2010a, p. 209).

Defendendo a ideia de que o pensamento bakhtiniano produziu uma teoria/análise do discurso, a partir de um enfrentamento da linguagem sob perspectiva dialógica, Brait (2006) ressalta o surgimento, desde a década de 1970, de novos “círculos” que buscam compreender os escritos de Bakhtin. Os estudos desses pesquisadores situam conceitos, que, segundo a autora, ajudam a “diferenciar a perspectiva bakhtiniana de outras importantes teorias sobre a linguagem e, especialmente, estabelecer fronteiras nítidas entre designações idênticas para *conceitos* completamente diferentes” (BRAIT, 2006, p.15-16), como é o caso do conceito de gêneros²⁸.

Brait (2006) observa que essa perspectiva teórico-metodológica analisa textos/enunciados e os discursos que os constituem objetivando

[...] esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macroorganizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indiciam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados (BRAIT, 2006, p.13).

Para dar conta desse percurso analítico, Bakhtin/Voloshinov apresentam os passos de uma ordem metodológica para o estudo da língua, quais sejam:

- a) As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza;
- b) As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos [...]
- c) A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p. 129).

Entendemos que essa perspectiva de estudo da comunicação verbal, conforme proposto pelos estudiosos do Círculo, parte da análise do contexto em que se inserem os textos-enunciados, considerando as relações que estabelecem com

²⁸ Para saber sobre o conceito de gêneros do discurso em diferentes correntes linguísticas, indicamos “Perspectivas atuais sobre gêneros do discurso no campo da linguística”, de Rodrigo Acosta Pereira e Rosângela Hammes Rodrigues, publicado em *Letra Magna*, ano 05, nº 11, 2º semestre de 2009.

outros textos-enunciados, uma vez que “o todo é determinado pelos seus limites, que se configuram pelos pontos de contato de uma determinada enunciação²⁹ com o meio extraverbal e verbal” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p. 129). Nesse sentido, Rojo explica:

A ordem metodológica [...] vai da situação social ou de enunciação para o gênero/enunciado/texto e, só então, para suas formas linguísticas relevantes [...] também para o fato de que, ao chegarmos nesse último nível de análise, vale a *interpretação linguística habitual*, isto é, as teorias e análises linguísticas disponíveis, desde que seguida a ordem metodológica que privilegia as instâncias sociais (ROJO, 2005, p. 198-199).

Compreendemos, assim, que ao refletirem as condições específicas e as finalidades de cada esfera³⁰ da comunicação, os textos-enunciados são determinados por estas circunstâncias, influenciando, conforme Bakhtin (2003[1979]), a constituição de seus elementos, tanto no que se refere a seu conteúdo temático, quanto a suas marcas estilístico-composicionais. Para o autor, conforme já citado neste trabalho, “todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados aos todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação” (BAKHTIN, 2003 [1979], p.332).

Sobre esta abordagem, Rojo esclarece:

Aqueles que adotam a perspectiva dos *gêneros do discurso* partirão sempre de uma análise em detalhe dos aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a *vontade enunciativa* do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua *apreciação valorativa* sobre seu(s) *interlocutor(es)* e *tema(s)* discursivos – e, a partir desta análise, buscarão as marcas linguísticas (formas do texto/enunciado e da língua – composição e estilo) que refletem, no enunciado/texto, esses aspectos da situação (ROJO, 2005, p.199, grifos da autora).

²⁹ Conforme Brait, “o conceito de enunciação está diretamente ligado a enunciado concreto e à interação de como ele se dá. [...] Uma importante perspectiva de enunciação vai sendo tecida [nas obras de Bakhtin], sempre numa dimensão discursiva, implicada num caráter interativo, social, histórico, cultural. A ideia de enunciação, de presença de sujeito e de história na existência de um enunciado concreto, aponta para a enunciação como sendo de natureza constitutivamente social, histórica e que, por isso, liga-se a enunciações anteriores e a enunciações posteriores, produzindo e fazendo circular discursos” (BRAIT, 2005A, p. 68)

³⁰ Tendo em vista o pensamento bakhtiniano, Acosta-Pereira afirma que podemos entender que as “*esferas sociais* são espaços de regularização e significação social dos gêneros, assim como espaços sociais de interação nos quais os gêneros se constituem e funcionam” (ACOSTA-PEREIRA, 2008b, p. 5, grifo nosso).

Dessa forma, entendemos que ao procedermos à análise de um gênero conforme orientações teórico-metodológicas de Bakhtin, devemos partir do contexto social em que se insere o texto-enunciado e das relações de sentido que estabelece com outros textos-enunciados, anteriores e posteriores a ele, considerando os propósitos do locutor em determinada situação de interação, buscando identificar suas regularidades, uma vez que está inserido em determinada esfera que, por sua vez, também incide sobre o texto-enunciado. A partir da busca pela compreensão da constituição dialógica dos textos-enunciados (nas palavras de Bakhtin, a metalinguística), concordamos com Bakhtin, no sentido de que “estamos interessados primordialmente nas formas concretas dos textos e nas condições concretas da vida dos textos, na sua inter-relação e interação” (BAKHTIN, 2003, p. 319).

Assim, estamos considerando como metodologia de análise, no estudo do gênero *carta do leitor*, as orientações da ADD, as quais, conforme Acosta-Pereira,

[...] buscam compreender as regularidades enunciativo-discursivas que engendram e se engendram na constituição e no funcionamento dos gêneros do discurso, objetivando entender a relativa estabilização linguístico-enunciativa desse gênero (ACOSTA-PEREIRA, RODRIGUES, 2010, p.152).

Tendo em vista esse viés teórico-metodológico, essa pesquisa busca identificar as regularidades do gênero *carta do leitor* em diferentes suportes, considerando sua inserção na esfera jornalística.

Rojo (2005), em consonância aos postulados de Bakhtin, afirma que sob a perspectiva da ADD, “talvez o analista possa chegar a certas regularidades do gênero, mas estas serão devidas não às formas fixas da língua, mas às regularidades e similaridades das relações sociais numa esfera de comunicação específica” (ROJO, 2005, p.199).

A partir disso, concordamos com Costa-Hübes para quem, sob tal perspectiva teórica, “a linguagem deixa de ser interpretada somente como resultado do pensamento organizado ou como estrutura cognitiva e linguística e é reconhecida como símbolo sócio-historicamente construído a partir das necessidades reais de interação do homem” (COSTA-HÜBES, 2012, p. 114).

A perspectiva dialógica de análise da linguagem considera as amplas relações entre o contexto em que se inserem os textos-enunciados, de acordo com

cada esfera da comunicação humana em que circulam e seus reflexos na constituição dos gêneros, tendo em vista seu conteúdo temático, estilo e construção composicional. Sobre esses elementos passamos a tratar a seguir, já que serão tomados, na análise das *cartas do leitor*, como orientadores das reflexões.

2.1.1 O conteúdo temático

Conforme já afirmado, os gêneros se constituem nas esferas sociais, as quais acabam por tipificar os textos-enunciados, tornando-os, conforme Bakhtin(2003[1979]), relativamente estáveis. Esta relativa estabilização dos enunciados relaciona-se tanto ao que diz respeito ao seu conteúdo temático, quanto ao seu estilo e sua construção composicional.

Especificamente quanto ao que significa, neste contexto, o conceito de *conteúdo temático*, observamos que, embora presente em diversos outros textos de Bakhtin e do Círculo³¹, este conceito é aprofundado na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929]), capítulo 7, denominado “Tema e significação na língua”. Neste capítulo, acerca do conceito de *tema*³², Bakhtin/Voloshinov afirmam:

Vamos chamar o sentido da enunciação completa o seu *tema*. O tema deve ser único [...] O tema da enunciação é na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável. Ele se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p.133, grifos do autor).

A partir disso, entendemos que o *tema* é indissociável da enunciação, uma vez que está relacionado a uma situação sócio-histórica única que determina o que e como dizer a partir de seus elementos circundantes (momento e lugar de interação, interlocutores, necessidades de dizer). Torna-se, por isso, único e irrepitível, diferenciando-se, assim, do conceito de *significação*. Acerca disso, Cereja esclarece:

³¹ Em “Discurso na vida e discurso na arte”(1926), Bakhtin/Voloshinov ao se referirem ao conteúdo do enunciado, utilizam o termo *heroi*, também nomeado como *tópico* ou *objeto do enunciado*, conforme Cereja (CEREJA, 2005, p. 201, grifos nossos).

³² Entendemos aqui que o conceito de tema coincide com o que Bakhtin (2003[1979]) denominou como *conteúdo temático*.

Enquanto a *significação* é por natureza abstrata e tende à permanência e à estabilidade, o *tema* é concreto e histórico e tende ao fluido e dinâmico, ao precário, que recria e renova incessantemente o sistema de significação, ainda que partindo dele. Se a *significação* está para o signo [...], o *tema* está para o signo ideológico, resultado da enunciação concreta e da compreensão ativa, o que traz para o primeiro plano as relações concretas entre sujeitos (CEREJA, 2005, p.202, grifos nossos).

Dessa forma, entendemos que o tema de um enunciado só pode ser analisado a partir de sua inserção numa situação concreta de enunciação, a qual o determina, de certa forma. A busca por sua identificação exige que se considerem os sentidos que exprime em determinado momento histórico, numa situação específica, considerando os interlocutores envolvidos, a esfera em que se insere, sua finalidade. Entendemos, com isso, que o dialogismo também se mostra presente no enunciado, a partir da constituição de seu tema.

Assim, observamos que, para uma análise do tema de um texto-enunciado, precisamos nos deter tanto em suas formas linguísticas, quanto em seus elementos extraverbais constitutivos, os quais acabam por configurar seu conteúdo temático pois, segundo Bakhtin/Voloshinov, “se perdermos de vista os elementos da situação, estaremos tampouco aptos a compreender a enunciação como se perdêssemos suas palavras mais importantes [...] Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p. 134).

Sob esse escopo, o conceito de tema se diferencia, como já dito, da significação, esta entendida como elementos reiteráveis e idênticos, repetíveis, portanto, na superfície do texto. Acerca desses conceitos, Bakhtin/Voloshinov consideram que “o tema é uma reação da consciência em devir ao ser em devir. A significação é um aparato técnico para a realização do tema” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p. 134).

Ainda sobre a inter-relação entre tema e significação, Bakhtin/Voloshinov consideram a significação um estágio inferior, enquanto o tema representa um estágio superior da capacidade de significar. Sobre este estágio dito inferior, Bakhtin/Voloshinov compreendem que “a significação não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um *potencial*, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto” (BAKHTIN/ VOLOSHINOV, 2012[1929], p. 136, grifo do autor). Já a

investigação do tema, estágio superior da capacidade de significar, como dito, remete à investigação de seu contexto enunciativo.

Relacionada à distinção entre tema e significação está a questão da *compreensão*. Para Bakhtin/Voloshinov,

Qualquer tipo genuíno de compreensão deve ser *ativo*, deve conter já o germe de uma resposta. Só a compreensão ativa nos permite apreender o tema [...] Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p. 134, grifos do autor).

Ao chamar a atenção para a compreensão ativa como forma de diálogo entre locutor e interlocutor, Bakhtin considera que:

Compreender é opor à palavra do locutor uma *contrapalavra* [...] A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da *interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro*. É como uma faísca elétrica que só se produz quando há contato dos dois pólos opostos (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p. 137, grifos do autor).

Conforme essas palavras, para depreendermos o tema, precisamos investigar as relações dialógicas estabelecidas entre locutor/interlocutor, uma vez que os gêneros se orientam para os interlocutores e para determinadas condições de realização e de percepção. Segundo Medviédev, “a obra está orientada na vida, como se diz, de dentro, por meio de seu conteúdo temático. A seu modo, cada gênero está tematicamente orientado para a vida, para os acontecimentos, problemas, e assim por diante” (MEDVIÉDEV³³, 2012[1928], p.195). Acerca do conceito de tema, o autor ainda explica que “o tema de uma obra é o tema do todo do enunciado, considerado como determinado ato sócio-histórico. Por conseguinte,

³³ Na apresentação desta obra, Brait esclarece que, embora parta de discussões relacionadas aos estudos literários, Medviédev amplia as discussões acerca do “difícil conceito de tema, de unidade temática, demonstrando que essa dimensão do gênero constitui-se com a ajuda de elementos semânticos da língua, pois é com a ajuda da língua que dominamos o tema, mas que este transcende a língua[...] O tema não pode ser confundido com assunto, é tratado de forma detalhada, podendo assim ser resumido:(i) o conjunto dos significados verbais da obra é um dos recursos para dominar o tema, mas não o tema em si mesmo;(ii) constitui-se com a ajuda dos elementos semânticos da língua;(iii) não é uma palavra isolada que está orientada para o tema, mas o enunciado inteiro como atuação discursiva; (iv)advém do enunciado completo/obra completa enquanto ato sócio-histórico determinado, sendo, portanto, inseparável tanto da situação da enunciação como dos elementos linguísticos;(v) não pode ser introduzido no enunciado e encerrado” (apud MEDVIÉDEV, 2012[1928], p.16).

o tema é inseparável tanto do todo da situação do enunciado quanto dos elementos linguísticos” (MEDVIÉDEV, 2012[1928], p.196-197).

Outro aspecto que merece atenção diz respeito à relação entre o tema e a apreciação valorativa. Nesse sentido, Bakhtin afirma que “o enunciado, seu estilo e sua composição são determinados pelo elemento semântico-objetual e por seu elemento expressivo, isto é, pela *relação valorativa* do faltante com o *elemento semântico-objetual* do enunciado” (BAKHTIN, 2003[1979], p.296). Isso interfere sobremaneira tanto no enfoque dado ao tema, quanto nas escolhas estilísticas do locutor, tendo em vista determinada situação de interação.

Entendemos que todo enunciado concreto possui um tema e sua apreciação valorativa, isto é, um acento de valor ou apreciativo, nos termos bakhtinianos. Para Bakhtin/Voloshinov, “quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Sem acento apreciativo, não há palavra” (BAKHTIN/ VOLOSHINOV, 2012[1929], p.137). Essas apreciações, transmitidas no nível mais óbvio pela entoação expressiva, são determinadas pela situação mais imediata em que se inserem os enunciados. Acerca disso, os autores explicam:

Em qualquer enunciação, por maior que seja a amplitude do seu espectro semântico e da audiência social de que goza, uma enorme importância pertence à apreciação. É verdade que a entoação não traduz adequadamente o valor apreciativo; esse serve antes de mais nada para orientar a escolha e a distribuição dos elementos mais carregados de sentido da enunciação. Não se pode construir uma enunciação sem *uma orientação apreciativa*. É por isso que, na enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação. Apenas os elementos abstratos considerados no sistema da língua e não na estrutura da enunciação se apresentam destituídos de qualquer valor apreciativo (BAKHTIN/ VOLOSHINOV, 2012[1929], p. 140).

A partir disso, observamos que o tema se forma considerando a apreciação, relacionada aos horizontes dos interlocutores, tanto no que se refere ao horizonte imediato, quanto ao horizonte social mais amplo de um dado grupo social. Segundo Bakhtin/Voloshinov, “a significação, elemento abstrato igual a si mesmo, é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sob a forma de uma nova significação com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias” (BAKHTIN/ VOLOSHINOV, 2012[1929], p. 141).

Sobral explica que “tema é o tópico do discurso como um todo” (SOBRAL, 2013, p. 174). Sob essa perspectiva, o tema está relacionado ao “*todo orgânico do enunciado, sua inteireza acabada, que permite a compreensão responsiva*” (SOBRAL, 2013, p. 174, grifos do autor). Além disso, o tema se constitui em um dos elementos determinantes do enunciado, uma vez que este é determinado pela “exauribilidade do objeto e do sentido, ou seja, a relativa conclusibilidade do objeto quando se torna *tema* do enunciado, ou seja, nos termos de uma ideia *definida do autor*, embora o objeto em si não se esgote” (SOBRAL, 2013, p. 174, grifos do autor).

Acerca da inteireza acabada do enunciado e sua relação com a exauribilidade do objeto, Bakhtin afirma que:

O objeto é objetivamente inexaurível, mas ao se tornar *tema* do enunciado (por exemplo, de um trabalho científico) ele ganha uma relativa conclusibilidade em determinadas condições, em certa situação do problema, em um dado material, em determinados objetivos colocados pelo autor, isto é, já no âmbito de uma ideia *definida do autor* (BAKHTIN, 2003, p. 281, grifos do autor).

Entendemos com isso que o tema é irrepetível, uma vez que é determinado pelo contexto específico do enunciado. Assim, cada situação de interação verbal se constitui como única.

Cabe ressaltar, ainda, que, para Bakhtin (2003[1975]), os gêneros, ao corresponderem a “tipos relativamente estáveis de enunciado”, isto é, a situações típicas de comunicação discursiva, também apresentam temas e estilos típicos, de acordo com cada situação e esfera social em que se inserem. Para maior compreensão, a seguir, passamos a tratar do conceito de *estilo*.

2.1.2 O estilo

Sob a perspectiva da ADD, uma das três dimensões dos gêneros discursivos diz respeito ao *estilo* (as outras, conforme já dito, são o conteúdo temático e a construção composicional). Para Bakhtin, o *estilo* está indissociavelmente ligado aos gêneros. Segundo o autor, “o estilo integra a unidade do gênero do enunciado como seu elemento” (BAKHTIN, 2003[1979], p.266), pois corresponde à seleção dos

recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais que, em textos verbais, integram os enunciados.

Uma vez que, para o autor, os enunciados “são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2003[1979], p.268), nenhum gênero discursivo, visto como prática social de interação verbal situada, deixa de estar dialogicamente relacionado ao mundo e às esferas sociais específicas em que se situam. Nesse sentido, Bakhtin afirma que

A língua, enquanto meio vivo e concreto onde vive a consciência do artista da palavra, nunca é única. Ela é única somente como sistema gramatical abstrato de formas normativas, abstraída das percepções ideológicas concretas que a preenche e da contínua evolução histórica da linguagem viva. A vida social viva e a evolução histórica criam, nos limites de uma língua nacional abstratamente única, uma pluralidade de mundos concretos, de perspectivas literárias, ideológicas e sociais, fechadas; os elementos abstratos da língua, idênticos entre si, carregam-se de diferentes conteúdos semânticos e axiológicos, ressoando de diversas maneiras no interior destas diferentes perspectivas (BAKHTIN, 2010b[1975], p. 96).

Entendemos, com isso, que os enunciados concretos refletem em sua constituição global (não somente por meio de seu estilo, mas também de seu conteúdo temático e de sua construção composicional) a linguagem viva, estreitamente relacionada à situação concreta em que ocorre a enunciação, uma vez que, para Bakhtin, “cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções” (BAKHTIN, 2010b[1975], p. 100).

Para Bakhtin, “onde há estilo há gênero” (BAKHTIN, 2003[1979], p.268). Assim, observamos que há uma relação indissolúvel entre o gênero e todos os seus elementos, incluindo o estilo. Bakhtin afirma ainda que “as formas gramaticais não podem ser estudadas sem que se leve sempre em conta seu significado estilístico. Quando isolada dos aspectos semânticos e estilísticos da língua, a gramática inevitavelmente degenera em escolasticismo” (BAKHTIN, 2013[1940], p. 23). Com essas palavras o autor quer nos dizer que a análise do estilo do gênero deve avançar muito além de sua materialidade linguística, buscando identificar as relações dialógicas que ali se estabelecem. Conforme Bakhtin,

Toda manifestação verbal socialmente importante tem o poder, às vezes por longo tempo e um amplo círculo, de contagiar com suas intenções os elementos da linguagem que estão integrados na sua

orientação semântica e expressiva, impondo-lhes nuances de sentido precisas e tons de valores definidos (BAKHTIN, 2010b[1975], p. 97).

A partir disso, concordamos com Brait e Souza-e-Silva (2012) no sentido de que, ao investigarmos o estilo dos textos-enunciados, precisamos considerar que, nessa perspectiva, a análise não se atém unicamente na dimensão verbal da linguagem, mas inclui diversas dimensões e planos de expressão. Para a autora, o estilo de um enunciado, analisado por esse viés teórico-metodológico, é investigado tanto a partir de “sua materialidade linguística, aquilo que pode ser considerado interno ao texto/discurso/enunciado, como a exterioridade, o extralinguístico incluído na complexidade do discurso, das relações dialógicas” (BRAIT, SOUZA-E-SILVA, 2012, p.22).

Reiterando essa perspectiva, Acosta-Pereira explica que “o estilo corresponde ao entrecruzamento dialógico entre recursos lexicais e gramaticais, além de outras formas semióticas que se realizam na constituição da materialidade do gênero” (ACOSTA-PEREIRA, 2011, p.27), pois, ao olharmos para um gênero multimodal, por exemplo, o estilo se revelará tanto nas formas da língua, quanto em formas de linguagem (cores, figuras, imagens, tamanho das letras, etc.).

Uma vez que, para Bakhtin (2003[1979]), “todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter um estilo individual” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 265), observamos, com isso, que, para o autor, tanto pode haver um estilo do texto-enunciado (do gênero), vinculado a uma esfera social específica, quanto também um estilo individual, do autor.

Acerca do estilo do enunciado e sua relação estreita com a situação em que se insere, destacamos que, tanto a orientação dos enunciados de acordo com as esferas sociais nas quais circulam, quanto a consideração de seus possíveis destinatários, acabam por interferir nas escolhas estilísticas por parte do locutor. Nesse movimento dialógico, o locutor, ao elaborar seu enunciado, considera a quem se dirige, e sua possível reação-resposta, atribuindo, por isso, certas nuances estilísticas a este enunciado, de acordo com a situação de interação específica em que se encontra. Nesse sentido, para Bakhtin, “a linguagem não é um meio neutro que se torne fácil e livremente a propriedade intencional do falante, ela está povoada ou superpovoada de intenções de outrem” (BAKHTIN, 2010b[1975], p. 100),

principalmente das possíveis reações do(s) interlocutor(es) em relação ao enunciado que lhe(s) é dirigido. Segundo o autor,

A linguagem enquanto concreção sócio-ideológica viva e enquanto opinião plurilíngue, coloca-se nos limites de seu território e nos limites do território de outrem. A palavra da língua é uma palavra semi-alheia. Ela só se torna “própria” quando o falante a povoa com sua intenção, com seu acento, quando a domina com seu discurso, torna-a familiar com a sua orientação semântica e expressiva (BAKHTIN, 2010b[1975], p. 100).

Nesse sentido, compreendemos que todos os elementos (verbais e extraverbais) são afetados pela situação de interlocução, o que demonstra o caráter também dialógico do estilo dos enunciados. Estes, ao revestir-se de marcas estilísticas próprias de acordo com uma situação específica de produção, acaba por tornar-se único, irrepetível, um evento novo na comunicação discursiva. Esse movimento dialógico ocorre a partir de uma avaliação social³⁴ que, segundo Medvedév, “determina o fenômeno histórico vivo, o enunciado, tanto do ponto de vista das formas linguísticas selecionadas, quanto do ponto de vista do sentido escolhido” (MEDVIEDÉV, 2012[1928], p.189).

Além disso, relacionada intrinsecamente aos discursos e suas possibilidades de bivocalidade, está a questão da estilização³⁵. Segundo Bakhtin, “um autor pode usar o discurso de um outro para os seus fins pelo mesmo caminho que imprime nova orientação semântica ao discurso que já tem sua orientação e a conserva.[...] Em um só discurso ocorrem duas orientações semânticas, duas vozes” (BAKHTIN, 2010a[1929], p.216). Nestes casos, para Bakhtin, “a estilização estiliza o estilo do outro no sentido das próprias metas do autor” (BAKHTIN, 2010a[1929], p.221). Em outras palavras, o locutor, ao organizar seu projeto discursivo, vale-se do estilo de um outro, de acordo com suas próprias intenções. Nestes enunciados, como réplicas dialógicas, as palavras tornam-se bivocais.

³⁴ Segundo Medvedév, “a avaliação social determina todos os aspectos do enunciado, penetrando-o por inteiro [...] dá cor a cada palavra do enunciado, reflete sua singularidade histórica [...] No enunciado, cada elemento da língua tomado como material obedece às exigências da avaliação social. Por isso, a palavra entra no enunciado não a partir do dicionário, mas a partir da vida, passando de um enunciado a outros[...] Todo enunciado obedece a essa condição, incluindo o enunciado literário (MEDVIEDÉV, 2012[1928], p.185).

³⁵ Conforme Bakhtin, “a estilização pressupõe o estilo, ou seja, pressupõe que o conjunto de procedimentos estilísticos que ela reproduz tenha tido, em certa época, significação direta e imediata, exprimiu a última instância da significação.[...] A ideia objetificada do outro (ideia artístico-objetiva) é colocada pela estilização a serviço dos seus fins, isto é, dos seus novos planos. O estilizador usa o discurso de um outro como discurso de um outro e assim lança uma leve sombra objetificada sobre esse discurso” (BAKHTIN, 2010a[1929], p.217).

Por isso, conforme Bakhtin,

A estilística deve basear-se não apenas e nem tanto na linguística quanto na metalinguística, que estuda a palavra não no sistema da língua e nem num *texto* tirado da comunicação dialógica, mas precisamente no campo propriamente dito da comunicação dialógica, ou seja, no campo da vida autêntica da palavra³⁶. A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica” (BAKHTIN, 2010a[1929], p. 231-232, grifo do autor)

Observamos, assim, que a palavra, para Bakhtin (2003[1979]) e Bakhtin/Voloshinov (2012[1929]), além de representar a materialidade linguística, apresenta relações dialógicas diversas, as quais constituem os enunciados concretos. A partir disso, compreendemos que, ao buscarmos compreender o estilo dos enunciados, precisamos nos remeter tanto a sua dimensão verbal, quanto a sua dimensão extraverbal, uma vez que estes elementos orientam tanto o estilo e a construção composicional, quanto, como visto na seção anterior, o conteúdo temático dos enunciados. A partir deste panorama, concordamos com Bakhtin/Voloshinov no sentido de observar que “a palavra variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p.116).

Entendemos, a partir disso, que há uma integração de vários conceitos e noções na teoria bakhtiniana e do Círculo. Um aspecto que demonstra tal afirmação diz respeito, por exemplo, à questão da autoria³⁷ e sua relação com o estilo individual. Sobre esta questão, Sobral explica que

Ser autor é assumir, de modo permanentemente negociado, posições que implicam diferentes modalidades de organização dos textos, a partir da relação com o *herói*, ou tópico, e com o ouvinte. A própria seleção de palavras já envolve uma orientação na direção do ouvinte e do herói por parte do autor, e a recepção (que é na verdade, nesses termos, uma co-seleção!) dessa seleção advêm do contexto da vida, que impregna as palavras de julgamentos de valor, impondo pois ao seu significado uma direção específica: todo discurso é *endereçado*, dirige-se a alguém e, portanto, traz esse

³⁶ Embora Bakhtin, nesta obra, Problemas da Poética de Dostoiévski, esteja se referindo aos estudos da época acerca da esfera literária, especificamente aos tipos de discursos presentes na obra de Dostoiévski, entendemos que tais conceitos são também notados nos discursos presentes em outras esferas da comunicação humana.

³⁷ Acerca do conceito de autor na perspectiva bakhtiniana, sugerimos ainda a leitura de Faraco (2005).

alguém para a sua superfície (SOBRAL, 2009, p. 63-64, grifos do autor).

Assim, entendemos que o estilo do enunciado se constitui a partir da interação de diversos aspectos relacionados³⁸. Segundo Sobral, “é dessa interação, nos termos descritos com referência ao estilo, que o autor retira seu instrumental de trabalho com a forma e o material da obra, sendo a maneira peculiar de realizar esse trabalho, mesmo respeitando *as coerções de gênero da obra*, que constitui o estilo” (SOBRAL, 2009, p.67, grifo nosso). A partir disso, observamos que, ao se tornarem *relativamente estáveis*, os gêneros apresentam estilos próprios, os quais os locutores consideram ao elaborar seus enunciados, exercendo certa coerção. Essa coerção se justifica, uma vez que, segundo a perspectiva dialógica, a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social. É natural, assim, que os enunciados, ao serem orientados por determinados cronotopos, revelem marcas do contexto em que se inserem.

Vale ressaltar, por isso, que o estilo pode se orientar por um estilo individual³⁹ e/ou por um estilo próprio de uma determinada esfera social. Brait, acerca dessa relação, explica:

Cada esfera conhece gêneros apropriados a suas especificidades. A esses gêneros correspondem determinados estilos. Uma dada função, seja ela científica, técnica, religiosa, oficial, cotidiana, somada às condições específicas de cada uma das esferas da comunicação, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico (BRAIT, 2005b, p.89).

Nesse sentido, acerca dessa relação entre o autor e a esfera em que se situa, Sobral observa que “o estilo também é interativo, também é dialógico, vem da relação entre o autor e o grupo social de que faz parte [...] O estilo tem relações com a forma do conteúdo, o modo como o conteúdo é organizado, e não tem que ver com um *desvio da norma*” (SOBRAL, 2009, p.64). Dessa forma, compreendemos

³⁸Brait considera que “quaisquer conceitos, categorias, noções que se queira trabalhar deverão estar coerentemente situados nos fundamentos epistemológicos que os sustentam. Assim se dá com o conceito bakhtiniano de estilo: ele não pode separar-se da ideia de que se olha um enunciado, um gênero, um texto, um discurso, como participante, ao mesmo tempo, de uma história, de uma cultura, e, também, da autenticidade de um acontecimento, de um evento” (BRAIT, 2005b, p. 96).

³⁹ Segundo Fiorin, “nos gêneros mais maleáveis aparece o estilo individual. No entanto, é necessário ter em mente que o estilo individual não é absolutamente livre do gênero [...] O projeto discursivo do locutor adapta-se ao gênero escolhido, desenvolve-se sob a forma de um gênero dado. No entanto, isso não implica que o falante abandone a sua individualidade. O estilo individual [...] aparece mais claramente nos gêneros mais flexíveis, dá uma entonação própria ao enunciado, definida pela reação do enunciatador com o objeto do enunciado e com os enunciados dos outros” (FIORIN, 2010, p. 74).

que o estilo também é perpassado por relações dialógicas, as quais se constituem como aspectos determinantes tanto do estilo do enunciado, quanto do estilo individual do autor.

Para Bakhtin (2003[1979]) cada enunciado é único, particular e reflete a individualidade do autor. O autor, ao elaborar seu enunciado, deixa traços de sua autoria nele, o que se caracteriza como um estilo individual. Além de refletir a individualidade do falante, como todo enunciado está inserido em uma esfera social, a qual exerce determinações em sua constituição e seu funcionamento, há o estilo próprio do gênero. Sendo o gênero orientado por seu contexto de interação, por seu tema, caracterizando-se como “correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2003[1979]), compreendemos, com isso, que cada gênero também apresenta um estilo que lhe é próprio. Assim, além do gênero refletir um estilo individual do falante, também reflete um estilo do próprio enunciado. Por exemplo, orientada pela esfera jornalística, uma *carta do leitor* reflete tanto um estilo de seu autor, quanto um estilo que é próprio desse gênero.

Observamos ainda que, na concepção bakhtiniana, “a passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero” (BAKHTIN, 2003[1979], p.268). Entendemos, com isso, que, os gêneros discursivos, além de terem um estilo *relativamente estável*, podem também se renovar, segundo novas exigências de interação. Sobre essa relativa estabilidade do gênero, Brait explica que:

Quando passamos de um estilo de um gênero para outro, não nos limitamos a modificar a ressonância desse estilo graças à sua inserção num gênero que não lhe é próprio, mas destruímos e renovamos o próprio gênero. Nesse sentido, poderíamos pensar no que acontece com uma obra literária quando é adaptada para o cinema. Num certo sentido, a mudança da esfera de produção, circulação e recepção implica a mudança de gênero e, conseqüentemente, a mudança de estilo (BRAIT, 2005b, p. 90).

Entendemos, com isso, que o estilo se constitui a partir da relação entre o locutor e a esfera social na qual interage por meio do gênero, assim como na relação estabelecida entre locutor/interlocutor frente a determinado tema. O estilo, além disso, é influenciado por orientações sociais, posições axiológicas determinadas pela situação de interação específica em que se situa. Faraco pontua que “O estilo se constrói a partir de uma orientação social de caráter apreciativo: as

seleções e escolhas são, primordialmente, tomadas de posição axiológicas frente à realidade linguística, incluindo o vasto universo de vozes sociais” (FARACO, 2009, p.137).

A partir desse escopo, a linguagem é vista como constitutiva dessas relações, “é a linguagem que funda, para Bakhtin e seu Círculo, a articulação social/individual” (FARACO, 2009, p.151). Segundo o autor,

A estilística está sempre atravessada, por força de seu recorte, pelo eixo da individualidade: a discussão dos fenômenos estilísticos se faz pelo viés do falante que usa ou cria a língua. Por outra parte e por consequência, é difícil os estudos estilísticos fugirem de um pressuposto geral de que a atividade estilística do falante envolve gestos de escolha, de seleção, seja entre as alternativas fornecidas pelo sistema como tal, seja entre diferentes possibilidades de criação expressiva (FARACO, 2009, p.135).

Observamos, com isso, que as escolhas estilísticas do locutor são orientadas pelo contexto específico de interação em que este se encontra, tornando as palavras elementos que constituem a expressividade. Segundo Bakhtin, um elemento que “determina a composição e o estilo é o elemento expressivo, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do enunciado” (BAKHTIN, 2003[1979], p.286). Acerca do elemento expressivo, o autor afirma que:

Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vário e grau vário de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível. A relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. O estilo individual do enunciado é determinado principalmente pelo seu aspecto expressivo (BAKHTIN, 2003[1979], p.286).

Além disso, como todo enunciado concreto se realiza em um determinado tempo e em um determinado espaço, isto é, em um cronotopo específico, esses elementos podem exercer influência (maior ou menor) no estilo dos enunciados.

Observando a relação entre o tema e o estilo, Acosta-Pereira explica que, “enquanto o tema determina a seleção dos aspectos da realidade com os quais e a partir dos quais o gênero opera, o estilo, por sua vez, determina os usos dos recursos linguísticos e enunciativos possíveis e específicos para representar e refratar essa realidade no gênero” (ACOSTA-PEREIRA, 2012, p. 43).

Enfim, essa perspectiva discursiva de estilo, segundo Brait,

[...] justamente por seu alcance discursivo, pode ser trabalhada em textos produzidos nas mais variadas esferas, nas diferentes atividades englobadas por essas esferas, como condição para compreender tanto a atividade em suas invariáveis quanto os sujeitos que nela atuam e que, apesar de todas as coerções, interferem, atuam estilisticamente na movimentação dessa esfera, de suas atividades, de seus gêneros (BRAIT, 2005b, p.96).

Feitas as considerações acerca dos conceitos de *conteúdo temático* e de *estilo* do gênero, passamos a abordar o conceito de *construção composicional* a partir das considerações do Círculo de Bakhtin e estudiosos contemporâneos dessa corrente teórica.

2.1.3 A construção composicional

Considerando a linguagem como fenômeno de natureza social e ideológica, e que, para Bakhtin, “o enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas” (BAKHTIN, 2003[1979], p.300), entendemos que a construção composicional do gênero também estabelece relações dialógicas diversas, assim como observamos anteriormente acerca do conteúdo temático e do estilo.

Sobral, ao tratar do conceito de *forma* para o Círculo de Bakhtin, explica que

A *forma* é o modo de dizer, de organizar os discursos, estando integrada ao conteúdo e ligada ao material. Quando se fala de “forma”, fala-se na verdade de duas formas; a primeira se refere à materialidade do texto – é a *forma composicional* – e, a segunda se refere à superfície discursiva, à organização do conteúdo, expresso por meio da matéria verbal, em termos de relações entre o autor e o ouvinte – esta é a *forma arquitetônica* [...]. A *forma composicional* se vincula com as formas da língua e com as estruturas textuais; a *forma arquitetônica* se vincula com o projeto enunciativo do autor. Por isso, a *forma arquitetônica* determina a *forma de composição*” (SOBRAL, 2009, p.68-69, grifos nossos).

Dado que o locutor, ao elaborar seu enunciado, assume uma atitude responsiva frente a enunciados anteriores e posteriores a ele, a forma do enunciado é influenciada por essa interação dialógica.

Uma das características constitutivas do enunciado, como já dito, é o seu endereçamento. Para Bakhtin,

A quem se destina o enunciado, como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os outros destinatários, qual é a força e a influência deles no enunciado – *disto dependem tanto a composição quanto, particularmente, o estilo do enunciado*. Cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua percepção típica de destinatário que o determina como gênero (BAKHTIN, 2003[1979], p.301, grifo nosso).

Nesse contexto, entendemos que há um vínculo entre a natureza do enunciado e sua construção composicional, tendo em vista a situação social de interação. Dessa maneira, observamos que a situação de interação, como por exemplo, o grau de proximidade do destinatário em relação ao locutor, define a construção composicional (assim como o conteúdo temático e o estilo), uma vez que, para Bakhtin,

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. Essa consideração irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e *a escolha dos procedimentos composicionais* e, por último, dos meios linguísticos, isto é, o estilo do enunciado (BAKHTIN, 2003[1979], p.302, grifo nosso).

Tendo em vista que é a situação que determina a escolha de um ou de outro gênero discursivo, por meio do qual se concretiza a interação verbal, de acordo com seu projeto discursivo, “é o gênero escolhido [que] nos sugere os tipos e os seus vínculos composicionais” (BAKHTIN, 2003[1979], p.286).

Entendemos que, nessa perspectiva, uma análise da construção composicional de um gênero considera seus aspectos formais engendrados a aspectos extraverbais que constituem este gênero em uma situação específica de interação social. Por isso, concordamos com Acosta-Pereira (2012), no sentido de que as relações dialógicas diferem dos estudos limitados às relações linguísticas entre elementos do sistema da língua porque ultrapassam esse campo, estendendo-se para o discurso, para o extralinguístico, ou seja, para o extraverbal, compreendido como a dimensão e o caráter social do enunciado. Por exemplo, o projeto discursivo do locutor tendo em vista um interlocutor específico, sua escolha em abordar um conteúdo temático sob tal enfoque, acabam por orientar a construção composicional deste gênero. Como se pode perceber, não somente as

três dimensões de um gênero discursivo estão intrinsecamente relacionadas, como também os aspectos verbais e não verbais que constituem estes enunciados. Conforme Bakhtin,

Todas as articulações composicionais de um conjunto verbal – capítulos, parágrafos, estrofes, linhas, palavras – exprimem a forma apenas enquanto articulações; as *etapas* da atividade verbal geradora são os períodos de uma tensão única, são os momentos que atingem um certo grau de acabamento, não do conteúdo em si, como momentos *determinados a partir do interior*, mas momentos de uma atividade que *engloba* o conteúdo a partir do exterior, determinados pela atividade do autor, orientada sobre o conteúdo, ainda que, é claro, penetrem no conteúdo, dando-lhe uma forma esteticamente adequada (BAKHTIN, 2010b, p. 64, grifos do autor).

A partir disso, entendemos que “a construção composicional é o modo de organizar o texto, de estruturá-lo [...] Conteúdo temático, estilo e organização composicional constroem o todo que constitui o enunciado, que é marcado pela especificidade de uma esfera de ação” (FIORIN, 2010, p. 62). Diversos aspectos estilístico-composicionais de um gênero podem ser orientados de acordo com o tema, ou ainda, de acordo com a esfera ideológica em que se insere, tendo em vista a construção de um ponto de vista (e sua valoração), assim como orientado pela responsividade ativa de seu interlocutor. Acerca dessa relação, Rodrigues explica que “também a orientação ativa para os enunciados já-ditos molda a manifestação linguístico-composicional” (RODRIGUES, 2001, p.172).

Entendemos que outro aspecto a ser considerado é a historicidade dos gêneros e suas mudanças. Acerca disso, Fiorin pontua que

[...] não só cada gênero está em incessante alteração; também está em contínua mudança seu repertório, pois, à medida que as esferas de atividade se desenvolvem e ficam mais complexas, gêneros desaparecem ou aparecem, gêneros diferenciam-se (FIORIN, 2010, p.65).

Acerca das relações que os gêneros estabelecem com a esfera social à qual pertence, Costa-Hübes explica que

Cada esfera, em particular, orienta-se socialmente para uma realidade específica, definindo objetivos discursivos e funções ideológicas específicas. No âmbito da esfera social e nele imersos, os gêneros comportam intercâmbios comunicativos que os complexificam e os diversificam conforme a esfera da qual se originam (COSTA-HÜBES, 2014, p. 22).

Cabe ressaltar, ainda, que “um texto pode passar de um gênero a outro quando for colocado em outro contexto, em outra esfera de atividade” (FIORIN, 2010, p. 72). Nesses casos, tanto o estilo, quanto a construção composicional do gênero podem se (re)orientar, tendo em vista novo contexto de interação. Além disso, “os gêneros podem também hibridizar-se, ou seja, podem cruzar-se. Um gênero secundário pode valer-se de outro secundário no seu interior ou pode imitá-lo em sua estrutura composicional, sua temática e seu estilo” (FIORIN, 2010, p. 70).

Essa característica dos gêneros, de poder hibridizar-se em algumas situações, denuncia sua extrema heterogeneidade e sua possibilidade de intercalação. Conforme Bakhtin,

Os gêneros intercalados podem ser diretamente intencionais ou totalmente objetivos, ou seja, desprovidos inteiramente das intenções do autor. Eles não foram ditos, mas apenas mostrados como uma coisa pelo discurso; na maioria das vezes, porém, eles refrangem em diferentes graus as intenções do autor, e alguns dos seus elementos podem afastar-se, de diferentes maneiras, da última instância semântica da obra⁴⁰ (BAKHTIN, 2010b, p. 125).

A intercalação dos gêneros ocorre quando, numa dada interação social, aspectos das regularidades de um gênero são inseridos em outro gênero. Esse processo de intercalação denuncia o caráter plástico e dinâmico dos gêneros discursivos. Conforme Rodrigues,

Um dos traços relativos à heterogeneidade dos gêneros diz respeito à característica de combinação, de intercalação (implantação) de gêneros, que pode ser vista tanto no seu processo histórico de formação como no seu funcionamento discursivo, que se denominou como *heterogeneidade genérica* [...] Outro aspecto referente à heterogeneidade genérica é a capacidade de muitos gêneros de absorver e implantar diferentes gêneros no seu funcionamento. Nessa situação, os gêneros introduzidos, chamados de gêneros intercalados, perdem a sua relação direta com a realidade extraverbal e com os enunciados de outros falantes, pois não há a alternância real dos sujeitos discursivos, para se tornarem componentes do gênero no qual se encontram (RODRIGUES, 2001, p.226-227, grifos da autora).

Conforme a autora, a intercalação de gêneros é uma possibilidade que pode ser observada na constituição dos gêneros de forma geral, não sendo característica

⁴⁰ Bakhtin se refere à intercalação de gêneros no romance, considerando que “os gêneros intercalados ou enquadrados são as formas fundamentais para introduzir e organizar o plurilinguismo no romance [...] O plurilinguismo introduzido no romance (quaisquer que sejam as formas de sua introdução) é o *discurso de outrem na linguagem de outrem*, que serve pra refratar a expressão das intenções do autor” (BAKHTIN, 2010b, p.127, grifos do autor)

notada somente em gêneros secundários, uma vez que as esferas dialogam entre si. Para a autora, “entre elas [as esferas sociais] não há fronteiras rígidas, ou melhor, elas se formam entre fronteiras, têm suas zonas de contato e de influência recíproca”, o que propicia o fenômeno da intercalação (RODRIGUES, 2001, p. 228).

Por fim, Costa-Hübes explica que:

Embora esteja [a construção composicional], de alguma forma, relacionada à estrutura formal do gênero, não podemos aprisioná-la em formas estruturais rígidas, haja vista que todo gênero se organiza dentro de uma dimensão fluida e dinâmica, tendo em vista o próprio estilo que o autor pode lhe conferir, dentro dos limites instáveis do contexto (COSTA-HÜBES, 2014, p. 25).

Nessa perspectiva, embora os gêneros sejam caracterizados como *relativamente estáveis*, é possível que todas as orientações dialógicas que penetram os discursos e, conseqüentemente, os gêneros discursivos, abram novas possibilidades de constituição da composicionalidade do gênero, tendo em vista novas possibilidades de interação em dada esfera social. Por isso, ao buscarmos compreender, analisar um gênero discursivo, não podemos desconsiderar sua plasticidade, sua diversidade e extrema heterogeneidade.

Dado que estes três elementos constitutivos dos textos-enunciados - o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional - se mostram estreitamente vinculados a uma esfera social de comunicação discursiva e que são constituídos tanto por uma dimensão verbal, quanto por uma dimensão social, passamos, na seção seguinte, a apresentar quais aspectos são característicos de cada dimensão.

2.2 AS DIMENSÕES SOCIAL E VERBAL DOS GÊNEROS

Essa seção apresenta os aspectos constitutivos das dimensões social e verbal do enunciado, vinculadas às relações dialógicas que ali se estabelecem. Na primeira parte, buscamos apresentar o entendimento da dimensão social e seus aspectos extraverbais, os quais remetem à esfera social em que se inserem os enunciados. Já na segunda parte, tratamos da dimensão verbal e os três elementos constitutivos do texto-enunciado: o conteúdo temático, o estilo, e a construção composicional, em articulação com a dimensão social.

2.2.1 Dimensão social do gênero

Conforme visto, a constituição do enunciado não se faz isoladamente, mas em relação com outros enunciados de outros interlocutores situados temporal e espacialmente, não podendo, por isso, ser separado de seu contexto de produção. Conforme Rodrigues, “não se pode compreender o enunciado sem correlacioná-lo com a sua situação social, pois o discurso, como fenômeno de comunicação social, é determinado pelas relações sociais que o suscitaram. O discurso é um acontecimento social” (RODRIGUES, 2001, p. 20). Sendo, portanto, de natureza dialógica e social, o enunciado se situa em determinada esfera da comunicação, a qual acaba por deixar no enunciado concreto e vivo ali materializado, determinações de ordem verbal e extraverbal. Conforme Rodrigues, o enunciado

É o “produto” da interação social verbal de dois ou mais indivíduos socialmente organizados. As relações dialógicas com outros enunciados, a sua inserção em uma determinada esfera da comunicação social não poderiam deixar de se manifestar, de se refletir na constituição do próprio enunciado, tornando-o uma unidade concreta complexa, refletindo nos seus diferentes elementos verbais, isto é, no aspecto temático, estilístico e composicional, a situação social, o processo discursivo, os outros participantes da comunicação discursiva e os seus enunciados (RODRIGUES, 2001, p.20, grifo da autora).

Assim, como meio de organizar e desenvolver esta pesquisa, compartilhando da perspectiva de análise proposta por Rodrigues (2001), em consonância com a teoria bakhtiniana, dividimos a análise do *corpus* a partir de suas dimensões: a dimensão social e a dimensão verbal.

No que diz respeito à dimensão social, primeiramente, Rodrigues explica que

Para além de uma parte verbal expressa (exprimida, materializada), fazem parte do enunciado, como elementos necessários a sua constituição e a sua compreensão total, isto é, à compreensão do seu sentido, outros aspectos constitutivos do enunciado, que se pode denominar como a sua dimensão extraverbal, ou a sua dimensão social constitutiva [...] Não se pode compreender o sentido do enunciado se não se reconhece, para além da sua dimensão verbal, uma outra dimensão, não expressada linguisticamente, mas “subentendida”: seu horizonte extraverbal (RODRIGUES, 2001, p.22, grifo da autora).

Nesse sentido, a dimensão social remete aos elementos extraverbais que exercem determinações no enunciado, a qual, segundo Rodrigues, “é composta pela

situação⁴¹ e pelo auditório do enunciado” (RODRIGUES, 2001, p. 23). Para a autora, um horizonte extraverbal do enunciado é constituído pelos seguintes elementos:

- a) horizonte espacial e temporal: corresponde ao onde e quando do enunciado;
- b) horizonte temático: corresponde ao objeto, ao conteúdo temático do enunciado (aquilo de que se fala);
- c) horizonte axiológico: é a atitude valorativa dos participantes do acontecimento (próximos, distantes) a respeito do que ocorre (em relação ao objeto do enunciado, em relação aos outros enunciados, em relação aos interlocutores) (RODRIGUES, 2001, p.24).

Compreendemos, com isso, que a dimensão social é considerada a partir da situação extraverbal que se insere no enunciado, tendo em vista sua localização espaço-temporal, relacionada, portanto, à noção de cronotopo⁴². Além de requerer a compreensão de seu cronotopo, essa dimensão do enunciado está relacionada ao conteúdo temático e às atitudes valorativas dos interlocutores acerca do objeto e em relação aos já-ditos com os quais este enunciado dialoga. Nessa perspectiva, segundo Rodrigues,

A dependência do enunciado em relação à dimensão social não pode reduzir-se a um componente que apenas o “envolve”, ou a um acréscimo ao enunciado. Dito de outro modo, ela é condição necessária para a sua emergência e se integra nele como um elemento indispensável a sua constituição semântica, ou seja, para a articulação do seu sentido. O enunciado não se relaciona com a situação social do seu exterior, mas do seu próprio interior. É nessa perspectiva que se considera que cada enunciado é composto de uma parte verbal expressa e de uma parte “subentendida”(a situação social) (RODRIGUES, 2001, p. 27, grifos da autora).

Assim, ao investigarmos o sentido de um enunciado considerando sua dimensão social, precisamos nos remeter ao lugar, ou seja, ao espaço localizado em que se insere, além de sua localização no tempo, em uma determinada época, aspectos que interferem em sua constituição, pois há uma inter-relação entre a situação social e a sua parte verbal, formando um todo relativamente acabado.

Outro elemento relacionado à dimensão social do enunciado diz respeito à relação entre o autor e o(s) enunciado(s). Para Bakhtin, “o acontecimento da vida do texto [como enunciado] isto é, sua verdadeira essência, sempre se desenvolve *na*

⁴¹ Segundo a autora, “a *situação* corresponde a uma das formas de interação social relativamente estável, no interior de uma das formas ou variedades de intercâmbio comunicativo social (esfera cotidiana, científica, jornalística, etc.)” (RODRIGUES, 2001, p.23, grifo da autora).

⁴² O conceito de *cronotopo* foi tratado no item 1.5.

fronteira de duas consciências, de dois sujeitos” (BAKHTIN, 2003[1979], p.311, grifos do autor). Situados em um contexto emoldurador, há que se considerar que isso se configura como um encontro dialógico entre dois textos: um texto pronto e um outro ao qual este reage e assume uma atitude responsiva ativa. Em outras palavras, o autor, ao elaborar seu projeto de dizer, considera enunciados já-ditos por outros sujeitos autores. Seu discurso remete a discursos anteriores a ele. Portanto, os enunciados dialogam entre si, remetendo a outros enunciados anteriores e posteriores a eles, estabelecendo-se, assim, a alternância dos sujeitos do discurso.

Acerca do diálogo que o autor estabelece com outros enunciados, Bakhtin afirma que

Só o enunciado tem relação imediata com a realidade e com a pessoa viva falante (o sujeito) [...] O enunciado não é determinado por sua relação apenas com o objeto e com o sujeito-autor falante (e por sua relação com a linguagem enquanto sistema de possibilidades potenciais, enquanto dado), mas imediatamente – e isso é o que mais importa para nós – com outros enunciados no âmbito de um dado campo da comunicação (BAKHTIN, 2003[1979], p.328).

A compreensão do sentido do enunciado exige, nessa perspectiva, que se considere o papel do autor e sua atitude responsiva, remetendo-se a outros enunciados, situados em determinada esfera da comunicação discursiva, com os quais concorda ou discorda, assumindo, assim, juízos de valor. Conforme Bakhtin,

[...] o autor nunca pode deixar plenamente a si mesmo e toda a sua obra feita de discurso à mercê plena e *definitiva* dos destinatários presentes ou próximos [...] e sempre pressupõe (com maior ou menor consciência) alguma instância superior de compreensão responsiva que possa deslocar-se em diferentes sentidos (BAKHTIN, 2003[1979], p. 333, grifo do autor).

Situado em determinado campo da comunicação, para Bakhtin, o enunciado “sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro e o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 371). Nesse sentido, os enunciados ao mesmo tempo em que remetem a outros, são orientados para ouvintes/interlocutores específicos e sua condição particular, seu mundo, o que acaba por orientar o locutor/autor em suas escolhas temáticas, estilísticas e composicionais do enunciado que organiza. Conforme Bakhtin,

O falante tende a orientar o seu discurso, com o seu círculo determinante, para o círculo alheio de quem compreende, entrando em relação dialógica com os aspectos desse âmbito. O locutor penetra no horizonte alheio de seu ouvinte, constrói a sua enunciação no território de outrem, sobre o fundo aperceptivo do seu ouvinte (BAKHTIN, 2010b[1975], p. 91).

Segundo Rodrigues (2001), a dimensão social de um gênero é compreendida como um tipo particular de interação, ou seja, um cronotopo específico na esfera da comunicação, e são as especificidades dos aspectos constitutivos desse contexto em que se situam que se apresentam como traços norteadores e articuladores para a análise e a interpretação do funcionamento do gênero a partir de sua dimensão verbal. Assim, podemos considerar as dimensões social e verbal como complementares.

2.2.2 Dimensão verbal do gênero

Acerca da dimensão verbal do enunciado, esta diz respeito à análise do conteúdo temático, do estilo e da construção composicional⁴³, considerando-se as relações dialógicas estabelecidas em uma situação específica de interação em um dado campo da comunicação discursiva. Isso implica a investigação de diversos aspectos, tratados a seguir.

Sobre o objeto do discurso, o conteúdo temático e a inseparável relação com a situação social em que se insere o gênero, Acosta-Pereira explica:

O conteúdo temático diz respeito ao modo como o gênero seleciona e trata discursivamente elementos da realidade [...] Todo gênero tem um conteúdo temático, que corresponde ao objeto do discurso, à finalidade discursiva do gênero e a sua orientação de sentido específica para com esse objeto e com os participantes da interação. O objeto do discurso, dessa forma, é um dos elementos de constituição do conteúdo temático dos gêneros do discurso (ACOSTA-PEREIRA, 2012, p.157-158).

Aspecto da dimensão verbal articulado à dimensão social, observamos que o conteúdo temático é especificamente orientado tanto a partir do objeto do discurso (sobre o que se fala), quanto em relação aos seus interlocutores. Além disso, integrados a essa questão, estão a finalidade do gênero e o projeto discursivo do locutor, pois este seleciona o gênero e organiza seu projeto discursivo de acordo

⁴³ Aspectos especificamente já tratados nas seções 2.1.1, 2.1.2 e 2.1.3, respectivamente.

com a situação social em que se insere, o que acaba por determinar tanto o conteúdo temático e seu objeto, quanto as projeções estilísticas e composicionais.

Na análise da dimensão verbal, cabe observar, ainda, como se dão os movimentos dialógicos de responsividade em relação ao discurso do outro, isto é, as relações dialógicas estabelecidas com enunciados anteriores ao gênero. Neste caso, as *cartas dos leitores* que constituem o *corpus* de análise para esta pesquisa assumem atitude responsiva ativa a enunciados anteriores, os artigos de opinião de autoria de Lya Luft. Além disso, outro aspecto a ser tratado diz respeito às orientações para o(s) interlocutor(es), materializadas nos enunciados⁴⁴.

Articulados à dimensão social, o estilo e a construção composicional são também considerados aspectos da dimensão verbal do enunciado. Diferentes movimentos dialógicos ocorrem, considerando a orientação ativa do locutor e seu discurso, tendo em vista sua inserção em determinada esfera da comunicação discursiva, o que acaba por determinar certas regularidades estilístico-composicionais no gênero.

As diferentes estratégias estilísticas e composicionais do gênero *carta do leitor* em diferentes suportes e os efeitos disso na readequação do gênero (tendo em vista novo modo de interação *online*) apontam para uma possível intercalação do gênero *carta do leitor* com o gênero *comentário*. Este aspecto também está relacionado tanto à dimensão social, quanto à verbal, à medida que o novo modo de interação social exige uma (re)orientação por parte do locutor de seu projeto de dizer, e, conseqüentemente, da constituição global do gênero.

Após indicar esses elementos que orientarão a análise, a seguir, situamos os dados da pesquisa e sua delimitação.

2.3. OS DADOS DA PESQUISA: DELIMITAÇÃO DO UNIVERSO E DO OBJETO DE ANÁLISE

Nesta seção, buscamos explicitar a origem do *corpus* selecionado para este estudo e os critérios de seleção da análise. Para isso, recorreremos a estudos acerca

⁴⁴ Este aspecto leva em consideração os diferentes interlocutores em diferentes suportes (impresso e *online*) e as possíveis (re)orientações.

da revista selecionada e suas relações com a esfera jornalística (PERNISA JUNIOR, ALVES, 2010; VILAS BOAS, 1996; PENA, 2013; SCALZO, 2003; XAVIER, 2002)⁴⁵.

Quanto à delimitação do universo, de onde advém os dados selecionados, optamos pela revista *Veja*, em suas versões impressa e digital. Esta escolha se deve a alguns fatores, quais sejam: disponibilidade nas versões online e impressa de seção específica destinada à publicação de *cartas do leitor*; acesso online gratuito à seção onde são disponibilizadas as *cartas do leitor*; publicação dos artigos de opinião de Lya Luft, aos quais se dirigem as *cartas do leitor* nas duas mídias.

Segundo dados de Scalzo (2003), a revista *Veja*, lançada em 1968 pela Editora Abril, nos moldes da americana *Time*, é atualmente a revista semanal mais vendida do Brasil. Segundo a autora, *Veja* é hoje a quarta revista de informação mais vendida no mundo, atrás das norte-americanas *Time*, *Newsweek* e *US News&World Report*.

Os assuntos veiculados na revista normalmente são abrangentes e remetem ao mundo da economia, política, saúde, tecnologias, esporte, educação, ciência, cultura geral.

A seguir, dados gerais da revista:

- **Perfil do leitor⁴⁶:**
Idade: 20% entre 10 a 19 anos; 13% entre 20 a 24 anos; 30% entre 25 a 39 anos; 17% entre 40 a 49 anos e 20% com mais de 50 anos.
Classe social: A – 30%, B - 41% e C - 21%.
Sexo: M - 45% e F- 55%
- **Circulação⁴⁷:**
Tiragem: 1.132.265
Assinaturas: 908.748
Avulsas: 119.765
Circulação líquida: 1.028.513
Total de leitores⁴⁸: 8.973.000
Periodicidade: semanal;
Preço de capa: em abril/2014, R\$ 10,90.

Quanto aos dados da pesquisa e sua delimitação, selecionamos como objeto de análise, dentre os diversos gêneros do discurso presentes na referida revista, as *cartas do leitor*. Para nossa análise, selecionamos 38 *cartas do leitor*, que assumem

⁴⁵ A esfera social do jornalismo e o jornalismo de revista serão tratados de maneira específica no próximo capítulo.

⁴⁶ Dados obtidos no site da revista. <http://publicidade.abril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais#chart-1> Acesso em 02/07/2014.

⁴⁷ Dados fornecidos pelo IVC e disponibilizados no referido site da revista.

⁴⁸ Fonte: Projeção Brasil de Leitores consolidado 2013, conforme disponibilizado no site da revista <http://publicidade.abril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais#chart-1>, acesso em 02/07/2014.

responsividade a dois artigos de Lya Luft. Conforme já explicitado na introdução deste texto, são 09 cartas publicadas na versão impressa da revista, e 29⁴⁹ na versão digital. O critério de seleção desses textos foi optar por focalizar as *cartas do leitor* que se referem aos dois artigos de Lya Luft publicados no mês de abril de 2013. Optamos pelos textos dessa articulista, tendo em vista que as temáticas presentes em seus textos normalmente se relacionam à área da educação, sobre a qual temos interesse profissional. Todavia, um dos artigos selecionados trata da violência em nosso país.

A fim de facilitar a identificação dos textos no decorrer deste trabalho, as *cartas do leitor* foram codificadas e numeradas. As *cartas do leitor* advindas da versão impressa da revista *Veja* foram codificadas como CLI#01 (*Carta do leitor impressa número um*), CLI#02 (*Carta do leitor impressa número dois*), e assim sucessivamente (Anexo 01). Já as *cartas do leitor* referentes à versão digital da referida revista foram codificadas como CLO#01 (*Carta do leitor online número um*), CLO#02 (*Carta do leitor online número dois*), e assim, sucessivamente (anexo 02).

Sendo assim, passamos, no capítulo a seguir, à análise da constituição e funcionamento do gênero *carta do leitor*, a partir de uma situação específica de interação, considerando aspectos de suas dimensões social e verbal.

⁴⁹ No processo de seleção das *cartas do leitor* na versão digital da revista *Veja* optamos somente por aquelas que apresentavam projeto discursivo com a finalidade de interagir acerca da temática abordada nos artigos de Lya Luft, desconsiderando propagandas que porventura apareceram no espaço destinado às cartas.

3 AS DIMENSÕES SOCIAL E VERBAL DO GÊNERO DISCURSIVO *CARTA DO LEITOR*

Neste capítulo discutiremos aspectos das dimensões social e verbal do gênero discursivo *carta do leitor*. Para tanto, dividimos essa parte em duas seções.

Na primeira seção, acerca da **dimensão social**, focalizaremos, com maior ênfase, a esfera social do jornalismo, buscando compreender de que maneira o gênero discursivo *carta do leitor* ali se insere, considerando seu funcionamento em diferentes suportes e mídias. Inicialmente discutimos sobre o suporte e sua relação com o gênero. Na sequência, tratamos sobre a esfera social do jornalismo, investigando especificamente o jornalismo de revista e o jornalismo da internet (lugar de produção e de circulação do gênero pesquisado). Depois de tecermos considerações acerca dos gêneros na esfera jornalística, traçamos um panorama sobre a *carta do leitor* nesse campo da atividade humana. A partir disso, identificamos e analisamos elementos de seu cronotopo: os horizontes temporal e espacial, tendo em vista as condições sócio-históricas desse gênero na contemporaneidade; o lugar de ancoragem da *carta do leitor* na revista e sua periodicidade; a questão da autoria e do leitor previsto (os participantes da interação) dos enunciados selecionados e as determinações em função disso no *corpus*.

Na segunda seção desse capítulo, tratamos da **dimensão verbal** da *carta do leitor*. Para tanto, articulados à dimensão social, passamos a discutir sobre o horizonte temático e valorativo, analisando: o conteúdo temático e as relações dialógicas; o objeto do discurso e o projeto discursivo; movimentos dialógicos de responsividade; e as diferentes orientações do gênero em cada suporte e mídia. Em seguida, tratamos das projeções estilístico-composicionais e da intercalação de gêneros, tendo em vista sua circulação em diferentes suportes e mídias.

3.1 A DIMENSÃO SOCIAL

Na análise da dimensão social do gênero *carta do leitor* consideramos como relevantes as particularidades da esfera sócio-discursiva do jornalismo, especialmente de um de seus segmentos, do jornalismo de revista. Assim, para que possamos traçar um panorama sobre a *carta do leitor* nesse campo da atividade

humana, inicialmente apresentamos um breve levantamento sobre a questão do suporte e a relação que estabelece com o gênero.

3.1.1 A questão do suporte

A partir da ideia de que os gêneros discursivos se caracterizam como tipos relativamente estáveis de enunciados e formas de interação social mediadas pela linguagem, a questão do contexto passa a ser de fundamental importância, uma vez que dialogicamente deixa suas marcas tanto no conteúdo temático, quanto no estilo e na construção composicional dos gêneros. Inserida nesta análise está a relação que se estabelece entre os gêneros e o suporte, quanto ao modo como circulam e em que medida aqueles são afetados por este.

Ao procurar contribuir para o esclarecimento destas questões, e entendendo a comunicação verbal como pré-requisito para a elucidação dos processos de interação humana, esta subseção apresenta uma breve investigação das principais correntes teóricas que tratam atualmente da relação entre gênero e suporte.

Diversas correntes teóricas na última década têm indicado que, de alguma maneira, o gênero é influenciado pelo suporte. Assim, antes de procedermos à análise das cartas do leitor selecionadas para este estudo, entendemos ser necessária uma breve revisão das perspectivas teóricas que se detiveram sobre o suporte. Nesta pesquisa, focalizaremos as perspectivas linguísticas sobre o assunto, inicialmente advindas da Linguística Textual, com Marcuschi (2003; 2008); na perspectiva da Análise do Discurso, conforme Maingueneau (2001); e segundo a sócio-retórica, conforme Bonini (2011) e Távora (2008).

Uma das primeiras perspectivas teóricas a abordar a relação entre o suporte e o gênero diz respeito à Linguística Textual, a partir da publicação do ensaio “A questão do suporte dos gêneros textuais” (MARCUSCHI, 2003), em que o autor explicita alguns aspectos relacionados à temática, como o fato de que todo gênero tem um suporte, e que este contribui para a seleção dos gêneros e sua forma de apresentação. A discussão proposta por esta vertente teórica considera que o suporte colabora para o entendimento de como se dá a circulação social dos gêneros. Em busca de uma definição que envolva a questão dos gêneros e suas relações, Marcuschi define:

Entendemos aqui como suporte de um gênero um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Numa definição sumária, pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto (MARCUSCHI, 2003, p. 10).

Considera-se, assim, que os suportes não são uniformes, que apresentam um formato específico e que, por isso, podem interferir no gênero. Tal afirmação gerou discussões sobre o fato de os gêneros serem ou não indiferentes ao suporte e se estes acarretam consequências no que se refere ao funcionamento dos gêneros.

Além disso, Marcuschi distingue, inicialmente, dois tipos de suportes: os convencionais, “elaborados tendo em vista a sua função de portarem ou fixarem textos”, e os incidentais, “que operam como suportes eventuais” (MARCUSCHI, 2003, p. 16). Nessa perspectiva, o livro, por exemplo, pode ser considerado um suporte convencional, enquanto um tronco de árvore com uma declaração de amor, um suporte incidental.

Aspecto relevante de acordo com os estudos de Marcuschi (2003, 2008), ainda no campo teórico da Linguística Textual, diz respeito ao fato de que, para ele, embora haja ressalvas, é o gênero que seleciona o suporte, e não o contrário. Dessa forma, entendemos, assim como Távora (2008), que o suporte na perspectiva textual, a partir dos estudos de Marcuschi, serve para fixar gêneros, e que veicular, transportar ou circular não são suas funções, mas sim do veículo que permite a um gênero circular. As discussões propostas por esta linha se mostram ainda relevantes, dado o número de perspectivas teóricas distintas que recorrem às questões propostas, com o intuito de acrescentarem ou contraporem ideias.

Outra área teórica que aborda a questão do suporte é a Análise do Discurso, de origem francesa, especificamente os estudos sobre suporte de Maingueneau (2001). Para o autor, que tem suas reflexões a partir dos estudos de Debray (1993), o suporte não é acessório e está relacionado ao conceito de *mídium*, modo de manifestação material do enunciado, relação que interfere sobremaneira na forma como inferimos o sentido do enunciado. Assim, para Maingueneau, o suporte não é somente um meio pelo qual os discursos emanam, já que estes são influenciados em sua constituição por aquele. Segundo o autor, “o modo de transporte e de recepção do enunciado condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero de discurso” (MAINGUENEAU, 2001, p. 72).

Távora (2008), ao traçar um panorama dos estudos sobre suporte a partir da perspectiva discursiva, afirma que ele é “visto como um elemento pragmático ao qual um gênero se submete, o suporte material representa a seara da dimensão midiológica dos enunciados” (TÁVORA, 2008, p. 43). De fato, ao tratar sobre as modificações sofridas pelos gêneros, tendo em vista a mudança de suportes, Maingueneau afirma,

Uma modificação do suporte material de um texto modifica radicalmente um gênero do discurso: um debate político pela televisão é um gênero de discurso totalmente diferente de um debate em uma sala para um público exclusivamente formado por ouvintes presentes. O que chamamos “texto” não é, então, um conteúdo a ser transmitido por este ou aquele veículo, pois o texto é inseparável de seu modo de existência material: modo de suporte/transporte de estocagem, logo de memorização (MAINGUENEAU, 2001, p. 68).

Além disso, Maingueneau chama a atenção para a necessidade de se superar o tratamento dado ao suporte apenas como entidade material, pois, para ele, “quando tratamos do *mídium* de um gênero do discurso, não basta levar em conta seu suporte material no sentido estrito (oral, escrito, manuscrito, televisivo, etc.). É necessário também considerar o conjunto do circuito que organiza a fala” (MAINGUENEAU, 2001, p. 72). O autor enfatiza ainda a mudança social ocorrida quando há o deslocamento midiológico de um discurso.

Segundo Távora (2008), Maingueneau pretende integrar o *mídium* como dispositivo de comunicação, embora não faça distinções entre as pressões do *mídium* e as do suporte. Além disso, para Távora, o aspecto interativo em Maingueneau (2001) não é o foco inicial: “o conceito de dispositivo que integra de saída o *mídium* toca nos processos de interação apenas de forma subentendida quando se refere ao circuito que organiza a fala, oposto da contribuição para a análise da linguagem em Bakhtin” (TÁVORA, 2008, p. 58).

Nesse sentido, observamos que Maingueneau (2001) propõe uma diferenciação da materialidade dos enunciados por uma necessidade de evidenciar que os modos de transmissão, transporte e recepção dos enunciados modificam os gêneros do discurso. Porém, ao destacar as diferenças nas realizações dos enunciados desconsiderando a natureza interativa de seus suportes, Maingueneau, visto pela ótica bakhtiniana, comete um engano, uma vez que desconsidera a interação entre todos os aspectos que determinam a constituição e o funcionamento de um enunciado.

Acerca do conceito de suporte segundo a sócio-retórica, perspectiva a qual optamos por seguir nesta pesquisa, consideramos os estudos de Bonini (2011) e, de certa maneira, Távora (2008), em seus trabalhos a respeito do jornal impresso. Bonini aproxima o conceito de suporte do conceito de hipergênero⁵⁰ e entende que o suporte não é só um portador de textos, uma vez que existe um contínuo que vai do gênero (como unidade de interação) ao suporte, e que existe em duas formas: físicos (o álbum, por exemplo), e os convencionados (jornal, revista, etc.). Essa compreensão leva à necessidade de se analisar o gênero não de forma separada, mas, sim, relacionado ao suporte, de modo indissociável, o que acarreta um estudo do suporte-gênero, conforme ele, hipergênero.

Nesta mesma linha, Távora (2008), em sua tese de doutorado, propõe um conceito de suporte como entidade de interação, aspecto comum em relação aos estudos de Bonini (2011), reconhecendo, assim, o suporte não somente em sua função de matéria e forma, mas também de interação. Por “matéria”, entende “aquilo que tem existência física no mundo real” (TÁVORA, 2008, p.28). Para ele, a transmissão de um processo comunicativo se efetiva graças às materialidades de registro e de acesso em que se verifica a atualização de linguagem.

Por materialidade de registro compreendemos a superfície que se presta ao arquivamento de linguagem oral e/ou escrita, conseqüentemente de gêneros. O papel, como materialidade de registro, permite em sua superfície um procedimento em que se arquiva na mesma materialidade em que se dará o acesso à tecnologia de enunciação escrita. [...]

Por materialidade de acesso compreendemos o dispositivo que permite a atualização da linguagem oral, escrita ou visual, independente de estar conjugada ou não a uma entidade de registro. Um CD é um exemplo de materialidade de arquivamento. Graças a uma materialidade de acesso, o CD player, a atualização de linguagem nele registrada se torna acessível (TÁVORA, 2008, p. 130).

Ainda segundo essa corrente teórica, é em termos de possibilidades interativas também estabelecidas pela materialidade dos suportes que se tem acesso aos gêneros. Isto possibilita uma atualização do gênero, segundo as condições advindas tanto de uma situação imediata, quanto de um contexto mais amplo, nos termos de Bakhtin. Consideram-se, assim, as condições concretas em que se realiza a interação, instaurando-se, nessa perspectiva, vínculos com

⁵⁰ Para Bonini (2011), o hipergênero é um gênero formado por outros gêneros mais um suporte, como por exemplo, o site, a revista, o jornal.

elementos extralinguísticos presentes nos enunciados, os quais representam coordenadas para a análise desse processo interativo. O suporte, nessa perspectiva, constitui-se como ferramenta “elaborada para estabelecer processos interativos” (TÁVORA, 2008, p. 157). Para este autor, “é em termos das possibilidades interativas, também estabelecidas pela materialidade dos suportes, que se tem acesso aos gêneros” (TÁVORA, 2012, p. 304).

Nesse mesmo sentido, segundo Bonini (2011), não se entende mais que o gênero exista fora de relações, e segue-se elaborando conceitos que buscam mapear essas relações. Em seu ensaio “Mídia/suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações”, Bonini (2011), tendo em vista a imprecisão ainda observada sobre o tema, busca respostas para esclarecer o lugar do suporte no que se refere às relações que estabelece com o gênero. Para ele, embora Debray (1991) tenha ao menos esboçado, nem Marcuschi (2003), nem Távora (2008), em seus trabalhos, consideraram o componente mídia ao discutirem essa questão. A opção de Bonini, após suas pesquisas, é utilizar o termo “mídia”, deslocando o termo “suporte” para as tecnologias de registro, armazenamento e transmissão nessas mídias. Para este autor, dentro do enquadramento que tenta esboçar, estes termos podem assim ser redefinidos:

- a) mídia – tecnologia de mediação da interação linguageira e, portanto, do gênero como unidade dessa interação. Cada mídia, como tecnologia de mediação, pode ser identificada pelo modo como caracteristicamente é organizada, produzida e recebida e pelos suportes que a constituem; e
- b) suporte – elemento material (de registro, armazenamento e transmissão de informação) que intervém na concretização dos três aspectos caracterizadores de uma mídia (suas formas de organização, produção e recepção) (BONINI, 2011, p. 688).

Assim, ao exemplificar tais conceitos, para Bonini, o DVD se caracteriza como mídia e o aparelho de DVD, a embalagem do disco, cabos, como suportes. Para ele, “as mídias apresentam um conjunto de suportes encadeados” (BONINI, 2011, p. 689). A partir disso, observamos que, por esta ótica, mesmo reconhecendo a existência do suporte, não se pode afirmar que este seja o elemento mais relacionado ao gênero como unidade de interação. No processo de interação, os conceitos mais importantes são o gênero e a mídia, e o suporte só é relevante em uma análise mais pormenorizada de uma mídia específica.

Aspecto relacionado à questão do suporte diz respeito ao conceito de hipergênero para Bonini, no sentido de que, “os gêneros, por vezes, são produzidos em agrupamento, compondo uma unidade de interação maior (um grande enunciado), o jornal, nesse sentido, é um hipergênero” (BONINI, 2011, p. 691). Isto também nos leva a refletir, concordando com Távora (2008), sobre a ideia de que não somente o gênero é dinâmico, instável, plástico, mas também o suporte, embora este apresente um grau de estabilidade superior ao do gênero.

Concordamos com Simões e Gomes (2011), sobre os estudos relacionados ao suporte, no sentido de que, apesar das recentes teorizações realizadas, “ainda não lhe foi dado um caráter de configuração, assim como se faz com os gêneros do discurso” (SIMÕES; GOMES, 2011, p.15). Porém, estabelecendo relações com o nosso *corpus*, entendemos que, tanto em sua versão impressa, quanto em sua versão online, as *cartas do leitor* publicadas na revista *Veja* são influenciadas em sua constituição geral, ao terem seus projetos de dizer readequados de acordo com cada suporte/mídia em que circulam. Isto se mostra coerente com o pensamento bakhtiniano, o qual afirma que “as formas de interação verbal acham-se muito estreitamente vinculadas às condições de uma situação social dada e reagem de maneira muito sensível a todas as flutuações da atmosfera social” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p. 43). Com essa afirmação, Bakhtin, embora não estivesse se referindo especificamente à questão do suporte, chama a atenção para a necessidade de se analisar o contexto global em que se situam os textos e suas determinações na constituição e funcionamento dos enunciados.

Para esse estudo, pautamo-nos em Bonini (2011), o qual considera o suporte como parte da mídia, definindo **mídia** como uma “tecnologia de mediação da interação linguageira e, portanto, do gênero como unidade dessa interação” e **suporte**, como um “elemento material (de registro, armazenamento e transmissão de informação) que intervém na concretização dos aspectos caracterizadores de uma mídia” (BONINI, 2011, p. 688). Concordamos com o autor que essa posição pressupõe um contínuo que vai do gênero, como unidade de interação dialógica, ao suporte, como portador físico dos textos (em sua forma mais característica).

Consideramos ainda que, tanto a mídia quanto o suporte exercem influência na constituição e no funcionamento do gênero. Relacionando esse posicionamento com o *corpus* selecionado para esse estudo, consideramos que a revista *Veja* impressa apresenta uma dupla função: caracteriza-se como um suporte (uma vez

que funciona como um elemento de registro, de armazenamento e de transmissão de informação); e, como uma mídia (já que se caracteriza como uma tecnologia de mediação da interação e, portanto, do gênero como unidade dessa interação). Por este mesmo motivo, entendemos que a revista *Veja*, em sua versão digital, se caracteriza como uma mídia, porém, já não se caracteriza como um suporte. O suporte da versão digital da revista *Veja* é o computador, o monitor, sua tela, os cabos, elementos materiais que permitem o registro, o armazenamento e a transmissão dessa mídia. No processo de interação, o gênero e sua mídia são conceitos que estabelecem maiores relações, sendo, a questão do suporte só relevante em situações mais pormenorizadas de uma mídia específica.

Diante dessa breve revisão sobre a questão do suporte nos estudos linguísticos, e assumindo, nesse trabalho, a posição de Bonini (2011), passaremos, na seção seguinte, a uma investigação sobre a esfera social do jornalismo.

3.1.2 A esfera social do jornalismo

Conforme já explicitado nesse estudo, os gêneros discursivos se situam em esferas sociais, as quais exercem certa coerção, uma vez que acabam por tipificar as situações de interação, estabilizando relativamente os enunciados que nelas circulam. Assim, a *carta do leitor*, nosso objeto de estudo, apresenta uma dimensão social marcada pela esfera jornalística, a qual orienta, determina certas regularidades nesse gênero. Entendemos que a constituição e o funcionamento da *carta do leitor* estão vinculados às especificidades dessa esfera. A importância dessa parte da pesquisa, então, está no fato de que todo gênero possui uma tradição e que sua estabilidade e mudanças estão vinculadas às transformações da esfera social na qual se situa.

Para melhor compreensão desse campo e de sua relação com o gênero, passamos, a seguir, a tecer algumas considerações históricas sobre a esfera jornalística, procurando nos ater aos aspectos principais que ajudam a compreender quais os fatores que agem sobre o gênero em estudo, causando determinações em seu estilo, seu conteúdo temático e sua construção composicional.

Marcondes Filho (2000), ao tratar da história do jornalismo, traça um quadro evolutivo de cinco épocas distintas: *Pré-história do jornalismo* (1631-1789), caracterizada por uma economia elementar, produção artesanal e forma semelhante

ao livro; *Primeiro jornalismo* (1789-1830), conteúdo literário e político, com texto crítico, economia deficitária e comandado por escritores, políticos e intelectuais; *Segundo jornalismo* (1830-1900), imprensa de massa, marca o início da profissionalização dos jornalistas, a criação de reportagens e manchetes, a utilização da publicidade e a consolidação da economia de empresa; *Terceiro jornalismo* (1900-1960), imprensa monopolista, marcada por grandes tiragens, influenciada pelas relações públicas, grandes rubricas políticas e fortes grupos editoriais que monopolizavam o mercado; *Quarto jornalismo* (1960 em diante), informação eletrônica e interativa, com ampla utilização de tecnologia, mudança das funções do jornalista, muita velocidade na transmissão de informações, valorização do visual e crise da imprensa escrita.

Mesmo que se possa afirmar que, desde o século XVI, há registros de textos com cunho informativo jornalístico, a esfera jornalística com contornos mais precisos está relacionada, conforme Marcondes Filho (2000), à época da Revolução Francesa (1789) e ao estabelecimento da sociedade burguesa. Esses acontecimentos, além de ocasionarem alterações de ordem econômica, política, cultural, reconfiguram marcadamente a esfera jornalística, a qual passa a apresentar novas formas de produção, recepção e circulação.

Mais tarde, na primeira metade do século XIX, com as consequências da Revolução Industrial no Brasil, a esfera jornalística apresenta nova configuração, tendo em vista um novo debate político e ideológico, a crescente classe burguesa, a propagação de ideais socialistas e o desenvolvimento tecnológico. Sobre esse período, conforme Marcondes Filho,

A transformação tecnológica irá exigir da empresa jornalística a capacidade financeira de autossustentação, pesados pagamentos periódicos para amortizar a modernização de suas máquinas; irá transformar uma atividade praticamente livre de pensar e fazer política em uma operação que precisará vender muito para se auto-financiar (MARCONDES FILHO, 2000, p. 20).

Observamos, com isso, o fato de as empresas jornalísticas se constituírem a partir do século XIX como empresas capitalistas em sua essência. Entendemos que, ao se reconfigurarem as condições de produção, tendo em vista que a imprensa se transforma em uma empresa capitalista, passando a se orientar para o lucro, os gêneros jornalísticos passam a refletir, em sua constituição e funcionamento, marcas

desse novo contexto. Acerca das transformações do campo⁵¹ jornalístico no final do século XIX, Bourdieu afirma:

O campo jornalístico se constituiu como tal no século XIX em torno da oposição entre os jornais que ofereciam antes de tudo *nouvelles*, de preferências “sensacionalistas”, ou melhor, “de sensação”, e jornais propondo análises e comentários, preocupados em marcar sua distinção em relação aos primeiros enfatizando com rigor os valores da *objetividade*; o campo jornalístico é o lugar de uma oposição entre duas lógicas e dois princípios de legitimação: o reconhecimento pelos pares, acordado entre aqueles que reconhecem de forma mais completa os “valores” e os princípios internos, e o reconhecimento pelo maior número, materializado pelo grande número de entradas, de leitores, ouvintes ou espectadores, ou seja, o índice de venda (*best seller*) e o lucro em dinheiro, a sensação de plebiscito democrático como sendo inseparavelmente, neste caso, um veredicto de mercado (BOURDIEU, 1994, apud BARROS FILHO, 2001, p. 23, grifos do autor)

Assim, compreendemos que a evolução do jornalismo e de seus canais de informação está sempre relacionada a interesses econômicos e políticos. Nessa mesma perspectiva, Pena (2013), em seus estudos sobre a Teoria do Jornalismo (TJ), afirma, por exemplo, que “foi assim com o telégrafo, criado para proteger as riquezas transportadas pelas ferrovias americanas no século XIX e também com o rádio, usado estrategicamente durante a Primeira Guerra Mundial. Foi assim com o próprio jornalismo” (PENA, 2013, p. 33).

Segundo Pena (2013), uma das características vitais do fenômeno jornalístico diz respeito a sua periodicidade. Após traçar um panorama sobre isso, situando como a periodicidade evoluiu com o tempo, desde antes de Gutemberg, até a atualidade, o autor conclui que “a experiência da temporalidade está diretamente ligada à evolução histórica e tecnológica, influenciando diretamente a transformação da imprensa até seu estabelecimento como veículo diário” (PENA, 2013, p.37). Assim, concordamos com o autor que, para entendermos a esfera jornalística e sua periodicidade, “é preciso estudar a complexidade daquilo que costumamos chamar de tempo” (PENA, 2013, p. 37).

Conforme Pena, a periodicidade, juntamente com a publicidade, a universalidade e a atualidade são as quatro grandes características do jornalismo moderno. Considerando que “a novidade nem sempre é atual e a atualidade nem sempre é nova” (PENA, 2013, p. 39), o autor afirma que, embora atualidade e

⁵¹ Indicamos o texto de Grillo (2006) para saber sobre as aproximações e distanciamentos entre o conceito de campo para Bourdieu e o de campo/esfera para o Círculo de Bakhtin.

novidade sejam conceitos relacionados à temporalidade, são conceitos distintos e não podem ser confundidos. Para ele, “é possível separar atualidade de novidade, ou seja, o velho pode ser considerado atual e vice-versa. A temporalidade não se refere ao fato, mas à forma como é transmitido, mediado. É o instante da mediação que realmente conta” (PENA, 2013, p. 39).

Outro aspecto relevante acerca da esfera jornalística diz respeito ao fato de que até o começo do século XX, os jornais eram essencialmente opinativos. Não que não houvesse a informação nas páginas jornalísticas. Segundo Pena,

As reportagens não escondiam a carga panfletária, defendendo explicitamente as posições dos jornais (e de seus donos) sobre os mais variados temas. As narrativas eram mais retóricas que informativas. Antes de ir ao verdadeiro assunto da matéria, os textos faziam longas digressões relacionando-a com a linha de pensamento do veículo, o que hoje os jornalistas chamam de nariz de cera [...] Não havia objetividade ou imparcialidade (PENA, 2013, p. 41).

Além disso, relacionada à questão da autoria sob o viés bakhtiniano, está a questão das fontes e de sua suposta “objetividade”. Segundo Pena, muitos jornalistas se esquecem de um velho ditado da infância, cujo valor é alto na profissão: “Quem conta um conto aumenta um ponto”. Para ele, “a fonte de qualquer informação nada mais é do que a subjetiva interpretação de um fato. Sua visão sobre determinado acontecimento está mediada pelos *óculos* de sua cultura, sua linguagem, seus preconceitos” (PENA, 2013, p. 57, grifo do autor). De certa forma, observamos que isso dialoga com a ideia bakhtiniana de que o locutor, ao interagir por meio da linguagem, enuncia-se a partir de seu lugar no mundo, situado social e temporalmente, o que exerce determinações em seu enunciado e em seus posicionamentos axiológicos.

Nesse mesmo sentido, Lage afirma que “cada indivíduo da cadeia informativa entende a realidade conforme seu próprio contexto e seu próprio enfoque de memória” (LAGE, 2001, p. 45). Para este autor, entre o fato e a versão que se divulga há um processo de percepção e interpretação próprio da atividade jornalística. Assim, cada indivíduo entende a realidade a partir de vivência, de suas experiências, de sua cultura, enfim, de seu contexto. Isso se relaciona à concepção sócio-histórica da constituição e do funcionamento dos gêneros do discurso conforme os escritos de Bakhtin e o Círculo, no sentido de que os enunciados são

determinados tanto pela situação específica de interação, quanto por um contexto mais amplo, no caso, da esfera jornalística.

Conforme já explicitado anteriormente, para Bakhtin (2003[1979]), os enunciados se estabilizam nas esferas sociais e são determinados por ela. Rodrigues (2001), considerando os estudos bakhtinianos, aponta para o princípio regulador das esferas sociais em todas as dimensões do gênero e chama a atenção para a necessidade de se considerar sua historicidade, sua plasticidade. Para Rodrigues, essa proposta de organização, assentada no princípio das esferas sociais, trabalha com o todo do gênero e com a sua existência concreta, ou seja, “trabalha-se com a noção de gênero histórico, considerando, inclusive, a impossibilidade de uma classificação exaustiva, em função da variedade e infinidade, e, em especial, do seu processo contínuo de formação” (RODRIGUES, 2001, p. 70). Cabe reconhecer, no entanto, que os limites entre as esferas é tênue, quando não se interseccionam.

A partir disso, justificamos que, para o estudo da constituição e funcionamento do gênero discursivo *carta do leitor* nessa perspectiva, é necessária a consideração das especificidades da esfera jornalística, suas condições sócio-históricas, suas funções, sua capacidade de mudança constante conforme novas exigências de interação. Assim, a característica do não-acabamento, própria do gênero, também se aplica às esferas. Marques de Melo, acerca da dinamicidade da esfera jornalística, seu conceito e especificidades, afirma:

Mais de um século de pesquisa sistemática sobre os fenômenos jornalísticos não foi suficiente para transmitir uma precisão conceitual sobre essa atividade da comunicação coletiva. Pode parecer paradoxal que o avanço do conhecimento científico a respeito da informação de atualidades nos meios de difusão não tenha logrado rigor conceitual, exatidão analítica. Parece, mas não é. Porque o progresso da pesquisa mantém-se descompassado em relação às mutações vertiginosas do próprio campo (MARQUES DE MELO, 1994, p. 7-8).

Observamos, com isso, que a esfera jornalística, assim como as outras, é marcada pelo não-acabamento, pelo dinamismo. Para Marques de Melo (1994), isso se justifica não apenas pelas transformações geradas a partir das circunstâncias sociais, mas também, como característica essencial do jornalismo, que focaliza normalmente o presente, o provisório, o circunstancial.

Rodrigues observa que “a própria terminologia marca muitas vezes a redução da esfera jornalística aos meios de reprodução e de difusão, ou a um deles especificamente, ou seja, aos meios tecnológicos de comunicação” (RODRIGUES, 2001, p. 75). A autora se refere ao fato de que às vezes, confunde-se a esfera social com as suas mídias. É o que ocorre quando ouvimos falar de “jornalismo impresso” e “jornalismo televisivo”. No entanto, a esfera jornalística não pode ser confundida com o jornal propriamente dito, com seu suporte, nem com as mídias.

Acerca da evolução do jornalismo e suas relações com aspectos mercadológicos, Traquina (2005) afirma que foi a partir do século XIX que isso começou a ocorrer, ao se priorizar o caráter informativo nos textos jornalísticos, os quais passaram a ser vistos como produtos.

O jornalismo como conhecemos hoje na sociedade democrática tem suas raízes no século XIX. Foi durante o século XIX que se verificou o desenvolvimento do primeiro *mass media*, a imprensa. A vertiginosa expansão dos jornais do século XIX permitiu a criação de novos empregos neles; um número crescente de pessoas dedica-se integralmente a uma atividade que, durante as décadas do século XIX, ganhou um novo objetivo – fornecer informação e não propaganda (TRAQUINA, 2005, p. 34).

Dessa forma, para o autor, o contexto do século XIX contribuiu sobremaneira para a evolução da esfera jornalística, como, por exemplo, na influência de aspectos mercadológicos, o que pode ser notado ainda atualmente no jornalismo de massa, o qual busca atender aos interesses do capitalismo, uma vez que observamos nesse campo a relação próxima entre a aprovação do mercado, as opiniões do público e os resultados de audiências.

Para Marques de Melo (1994), a tecnologia exerceu papel fundamental no desenvolvimento do jornalismo no tempo. Porém, segundo Rodrigues (2001), além das modificações tecnológicas que viabilizaram o jornalismo, é preciso situar acontecimentos que marcaram sua consolidação: a revolução burguesa; a queda da censura prévia, exercida pelo estado e pela Igreja; e o processo de alfabetização em larga escala, que viabilizou a leitura de jornais. A partir desse contexto, para a autora,

A informação torna-se um bem necessário, um indicador econômico e financeiro [...] e um instrumento político [...] A circulação e o conhecimento dos acontecimentos, fatos e opiniões adquiriu valor social. Essas condições sociais se tornam o contexto de

configuração de uma nova forma de comunicação social, da consolidação da esfera jornalística (RODRIGUES, 2001, p. 77).

Acerca do jornalismo moderno e suas especificidades, Rodrigues (2001) pontua que este se consolidou aproximadamente a partir de 1850, dividindo-se em três fases. A primeira, a fase do jornalismo ideológico, durou até a Primeira Guerra Mundial e caracterizou-se como doutrinário, moralizador e opinativo, embrenhado em lutas ideológicas e partidarismo políticos. A partir de 1870 ocorre a segunda fase, informativa, inicialmente concomitante à fase ideológica. Mais apoiada no relato de fatos, essa fase toma conta de todo o mundo ocidental, especialmente a partir da década de 1920. Porém, após a década de 1950, o jornalismo reveste-se de um caráter mais explicativo, interpretativo, contrapondo-se ao sensacionalismo, derivando um jornalismo de maior profundidade.

Mesmo considerando a velocidade das transformações nesse campo, Ramonet (1999) afirma que há quatro grandes aspectos que colaboram para a configuração do objeto e da especificidade jornalística, sendo eles a informação, a atualidade, o tempo da informação e a veracidade da informação. Relacionando isso à teoria bakhtiniana, observamos que esses aspectos são determinados por condições sócio-econômicas.

Traquina (2005), ao tecer considerações sobre aspectos que caracterizam a atividade jornalística atualmente, chama a atenção para alguns fatores determinantes: as notícias são elaboradas de acordo com os interesses das empresas jornalísticas e seus representantes; as relações entre as fontes e os jornalistas determinam sobremaneira os temas a serem noticiados; as políticas editoriais exercem influência no processo de produção das notícias; os textos jornalísticos em geral apresentam uma relativa estabilização, especialmente no que se refere a sua construção composicional.

Sobre as características do jornalismo atual, Sodré (1999) pontua que este pode ser considerado um reflexo da realidade, embora seja subjetivo, orientado por diversos pontos de vista e diferentes percepções da realidade. O jornalista, ao representar determinados grupos ideológicos, faz um recorte da realidade, o que determina certas escolhas de abordagens na construção dos textos jornalísticos.

Nesse mesmo sentido, sobre os filtros incorporados à atividade jornalística, Bourdieu afirma que “Os jornalistas têm os seus óculos particulares através dos quais veem certas coisas e não outras, e veem de uma certa maneira as coisa que

veem. Operam uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado” (BOURDIEU, 1997, p. 12). Essa afirmação se coaduna com a teoria bakhtiniana no sentido de que todo locutor, ao se enunciar, elabora seus enunciados refletindo e refratando discursos orientados por seu contexto de interação (tanto considerando a situação imediata, quanto a situação ampla).

Rodrigues, acerca da esfera jornalística, considera:

Numa síntese, pode-se dizer que o objeto da esfera jornalística se constitui no horizonte de acontecimentos, fatos, conhecimentos e opiniões da atualidade, de interesse público. Nesse contexto, sua função sócio-ideológica se caracteriza por fazer circular (interpretar, “traduzir”) periódica e amplamente as informações, conhecimentos e pontos de vista da atualidade e de interesse público, “atualizando” o nível de informação da sociedade (ou de grupos sociais particulares) (RODRIGUES, 2001, p. 81).

Observamos, a partir disso, que os gêneros discursivos que circulam nessa esfera são influenciados por condições sócio-históricas, as quais exercem determinações em seu funcionamento e constituição.

Conforme Bourdieu (1997), o campo jornalístico é determinado por pressões do mercado, afetando profundamente as relações estabelecidas nesta área de produção cultural. Para ele,

O campo jornalístico impõe sobre os diferentes campos de produção cultural um conjunto de efeitos que estão ligados, em sua forma e sua eficácia, à sua estrutura própria, isto é, à distribuição dos diferentes jornais e jornalistas segundo sua autonomia com relação às forças externas, as do mercado dos leitores e as do mercado dos anunciantes (BOURDIEU, 1997, p.102).

Com isso, estabelecendo um paralelo sob o viés bakhtiniano, entendemos que as esferas têm uma autonomia relativa e se imbricam, como consequência das relações dialógicas que estabelecem com outros campos. Tratando especificamente do campo jornalístico e suas propriedades, Bourdieu (1997) ressalta que o peso do “comercial” é muito grande. Para ele, muito mais que outros campos (como por exemplo, o político, o econômico, o literário), o jornalístico está diretamente “sujeito à prova dos vereditos do mercado” (BOURDIEU, 1997, p. 106).

A partir dessas considerações, entendemos que a esfera jornalística, além de exercer certa coerção e orientar os gêneros que nela circulam, também é orientada por determinações de ordem social, econômica, mercadológica e cultural. Por esta esfera, compreende-se, então, uma modalidade de comunicação discursiva, a qual

se materializa de diversas formas e em diferentes suportes e mídias, como o jornalismo impresso e o jornalismo *online*, sobre os quais tratamos a seguir.

O **jornalismo de revista** é tido como uma das categorias da atividade jornalística. Embora o jornal impresso ainda tenha maior representação nesse campo, o jornalismo de revista tem, aos poucos, mudado esse panorama. Prova disso é o fato de muitos cursos de jornalismo já inserirem em suas grades curriculares disciplinas específicas que focalizam essa atividade jornalística. Gradativamente as revistas foram se segmentando, diversificando seus temas, tendo em vista a busca pela atenção de diferentes públicos, tornando-se, em um mundo capitalista, um bom negócio para empresas do ramo. O que ocorre atualmente, conforme Scalzo (2003), é uma tentativa de aproximação do jornal com a revista (e não mais o inverso). Jornais buscam ficar mais parecidos com revistas, dividindo-se em seções, alterando seu estilo linguístico, criando encartes, suplementos dirigidos a públicos específicos, como o jovem, por exemplo.

Segundo Scalzo (2003), as revistas surgiram no meio jornalístico com fins de mero entretenimento (trazendo fotos para distrair seu público e transportá-los a lugares que não poderiam ir, por exemplo). Além disso, pretendiam informar seus leitores que não queriam (ou não podiam) obter essas informações nos livros. Para a autora, enquanto os jornais surgem com maior engajamento político, as revistas buscam colaborar na complementação da educação, no aprofundamento dos assuntos, na segmentação, no serviço utilitário que podem oferecer aos seus leitores. Scalzo afirma ainda que,

A revista une e funde entretenimento, educação, serviço e interpretação dos acontecimentos. Possui menos informação no sentido clássico (as notícias quentes) e mais informação pessoal (aquela que vai ajudar o leitor em seu cotidiano, em sua vida prática) (SCALZO, 2003, p. 14).

Nas palavras do autor, enquanto o jornal se encontra em espaços públicos, se dirige a um interlocutor geral, heterogêneo, a revista, por sua vez, entra na casa dos leitores. Entre outras características do jornalismo de revista, observamos a segmentação por assunto e tipo de público. Na revista semanal de informação, por exemplo, “o teatro é menor, a platéia é selecionada, você tem uma ideia melhor do grupo, ainda que não consiga identificar um por um. É na revista segmentada, geralmente mensal, que de fato se conhece cada leitor, sabe-se exatamente com

quem se está falando” (SCALZO, 2003, p. 15). Embora em graus diferentes, é inegável que, tanto as revistas semanais, quanto as mensais, têm conhecimento de seu público leitor e se orientam em função disso. Além disso, as revistas representam épocas, e, por isso mesmo, “só funcionam em perfeita sintonia com seu tempo” (SCALZO, 2003, p. 16).

Ao aprofundar o estudo acerca do jornalismo de revista, Scalzo (2003) organiza um histórico do surgimento e evolução das revistas. Segundo a autora, data de 1663 a publicação, na Alemanha, da primeira revista de que se tem notícia. Publicada periodicamente, trazia vários artigos sobre um mesmo assunto e se parecia com o livro. Já a palavra “revista” só começa a ser utilizada a partir de 1704, na Inglaterra, destinando-se já a públicos específicos e com a característica de buscar mais profundidade nos assuntos que os jornais e menos que os livros. Ainda nas palavras da autora, data de 1731, em Londres, o lançamento da primeira revista mais parecida com os padrões das que hoje circulam, *The Gentleman’s Magazine*. Inspirada nos magazines (lojas que vendiam artigos em geral), tratava de assuntos diversos com linguagem leve. A partir de então, a palavra *magazine* passa a designar diversas revistas em diversos lugares do mundo.

Porém, é no século XIX que a revista ganha maior espaço, inicialmente na Europa e Estados Unidos, como reflexo do aumento dos índices de escolarização, tendo em vista uma parcela da população que queria se instruir, mas não se interessava pela leitura de livros. Com a crescente modernização das gráficas naquele período, as revistas começam a ter um aumento significativo nas tiragens e a inserir imagens juntamente com os textos, os quais tratavam, normalmente, de informações sobre os avanços científicos da época e sobre as consequências disso na vida da população em geral, a qual começava a ter acesso aos conhecimentos. É nesse contexto que os anúncios começam a ser inseridos nas revistas, financiando os seus custos de produção.

É ainda no século XIX que a revista busca se situar entre o livro e o jornal. De início, monotemáticas, para depois passarem a tratar de temas diversos. Outra tendência das revistas da época é o direcionamento a uma única área do conhecimento, o que ocorre com as revistas literárias e científicas, dando origem a revistas especializadas, ligadas a determinadas profissões ou temas técnicos.

Scalzo (2003) relata ainda que é em 1923, com o lançamento da *Time*, que surge a primeira revista semanal de notícias. Organizada em seções, tinha o objetivo

de informar com concisão os principais acontecimentos da semana. Anos mais tarde, em 1936, é lançada a *Life*, primeira revista semanal ilustrada. Com os mesmos objetivos da *Time* e impressa em papel de melhor qualidade e formato maior, inseria imagens juntamente aos textos.

Para Scalzo (2003), a história das revistas no Brasil, assim como da imprensa de qualquer lugar, é influenciada pela história econômica e da indústria no país. No caso do Brasil, as revistas surgem no país no início do século XIX, com a vinda da corte portuguesa. A primeira revista de que se tem registro no Brasil denominou-se *As Variedades* ou *Ensaio de Literatura*, datada de 1812, em Salvador, Bahia. Direcionada à elite, tratava de costumes da sociedade da época, novelas, resumos de viagens, excertos de poesias clássicas portuguesas, anedotas, informações gerais. Mais tarde, com o avanço científico-tecnológico e a crescente industrialização do início do século XX, as revistas começam a se profissionalizar, ampliam suas publicações para diferentes públicos, apresentando maior requinte visual. As publicações, nesse período, classificam-se como revistas de variedades ou de cultura. A *Revista da Semana*, na categoria de variedades, publicada em 1900, era especializada em reconstituições de crimes, uma das primeiras a utilizar imagens sistematicamente. Na categoria de cultura, *Klaxon*, publicada por um grupo de intelectuais da época, priorizou a divulgação dos ideais da Semana de Arte Moderna, ocorrida em 1922.

Segundo a autora, é somente a partir de 1960, como a nova aceleração do desenvolvimento da indústria, que as revistas passam a ser reconhecidas como bons veículos para a publicidade. A partir de então, as revistas começam a apresentar marcada segmentação, atendendo a públicos cada vez mais específicos, como, por exemplo, homens que se interessavam por carros (lançamento da revista *Quatro Rodas*, em 1960), ou, ainda, mulheres que buscavam saber sobre moda e moldes de roupas para se fazer em casa (como é o caso da revista *Manequim*, lançada em 1959). Essa segmentação se intensifica cada vez mais, gerando revistas para públicos distintos: revistas eróticas, ou que tratam de saúde, de música, de esportes, de cozinha, para faixas etárias específicas, entre outras.

Scalzo (2003) destaca que, uma das diferenças da revista em relação aos outros veículos de comunicação, diz respeito ao estabelecimento de maior vínculo com o público leitor, seja por meio de pesquisas qualitativas ou quantitativas, seja por meio de telefone, *cartas do leitor*, *emails* enviados à redação, ou, ainda,

atualmente, por intermédio de redes sociais. A revista, assim, estabelece uma relação mais estreita com seu público do que outros meios de comunicação.

Outro ponto diferencial da revista está em seu formato propriamente dito. De porte pequeno, cabendo em uma bolsa, apresenta maior durabilidade, utiliza papel e impressão de qualidade, não suja as mãos como o papel do jornal. Por motivos econômicos (melhor aproveitamento do papel), o formato mais comum é o de 20,2cm x 26,6cm, tamanho da revista *Veja*, por exemplo.

Quanto à periodicidade, há revistas semanais, quinzenais ou mensais, o que também acaba sendo um diferencial desse veículo em relação a outros. Isso interfere sobremaneira na atividade jornalística desse setor. Ao invés de focalizar informações “quentes”, factuais, a revista busca explorar novos ângulos, notícias mais exclusivas, explicadas de maneira mais aprofundada. Relativamente distanciada do tempo real da notícia, “a publicação de periodicidade mais larga obriga-se a não perecer tão rapidamente, a durar mais nas mãos do leitor. É por isso que a notícia *nua e crua* nunca teve lugar de destaque em revistas” (SCALZO, 2003, p. 42, grifos da autora). Além disso, as revistas, segundo a autora, espelham aspectos culturais, estilos de vida, grau de modernização de um país, e, por vezes, incentivam o consumismo.

Atualmente, outro aspecto observável na evolução da revista, de acordo com a pesquisa de Scalzo (2003), diz respeito ao fenômeno denominado “segmentação da segmentação”. Por exemplo, para um público francês especificamente interessado em publicações que tratem da História, surgem revistas mensais que tratam de temas específicos, como sobre a Guerra da Argélia, ou somente sobre assuntos relacionados a Napoleão. Ou, ainda, seguindo essa tendência de segmentação, empresas produzem suas próprias revistas para se comunicar com seus clientes potenciais e funcionários (como ocorre atualmente com revistas de companhias aéreas ou automobilísticas, por exemplo). Assim, os tipos de segmentação mais comuns são por gênero, idade, geográfica e por tema.

Com a relativa estabilização da economia nas últimas décadas, as classes C e D se inserem como potencial público consumidor. De olho nesse novo público, algumas revistas começam a publicar títulos mais populares. Segundo Scalzo (2003), “mesmo tendo esse mercado crescido nos últimos anos com a entrada de revistas mais populares, ele ainda é pequeno. No Brasil leem-se 3, 5 revistas *per*

capita por ano, enquanto nos Estados Unidos são 30 e na Escandinávia, 60” (SCALZO, 2003, p. 48).

Acerca do estilo da linguagem, Vilas Boas (1996) afirma que, embora abominados em textos de jornais impressos, nas revistas é recorrente o uso de recursos como neologismos, coloquialismos, gírias. Nesse mesmo sentido, Scalzo (2003) afirma que é o público leitor específico, ao qual se dirige cada revista, que define o estilo da linguagem dos textos. Para ela, “cada revista tem sua voz própria, expressa na pauta, na linguagem e em seu projeto gráfico” (SCALZO, 2003, p. 66, grifo da autora).

Vilas Boas (1996) afirma que a periodicidade se constitui como um fator determinante do estilo das revistas. Normalmente, a revista apresenta certa liberdade para se apropriar de algumas formas literárias, em busca de elaborar um jornalismo que diagnostica, investiga e interpreta. Ritmo, clareza, concisão técnica, inspiração e criatividade são marcas desse segmento jornalístico. Além disso, “as revistas semanais, ainda que mais refinadas, acabaram também descobrindo padrões de texto, que as diferenciam entre si” (VILAS BOAS, 1996, p. 101). Acerca da evolução tecnológica e os reflexos disso, Vilas Boas (1996) considera, ainda, que “as revistas semanais, independentemente das embalagens, também entenderão que a competição tecnológica (e plástica) exigirá qualidade em todos os sentidos: gráfica, técnica, artística, visual e de texto” (VILAS BOAS, 1996, p. 107).

Especificamente sobre a **Veja**, seu contexto e sua inserção no campo jornalístico brasileiro, destacamos que a revista foi lançada em 11/09/1968 pelos jornalistas Roberto Civita e Mino Carta. Trata-se de uma revista publicada semanalmente pela Editora Abril. Quanto ao seu conteúdo temático, *Veja* normalmente focaliza temas de abrangência nacional e internacional, relacionados à política, à economia e à cultura. Esporadicamente, trata também sobre tecnologia, ciência, ecologia, religião.

Conforme já citado, a revista *Veja*, publicada nos moldes da americana *Time*, além de ser a revista mais vendida no Brasil, é atualmente a quarta mais vendida no mundo. Vejamos uma imagem de uma das edições da revista:

Figura 02: Capa da revista *Veja*

Fonte: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>

Lida por todas as classes, marcadamente as classes A e B, seu maior público caracteriza-se por pessoas maduras, entre 15 e 49 anos (47%, conforme dados informados no site da própria revista). Com tiragem acima de um milhão de cópias, a maioria é composta por assinantes.

Para Vilas Boas (1996), *Veja* busca se situar no mercado editorial (e a seu público leitor) como um produto agradável e requintado. Sobre o perfil específico dessa revista, e uma de suas características, o sensacionalismo, o autor afirma:

O sucesso de um indivíduo, um grupo, uma instituição são alguns dos fatores que garantem um clima de satisfação e prazer estabelecidos pela ordem social. Luxo, alta posição social, feitos extraordinários, beleza física e outros fatores enquadram-se no padrão *Veja* de valorização do sucesso. Dentro de sua proposta, *Veja* se mantém fiel ao seu leitor, à medida que busca sofisticação visual na escolha de personagens de uma determinada notícia. Em outras palavras, *Veja* tem uma espécie de *filosofia do agradável* (VILAS BOAS, 1996, p. 82).

Acerca do estilo⁵² da revista *Veja*, Vilas Boas (1996) considera que, além de configurar-se como uma proposta de informação aliada a entretenimento, a partir da década de 1970, houve uma tendência à padronização. Segundo o autor, “era como se a revista tivesse sido feita, do princípio ao fim, pela mesma pessoa” (VILAS BOAS, 1996, p.34). Mais tarde, investiu-se na personalização dos textos, privilegiando um maior número de textos assinados. Além disso, para Vilas Boas, o texto de qualquer revista esconde sempre uma tendência, a qual espelha as inclinações de seus leitores. “A imparcialidade, por excelência, também não existe nas revistas semanais de informação” (VILAS BOAS, 1996, p. 86).

Em nossa análise, observamos que, apesar de fundada como uma publicação de princípios esquerdistas (buscando, na época, resistir à ditadura militar), a partir da década de 1990, a revista *Veja* passa a adotar gradativamente ideias associadas ao liberalismo e às políticas direitistas, o que pode ser notado ao observarmos posicionamentos adotados em alguns de seus textos, os quais se configuram em gêneros diversos, como por exemplo, a reportagem, o editorial, a entrevista, a *carta do leitor*, e a notícia.

Observamos, ainda, que, desde 2009, *Veja* liberou o acesso a todas as suas edições, desde a primeira, de setembro de 1968. Esses dados estão disponíveis em sua página na internet⁵³. A revista circula socialmente tanto em uma versão impressa, quanto em uma versão *online*. Sendo assim, a seguir, passamos a tratar especificamente do **jornalismo na internet**.

Como já dito, as esferas sociais estabilizam e orientam os gêneros discursivos. Na esfera jornalística não é diferente. Para que possam circular socialmente, os gêneros valem-se de suportes e mídias diversas. Extremamente vinculados às especificidades de cada esfera, a constituição e o funcionamento dos gêneros discursivos também são influenciados pelas mídias. Conforme Rodrigues,

A força da mídia, seu papel, manifesta-se de tal forma no jornalismo que se costuma falar na constituição de diferentes modalidades jornalísticas – denominadas de jornalismo impresso, jornalismo televisivo, jornalismo radiofônico, jornalismo *online* – e na influência entre elas (RODRIGUES, 2001, p. 83).

⁵² Vilas Boas (1996) entende *estilo* como escolhas enunciativo-discursivas.

⁵³ <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>

A história do jornalismo brasileiro na internet, conforme Pernisa Junior e Alves (2010), começa em 1995, com a publicação do *Jornal do Brasil* na web. Depois disso, diversos outros grandes jornais e revistas seguiram os mesmos passos e, em pouco tempo, até mesmo jornais regionais lançavam suas versões *online*. De início, a versão *online* era praticamente igual à impressa. Porém, logo começaram a perceber que a internet possibilitava o uso de outros recursos diversificados, como a inserção de imagens, vídeos, sons, hipertexto, por exemplo.

Da mesma forma, Ferrari (2012) considera que “o aprofundamento dos textos por meio de hipertextos, atualização permanente, convergência de conteúdos e formatos e a possibilidade de personalização do noticiário são vantagens do jornalismo digital” (FERRARI, 2012, p. 108).

Assim, dadas essas especificidades da esfera jornalística, cabe ressaltar o papel da mídia e sua relação com esse campo. Rodrigues (2001), nesse sentido, compreende que

Tanto os gêneros como a própria atividade jornalística estão vinculados organicamente a determinadas condições sociais e midiológicas, uma vez que as mídias não são apenas simples meios de estocagem e transmissão do discurso, mas lhes são constitutivas (RODRIGUES, 2001, p. 82).

Para a autora, o desenvolvimento tecnológico provocou, na esfera jornalística, especialmente, uma fundição de recursos multimídias e internet. A partir disso, observamos que a mídia também é fator que exerce influência na constituição e no funcionamento do gênero.

De fato, com o acelerado desenvolvimento tecnológico nas últimas décadas, houve uma convergência de diferentes mídias, o que pode ser observado com a Internet, pois “a Internet, como novo suporte de circulação, como nova mídia eletrônica, também afeta a esfera jornalística, as diferentes modalidades jornalísticas e os gêneros do discurso” (RODRIGUES, 2001, p. 85).

Acerca das denominações diversas dadas a esse campo de atividade humana, Rodrigues considera:

Por ser este *jornalismo digital* uma modalidade em força de construção, essa nomeação às vezes parece insuficiente, pois o que se tem, na verdade, é um texto eletrônico, processado digitalmente e teletransportado. Daí decorrem diferentes nomeações para essa nova modalidade em construção e para seus elementos constitutivos, como jornalismo multimídia, *Web journalism*, *online journalism*; jornal

digital; jornal *online*; periodismo digital; jornalista virtual; *eletronic journalist*; *e-journalist*, *Net-reporter*; *Web journalist*, *online journalist still*, etc. (RODRIGUES, 2001, p. 86, grifos da autora).

Embora ainda não haja consenso acerca de denominações, consideramos que, vinculadas ao jornalismo impresso, as mídias digitais interferem significativamente na constituição e no funcionamento dos gêneros que circulam na esfera jornalística.

Ferrari (2012), ao tratar desse tema assevera que “a maioria dos *sites* jornalísticos surgiram como meros reprodutores do conteúdo em papel. Apenas numa etapa posterior é que começaram a surgir veículos realmente interativos e personalizados” (FERRARI, 2012, p. 24). Segundo a autora, o primeiro *site* jornalístico brasileiro foi criado em maio de 1995, denominado *Jornal do Brasil*, seguido pela versão *online* do jornal *O Globo*.⁵⁴ Considerada atualmente uma mídia de massa, a popularização da Internet começou a influenciar na constituição de produtos cada vez mais interativos e com qualidades atrativas para o público: custo zero, grande abrangência de temas e personalização. Tendo em vista o potencial das novas mídias como instrumento essencial para o jornalismo contemporâneo, a autora considera ainda que “a informação não cabe mais nesse molde histórico e aponta para algo novo, não é mais a transmissão de conteúdos que está em jogo, mas a definição de formas de transmitir” (FERRARI, 2012, p. 35).

As possibilidades de disponibilização de conteúdo no jornalismo *online*, diferentemente do impresso, são muito mais diversificadas: pode-se adicionar sequências de vídeos, áudio e ilustrações animadas, por exemplo. Para Ferrari (2012), além da necessidade de trabalhar com vários tipos de mídia, o jornalismo multimídia apresenta uma visão multidisciplinar, pressupõe domínios de vários apetrechos tecnológicos e uma agilidade impensável nos veículos impressos. Sendo assim,

O texto *online* deve estar numa linha entre o jornalismo impresso e o eletrônico. É mais conciso e multimídia que o impresso, porém mais literal e detalhado que o de TV, por exemplo [...] Um bom texto de mídia eletrônica usa sentenças concisas, simples e declarativas, que

⁵⁴ Segundo a autora, “para entender o surgimento dos portais brasileiros na segunda metade da década de 90, é necessário olhar um pouco a história da imprensa brasileira, composta por grandes conglomerados de mídia, na maioria oriundos de empresas familiares. Esses grupos detêm, também, a liderança entre os portais – e por isso são informalmente chamados de “barões da internet brasileira” (FERRARI, 2012, p. 25-26).

se atêm a apenas uma ideia. Evitam-se longos períodos e frases na voz passiva (FERRARI, 2012, p. 52).

Usar esses conceitos, segundo a autora, facilita a leitura e prende a atenção do leitor. Outro aspecto diz respeito à tendência à concisão em grande parte dos textos *online*, em comparação aos impressos. Isso se justifica, de acordo com Ferrari (2012), dada a existência de diversos recursos disponíveis na Internet, como a possibilidade da inserção de *links* que criam profundidade no conteúdo. Porém, isso apresenta variações, dados os diferentes gêneros que se apresentam na mídia *online*, como por exemplo, no caso de uma reportagem. Havendo mais dados, tanto o texto, quanto o número de *links* que levarão a galerias de fotos, vídeos, etc. serão maiores, no intuito de tornar a leitura mais leve e agradável. Nesse sentido, Ferrari explica que

Nos Estados Unidos, convencionou-se chamar o novo jornalismo decorrente da mídia digital de *narrowcasting* – o específico, o personalizado, enfim, a informação dirigida ao indivíduo. A grande diferença entre a mídia tradicional impressa e a digital passa pelo seguinte conceito: a tradicional tem como objetivo falar com uma grande quantidade de pessoas; oferecer conteúdo jornalístico capaz de agradar, por exemplo, mais de um milhão de assinantes da maior revista semanal brasileira [...] A mídia digital, nascida graças aos avanços tecnológicos e à solidificação da era da informação, consegue atingir o indivíduo digital – um único ser com suas preferências editoriais e vontades (FERRARI 2012, p. 57).

Observamos, a partir dessa explanação, que há diferenças consideráveis entre o jornalismo impresso e o jornalismo *online*, no que se refere às possibilidades de interação que ocorrem nesse contexto. Como, por exemplo, embora um mesmo artigo de Lya Luft seja publicado tanto na revista *Veja* impressa, quanto na sua versão *online*, as possibilidades de um leitor assumir atitude responsiva frente ao que essa colunista diz são diferentes em cada mídia.

Na Internet, gêneros se reconfiguram com maior rapidez, ou, ainda, novos gêneros surgem, assumem novos papéis, segundo as exigências de interação e possibilidades de constituição possibilitadas por essa mídia. Observamos, também, que uma análise sobre as (re)configurações dos gêneros face às novas mídias é um espaço ainda aberto, dado o seu processo em formação, em desenvolvimento.

Acerca da relação entre mídia, suporte e gênero, Rodrigues (2001) afirma:

Os suportes de inscrição e de difusão do discurso não se integram ao enunciado e ao gênero de forma contingente, mas intervêm na

sua formação [...] Os processos de produção e de interpretação dos enunciados e dos gêneros também são *afetados* pelos suportes materiais e de difusão. A produção da notícia impressa e da notícia radiofônica envolve modos de organização e de restrição diferenciados (RODRIGUES, 2001, p. 91).

Com essas palavras, observamos que a Internet, com suas especificidades, deve ser vista como uma mídia específica, a qual interfere na constituição e no funcionamento dos gêneros discursivos que ali circulam, derivando novas práticas jornalísticas, outras modalidades de interação, com novas particularidades e potencialidades, como destacamos a seguir.

3.1.2.1 Gêneros do discurso na esfera jornalística

Como vimos, as esferas sociais funcionam como princípios organizadores dos gêneros discursivos. Além disso, cada uma delas apresenta um repertório de gêneros que correspondem a situações de interação típicas e relativamente estáveis. Sobre isso, Rodrigues afirma:

A constatação de que as características particulares da constituição e do funcionamento dos gêneros estão vinculadas às especificidades da comunicação discursiva das diferentes esferas sociais onde se situam, torna as esferas sociais um critério pertinente para o estabelecimento de uma proposta para a organização (agrupamento) dos gêneros (RODRIGUES, 2001, p.71).

Com essas palavras, entendemos que cada domínio da comunicação social funciona como critério para a organização dos gêneros discursivos. Todas as esferas apresentam (e orientam, como dito) tipos relativamente estáveis de enunciados que lhes são típicos, como é o caso do campo jornalístico. Sem pretender exaurir a questão, a seguir, buscamos situar brevemente algumas das principais pesquisas que tratam dos gêneros discursivos próprios da esfera jornalística.

Os estudos acerca dos gêneros da esfera jornalística, conforme afirma Seixas (2009), ganham corpo por volta de 1950, na Europa, a partir de José Luiz Martínez Albertos (1974), da Universidade de Navarra, na Espanha. Marques de Melo & Assis (2010) consideram, ainda, as contribuições de estudos posteriores sobre essa área de Jorge Fernández (Equador), Raul Tetelowska (Polônia), Luiz Beltrão (Brasil),

Amália Dellamea (Argentina), Raul Rivadeneira Prada (Bolívia), Ana Francisca Aldunate (Chile), Juan Gargurecivh (Peru) e Guillermina Baena (México).

No contexto brasileiro, as primeiras pesquisas sobre os gêneros jornalísticos datam da década de 1960, com as publicações de Luiz Beltrão: *A Imprensa Informativa*, 1969; *Jornalismo Interpretativo*, 1976; e *Jornalismo Opinativo*, 1980. Em 1985, o livro *Jornalismo Opinativo*, derivado da tese de livre docência de Marques de Melo, discípulo de Luiz Beltrão, apresenta outra contribuição para essa área de estudos.

Para Marques de Melo, “os gêneros jornalísticos não são estáticos. Ao contrário, possuem tendência híbrida e dialética” (MARQUES DE MELO e ASSIS, 2010, p. 107). Essa afirmação contrasta com a divisão inicial dos gêneros jornalísticos feita por Beltrão, com base em seus estudos desde a década de 1960, a partir da qual estes eram classificados como informativos, interpretativos, ou opinativos. Marques de Melo & Assis (2010), propõem, assim, nova classificação dos gêneros e seus “formatos”⁵⁵ : *Jornalismo Informativo* (formato: Nota, Notícia, Reportagem e Entrevista); *Jornalismo Interpretativo* (formato: Dossiê, Perfil, Enquete e Cronologia); *Jornalismo Opinativo* (formato: Editorial, Comentário, Artigo, Resenha, Coluna, Crônica, Caricatura e Carta); *Jornalismo Diversional* (formato: Histórias de interesse humano; História colorida); *Jornalismo Utilitário* (formato: Indicador, Cotação, Roteiro, Serviço). Marques de Melo defende ainda que “os gêneros jornalísticos sofrem influência direta da cultura em que se inserem, seja em local ou em tempo diferente” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 13). Além disso, essa divisão advém “das especificidades do relato jornalístico e de sua aderência a um sistema que os diferencia por gêneros, formatos e tipos, determinados pelos antigos e novos suportes” (MARQUES DE MELO & ASSIS, 2010, p. 23).

Chaparro (2000), considerando estudos de Marques de Melo sobre as imprensas brasileira e portuguesa, busca identificar a evolução dos gêneros jornalísticos, no intuito de elaborar uma proposta conceitual e classificatória. Com base nas ciências da linguagem, recorrendo especialmente à Pragmática⁵⁶ e ao

⁵⁵ Para o autor, cada uma das cinco divisões apresenta *formatos* de gêneros diferentes. Como podemos observar, essa classificação, em sua maioria, se dá a partir da principal tipologia textual de cada gênero.

⁵⁶ Conforme Chaparro, ele opta pela Pragmática “por se considerar que aí se situa o entendimento preferencial que temos do jornalismo – linguagem macrointerlocutória que, tendo em vista a preservação e o aperfeiçoamento da vida humana, realiza e viabiliza intervenções interessadas na atualidade” (CHAPARRO, 2000, p.118).

entendimento da linguagem como modo de interação social, defende que “os gêneros são formas de discurso” (CHAPARRO, 2000, p. 114). Para este autor, os gêneros jornalísticos se classificam em duas categorias, com os princípios de relatar e de comentar a atualidade, não havendo uma divisão entre o jornalismo opinativo e informativo (diferentemente da divisão proposta anteriormente por Marques de Melo), sendo que as duas apresentam opinião e informação. A primeira, denominada pelo autor como *Gênero comentário*, subdivide-se em *espécies argumentativas* (artigo, crônica, cartas e coluna), e *espécies gráfico-artísticas* (caricatura, charges). A segunda, denominada *Gênero relato*, subdivide-se em *espécies narrativas* (reportagem, notícia, entrevista e coluna), e *espécies práticas* (roteiros, indicadores, agendamentos, previsão do tempo, cartas-consulta, orientações úteis).

Todas essas classificações, ao que nos parece, fundamentam-se na separação entre forma e conteúdo, optando pela divisão por temas, relacionando-os com a realidade (informação e opinião) e valorizando a intencionalidade do locutor (informar, interpretar, opinar, entreter). Embora procurem estabelecer vínculos com a geografia, com o contexto social, econômico, político (mesmo que de maneira superficial), focalizam, na classificação, a estrutura composicional dos gêneros e certo caráter descritivo.

Assim, conforme Bonini (2004), embora encontremos diversos trabalhos sobre gêneros do jornalismo, quando há tentativas de classificação desses gêneros, o que se encontra são referências a alguns enunciados mais característicos desse campo, como a notícia, a reportagem e o editorial. Há, segundo o autor, uma carência de estudos que tratem do todo, de modo que alguns aspectos permanecem não esclarecidos.

Ao abordar as diferentes tentativas de classificação dos gêneros jornalísticos, Marques de Melo (1994) considera:

Se os gêneros são determinados pelo estilo e se este depende de uma relação dialógica que o jornalista deve manter com o seu público, aprendendo seus modos de expressão (linguagem) e suas expectativas (temáticas), é evidente que a sua classificação restringe-se a universos culturais delimitados (MARQUES DE MELO, 1994, p. 33)

Com essa afirmação, Marques de Melo chama a atenção para a dificuldade de se categorizar, classificar os gêneros jornalísticos, tendo em vista suas constantes mudanças e sua inserção em diferentes universos culturais e campos da comunicação. Para o autor, os gêneros dessa esfera são determinados pelo modo de produção jornalística e pelas manifestações culturais de cada sociedade. Assim, determinar uma classificação universal é impossível, uma vez que estão sempre em mudança. A nosso ver, o que tem ocorrido são tentativas de aproximação de propósitos comunicativos, tendo em vista determinadas contextos culturais, situados em determinado tempo e espaço.

Em pesquisa que realizamos no Portal de Teses da Capes⁵⁷, em busca de dissertações e/ou teses que tratassem sobre *gêneros jornalísticos*, obtivemos o resultado de 57 registros. Não encontramos, no entanto, em nenhum destes trabalhos, a tentativa de explicação geral dos princípios de funcionamento dos gêneros da esfera jornalística. O que há são trabalhos que analisam situações específicas de interação de uma revista ou de um jornal, ou sobre personalidades marcantes no contexto jornalístico brasileiro. Além disso, alguns focalizam características como a multimodalidade, ou perspectivas de trabalho com estes enunciados em sala de aula, ou, ainda, analisam um gênero jornalístico e sua circulação em uma mídia específica, a partir de diferentes perspectivas teóricas. Não há, portanto, o registro de nenhum trabalho que explicita o funcionamento geral dos gêneros nessa esfera. Cabe ressaltar que a escolha por essas delimitações, contudo, não tira o mérito desses trabalhos, sendo excelentes recursos para pesquisas.

Conforme apontamos nessa seção, embora tenhamos encontrado diversas tentativas de classificação dos enunciados característicos do campo jornalístico, acreditamos, concordando com Bonini (2004) que “o desafio não está tanto na classificação e sim na proposição de critérios dessa classificação [...] A classificação, então, via comparação dos gêneros, tem um objetivo inequívoco de discernir certas modalidades, levantando critérios que as diferenciam e as aproximam” (Apud MARCUSCHI, 1996, p. 21). Ao que nos parece, uma organização de uma classificação geral dos gêneros da esfera jornalística (assim como de qualquer outra esfera) que considere as relações dialógicas desses enunciados se constitui em

⁵⁷ <http://bancodeteses.capes.gov.br/>

uma tarefa muito complexa (e ainda por fazer), uma vez que os gêneros estão em constante transformação, tendo em vista sua plasticidade e as novas exigências de interação que se apresentam a cada momento. Todavia, ousamos apresentar, a seguir, a configuração do gênero *carta do leitor*, foco dessa pesquisa.

3.1.2.2 O Gênero *carta do leitor*

Conforme visto, os enunciados se constituem como unidades reais e concretas da comunicação nas mais diversas esferas sociais. No entanto, embora possuam propriedades comuns e fronteiras bem definidas (determinadas pela alternância dos sujeitos e seus discursos), os gêneros discursivos apresentam variações, especificidades, em função das diferentes situações de uso e da esfera social em que se situam. Assim, vinculada a uma esfera específica da comunicação humana - a esfera jornalística - está a *carta do leitor*, que, quanto a sua constituição e seu funcionamento, se estabiliza de acordo com as situações sociais de interação.

Segundo Pastana (2007), o gênero *carta* existe desde 4000 a.C. Algumas das marcas na construção composicional desse gênero na atualidade remetem ainda à estrutura proposta pela escola de Bologna, no século XII, como, por exemplo, a saudação e a identificação inicial do interlocutor, a referência ao intuito da carta no corpo do texto, além da saudação final e identificação do locutor.

No Brasil, conforme Marques de Melo e Assis (2010), a *carta do leitor* surge no século XIX, e, por meio dela, os leitores passam a se manifestar sobre os diferentes assuntos veiculados nos jornais da época, ou sobre pautas que não tiveram espaço. Segundo o autor, a adoção de “uma seção de cartas vai dar aos impressos, também, a oportunidade de conhecer o pensamento do público, e a evolução desse formato vai possibilitar o nascimento de inúmeras formas de interatividade nos mais diversos suportes midiáticos” (MARQUES DE MELO e ASSIS, 2010, p. 107).

Cada gênero possui finalidades específicas de interação. Silva⁵⁸ (1997), ao analisar cartas em geral, observa que este gênero apresenta variados tipos de comunicação (pedido, agradecimento, informações, cobrança, intimação, notícias

⁵⁸ Mesmo cientes de que Silva (1997) trabalha numa perspectiva mais próxima da Pragmática e da Linguística Textual (portanto, numa perspectiva diferente da nossa, que se insere na Análise Dialógica do Discurso), nos valem de suas pesquisas sobre cartas pessoais no sentido de estabelecer uma comparação com as *cartas do leitor*.

familiares, etc.), apresentam funções comunicativas diversas (nos negócios, nas relações pessoais, no trabalho, etc.), dependendo do campo da comunicação em que se situam. Essas variações do gênero *carta* podem, de acordo com Silva (1997), serem consideradas como subgêneros do gênero maior *carta*, pois, embora diversificadas em sua realização e intenções, apresentam aspectos em comum, em especial, sua construção composicional peculiar: a seção de contato, o desenvolvimento da carta e a seção de despedida. No entanto, dadas as diversas formas de interação mediadas por esse gênero, o aspecto formal não constitui o melhor critério para se tentar uma classificação das cartas. Para a autora, o propósito comunicativo das *cartas* é que poderiam servir como parâmetro no caso de uma categorização (carta de pedidos, carta de reclamação, carta de conselhos, etc.).

Para Silva (1997), o gênero *carta à redação* (ou a *carta do leitor*) pode ser classificado como um gênero secundário do gênero maior *carta*, caracterizando-se como uma forma específica de interação, estabelecida entre o leitor e o jornal (ou a revista, nesse caso). Mesmo sendo uma comunicação espontânea, inserida em uma revista, a *carta do leitor* passa a apresentar certa complexidade e especificidade de acordo com a situação de interação, podendo, inclusive, ser editada antes de sua publicação.

Dessa forma, observamos que o gênero *carta*, ao ser determinado pela situação, permite variadas formas de interação: desde a mais simples notícia de algum amigo que está longe, a informações sobre condomínio, ou, ainda, vantagens de um cartão de crédito. Com diferentes objetivos comunicativos, embora todas se constituam como *cartas*, não podem ser classificadas numa mesma categoria, uma vez que se inserem em diferentes campos da atividade humana, atendendo a diferentes necessidades de interação.

No caso das *cartas do leitor* selecionadas para este estudo, entendemos que seu principal propósito comunicativo se constitui em posicionar-se acerca de algum tema focalizado nos artigos de opinião de Lya Luft, como forma de se manifestar por meio da mídia, expressando sua concordância ou discordância acerca do assunto. Conforme Melo (1999), uma vez que os leitores em geral não têm privilégios junto à imprensa, as *cartas dos leitores* nas revistas apresentam-se como um espaço importante para que eles possam protestar, reivindicar tomadas de atitude. Logo, “as cartas representam o meio pelo qual as reclamações podem se tornar conhecidas e,

talvez, atendidas. Neste sentido, escrever significa fazer uso do direito à palavra. Mais do que isso, escrever significa agir” (MELO, 1999, p.19).

A partir disso, depreendemos que as *cartas do leitor* selecionadas para esse estudo se definem como um gênero secundário do gênero *carta*, uma vez que se caracterizam como um tipo específico de interação: o diálogo entre o leitor, o editor e os outros leitores da revista *Veja*. Inserido nesse contexto, este gênero apresenta características peculiares em todas as suas dimensões – conteúdo temático, estilo e construção composicional - conforme será discutido nas próximas seções desse capítulo.

Isso se justifica, de acordo com Bakhtin (2003[1979]), uma vez que a cultura de uma sociedade apresenta diversas formas de interação verbal mediadas pela linguagem, que variam de acordo com os propósitos, os quais moldam-na, garantindo a comunicação verbal.

Consideramos que as *cartas do leitor* apresentam função social significativa, ao se caracterizarem como meio de o leitor posicionar-se ideologicamente sobre enunciados anteriores, assumindo, a partir de sua voz, postura valorativa frente a temas da atualidade. Constituem-se como um gênero jornalístico de opinião, e meio a partir do qual o leitor interage e expressa sua legitimação frente a fatos políticos, econômicos e sociais, seja para denunciar, protestar, discordar ou concordar. Esse gênero discursivo exemplifica, na prática, o aspecto dialógico da linguagem conforme proposto nos escritos do Círculo de Bakhtin. Em busca da compreensão da constituição e do funcionamento desse gênero, passamos, a seguir a analisar seu cronotopo.

3.1.3 O cronotopo da *carta do leitor*

Se, conforme Bakhtin (2003 [1979]), a linguagem é compreendida como uma prática social, e que a realidade fundamental da língua é a interação verbal, entendemos que esta ocorre entre sujeitos sócio-historicamente situados. O Círculo de Bakhtin, desde as publicações da década de 1920, já observava que todo enunciado apresenta um contexto, localizado em um determinado espaço e tempo, apresentando, portanto, cronotopo específico. Se, de acordo com Bakhtin (2008[1965]; 2010b[1975]), o *cronotopo* é a porta de entrada para a análise do gênero, uma vez que é compreendido como o centro de organização dos

acontecimentos espaço-temporais, a seguir, passamos a uma análise desse conceito, tendo em vista as condições sociais específicas que orientam a *carta do leitor* na contemporaneidade.

3.1.3.1 As condições sócio-históricas da *carta do leitor* na contemporaneidade, considerando o conceito de cronotopo

Conforme já afirmado, a noção de cronotopo, ao perscrutar os processos históricos dos acontecimentos situados temporal e espacialmente que permeiam os enunciados, colabora sobremaneira para a compreensão ampla de seu sentido.

Com relação às projeções do tempo e suas orientações quanto à constituição e ao funcionamento das *cartas do leitor* na modernidade, observamos que este gênero se localiza (e, em função disso, se orienta) em um período de acentuado desenvolvimento tecnológico, principalmente nas duas últimas décadas, o que determina grandes mudanças no campo jornalístico.

Sobre a modernidade, como uma época de transição, e suas denominações, Giddens observa:

Uma estonteante variedade de termos tem sido sugerida para esta transição, alguns dos quais se referem positivamente à emergência de um novo tipo de sistema social (tal como a “sociedade de informação” ou a “sociedade de consumo”), mas cuja maioria sugere que, mais que um estado de coisas precedente, está chegando um encerramento (“pós-modernidade”, “pós-modernismo”, “sociedade pós-industrial”, e assim por diante) (GIDDENS, 1991, p. 8).

Independentemente de como se denomine, para Giddens (1991), é fato que os modos de vida produzidos pela modernidade não tem precedentes. Tanto em sua extensão, quanto em sua intensidade, “as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes” (GIDDENS, 1991, p. 10). Acerca da extensão, essas transformações estabeleceram, por exemplo, formas de interação social que cobrem o globo; em termos de intensidade, as transformações alteraram até mesmo características de nossa existência mais cotidiana.

Giddens (1991) afirma que, na modernidade, a reflexividade assume um caráter diferente, que consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas. Segundo o autor, “em condições de modernidade, uma

quantidade cada vez maior de pessoas vive em circunstâncias nas quais instituições, ligando práticas locais a relações sociais globalizadas, organizam os aspectos principais da vida cotidiana” (GIDDENS, 1991, p. 73). Além disso, “qualquer tentativa de capturar a vivência da modernidade deve partir da visão, que deriva, em última instância, da dialética do tempo e do espaço, tal como expressa na constituição tempo-espaço das instituições modernas” (GIDDENS, 1991, p. 124).

Com o desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação, Giddens (1991) entende que houve uma relativa separação entre as dimensões de tempo e espaço, o que provocou, como consequência, uma reorganização das relações sociais. Ao analisarmos a situação de interação do gênero *carta do leitor*, observamos que as tecnologias geraram um novo cronotopo, na medida em que deslocaram uma prática social estabilizada para outras situações de interação mediadas pelas novas mídias.

Para Giddens (2002), “a modernidade é uma ordem pós-tradicional, mas não uma ordem em que as certezas da tradição e do hábito tenham sido substituídas pela certeza do conhecimento racional” (GIDDENS, 2002, p. 10). O autor considera a dúvida como uma característica que permeia a vida moderna, constituindo uma dimensão existencial do mundo social contemporâneo. Nesse sentido, todo conhecimento toma, inicialmente, a forma de hipótese, por princípio, aberto a revisão. Além disso, “a modernidade é uma cultura do risco⁵⁹ [...] Nas condições da modernidade, o futuro é continuamente trazido para o presente por meio da organização reflexiva dos ambientes de conhecimento” (GIDDENS, 2002, p. 11). Com base em tais palavras, entendemos que as *cartas do leitor*, como práticas sociais de interação, também se caracterizam como um campo de *riscos*, na medida em que os locutores, ao elaborarem seus enunciados, expõem suas dúvidas, incertezas, “filtradas por sistemas abstratos institucionalizados” (GIDDENS, 2002, p. 12), no caso, as revistas, tanto em sua versão impressa, quanto *online*.

A partir disso, podemos afirmar que a *carta do leitor* funciona no campo cronotópico da alta modernidade ou modernidade tardia, e que este, considerando sua localização espaço-temporal, revela a imagem de um sujeito situado, com uma

⁵⁹ Para o autor, “a modernidade reduz o risco geral de certas áreas e modos de vida, mas ao mesmo tempo introduz novos parâmetros de risco, pouco conhecidos ou inteiramente desconhecidos em épocas anteriores. Esses parâmetros incluem riscos de alta consequência, derivados do caráter globalizado dos sistemas sociais da modernidade. O mundo moderno tardio – o mundo do que chamo de alta modernidade – é apocalíptico não porque se dirija inevitavelmente à calamidade, mas porque introduz riscos que gerações anteriores não tiveram que enfrentar (GIDDENS, 2002, p.11-12).

determinada visão da história, das pessoas, do mundo. Nessa situação cronotópica específica, as influências das interações distantes sobre as próximas se tornam cada vez mais comuns, alterando sobremaneira as relações e práticas sociais. Essas relações, que ocorrem no mundo do locutor e de seus interlocutores, se justificam, conforme Bakhtin (2010b[1975]), uma vez que o caráter geral do cronotopo é dialógico.

Considerando a evolução tecnológica e suas consequências na alta modernidade, no que se refere à constituição e ao funcionamento dos enunciados da esfera jornalística brasileira atual, o que observamos é que novas formas de interação verbal propiciadas pela internet produzem outras formas de uso da linguagem. É o que ocorre com o gênero *carta do leitor*. Ao se inserir em outra mídia, apresenta novas orientações, o que causa alterações em seu estilo, tema e construção composicional⁶⁰.

Assim, como já dito, todo gênero se situa em determinado cronotopo, engendrando-se a partir de certo horizonte espacial e temporal, possui determinadas orientações ideológicas e apresenta locutor e interlocutor situados num contexto específico de interação.

Os enunciados, em todas as suas dimensões, refletem os acontecimentos de uma época e de um lugar, a partir da voz de um sujeito situado. Nesse sentido, tanto a análise da situação social de interação mais ampla, inserida na esfera jornalística, quanto da situação específica, contribuem para o entendimento do horizonte espacial que orienta a *carta do leitor*. Relacionado ao horizonte temporal, a periodicidade da *carta do leitor*, ao se constituir como uma publicação semanal na revista impressa, e livre na versão da revista *online*, é fator relevante. É o que veremos ao tratar do lugar de ancoragem da *carta do leitor* na revista e sua periodicidade.

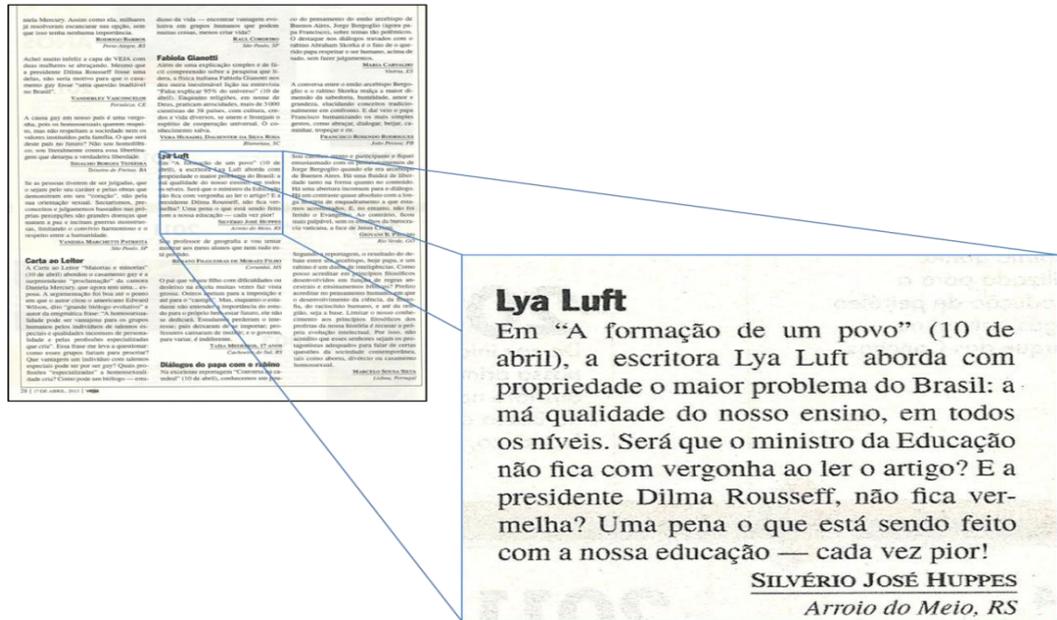
3.1.3.2 O lugar de ancoragem da *carta do leitor* na revista e sua periodicidade

Com relação ao espaço em que é disponibilizada a *carta do leitor* na revista *Veja*, observamos que elas são publicadas em seções específicas em um e em outro caso. Quanto ao lugar em que se situam as *cartas do leitor* na revista *Veja*

⁶⁰ Aspectos a serem analisados na próxima seção desse trabalho.

impresa, elas são encontradas disponibilizadas numa seção denominada “Leitor”, normalmente situada no início da revista, logo após a seção de entrevista, conforme destacado na imagem a seguir:

Figura 03: Lugar de ancoragem da carta do leitor na revista *Veja impressa*



Fonte: <http://veja.abril.com.br/>

Já na versão da revista publicada na internet⁶¹, as cartas referentes a artigos de Lya Luft⁶² são disponibilizadas numa seção do site. Ao clicar no hiperlink “Blog e Colunistas”, o internauta é direcionado para outra página, onde são dispostos os nomes de diversos colunistas da revista, dentre eles, Ricardo Setti. No *blog* de Ricardo Setti, atualizado diariamente, são disponibilizados, além de outros textos diversos, os artigos de Lya Luft e, logo abaixo de cada um deles, as *cartas do leitor*, conforme pode ser observado nas figuras a seguir. É possível, ao utilizar o campo de busca deste *blog*, acessar todos os textos de Lya Luft ali publicados e suas referidas *cartas do leitor*.⁶³

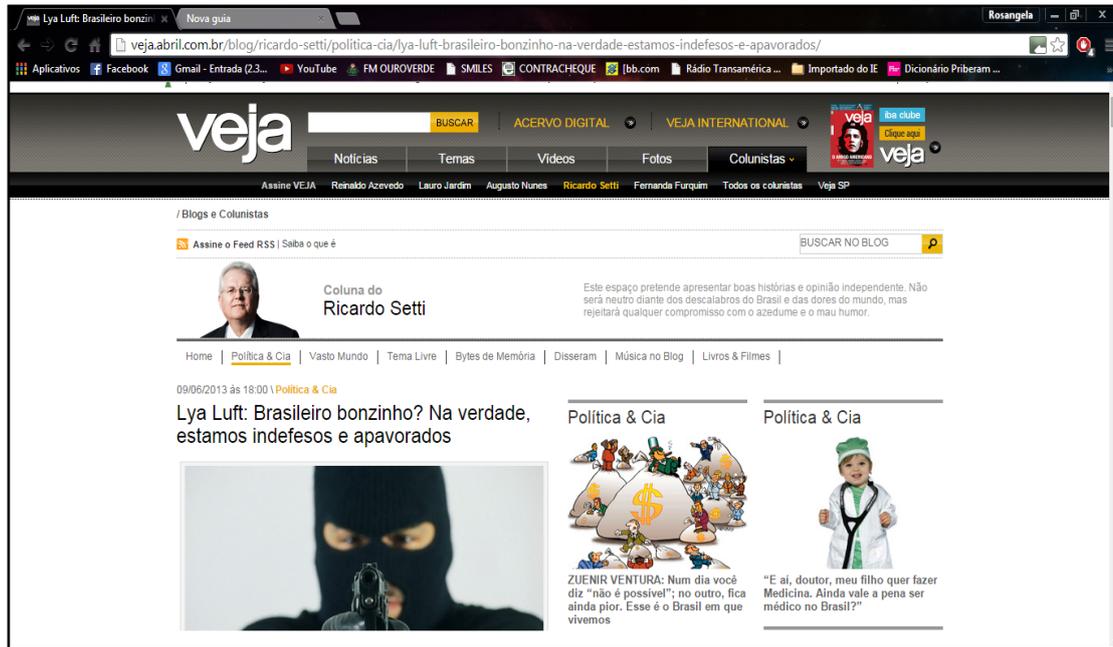
⁶¹ Disponibilizada no site <http://veja.abril.com.br/>, acesso em 10/11/2014.

⁶² Cabe ressaltar que nem todos os artigos de Lya Luft publicados na revista impressa são publicados no site da revista. Enquanto na revista *Veja impressa* Lya Luft publica artigos de opinião quinzenalmente, no site da revista, em média, somente um artigo por mês é disponibilizado.

⁶³ Logo, um dos caminhos para acessar os textos de Lya Luft (e as *cartas do leitor* referentes a eles) publicados na versão digital da revista *Veja*, é seguir, respectivamente, os passos:

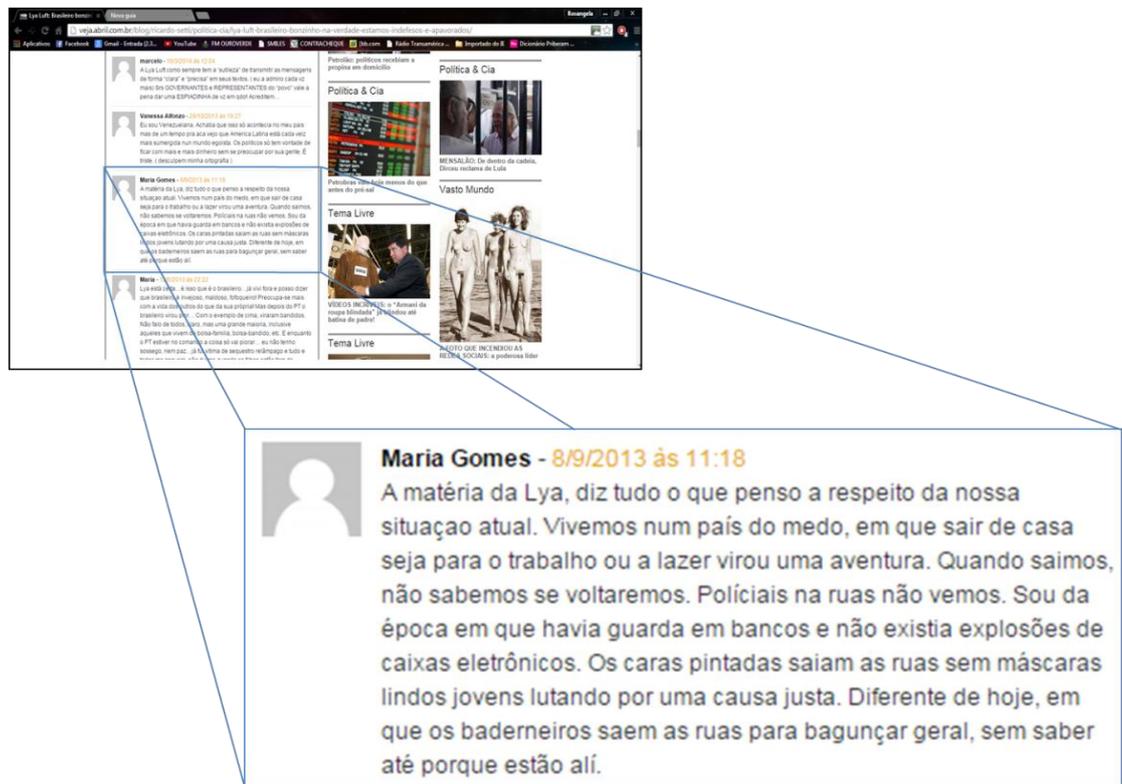
- <http://veja.abril.com.br/>
- <http://veja.abril.com.br/colunistas/>
- <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/>
- <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/?s=lya+luft>

Figura 04: Lugar de ancoragem de artigo de Lya Luft na versão *online* da revista *Veja*



Fonte: <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/lya-luft-brasileiro-bonzinho-na-verdade-estamos-indefesos-e-apavorados/>

Figura 05: Lugar de ancoragem das *cartas do leitor* na versão *online* da revista *Veja*



Fonte: <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/lya-luft-brasileiro-bonzinho-na-verdade-estamos-indefesos-e-apavorados/>

Observamos, a partir disso, que há nas revistas, assim como nos jornais, aspectos valorativos quanto à posição dos textos. Ao analisarmos o lugar em que são disponibilizadas as *cartas do leitor*, verificamos que se constitui, de fato, como um lugar em que ocorre a interação entre leitor e articulista/público leitor da revista. No caso da versão impressa, ao se situar relativamente no início da revista, identificamos, também, certo aspecto valorativo por parte da revista, ao chamar a atenção para a seção das *cartas do leitor*.

Quanto à questão da periodicidade, na revista *Veja* impressa as *cartas do leitor* são publicadas na edição seguinte à publicação de cada artigo de Lya Luft. Já na versão *online* da revista, ocorre situação diferente. O leitor pode, a qualquer momento (mesmo um ano ou mais depois), posicionar-se sobre qualquer um dos artigos de Lya Luft. Essa nova situação justifica o número expressivo de *cartas do leitor* na versão *online* da revista, em comparação ao reduzido número encontrado na versão impressa. Enquanto na revista impressa, em média, são publicadas 20 *cartas do leitor* por edição, referentes a enunciados diversos da edição anterior, já na versão *online*, há, em média, 20 enunciados relacionados a cada um dos artigos de Lya Luft. Este número reduzido de *cartas do leitor* na versão impressa se justifica, além disso, por razão de espaço, uma vez que a revista delimita, pelo menos, duas páginas para estes tipos de enunciados.

Na revista impressa, há o intervalo de uma semana entre a publicação da *carta do leitor* e o artigo de Lya Luft, ao qual se refere. Porém, uma especificidade da *carta do leitor* na edição *online* da revista *Veja* diz respeito ao fato de a interação pode ocorrer por tempo indeterminado e que estes enunciados são disponibilizados imediatamente abaixo do artigo de Lya Luft, ao qual se refere.

Com isso, observamos que a periodicidade da *carta do leitor* é maior na versão *online*, apresentando maior incidência de publicações em comparação à versão impressa, propiciando um espaço de interação diferenciado. Essas seções onde se encontra a *carta do leitor* podem ser consideradas como espaço discursivo, parte constitutiva da situação de interação, em que o leitor manifesta sua opinião, assume uma orientação valorativa e destaca sua autoria, sobre a qual tratamos na subseção seguinte.

3.1.4 A autoria

Cada enunciado, nas palavras de Bakhtin (2003[1979]), sendo algo individual, único, singular, possui um autor. No entanto, essa concepção de autoria não deve ser confundida com a pessoa física, considerando que, ao elaborar seu enunciado a partir da sua compreensão de mundo e ao estabelecer relações dialógicas com outros discursos situados em determinada esfera de comunicação, o que temos é um autor criador. Para Bakhtin, “a relação do autor é um elemento constitutivo” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 321) do enunciado. O autor do enunciado é um sujeito que participa da alternância dos discursos. Ao buscarmos compreender a constituição e o funcionamento do gênero *carta do leitor*, entendemos que uma análise da autoria deste tipo de enunciado se faz relevante.

De acordo com Bakhtin, a questão da autoria está relacionada a uma postura do autor, sua responsividade discursiva e atitudes valorativas, uma vez que “é impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 297). Nessa perspectiva, considera-se o discurso do autor criador não como uma voz direta do escritor, do autor pessoa, mas, sim, um ato refratado de uma voz⁶⁴ social.

As *cartas do leitor* selecionadas para este estudo se constituem como enunciados que buscam assumir atitude responsiva direta a dois artigos de Lya Luft, jornalista e escritora. Quanto à posição de autoria desses artigos, embora não seja um tema constante em sua obra, até mesmo Bakhtin teceu algumas considerações a respeito do jornalista e seu papel. Para o autor, “o jornalista é acima de tudo um contemporâneo. É obrigado a sê-lo. Vive na esfera de questões que podem ser resolvidas em sua atualidade (ou ao menos num tempo próximo)” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 388). O jornalista, sob esse viés teórico, normalmente é um sujeito que busca tratar de temas da contemporaneidade, “refletindo” e “refratando” em seus enunciados, discursos que representam cronotopos definidos.

Os autores dos artigos de opinião no jornalismo brasileiro, normalmente são jornalistas que pertencem ao quadro da empresa, ou, mais frequentemente,

⁶⁴ “Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais [...] e vozes próximas [...]” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 330).

caracterizam-se como colaboradores fixos ou eventuais, como é o caso de Lya Luft.⁶⁵ Em sua posição de articulista, Lya Luft escreve e publica quinzenalmente artigos assinados na revista *Veja*. Seus enunciados abordam pontos de vista acerca de temas relacionados à educação e também sobre a violência no país.

Para Bakhtin, “a forma de autoria depende do gênero do enunciado” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 389). Assim, cada gênero tem sua forma autorizada de autoria. Por exemplo, enquanto no *artigo de opinião* temos uma posição de autoria, na *carta do leitor*, temos outra. No caso das *cartas do leitor* em análise, o que temos, em sua maioria, é um autor-leitor, normalmente, conforme já dito, pertencente à classe A ou B, que se dirige à jornalista para manifestar-se acerca da temática abordada em seus artigos. Este autor das *cartas do leitor*, além de se dirigir à Lya Luft, considera, ainda, os outros leitores que leem a revista em suas duas versões (impressa e digital). Temos, assim, a consideração de um interlocutor direto (Lya Luft) e um interlocutor mais amplo (os leitores da revista), ambos determinantes da constituição do enunciado. Autoria, assim, implica relações dialógicas, perpassando diferentes discursos, dialogando constantemente com outras vozes. Por meio desses outros discursos, o autor das *cartas do leitor* constrói sua voz, sua posição axiológica frente aos temas, refratando isso em seu enunciado.

A partir dessas considerações, entendemos que o autor da *carta do leitor* dialoga com outras vozes, o que configura este gênero na esfera social do jornalismo. Conforme Acosta-Pereira (2008a),

Por meio da voz das fontes (discurso de outrem), o autor constrói sua voz de forma refratada e revalorada (reacentuada, reenunciada), orquestrando pela intersecção de vozes e pelas posições socioaxiológicas (índices valorativos do discurso do outro) o dialogismo (ACOSTA-PEREIRA, 2008a, p. 88).

Quanto aos sujeitos envolvidos na instância de concepção do gênero *carta do leitor*, observamos que, especificamente no caso das publicadas na versão impressa da revista *Veja*, diferentemente da versão *online*⁶⁶, há um processo de co-autoria, uma vez que esses enunciados normalmente passam por uma edição antes de serem publicadas. O editor, nesse caso, ao reelaborar as *cartas do leitor*, de acordo

⁶⁵ Por razão de espaço e delimitação, não é nossa intenção focalizar a questão de autoria do gênero *artigo de opinião*, mas, sim, a autoria da *carta do leitor*.

⁶⁶ As cartas publicadas na versão digital são publicadas na íntegra, exatamente como elaborada pelo autor-internauta, desde que não se trate de propaganda ou que firam os direitos humanos, conforme informado no site da revista.

com seu olhar valorativo, assume também um papel de co-autoria. Ao passar por esse processo de reedição conforme com os interesses do editor (e da revista), nem sempre o enunciado mantém o mesmo enfoque temático dado pelo autor inicial da carta. De acordo com a interpretação, valoração e horizonte apreciativo do editor, mudanças podem ocorrer na reelaboração do enunciado.

Observamos, ainda, que as *cartas do leitor*, nas duas versões da revista, apresentam marcas explícitas de autoria. Tanto na versão impressa da revista *Veja*, quanto *online*, as *cartas do leitor* são seguidas pela identificação da autoria. No caso das *cartas do leitor* na *Veja* impressa, após o texto, há referência explícita ao nome cidade e estado de onde procede o enunciado. Já na versão *online*, o autor normalmente opta por se identificar somente com seu primeiro nome, ou, eventualmente, por um pseudônimo. Isso pode ser verificado nos exemplos a seguir:

CLI#02

Sou professor de geografia e vou tentar mostrar aos meus alunos que nem tudo está perdido.

RENATO FILGUEIRAS DE MORAES FILHO, Corumbá, MS.

(Revista *Veja*, edição 2317, ano 46, nº 16, de 17 de abril de 2013)

CLO#16

Sidney

12/06/2013 às 8:46h

Corretíssimo o que a Lia escreveu. Tenho certeza que 99% da população brasileira clama por uma imputabilidade criminal a partir dos 14 anos mas, vem o petralha do ministro da justiça e diz que isso é impossível. Nada é impossível se houver vontade política, principalmente se apoiada pelo grosso da população. Somos, como diz a Lia, reféns em nossas casas, cercadas de grades e, se temos filhos, não conseguimos ter paz se eles estiverem nas ruas, nos colégios ou num simples cinema no shopping. Nota-se algum movimento a nível federal para encaminhar soluções? a nível estadual? Municipal? Quase nada. A morte do índio Terena lá no norte, em conflito com os fazendeiros, é lembrada toda hora pelos jornais, pela internet. Causou até a suspensão, pela justiça, da retomada da área. Autoridades do governo foram até lá! E quanto a nós? Dezenas são assassinados todos os dias pelo Brasil, pelos motivos mais fúteis, e nada acontece. Agora virou moda atear fogo nas vítimas! É duro você chegar em casa e, ao esperar a porta da garagem se abrir, ficar olhando de um lado para o outro a procura de um possível criminoso que irá apontar uma arma para sua cabeça. Tá difícil. Muito difícil.

A partir desses exemplos podemos visualizar que os locutores assumem, na situação de interação configurada na *carta do leitor*, uma autoria explícita. No primeiro exemplo, publicado na versão impressa da revista *Veja*, essa referência

aparece ao final do enunciado, já no segundo, publicado na versão *online* da revista, no início. Isso demonstra que há, por parte da revista, uma preocupação em apresentar a autoria da carta, de certa forma, legitimando-a.

Em CLI#02, citada anteriormente, algumas das cartas também trazem dados que nos permitem entender o lugar social de onde se enunciam os autores desses enunciados, que assumem a posição de leitores da revista. No caso desse exemplo, o autor se identifica como professor, o que também pode ser notado (direta ou indiretamente) em outras cartas, como em CLO#02 e em CLO#04. Inferimos, a partir desses exemplos, que há maior incidência de autoria de pessoas relacionadas à área de educação, isto é, os autores das *cartas do leitor* dirigidas à Lya Luft são, normalmente professores, alunos, ou pessoas interessadas em dialogar acerca da educação, como pode também ser observado no exemplo a seguir:

CLO#06

Adriana Silva Santiago

22/04/2013 às 16:26h

Adoro Lya Luft! Quando compro a revista VEJA vou direto à sua coluna. Tenho visto o empenho dessa grande escritora em escrever sobre educação, em clamar por melhorias e seriedade nesse setor, fundamental à vida das pessoas e ao crescimento de um país que queira ser verdadeiramente desenvolvido. O que venho escrever aqui é um apelo, para que profissionais assim comprometidos continuem a lutar pela educação e, se possível, sugerir a esta revista, que é tão lida e respeitada, que faça uma reportagem sobre a real situação dos professores nesse país. No meu caso, falo por Minas Gerais, moro em Três Pontas, sul de Minas. Uma breve história pessoal: **sou jornalista, professora de História**, passei em primeiro lugar em concurso do Governo do Estado de Minas Gerais para exercer o cargo de professora da rede estadual. Com dois meses de trabalho, já larguei o cargo. Não aguentei a falta de respeito e disciplina por parte dos alunos, a falta de respeito e descaso dos pais para com a educação de seus filhos e por consequência, falta de respeito para com os professores de seus filhos. Além do mais, o sistema adotado em Minas, a tal progressão continuada em que o aluno NÃO PODE ser reprovado, faz do aluno um ser prepotente, que não respeita ninguém, enfim, o professor não tem autoridade nenhuma na sala, está desmoralizado. Com exceção de alguns alunos que querem aprender, e que são os mais prejudicados juntamente com os professores, mais da metade dos alunos não querem fazer nada, não copiam matéria, não fazem exercícios, não obedecem o professor, vão à escola EXCLUSIVAMENTE para brincar, se divertir, farrear. E também porque são obrigados, já que o governo obriga a todas as crianças irem a escola, ficando os pais responsáveis por obrigá-los, caso contrário, respondem judicialmente. Os professores estão sofrendo muito! Eu saí, mas e os milhares que estão lá dentro? E que escola é essa em que o aluno passa de ano infinitamente sem saber quase nada? Só a imprensa pode ajudar nessa campanha pró-

educação e em SOCORRO aos professores. Por favor, nos dê voz e visibilidade! A sociedade precisa saber o que está acontecendo! Alguma coisa tem que ser feita! O professor perdeu a dignidade em seu trabalho! Está até apanhando! E mesmo que não sofra o horror da agressão física, sofre a desmoralização em sala de aula. Uma coisa absurda! Inacreditável! Eu estive lá, eu vi! Não é exagero! Esses dois meses só me renderam frustração e um problema de pressão alta, que não quer voltar ao normal, coisa que nunca tive em minha vida! Cara Lya Luft, admiro seu trabalho, sua sensibilidade. Não sei se vai chegar a ler esse desabafo/depoimento/DENUNCIA/PROTESTO. Caso leia, ajude-nos nessa campanha pró-professor! Obrigada e parabéns por sua coluna na VEJA e por seus livros! Adoro!

Essa carta é assinada por Adriana Silva Santiago, a qual assume a posição de jornalista e professora de história na rede estadual de Minas Gerais. Tendo em vista essa posição de autoria, em seu enunciado, a leitora explicita suas angústias frente às problemáticas enfrentadas em sala de aula pelos professores e alunos, assumindo sua posição valorativa frente ao tema.

Nas duas versões, podemos observar que o leitor da revista é o autor das *cartas do leitor*, o qual projeta em seu enunciado seu discurso e sua posição valorativa frente ao tema. Porém, depreendemos, ainda, especialmente no caso da revista *Veja impressa*⁶⁷, que a autoria se integra à posição ideologicamente marcada pela revista.

Outro aspecto relevante diz respeito ao fato de que, para a edição impressa, não são claros os critérios de seleção dos autores que terão suas *cartas* publicadas. Por razões de espaço, a revista impressa afirma em nota que tem o direito de fazer alterações, conforme necessário. Já na versão *online*, conforme temos monitorado, todas as *cartas do leitor* são efetivamente publicadas, não sofrendo alterações.

Além disso, marcas implícitas de posição do autor se dão a partir do uso de recursos linguísticos ao longo dos enunciados, tais como marcadores avaliativos, pronominalização da primeira pessoa, entre outras opções estilísticas⁶⁸ que demarcam a posição do locutor no discurso. Atentamos, ainda, que o uso da terceira pessoa é frequente nas *cartas do leitor* da edição impressa, diferentemente

⁶⁷ Enquanto na versão *online* da revista *Veja* todas as *cartas do leitor* são publicadas, na versão impressa, há um processo de seleção das cartas enviadas, o que pode determinar a escolha dos enunciados que coincidam com a posição ideológico-valorativa da revista. Isso, de certa forma, estaria relacionado à questão da autoria, uma vez que na revista impressa seriam publicadas somente as cartas que assumem a mesma posição da revista.

⁶⁸ Esta questão será retomada na subseção 3.2.2, onde analisaremos as projeções estilístico-composicionais.

do que ocorre com as *cartas do leitor online*. Isso possivelmente se deve ao fato de, ao serem reeditadas, pode haver uma nova escolha estilística por parte do editor.

Assim, enquanto a articulista Lya Luft fala a partir do ponto de vista de sua esfera de atuação, na figura de uma pessoa pública que trata da relação entre educação e política, seu público-alvo, o leitor da *Veja*, constitui-se como um público leitor amplo interessado por esses temas. Porém, observamos que, na versão impressa, a autoria das cartas normalmente é de assinantes pertencentes às classes A e B, enquanto, na versão digital, há uma abertura que permite que qualquer pessoa possa assumir papel responsivo aos artigos de Lya Luft.

Conforme Rodrigues, “é a forma (posição) de autoria que, junto com o cronotopo, cria a cena genérica [...] e, assim imprime seu caráter e a sua atitude opinativa” (RODRIGUES, 2001, p. 146). A autoria, em articulação com o cronotopo das *cartas do leitor*, funciona como aspecto que colabora para o estabelecimento de atitudes valorativas na esfera jornalística. Segundo a autora, ainda, “pode-se considerar a autoria, a partir de sua função e do seu papel [...], como um elemento do gênero que se situa não só na intersecção da dimensão extraverbal e verbal do gênero, mas também se manifesta como parte da sua dimensão verbal” (RODRIGUES, 2001, p. 146). Entendemos, com isso, que a questão de autoria, além de se constituir como um dos traços do gênero *carta do leitor*, é um aspecto complexo, à medida que se entrecruza com as condições de produção destes enunciados. Relacionada a isso está a questão do leitor previsto, elemento determinante do enunciado, a ser abordada a seguir.

3.1.5 O leitor previsto

Para Bakhtin, “o direcionamento, o endereçamento do enunciado é sua peculiaridade constitutiva sem a qual não há nem pode haver enunciado” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 305). Nessa perspectiva, o autor do enunciado se orienta de acordo com o seu interlocutor.

Além de um interlocutor direto, “de índole variada, graus variados de proximidade, de concretude, de compreensibilidade, cuja compreensão responsiva o autor da obra de discurso procura e antecipa” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 333), o autor do enunciado considera, com maior ou menor consciência disso, um outro interlocutor, mais amplo, na palavras de Bakhtin, um “supradestinatório”. O autor

pressupõe sempre alguma instância superior de compreensão responsiva que pode ocorrer em diferentes épocas e lugares. Esses interlocutores são parte constitutiva do enunciado. Isto nos leva a observar que o autor, ao elaborar seu enunciado, considera não somente seus interlocutores diretos ou próximos, mas também um destinatário amplo, cuja compreensão responsiva pressupõe. Isso decorre, conforme Bakhtin (2003[1979]), da “natureza da palavra, que sempre quer ser *ouvida*, sempre procura uma compreensão responsiva e não se detém na compreensão *imediate* mas abre caminho sempre mais e mais à frente (de forma ilimitada)” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 333).

Muito além de se dirigir exclusivamente a Lya Luft, o autor da *carta do leitor* considera, também, os outros leitores da revista *Veja*, alguém que se interessa pelas temáticas abordadas pelos artigos de Lya Luft, especialmente por questões relacionadas à educação. Esses interlocutores, conforme já afirmado, podem assumir atitude responsiva frente às *cartas do leitor* a qualquer tempo.

Conforme dados da própria revista, os leitores da *Veja* impressa são, em sua imensa maioria, assinantes e pertencentes às classes A e B, entre 20 e 50 anos. Já na versão *online*, além desse público-leitor, há uma abertura maior, uma vez que o espaço onde são publicados os artigos de Lya Luft e a *carta do leitor* é aberto e gratuito.

Com o aumento intenso do acesso à internet no Brasil atualmente, entendemos, por isso, que o interlocutor da *carta do leitor* da versão *online* da revista *Veja*, é mais amplo que o público da revista em sua versão impressa, e oriundo de todas as classes sociais. Enquanto o interlocutor da revista *Veja* impressa se caracteriza como um leitor assinante, fiel, o leitor da revista *Veja online* apresenta um perfil diferente. Segundo Pierre Levy (1999), existem basicamente dois tipos de navegantes na internet: aqueles que procuram informações específicas e os que navegam vagamente por um assunto, mas prontos a desviar-se rapidamente para outros *links* mais interessantes. Estes normalmente não são fiéis a qualquer veículo digital, ao contrário do que ocorre com as revistas impressas.

Sobre o perfil do leitor na *web*, segundo Ferrari (2012), com a popularização da internet, o leitor é advindo de todas as classes sociais, e se torna um escritor enquanto lê, uma vez que consegue reconfigurar a informação de acordo com suas preferências e hábitos de leitura. Além disso, “o público *online* é mais receptivo para estilos não convencionais, já que o leitor não tem tanto compromisso ao navegar, ele

‘zapeia’ pelos canais, ficando alguns minutos na notícia que lhe interessa” (FERRARI, 2012, p. 53). Conforme a autora,

Estudos de usabilidade da internet mostram que os internautas tendem a apenas passar pelos sites muito mais do que lê-los assiduamente. Diversas pesquisas apontam que o público *online* tende a ser mais ativo do que o de veículos impressos e mesmo do que um espectador de TV, optando por buscar mais informações em vez de aceitar passivamente o que lhe é apresentado (FERRARI, 2012, p. 51)

A fim de ilustrar as duas diferentes situações de interlocução presentes nas *cartas do leitor* selecionadas para este trabalho, citamos os exemplos a seguir:

CLI#01

Em “A formação de um povo” (10 de abril), **a escritora Lya Luft** aborda com propriedade o maior problema do Brasil: a má qualidade do nosso ensino, em todos os níveis. Será que o ministro da Educação não fica com vergonha ao ler o artigo? E a presidente Dilma Rousseff, não fica vermelha? Uma pena o que está sendo feito com a nossa educação – cada vez pior!

SILVÉRIO JOSÉ HUPPES, Arroio do Meio, RS.

(Revista *Veja*, edição 2317, ano 46, nº 16, de 17 de abril de 2013)

CLO#01

Hosana Lima

06/09/2014 às 19:09h

Lya Luft, de uma pessoa que tem experiência em escrever sobre educação e tempo para redigir artigos relevantes aos mais frívolos, espera-se o mínimo de informação para não exigir conhecimento suficiente de quem costuma apresentar argumentos superficiais. Em mais um texto inocentemente distópico em que **a senhora** prevê queda da importância da educação, é perceptível a falta de coerência com a atualidade, pois os discursos políticos caso a senhora não saiba, tem como foco a educação. Além disso, o brasileiro vem acordando para a importância da formação pedagógica em suas vidas – importância não vital, portanto é desonesto dizer não ser importante dar um prato de comida a quem em seguida precisaria trabalhar. Comida é uma necessidade, a qual **a senhora** não passou-. Pouco importa **a senhora** a redução do nível de formação já que mostra incapacidade criticar o sistema de cotas seriamente ao atribuir a queda do objetivo de excelência aos cotistas. Se **a senhora** puder se informar antes de escrever, agradeço. Teria encontrado pesquisas que comprovam que o cotista tem sim a capacidade de manter-se no curso e com menores índices de evasão em relação aos “alunos saídos de escolas particulares”, entre eles **a senhora** que como os supostos estudantes de letras não aprenderam a argumentar. Não fica bem para **uma escritora, conhecida e influente**, disfarçar seu preconceito com uma comovente preocupação com o sistema educacional brasileiro a que propõe mudanças rasas em termos de orçamento governamental. E sobre essas centenas de jovens enviados ao exterior, qual a fonte da

senhora que comprova o insucesso deles por conta de uma base primeira de ensino ruim? Não se sinta parte dos conformados, desinteressados e mal orientados. Não somos nós, **Lya Luft. A senhora** não faz parte da parcela da população que recebe educação precária e deve se preocupar com necessidades básicas como saúde e comida (que nada adianta certo? Errado). Poupe-**nos** de sua falsa simetria em que serviços insatisfatórios se comparam a vida de fracasso escolar e sobrevivência em meio a separatistas (como a senhora) e atenha-se a falar da vida de shoppings e seus espaços livres de rolezinhos deste povo “cordial” que segundo esse artigo, merece que lhes tirem seu direito.

Nesses exemplos podemos observar dois modos de interação por meio da *carta do leitor*. Conforme podemos notar no primeiro exemplo (CLI#01), embora considere como sua interlocutora imediata a articulista Lya Luft, no início do enunciado há o uso da terceira pessoa. Isso possivelmente se deve à intenção do locutor em se dirigir não somente a ela, mas também ao público leitor geral da revista, como também pode denunciar que a carta pode ter passado por um processo de edição. Já em CLO#01 também podemos observar diversas marcas de interlocução, por meio das quais o leitor deixa clara sua intenção em se dirigir à articulista Lya Luft. Porém, nesse caso, além dessa interlocutora direta, o leitor também considera, ainda, que seu enunciado apresenta o posicionamento de muitos outros leitores, como pode ser notado no trecho “Poupe-**nos** de sua falsa simetria” (CLO#01).

A partir desse contexto, além de se dirigir à Lya Luft, interlocutora direta, entendemos que o interlocutor do gênero *carta do leitor* está intimamente relacionado ao público previsto da revista *Veja* em suas duas versões. O autor deste tipo de enunciado elabora-o considerando a projeção que faz de seus interlocutores e seus horizontes apreciativos, tornando esse aspecto parte fundamental na constituição e funcionamento desse gênero da esfera jornalística.

Concluimos, assim, essa seção sobre a **dimensão social** da *carta do leitor*, considerando como relevantes as especificidades da esfera social do jornalismo, especialmente as particularidades de um de seus segmentos, o jornalismo de revista. Mediada pela esfera jornalística, as situações de interação discursiva ocorridas por meio desse gênero se estabelecem entre leitor e articulistas, e entre os leitores da revista *Veja*. Quanto à autoria, no caso das cartas publicadas na revista *Veja* impressa, ocorre uma relação de co-autoria entre leitor e editor. Já na versão *online*, o autor das cartas é o leitor internauta. Em ambos os casos, o interlocutor

previsto corresponde principalmente à articulista e aos outros leitores da revista, interessado em assuntos como a educação e a violência atuais. Articuladamente a essa dimensão, a seguir, tratamos da dimensão verbal da *carta do leitor*.

3.2 A DIMENSÃO VERBAL

Nesta seção, passaremos à análise das relações dialógicas entre o campo em que se insere o gênero *carta do leitor* e seu conteúdo temático, seu estilo e sua construção composicional, procurando identificar suas regularidades discursivas. Para isso, buscamos identificar o objeto e o projeto discursivo do autor e sua responsividade ao enunciado da articulista Lya Luft. Observamos, ainda, em que medida as *cartas do leitor* na versão impressa se aproximam ou se distanciam de sua contraparte na versão *online*. Ao final da seção, apontamos para a ocorrência de uma reacentuação do gênero, recorrendo, em sua versão digital, à intercalação de gêneros, como por exemplo, com o gênero *comentário*.

3.2.1 O conteúdo temático e as relações dialógicas

Sendo uma das três dimensões do gênero discursivo, conforme apontamentos de Bakhtin (2003[1979]) e relacionado a um campo ideológico, o conteúdo temático, como dito, apresenta uma dupla orientação: é orientado tanto em relação ao interlocutor, quanto pelo objeto.

Além disso, outros dois elementos constitutivos do conteúdo temático dizem respeito à avaliação social e à relação com o todo concreto do enunciado. Uma vez que os enunciados não são neutros, a avaliação social evidencia que o gênero e sua relação com o tema também não são neutros. Dialogicamente relacionada à situação de comunicação concreta, a constituição do tema é uma escolha axiológica do locutor determinada pelas especificidades de uma esfera da comunicação discursiva e pelos participantes da interação.

Para Medviédev (2012[1928]), não é menos importante a determinação temática dos gêneros. Cada gênero é capaz de dominar somente determinados aspectos da realidade: “ele [o gênero] possui certos princípios de seleção, determinadas formas de visão e de compreensão da realidade, certos graus na extensão de sua compreensão e na profundidade de penetração nela”

(MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 196). O tema de um gênero, inseparável das circunstâncias espaciais e temporais, implica, assim, em uma compreensão da realidade.

Para tanto, entendemos que precisamos nos remeter a uma breve análise do conteúdo temático dos dois artigos de Lya Luft, em relação aos quais as *cartas do leitor* selecionadas para esse estudo buscam assumir atitude responsiva. Vejamos:

Figura 06: Artigo “A Formação de um povo”, de Lya Luft.



Luft
Lya

A formação de um povo

A formação de um povo pode ser olhada sob vários aspectos. Aqui eu falo da formação cultural, informação, crescimento, consciência dos direitos e deveres de quem vive numa democracia verdadeira, que se interesse por um povo formado e informado. Aqui entra primariamente a educação, que venho comentando sem conseguir esgotar, assunto inexaurível na vida privada de todo cidadão e na existência geral de um povo. É preciso ter em mente que, para os líderes, sejam quais forem, esse deve ser um interesse primordial em sua atividade.

A mim me preocupa a redução do nível de formação e informação que nos oferecem. Escrevi muito sobre as cotas, com que, em lugar de melhorar a educação pela base, subindo o nível do precário ensino elementar, se reduz o nível do ensino superior, para que se adapte aos que lá entram mais por cota do que por mérito e prepara-

“Se a alfabetização for concluída no fim do 3º ano elementar, quando os alunos tiverem já 8 anos, talvez mais, quando e como serão preparados? Com que idade estarão prontos para um mercado de trabalho cada vez mais exigente?”

ro, em lugar de ser, como deveria, o inverso. Com isso, nosso ensino superior, já tão carente e ruim, com algumas gloriosas exceções, piora ainda mais. Vejam-se os dados assustadores de reprovação, no exame da Ordem dos Advogados do Brasil, de candidatos saídos dos nossos cursos de direito. Os exames de igual caráter para egressos de cursos de medicina ainda não apresentam resultado tão incrivelmente ruim, mas começam a nos deixar alertas: pois esses médicos vão lidar com o nosso corpo, a nossa vida. Estudantes de letras frequentemente nem sabem ortografia, e mais: não conseguem se expressar por escrito, não têm pensamento claro e seguro, não foram habituados, desde cedo, a argumentar, a pensar, a analisar, a discernir, a ler e a escrever.

Agora, pelo que leio, parece que vão conseguir piorar ainda mais a situação, pois a meninada só precisa se alfabetizar no fim do 3º ano da escola elementar. Pergunto: o que estarão fazendo nos primeiros dois anos de escola? Brincando? Gaze-teando? A escola vai fingir que está ensinando, preparando para a vida e a profissão? E os pais que se interessam, o que podem esperar de tal ensino? Aos 8 anos, meninos e meninas já deveriam estar escrevendo direito e lendo bastante — claro que em escolas públicas de qualquer ponto do país onde os governos tivessem colocado professores bem pagos, seguros e com boa autoestima; em escolas nas quais cada sala de aula tenha uma prateleira com livros doados pelos respectivos governos, municipal, estadual ou federal, interessados na formação do seu povo.

Qualquer coisa diferente disso é ilusão pura. Não resolve enviar centenas de jovens ao exterior ou trazer estudantes estrangeiros para cá, se a base primeira do ensino é ruim como a nossa, pois não adianta um telhado de luxo sobre paredes rachadas em casas construídas sobre areia movediça. Como não adianta dar comida a quem precisaria logo a seguir de estudo e trabalho que proporcionasse crescimento real, projetos e horizontes em lugar da dependência de meninos que não conseguem largar o peito materno mesmo passada a idade adequada.

O que vai acontecer? Com certeza vai se abrir e aprofundar mais o fosso entre alunos saídos de escolas particulares que ainda consigam manter um nível e objetivo de excelência e a imensa maioria daqueles saídos de escolas públicas ou mesmo privadas em que o rebaixamento de nível se instalar. Grandes e pequenas empresas e indústrias carecem de mão de obra especializada e boa, milhares de vagas oferecidas não são preenchidas porque não há mão de obra preparada: imaginem se a alfabetização for concluída no fim do 3º ano elementar, quando os alunos tiverem já 8 anos, talvez mais, quando e como serão preparados? Com que idade estarão prontos para um mercado de trabalho cada vez mais exigente? Ou a exigência também vai cair e teremos mais edifícios e outras obras mal construídos, serviços deixando a desejar, nossa excelência cada vez mais reduzida?

Não sei se somos um povo cordial: receio que sejamos desinteressados, mal orientados e conformados, achando que é só isso que merecemos. Ou nem pensando no assunto.

LYA LUFT
é escritora

Fonte: Revista *Veja*, edição 2316, ano 46, nº 15, de 10/04/2013.

Em seu artigo “A formação de um povo”, Lya Luft trata de tema relacionado à educação e suas consequências na formação dos brasileiros. Para a escritora, é de fundamental importância que os dirigentes da nação tenham, como prioridade, a

educação de seu povo. No entanto, isso não tem sido observado, uma vez que, em sua interpretação, a inserção do sistema de cotas, altos índices de reprovação no Exame da Ordem dos Advogados do Brasil, entre outros exemplos, denunciam a má conduta dos governantes na área. Para ela, o fato de as crianças terem a possibilidade de serem consideradas alfabetizadas até o fim do terceiro ano representa um retrocesso educacional. Essas ações, segundo Lya Luft, indicam um “rebaixamento de nível”, denunciando que a escola, dessa maneira, não “prepara para a vida e para a profissão”, origem do atual problema da falta de mão de obra preparada para as empresas. Por fim, acredita que a raiz desse problema esteja no desinteresse e conformismo característicos, segundo ela, do povo brasileiro.

Em outro artigo, “Brasileiro bonzinho”, a autora relaciona à questão da educação, a temática da violência.

Figura 07: Artigo “Brasileiro Bonzinho”, de Lya Luft



Luft
Lya

Brasileiro bonzinho?

Tempos atrás, num programa cômico de televisão, uma jovem americana radicada no Brasil, a cada comentário sobre violência ou malandragem neste país, pronunciava com muita graça: “Brasileiro bonzinho!”. E a gente se divertia. Hoje nos sentiríamos insultados, pois não somos bonzinhos nem sequer civilizados. O crime se tornou banal, a vida vale quase nada. Poucos de meus conhecidos não foram assaltados ou não conhecem alguém assaltado: ser assaltado é quase natural — não só em bairros ditos perigosos ou nas grandes cidades, mas também no interior se perdeu a velha noção de bucolismo e segurança.

Em São Paulo, só para dar um exemplo, os arrastões são tão comuns que em alguns restaurantes o cliente é recebido por dois ou quatro seguranças fortemente armados, com colete à prova de bala, que o acompanham olhando para os lados — atentos como em séries criminais americanas. Quem, nessas condições, ainda se arrisca a esta coisa tão normal e divertida, comer fora?

pensar, a não ser com boa portaria, ou será alto risco, diz a própria polícia, aconselhando ainda porteiros preparados e instruídos para proteger dentro do possível nossos lares agora precários.

Somos uma geração assustada, desamparada, confinada, gradeada — parece sonho que há não tanto tempo fosse natural morar em casa, a casa não ter cerca, a meninada brincar na calçada; e não morávamos em ilhas longínquas de continentes remotos, mas aqui mesmo, em bairros de cidades normais. Éramos gente “normal”. Hoje, a população, apavorada, está nas mãos de criminosos, frequentemente impunes. Na desorganização geral, presídios superlotados onde não se criariam porcos também abrigam pessoas inocentes ou que nunca foram julgadas. A impunidade é tema de conversas cotidianas, leis atrasadas ou não cumpridas nos regem, e continua valendo a inacreditável lei de responsabilidade criminal só depois dos 18 anos. Jovens monstros, assassinos frios, sem remorso, drogados ou simplesmente psicopatas saem para matar e depois vão beber no bar, jogar na lan house, curtir o Facebook, com cara de bons meninos. Num artifício semântico insensato e cruel, se apanhados, não os devemos chamar de assassinos: são infratores, mesmo que tenham violentado, torturado, matado. Não são presos, mas detidos em chamados centros socioeducativos. E assim se quer disfarçar nosso incrível atraso em relação a países civilizados. No Canadá, Holanda e outros, a idade limite é de 12 anos; na Alemanha e outros, 14 anos. No Brasil, consideramos incapazes assassinos de 17 anos, onze meses e 29 dias.

Recentemente, um criminoso de 15 anos confessou tranquilamente ter matado doze pessoas. “Me deu vontade”, explicou, sem problema, e sorria. “Hoje a gente saiu a fim de matar”, comentou outro adolescentezinho, depois de assaltar, violentar e matar um jovem casal junto com outro comparsa. Esses e muitos outros, caso estejam em uma dessas instituições em que se pretende educar e socializar indiscriminadamente psicopatas e infratores eventuais, logo estarão entre nós, continuando a matança. Quem assume a responsabilidade? Ninguém, pois estamos em uma guerra civil que autoridades não conseguem resolver, uma vez que nem a lei ajuda. Estamos indefesos e apavorados, nas mãos do acaso. Até quando?

“Jovens monstros, assassinos frios, sem remorso, drogados ou simplesmente psicopatas saem para matar e depois vão beber no bar, jogar na lan house, curtir o Facebook, com cara de bons meninos”

Pessoas inocentes são chacinadas: vemos protestos, manifestações, choro e imprensa no cemitério, mas nada compensará o desespero das famílias ou pessoas destroçadas, cujo número não para de crescer. Em nossas ruas não se vê um só policial, daqueles que poucos anos atrás andavam em nossas calçadas. A gente até os cumprimentava com certo alívio. Não sei onde foram parar, em que trabalho os colocaram, nem por que desapareceram. Mas sumiram. Morar em casa é considerado loucura, a não ser em alguns condomínios, e mesmo nesses o crime controla o porteiro, entra, rouba, maltrata, mata. Recomenda-se que moremos em edifícios: “mais seguros”, seria a ideia. Mas, mesmo nos edifícios, nem

LYA LUFT é escritora

Já neste artigo, Lya Luft trata do tema da violência no Brasil. Como no artigo anterior, a escritora parte da citação de diversos exemplos para chegar a uma questão mais específica, neste caso, a necessidade da diminuição da maioria penal no país, dados os índices alarmantes de jovens que se envolvem com a criminalidade. Para a autora, as instituições responsáveis por educar e (re)socializar esses jovens criminosos não dão conta dessas tarefas. Ironicamente, o perfil do brasileiro atual não parece ser tão “bonzinho”, em meio a tanta violência, configurando-se como uma “geração assustada, confinada, gradeada”, que vive uma espécie de “guerra civil que as autoridades não conseguem resolver, uma vez que nem a lei ajuda”.

É em estreita articulação a esses dois enunciados que se situam as *cartas do leitor* em estudo. A partir dessas considerações, nessa seção, buscamos apresentar o conteúdo temático da *carta do leitor*, procurando entender do que trata, qual seu objeto do discurso, seu projeto discursivo e algumas relações dialógicas que por meio dele se estabelecem.

3.2.1.1 O objeto do discurso e o projeto discursivo

Como vimos, todo gênero apresenta um conteúdo temático que corresponde, conforme Rodrigues (2001), ao objeto do discurso, à finalidade do gênero e sua orientação em função do(s) interlocutor(es). No caso do gênero discursivo *carta do leitor* da revista *Veja*, referentes aos artigos de Lya Luft, tanto em sua versão impressa, quanto *online*, em função do leitor previsto e considerando a profundidade de abordagem e a avaliação social, seu objeto do discurso é composto pela marcação de uma posição axiológica dos leitores acerca de aspectos relacionados à educação, à violência e à segurança no Brasil. Partindo dos argumentos de Lya Luft acerca da precariedade da educação brasileira⁶⁹, ou sobre violência/segurança no país⁷⁰ o leitor expressa sua apreciação sobre isso e elabora sua reação-resposta configurada no gênero *carta do leitor*.

Ao analisarmos, inicialmente, **o tema das cartas do leitor referentes ao primeiro artigo** (Anexo 04), observamos que os locutores, ao interagirem pro meio

⁶⁹ Nas *cartas do leitor* referentes ao artigo “A formação de um povo” (Anexo 04).

⁷⁰ Nas *cartas do leitor* referentes ao artigo “Brasileiro bonzinho?” (Anexo 05).

de seus enunciados, retomam aspectos do conteúdo temático do artigo. É o que pode ser observado na *carta do leitor online* a seguir, elaborada em resposta ao artigo de Lya Luft, “A formação de um povo”:

CLO#03

LEORDO PALMEIRA

28/08/2013 às 17:58h

Não discordo do texto no que tange à qualidade da educação básica. Porém a afirmação de que a redução da qualidade do ensino superior é causada pela aceitação de alunos cotistas é preconceituosa e leviana. Lamentável uma pessoa com formação fortemente ligada à educação dizer isto. Não vejo nenhum problema do cidadão ser contrário a política de cotas, mas não aceito acusá-la do que não tem culpa. Os alunos cotistas durante o curso de formação recebem as mesmas aulas e fazem as mesmas provas que os alunos selecionados pelo processo seletivo convencional. Sou aluno cotista da UnB e posso afirmar que a responsabilidade pelo nível de ensino é da Universidade. É o corpo acadêmico da instituição que define os conteúdos dos mais variados cursos. Portanto quem determina a qualidade do ensino superior são os Governantes, Professores e instituições Universitárias. Ainda tentei pensar como a autora do texto, mas é impossível. O sistema de cotas foi implantado para tentar diminuir um prejuízo social de décadas e vejo que isso incomoda parte da classe dominante. Os (as) médicos (as), advogados (as), psicólogos (as) ... e demais categorias profissionais de prestígio querem continuar criando filhos (as) com formação similar. Entretanto os porteiros (as), vigilantes, pedreiros, empregadas domésticas não querem que os seus filhos sejam impedidos de cursar um curso superior, antes de serem recrutados pelos empregos menos qualificados ou pior, pelo mundo do crime. Igualdade na educação básica não será construída da noite pro dia e nesse sentido faço a pergunta: o enorme contingente de alunos saídos do ensino médio devem esperar a melhoria do ensino fundamental para refazê-lo, e a partir daí tentar uma vaga nas universidades?

Observamos, a partir desse exemplo, que o enunciado apresenta um ponto de vista acerca do sistema de cotas no ensino superior e sua relação com a qualidade na educação nesse nível. É, portanto, para expor publicamente sua compreensão sobre as cotas no ensino superior, construindo sua avaliação social e contrapondo sua opinião à de Lya Luft acerca desse aspecto, que o leitor elabora seu enunciado.

A *carta* CLO#01, semelhante à carta supracitada, trata do mesmo problema: a contraposição à atitude de Lya Luft ter atribuído à queda do objetivo de excelência no ensino superior aos cotistas. A leitora explica a Lya Luft, e aos internautas, que “o brasileiro vem acordando para a importância da formação pedagógica em suas vidas

– importância não vital, portanto é desonesto dizer não ser importante dar um prato de comida a quem em seguida precisaria trabalhar” (CLO#01). A construção de seu ponto de vista se dá a partir do argumento de que a colunista estaria, na verdade, escondendo uma atitude preconceituosa, uma vez que, segundo o leitor, ela “não faz parte da parcela da população que recebe educação precária e deve se preocupar com necessidades básicas como água e comida” (CLO#01).

Observamos que, nas cartas analisadas, há diferentes reações responsivas por parte dos leitores. Enquanto na maioria das *cartas dos leitores online* (CLO#01 a CLO#11) identificamos um posicionamento contrário à opinião de Lya Luft expressa em seu artigo “A formação de um povo” (Anexo 04), observamos uma situação muito diferente nas respostas dos leitores na *Veja* impressa referentes ao mesmo artigo (CLI#01, CLI#02, CLI#03): nenhuma delas mostrou-se contrária aos argumentos da articulista. Isso pode estar relacionado aos diferentes perfis dos leitores em suas duas versões: na revista impressa, mais elitizados, em sua maioria, assinantes; na revista *online*, o acesso é aberto e gratuito a todos os internautas. Esta contraposição pode ser observada nos exemplos a seguir:

CLI#01

Em “A formação de um povo” (10 de abril), a escritora Lya Luft aborda com propriedade o maior problema do Brasil: a má qualidade do nosso ensino, em todos os níveis. Será que o ministro da Educação não fica com vergonha ao ler o artigo? E a presidente Dilma Rousseff, não fica vermelha? Uma pena o que está sendo feito com a nossa educação – cada vez pior!

SILVÉRIO JOSÉ HUPPES, Arroio do Meio, RS.

(Revista *Veja*, edição 2317, ano 46, nº 16, de 17 de abril de 2013)

CLO#11

Lourds

14/04/2013 às 17:19h

Parece que algum colunista não aprendeu interpretar texto. O que diz o texto da proposta de lei é justamente que todas as crianças devem estar alfabetizadas e em condições de ler plenamente ATÉ os oito anos de idade. Precisa explicar mais o que? Até sugere limite máximo de idade em que as crianças estejam alfabetizadas, assim, nos dois anos anteriores elas estarão iniciando e aperfeiçoando o que já deverá ser pleno aos oito. Puxa, que complicado, não??

Enquanto na primeira carta observamos uma concordância do leitor com relação aos argumentos de Lya Luft, na segunda, o leitor discorda da interpretação da articulista sobre a proposta do governo de a alfabetização ser concluída até o fim do 3º ano da educação básica. A partir desses exemplos, entendemos que na

revista impressa encontramos a defesa de um ponto de vista de uma classe social diferente das que normalmente costumam interagir em *Veja online*, o que, conseqüentemente, interfere na construção axiológica de seus argumentos, de seus pontos de vista, de suas valorações.

Além disso, o grau de profundidade de abordagem do tema varia em razão do gênero e da mídia (impressa/internet). No caso do gênero *carta do leitor*, atentamos para a possibilidade de o leitor poder abordar com maior profundidade o tema na versão *online* do que na impressa. Nesta, o texto enviado pelos leitores para a redação da revista impressa normalmente passa por um processo de reedição, de acordo com os interesses da revista e em razão do espaço limitado destinado à seção de cartas. Já na versão *online*, o leitor tem a possibilidade de abordar o tema de forma mais ou menos aprofundada, de acordo com sua intenção, uma vez que seu texto não será editado e não há limitação de espaço. Como consequência, encontramos uma diversidade de abordagens do tema na mídia *online*, havendo *cartas do leitor* com diferentes graus de profundidade em função da maior liberdade dada ao leitor para organizar seu texto-enunciado de acordo com sua intenção e seu projeto discursivo.

Ao analisarmos o conteúdo temático das cartas, observamos ainda que esta prática discursiva da esfera jornalística normalmente recorre ao diálogo contemporâneo entre diferentes posições, remetendo, na construção de sua argumentação, a relatos de situações pessoais em busca da discussão sobre o tema. Vejamos alguns exemplos:

CLO#02

LEANDRO

27/10/2013 às 13:35h

Ao presenciar determinado seminário destinado aos professores, observei e realizei certas pesquisas sobre o comportamento de satisfação dos mesmos com as falas dos palestrantes, e por incrível que pareça, sendo quase que ao meu ver um paradoxo, o que mais chamava a atenção eram os palavrões, os comportamentos vulgar, desprezidos pelos protagonistas das conferências. Penso eu que estamos vivendo momentos duvidosos, em um momento de descontração, um palavrão aqui, outro lá, entre poucos amigos, não é o correto, mas ainda passa, informalmente, mas num Colóquio, em que se trata sobre educação, é despropositual certas ações em que se desprestigiam convenções que foram conquistadas a partir de todo um processo histórico [...]

CLO#04

Edjane Silva

30/06/2013 às 12:03h

Sou professora dos anos iniciais do ensino fundamental a 15 anos, hoje tenho 34 anos, admiro muito Lya Luft e, mais uma vez ela escreve grandes verdades reais sobre a educação brasileira, pois nesses 15 anos de sala de aula, é exatamente isso que vejo acontecer, nossos alunos cada vez aprendendo menos devido à falta de investimentos na educação [...]

Assim como em muitas outras, nessas duas cartas, embora dialoguem com diferentes artigos, os leitores elaboram seus enunciados partindo de situações pessoais, de uma situação específica, a do próprio autor, em busca de interagir e construir sua argumentação. Vejamos:

CLO#10

Bereta

14/04/2013 às 17:30h

Caro Setti. Permita-me narrar um pouco da minha história. Meus pais foram pessoas simples, sem quase nada de escolaridade. Mesmo assim, aprendi a ler jornais com o meu pai. Minha obrigação, quando menino, era ir ao correio, no interior de São Paulo. Os meios de transporte eram precários e isso fazia os jornais chegarem com até dois dias de atraso [...] Quem sabe esse novo programa governamental, esse que arrebanhará as criancinhas de quatro anos em diante, possa corrigir essa falha, pois serão no mínimo dois anos mais em recinto escolar. Talvez possa estar aí a solução. Despertar mais cedo a vontade de ler, de aprender, de participar. Aguardemos o resultado. Ele será de suma importância para os novos alunos.

Nesse outro exemplo, o leitor, ao recorrer a situações pessoais relacionadas ao tema, busca, a partir disso, apontar uma perspectiva de diminuição da precariedade da educação brasileira, considerando, segundo ele, como positivo, o fato de as crianças terem acesso mais cedo ao ambiente escolar.

Aspecto recorrente na abordagem do conteúdo temático por parte dos leitores apontados nesses enunciados diz respeito à tentativa de identificar as causas do problema. Em diversas cartas, atentamos para o fato de que os leitores buscam, ao tratar da precariedade da educação no Brasil, apontar causas diversas. É o que pode ser observado em CLO#03, por exemplo: “[...] O sistema de cotas foi implantado para tentar diminuir um prejuízo social de décadas e vejo que isso incomoda parte da classe dominante [...]” (CLO#03).

A indignação com a suposta ineficiência dos governantes em melhorar a educação no país (CLI#01), a disposição em tentar mudar o quadro educacional (CLI#02), a busca pela identificação das causas da atual situação educacional brasileira (CLI#03), a comparação entre o quadro educacional brasileiro e o de

outros países (CLO#09), a relação entre a educação e a política (CLO#04), constituem-se como exemplos de aspectos motivadores e desencadeadores das *cartas do leitor*. Sua dimensão verbal reflete relações dialógicas para com outros enunciados, os já-ditos. As *cartas do leitor*, assim, constituem uma reação-resposta a enunciados anteriores que tratam desse tema, sendo assim, são marcadas por uma dupla orientação (tanto para o tema, quanto para seus interlocutores).

Além disso, o **conteúdo temático explorado pelo artigo “Brasileiro Bonzinho”** (Anexo 05), a questão da violência no Brasil apresenta-se como tema de muitas das *cartas do leitor* que buscam assumir atitude responsiva a esse enunciado. Notamos que alguns locutores das cartas, ao elaborarem seus enunciados responsivos a esse artigo, estabelecem relações diversas com a política. O leitor, ao tratar do tema, estabelece um diálogo com aspectos políticos em busca de encontrar saídas para minimizar os problemas enfrentados na área de segurança no país. Conforme podemos notar nos exemplos a seguir, isso ocorre tanto nas cartas disponibilizadas na versão *online* da revista, quanto na impressa.

CLI#07

Até quando vamos suportar tanto descaso, desfaçatez, falta de empenho do governo em nos dar saúde, educação, segurança?
LUCIMAR SANTOS SANTINI, Caxias do Sul, RS.
(Revista *Veja*, edição 2319, ano 46, nº 18, de 01 de maio de 2013)

CLO#21

Ana Maria

10/06/2013 às 20:59h

[...] Temos 5570 prefeitos, 27 governadores e uma presidente. São estes os principais responsáveis!!! Por que fazer leis é uma grande responsabilidade, fiscalizá-las e julgar quem as descumpre também, mas nada se compara ao poder dos Executivos...é deles a competência constitucional para ofertar segurança, saúde, educação, habitação, melhor distribuição de renda e tudo mais que nos falta. São os executivos que recolhem e administram os tributos...que formam as equipes responsáveis pela gestão...E em termos de responsabilidade pelo que está acontecendo com a sociedade brasileira, não tem inadequação legislativa nem inoperância do judiciário que rivalize com a administração irresponsável que prospera neste País! E então me dizem: precisamos aprender a votar...É verdade, precisamos mesmo...mas quem vai ensinar????

Essa relação entre a segurança e a política pode ser encontrada em várias outras cartas, como, por exemplo, em CLI#09 e CLO#26. Nelas os leitores apontam como uma das principais causas da precariedade da educação brasileira a ineficiência do governo em tomar atitudes que diminuam tal problemática.

Nas cartas *online* há maior incidência de referências a situações pessoais mais específicas para, em seguida, se refletir sobre o contexto geral. Já nas cartas impressas, predominam reflexões mais gerais sobre o tema da violência. Isso pode ser exemplificado em CLI#04 e CLO#20, citadas a seguir:

CLI#04

O extraordinário artigo “Brasileiro bonzinho?” (24 de abril), da escritora Lya Luft, é um retrato vívido e em alta definição da violência praticada por menores assassinos no Brasil.

PEDRO SANTA INÊS, Jeremoabo, BA.

(Revista *Veja*, edição 2319, ano 46, nº 18, de 01 de maio de 2013)

CLO#20

Haroldo Kennedy

10/06/2013 às 21:37h

Eu me sinto seguro aqui em Belo Horizonte. Ando à pé e de ônibus! Me sinto inseguro quando ando de carro depois de 01:00 da manhã, quando jovens de todas as idades dirigem seus carros como se fossem pilotos de fórmula um e estivessem numa pista particular da casa deles! Não vejo tv, não leio jornais de 25 centavos... Reparo o que está em minha volta, não é minha cidade natal mas também não é Bagdá!!! Querem um país melhor? Invistam na educação! Estamos colhendo o que foi plantado! Recomendo um livro, de autor Steven Pinker: Os anjos bons da natureza humana, porque a violência diminuiu! Editora Cia das Letras!

Em CLO#20 o leitor opta por tratar a questão partindo de exemplificação de sua própria vivência, já em CLI#04, no enunciado há o enfoque mais geral. Isso ocorre em várias outras cartas e pode ser um reflexo da influência dos diferentes contextos em que se encontram. Enquanto *a carta do leitor* que interage na revista *Veja* impressa, na grande maioria das vezes, passa por um processo de edição, quando possivelmente ocorrem recortes, retirando as referências a experiências pessoais e deixando prevalecer os trechos em que a temática é tratada de maneira mais global, já na versão *online*, as cartas são publicadas na íntegra, o que, de certa forma, dá mais liberdade para o locutor desenvolver seu projeto discursivo⁷¹.

Além disso, vimos em CLO#19 e CLI#06, que também dialogam com o artigo “Brasileiro bonzinho” (Anexo 05), e em diversas *cartas do leitor*, tanto impressas, quanto *online*, que elas estabelecem relação entre a educação, a violência, e a

⁷¹ Como pode se observar, as *cartas do leitor* da versão *online* da revista são aqui apresentadas exatamente como foram publicadas, com seus eventuais desvios da norma padrão culta, com toda a sua diversidade linguística característica, o que será especialmente tratado na seção destinada à análise das projeções estilísticas deste gênero.

segurança, tema este tratado pelo referido artigo. É o que notamos em diversas cartas, como por exemplo, nas citadas a seguir:

CLI#05

Estamos todos afogados na violência, que cresce de forma vertiginosa, assistindo à inércia do estado e de seus poderes constituídos.

MAURÍCIO JOSÉ MANTELLI MARANGONI, Araras, SP.

(Revista *Veja*, edição 2319, ano 46, nº 18, de 01 de maio de 2013)

CLO#14

Maria Gomes

08/09/2013 às 11:18h

A matéria da Lya, diz tudo o que penso a respeito da nossa situação atual. Vivemos num país do medo, em que sair de casa seja para o trabalho ou a lazer virou uma aventura. Quando saímos, não sabemos se voltaremos. Policiais na ruas não vemos. Sou da época em que havia guarda em bancos e não existia explosões de caixas eletrônicos. Os caras pintadas saíam as ruas sem máscaras lindos jovens lutando por uma causa justa. Diferente de hoje, em que os baderneiros saem as ruas para bagunçar geral, sem saber até porque estão ali.

Observamos no exemplo acima, assim como em muitos outros, a indignação dos leitores acerca dos altos índices de violência no Brasil atual, em comparação a épocas passadas. Esse enfoque temático se dá por diversos motivos. Certamente que isso ocorre tendo em vista que essa questão foi tratada no artigo de Lya Luft, “Brasileiro Bonzinho” (Anexo 05), com o qual diretamente as *cartas do leitor* dialogam. Porém, para muito além disso, estes enunciados apresentam relações dialógicas com o que ocorre no atual contexto brasileiro, não somente no que se refere à violência e falta de segurança, mas também entre isso e a relação com outras áreas como a política, os esportes, etc. Diversos outros textos presentes nas mesmas edições da revista em que são publicadas estas *cartas do leitor* e o referido artigo, retratam faces da violência no Brasil. Essas cartas, a partir de seu tema, estabelecem relações dialógicas diversas, tendo em vista tanto o contexto específico de produção, quanto o contexto mais amplo em que se inserem.

Ao se posicionarem acerca da situação atual da educação e da violência no Brasil, os leitores estão refletindo em seus enunciados uma avaliação social, uma posição sobre esses temas, estabelecendo um diálogo com aspectos diversos relacionados à questão. Para citar alguns exemplos, nos últimos anos temos visto discussões diversas e a apresentação de projetos por parte do governo federal que buscam debater sobre possíveis propostas de reformulação da educação básica

pública, ou, ainda, a inserção gradativa de cotas raciais para o ingresso dos alunos no ensino superior público. Essas questões polêmicas, além de muitas outras, são abordadas pelas mais diversas mídias e promovem uma reflexão por parte dos leitores, que, ao buscarem compreender o tema, estabelecem índices de valor, valorações sociais, que acabam por se refletir em seus enunciados, direta ou indiretamente, ao interagirem nessas mesmas mídias. Dessa forma, observamos que “é impossível uma compreensão sem avaliação [...] O sujeito da compreensão enfoca a obra com sua visão de mundo já formada, de seu ponto de vista, de suas posições. Em certa medida, essas posições determinam a sua avaliação” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 378). O contexto amplo, tanto quanto o contexto específico em que se situam as *cartas do leitor*, determinam o tema, assim como a constituição e o funcionamento desses enunciados.

Em síntese, nas *cartas do leitor* selecionadas para este estudo, inferimos que seu objeto de discurso trata de questões relacionadas à educação e à violência atual, apresentando alguns atravessamentos temáticos, à medida que se estabelecem relações dialógicas com outros temas, como a política, tendo em vista a inserção do enunciado num contexto mais amplo, em um cronotopo específico. A tentativa de posicionar-se acerca da situação da educação brasileira e da falta de segurança no país, considerando o entrelaçamento desses temas com outras áreas, constitui-se como o evento motivador para que o leitor elabore seu enunciado, sua *carta do leitor*. Observamos, com isso, que “a compreensão dos enunciados integrais e das relações dialógicas entre eles é de índole inevitavelmente dialógica” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 332), conforme apresentamos a seguir.

3.2.1.2 Movimentos dialógicos de responsividade: a reação-resposta ao já-dito

Conforme discutimos na seção anterior, as *cartas do leitor* são orientadas tanto pelo tema (do enunciado anterior, que provocou a reação resposta), quanto pelos seus interlocutores, tendo em vista a intenção do locutor em se posicionar acerca de aspectos diversos relacionados à precariedade na educação e segurança brasileiras. Muitos desses aspectos são explicitamente referenciados nos artigos de Lya Luft, com e a partir dos quais o locutor busca interagir; outros, mesmo não sendo tratados nos artigos da escritora, são fatos que, por sua atualidade e interesse social, constituem-se como aspectos relevantes relacionados ao tema. O

locutor, assim, ao elaborar seu enunciado, não dialoga somente com o já-dito no artigo de Lya Luft, mas, também, remete a outros enunciados veiculados na esfera jornalística. Há, ainda, alguns casos de *cartas do leitor online* em que o locutor opta por apagar a relação dialógica direta com o artigo (o qual, em grande parte das *cartas*, se constitui como o evento desencadeador dessas *cartas*), preferindo tratar de outros aspectos relacionados ao tema, discutidos em outros enunciados da esfera jornalística, não se referindo explicitamente ao artigo, como ocorre, por exemplo, em CLO#24 e CLO#25.

CLO#24

Toninho malvadeza

10/06/2013 às 18:29h

O Brasil está na desordem implantada pelo PT e por políticos da base que se locupleta!(2)

CLO#25

Luiz

10/06/2013 às 10:35h

O Brasil está na desordem implantada pelo PT e por políticos da base que se locupleta!

Observamos, assim, que não somente o enunciado de Lya Luft se caracteriza como evento social determinante da construção do enunciado por parte do locutor, uma vez que este se encontra inserido em contextos sociais, onde circulam discursos diversos, materializados nos mais diversos tipos de enunciados. Para Bakhtin, “o enunciado não é determinado por sua relação apenas com o objeto e com o sujeito-autor falante [...] mas imediatamente – e isso é o que mais importa para nós – com outros enunciados no âmbito de um dado campo da comunicação” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 328). Entendemos, com isso, que o locutor, tendo em vista tanto o artigo da escritora, quanto outros enunciados com os quais interage socialmente, elabora a sua reação-resposta configurada no gênero discursivo *carta do leitor*, a partir do qual busca tomar posição frente ao tema. Essas posições valorativas do locutor frente ao tema tomam diversos rumos: podem gerar atitude de concordância; de crítica/questionamento; de discordância; ou tomá-los como ponto de partida para a construção de seu discurso. Essas diferentes atitudes valorativas (e responsivas) do locutor encontramos nos exemplos a seguir:

a) crítica / questionamento:

CLO#11

Lourds

14/04/2013 às 17:19h

Parece que algum colunista não aprendeu interpretar texto. O que diz o texto da proposta de lei é justamente que todas as crianças devem estar alfabetizadas e em condições de ler plenamente ATÉ os oito anos de idade. Precisa explicar mais o que? Até sugere limite máximo de idade em que as crianças estejam alfabetizadas, assim, nos dois anos anteriores elas estarão iniciando e aperfeiçoando o que já deverá ser pleno aos oito. Puxa, que complicado, não??

CLI#07

Até quando vamos suportar tanto descaso, desfaçatez, falta de empenho do governo em nos dar saúde, educação, segurança?

LUCIMAR SANTOS SANTINI, Caxias do Sul, RS.

(Revista *Veja*, edição 2319, ano 46, nº 18, de 01 de maio de 2013)**b) discordância:**

CLO#28

marcelo ferreira

10/06/2013 às 7:30h

perá lá...dona Lya...também não é assim...os arrastões não são tão comuns assim em sp...e em sampa...o busílis é que a policia de sp prende a vagabundagem que tem se escondido atrás de menores criminosos...e a justiça solta a pilantragem...a redução da maioria penal vai por freio nestes meliantes...e, ademais...ir a restaurantes em sp é muito mais seguro do que morar em algum morro com UPP do Cabral...lá a bandidagem de maior idade e de menor idade mandam mesmo...

CLO#01

Hosana Lima

06/09/2014 às 19:09h

Lya Luft, de uma pessoa que tem experiência em escrever sobre educação e tempo para redigir artigos relevantes aos mais frívolos, espera-se o mínimo de informação para não exigir conhecimento suficiente de quem costuma apresentar argumentos superficiais. Em mais um texto inocentemente distópico em que a senhora prevê queda da importância da educação, é perceptível a falta de coerência com a atualidade, pois os discursos políticos caso a senhora não saiba, tem como foco a educação [...]

CLO#03

LEORDO PALMEIRA

28/08/2013 às 17:58h

Não discordo do texto no que tange à qualidade da educação básica. Porém a afirmação de que a redução da qualidade do ensino superior é causada pela aceitação de alunos cotistas é preconceituosa e leviana. Lamentável uma pessoa com formação fortemente ligada à educação dizer isto. Não vejo nenhum problema do cidadão ser contrário a política de cotas, mas não aceito acusá-la

do que não tem culpa. Os alunos cotistas durante o curso de formação recebem as mesmas aulas e fazem as mesmas provas que os alunos selecionados pelo processo seletivo convencional [...]

c) concordância:

CLO#05

antony de molay

23/04/2013 às 18:40h

olá gente de bem e progressistas (nós leitores da veja).como já havia citado em um post anterior,nunca fui um fã da colunista lya luft.essa semana entetanto,qual foi minha(grata)surpresa por ler um artigo tão contundente e bem elaborado.parabéns lya,é preciso que mais pessoas como vc que lidam com crianças,se manifestem e façam com k nossas vozes sejam ouvidas [...]

CLO#12

marcelo

16/03/2014 às 12:04h

A Lya Luft como sempre tem a ‘sutileza’ de transmitir as mensagens de forma “clara” e “precisa” em seus textos. (eu a admiro cada vz mais) Srs GOVERNANTES e REPRESENTANTES do “povo” vale a pena dar uma ESPIADINHA de vz em qdo! Acreditem...

d) ponto de partida:

CLO#06

Adriana Silva Santiago

22/04/2013 às 16:26h

Adoro Lya Luft! Quando compro a revista VEJA vou direto à sua coluna. Tenho visto o empenho dessa grande escritora em escrever sobre educação, em clamar por melhorias e seriedade nesse setor, fundamental à vida das pessoas e ao crescimento de um país que queira ser verdadeiramente desenvolvido. O que venho escrever aqui é um apelo, para que profissionais assim comprometidos continuem a lutar pela educação e, se possível, sugerir a esta revista, que é tão lida e respeitada, que faça uma reportagem sobre a real situação dos professores nesse país. No meu caso, falo por Minas Gerais, moro em Três Pontas, sul de Minas. Uma breve história pessoal: sou jornalista, professora de História, passei em primeiro lugar em concurso do Governo do Estado de Minas Gerais para exercer o cargo de professora da rede estadual. Com dois meses de trabalho, já larguei o cargo. Não aguentei a falta de respeito e disciplina por parte dos alunos, a falta de respeito e descaso dos pais para com a educação de seus filhos e por consequência, falta de respeito para com os professores de seus filhos. Além do mais, o sistema adotado em Minas, a tal progressão continuada em que o aluno NÃO PODE ser reprovado, faz do aluno um ser prepotente, que não respeita ninguém, enfim, o professor não tem autoridade nenhuma na sala, está desmoralizado. Com exceção de alguns alunos que querem aprender, e que são os mais prejudicados juntamente com os professores, mais da metade dos alunos não querem fazer nada, não copiam matéria, não fazem exercícios, não obedecem o professor, vão à escola EXCLUSIVAMENTE para brincar, se divertir, farrear. E também porque são obrigados, já que o governo obriga a todas as

crianças irem a escola, ficando os pais responsáveis por obrigá-los, caso contrário, respondem judicialmente. Os professores estão sofrendo muito! Eu saí, mas e os milhares que estão lá dentro? E que escola é essa em que o aluno passa de ano infinitamente sem saber quase nada? Só a imprensa pode ajudar nessa campanha pró-educação e em SOCORRO aos professores. Por favor, nos dê voz e visibilidade! A sociedade precisa saber o que está acontecendo! Alguma coisa tem que ser feita! O professor perdeu a dignidade em seu trabalho! Está até apanhando! E mesmo que não sofra o horror da agressão física, sofre a desmoralização em sala de aula. Uma coisa absurda! Inacreditável! Eu estive lá, eu vi! Não é exagero! Esses dois meses só me renderam frustração e um problema de pressão alta, que não quer voltar ao normal, coisa que nunca tive em minha vida! Cara Lya Luft, admiro seu trabalho, sua sensibilidade. Não sei se vai chegar a ler esse desabafo/depoimento/DENUNCIA/PROTESTO. Caso leia, ajude-nos nessa campanha pró-professor! Obrigada e parabéns por sua coluna na VEJA e por seus livros! Adoro!

CLO#16

Sidney

12/06/2013 às 8:46h

Corretíssimo o que a Lia escreveu. Tenho certeza que 99% da população brasileira clama por uma imputabilidade criminal a partir dos 14 anos mas, vem o petralha do ministro da justiça e diz que isso é impossível. Nada é impossível se houver vontade política, principalmente se apoiada pelo grosso da população. Somos, como diz a Lia, reféns em nossas casas, cercadas de grades e, se temos filhos, não conseguimos ter paz se eles estiverem nas ruas, nos colégios ou num simples cinema no shopping. Nota-se algum movimento a nível federal para encaminhar soluções? a nível estadual? Municipal? Quase nada. A morte do índio Terena lá no norte, em conflito com os fazendeiros, é lembrada toda hora pelos jornais, pela internet. Causou até a suspensão, pela justiça, da retomada da área. Autoridades do governo foram até lá! E quanto a nós? Dezenas são assassinados todos os dias pelo Brasil, pelos motivos mais fúteis, e nada acontece. Agora virou moda atear fogo nas vítimas! É duro você chegar em casa e, ao esperar a porta da garagem se abrir, ficar olhando de um lado para o outro a procura de um possível criminoso que irá apontar uma arma para sua cabeça. Tá difícil. Muito difícil.

Como podemos conferir nos exemplos anteriores, a *carta do leitor* representa uma prática social de interação verbal, na medida em que o locutor, ao elaborar seu enunciado, explicita um ponto de vista, constrói sua posição valorativa frente ao tema e a outros enunciados. A *carta do leitor*, assim, constitui-se como um gênero que se caracteriza como uma prática social e uma réplica dialógica acerca de um tema, sobre o qual o autor se posiciona. A partir disso, entendemos que “a compreensão responsiva do conjunto discursivo é sempre de índole dialógica” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 332).

Ao observarmos que, para a compreensão desses enunciados, precisamos nos remeter a sua dimensão extraverbal, à esfera em que se situa e a outros enunciados com os quais estabelece relações dialógicas, compreendemos melhor as palavras de Bakhtin: “cada enunciado isolado é um elo na cadeia da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 299).

A orientação apreciativa do locutor frente ao tema não se constrói de maneira isolada, mas, sim, a partir do entrelaçamento com outras posições valorativas, com as quais estabelece relações dialógicas. O locutor vai construindo seu ponto de vista à medida que incorpora ao seu discurso (ou refuta) as diferentes vozes em seu enunciado. É o que ocorre, por exemplo, na *carta do leitor* citada a seguir:

CLO#18

Ronaldo Barra

11/06/2013 às 14:21h

O epíteto de homem cordial dado por *Sérgio Buarque de Holanda* no seu livro *Raízes do Brasil* foi colocado mais como ironia. O brasileiro parece cordial quando lhe chama por diminutivo, abraça e põe a mão no ombro. A maioria das vezes por falsidade e por querer entrar na intimidade de outro. De maneira geral é egoísta, invejoso e violento. Gosta de dizer “qualquer dia destes vou lhe convidar para jantar em casa”. Espere pois anos se passam sem realizar o convite. Se ao contrário vc menciona um convite é o primeiro a chegar, levando um amigo ou parente. Estas são as características do brasileiro ..”tão bonzinho”. (grifo nosso)

O locutor da carta, ao se posicionar acerca do perfil do brasileiro atualmente e o aumento da violência, faz referência ao historiador Sérgio Buarque de Holanda e seu livro *Raízes do Brasil*. Publicado em 1936, o livro destaca a importância da herança cultural da colonização portuguesa no Brasil, chamando a atenção para a ideia de que a suposta “cordialidade” típica do povo brasileiro teria ocasionado uma problemática relação entre instâncias públicas e privadas. A citação do autor e do livro, além de dialogizar o enunciado, dá credibilidade a ele. Valendo-se dessa referência, mesmo que refutando-o, o locutor da carta incorpora ao seu enunciado a voz do historiador, em busca de qualificar sua argumentação e construir sua orientação valorativa em sua *carta do leitor*, que procura dialogar com o artigo “Brasileiro bonzinho”.

Processo semelhante ocorre em CLO#26:

CLO#26

Ricardo Nascimento

10/06/2013 às 9:29h

Bom dia LYA. E nossos governantes? Omissos ou envolvidos? Sou jornalista investigativo de Políticas Públicas Sociais. *Recentemente, após 3 anos de pesquisa , inclusive de campo, escrevi e publiquei um livro sobre este tema. A conclusão que cheguei é assustadora, pois se não há solução é porque o poder público NÃO QUER SOLUCIONAR. O livro é o Coronel, o Exército e a Maré, da Editora Ciência Moderna* e aborda as Favelas da Maré no Rio de Janeiro e as soluções encontradas pelo Coronel do Exército que se viu à braços com este problema. As sensacionais soluções encontradas, adotadas e testadas por ele, foram simplesmente ignoradas pelo PODER PÚBLICO e tudo continua como sempre. NO entanto a mídia nacional e estrangeira publicou dezenas de matérias sobre este tema, de forma que não foi desconhecido este trabalho. Apenas foi propositalmente “esquecido”. (grifos nossos)

Ao mesmo tempo em que busca posicionar-se acerca da violência no Brasil, dialogando com o artigo de Lya Luft (Anexo 05), o autor referencia sua própria obra, objetivando, com este enunciado, a autopromoção, a divulgação de seu livro. De forma semelhante, é o que também ocorre em CLO#27:

CLO#27

Francisco Silva

10/06/2013 às 8:20h

Lya A solução existe. Já foi aplicada e testada com sucesso. O poder público envolvido admirador e espectador do crime que é bandeira eleitoreira, q enterrou com pá de cal esta solução. Veja o vídeo que a BAND colocou no YOUTUBE dobre esta solução e que também foi abafada. O poder público não resolve o problema porque não quer resolver.É cúmplice de tudo que ocorre . Os 50.000 mortos anuais são testemunhas desta assertiva.

<http://www.youtube.com/watch?v=LkBDNW5hwSo%20>

Semelhantemente ao que ocorre no exemplo anterior, em CLO#27, há referências a determinado programa televisivo e endereço na internet em que se disponibilizam vídeos relacionados ao tema. A inserção dessas vozes nos enunciados por parte dos locutores, além de estabelecerem relações dialógicas com outros enunciados, representam estratégias argumentativas para sustentação de uma opinião.

No processo de construção da posição valorativa frente ao tema por parte do locutor, observamos a recorrência a outras vozes, denunciando de que lugar social vêm frequentemente os discursos que os autores das cartas incorporam aos seus enunciados. No enunciado do locutor, essas vozes funcionam como um recurso argumentativo para construção de sua orientação valorativa frente aos eventos sociais dos quais trata. Conforme Bakhtin (2003[1979]), em cada época e esfera social existem enunciados que gozam de maior prestígio, aspecto que também pode

ser observado no caso das *cartas do leitor*. Encontramos, nos enunciados selecionados para esse estudo, a presença de vozes próprias de algumas esferas sociais, quais sejam, principalmente: da esfera do cotidiano, a partir da voz do senso comum, da opinião pública, do exemplo da própria vida (CLI#03 / CLO#20 / CLO#22); da esfera política (CLI#01 / CLO#09 / CLO#21); e da esfera da educação (CLI#02 / CLO#02).

A partir disso, entendemos que as reações-resposta dos leitores, muito além de se caracterizarem como um diálogo direto com Lya Luft e seus artigos, apresentam relações dialógicas diversas com outros enunciados, tanto da esfera jornalística, quanto de outras esferas com as quais interagem.

3.2.1.3 *Carta do leitor* impressa e digital: diferentes orientações para diferentes leitores

Conforme já dito, o locutor, ao elaborar seu enunciado, sua posição responsiva em relação a enunciados anteriores, se dirige e considera nesse processo seu(s) interlocutor(es). Todo enunciado, conforme Bakhtin (2003[1979]) tem um endereçamento, um direcionamento, o que exerce determinações na constituição e funcionamento desses enunciados. Em termos bakhtinianos, “cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 301).

Entendemos, a partir disso, que embora se insiram na mesma esfera, a jornalística, o gênero discursivo *carta do leitor* apresenta diferentes regularidades nos diferentes suportes e mídias. Ao analisarmos as *cartas do leitor* selecionadas para esse estudo, identificamos que seus autores se dirigem a diferentes interlocutores nos diferentes suportes e mídias e isso causa determinações nos enunciados, distinguindo-os, de certa forma. Enquanto o interlocutor previsto da *carta do leitor* impressa constitui-se, em sua maioria, como o assinante da revista *Veja*, já as cartas *online* se dirigem a um público mais amplo e diverso. Esse aspecto causa diferentes determinações nesse gênero nos dois suportes e mídias. Vejamos:

CLI#05

Estamos todos afogados na violência, que cresce de forma vertiginosa, assistindo à inércia do estado e de seus poderes constituídos.

MAURÍCIO JOSÉ MANTELLI MARANGONI, Araras, SP.
(Revista *Veja*, edição 2319, ano 46, nº 18, de 01 de maio de 2013)

Nesse exemplo, assim como na maioria das *cartas do leitor* publicadas na *Veja* impressa, verificamos que há a intenção do locutor em se dirigir, além de Lya Luft, ao público geral da revista, o qual, como já dissemos, se constitui, em sua maioria, pelos seus assinantes, que apresentam um determinado perfil. Isso causa determinações diversas nas cartas, como por exemplo, em sua construção composicional (o enunciado é mais breve, conciso), ou em seu estilo (a preferência pela primeira pessoa do plural numa tentativa de se aproximar do interlocutor previsto, ou, ainda, a escolha da norma culta padrão, recurso notado em todas as cartas impressas).

Já no caso das *cartas do leitor* da versão *online* da mesma revista identificamos uma situação diferente. Nelas observamos que o locutor considera e se dirige a uma diversidade maior de interlocutores. Certamente que seu enunciado se constitui como uma reação resposta a um artigo de Lya Luft, sua interlocutora prevista imediata. Porém, essa situação se engendra a outros perfis de interlocução, abrangendo mais que o diálogo entre leitor e articulista. Nessa situação específica de interação verbal mediada pelo gênero *carta do leitor*, observamos que há um leque maior de interlocutores previstos pelos autores desses enunciados. É o que pode ser verificado nos exemplos a seguir:

CLO#01

Hosana Lima

06/09/2014 às 19:09h

[...] **Não somos nós, Lya Luft.** A senhora não faz parte da parcela da população que recebe educação precária e deve se preocupar com necessidades básicas como saúde e comida (que nada adianta certo? Errado). Poupe-nos de sua falsa simetria em que serviços insatisfatórios se comparam a vida de fracasso escolar e sobrevivência em meio a separatistas (como a senhora) e atenha-se a falar da vida de shoppings e seus espaços livres de rolezinhos deste povo “cordial” que segundo esse artigo, merece que lhes tirem seu direito. (grifos nossos)

CLO#06

Adriana Silva Santiago

22/04/2013 às 16:26h

Adoro Lya Luft! Quando compro a revista VEJA vou direto à sua coluna. Tenho visto o **empenho dessa grande escritora** em escrever sobre educação, em clamar por melhorias e seriedade nesse setor, fundamental à vida das pessoas e ao crescimento de um país que queira ser verdadeiramente desenvolvido. O que venho

escrever aqui é um **apelo, para que profissionais assim comprometidos continuem a lutar pela educação** e, se possível, sugerir a esta revista, que é tão lida e respeitada, que faça uma reportagem sobre a real situação dos professores nesse país. No meu caso, falo por Minas Gerais, moro em Três Pontas, sul de Minas. Uma breve história pessoal: sou jornalista, professora de História, passei em primeiro lugar em concurso do Governo do Estado de Minas Gerais para exercer o cargo de professora da rede estadual. Com dois meses de trabalho, já larguei o cargo. Não aguentei a falta de respeito e disciplina por parte dos alunos, a falta de respeito e descaso dos pais para com a educação de seus filhos e por consequência, falta de respeito para com os professores de seus filhos [...] **Cara Lya Luft**, admiro seu trabalho, sua sensibilidade. Não sei se vai chegar a ler esse desabafo/depoimento/DENUNCIA/PROTESTO. Caso leia, ajude-nos nessa campanha pró-professor! Obrigada e parabéns por sua coluna na VEJA e por seus livros! Adoro! (grifos nossos)

CLO#09

moacir

14/04/2013 às 17:58h

Setti, Em 2012 o governo investiu R\$ 10 bilhões nas Forças Armadas.E apenas R\$ 4 bilhões em educação.Pelos números a gente percebe,claramente,que educação não é prioridade para esse governo.O que faz sentido. Sim,pois não creio que nossos governantes atuais almejem um povo educado,informado, e esclarecido. Ficaria muito complicado para o Governo.Por exemplo,se nosso povo soubesse o que é ajuste fiscal,o Mantega não poderia afirmar,de um lado, que medidas duras seriam tomadas nesse sentido,enquanto a Dilma preocupada com a eleição,do outro lado,aumentaria o número de Ministérios.O tal povo informado e educado saberia, é claro,que o Mantega estava falando de reduzir o custo do Estado,cortar os gastos da coisa pública, só gastar o que se arrecada.E que a Dilma ao abrir Ministérios, estava falando do oposto de tudo isso. Pois não deve sair barato criar, dar endereço,mobiliar,decorar,instalar equipamentos e contratar funcionários para novos Ministérios dos quais o Brasil não precisa,só a Dilma.Em troca de votos.Uma questão de ordem eleitoreira,apenas. Então é o seguinte – perigoso esse tal de povo educado.Melhor deixar as coisas como estão. As crianças só deverão ler aos 8 anos – até lá se distrairão aprendendo a desenhar na aula de arte.Os jovens ingressarão nos cursos superiores bem “cotados”,apesar nem serem incapazes de interpretar textos, nem de escrevê-los.A não ser tipo assim, enxendo de erus a fixa de redação, enquanto passam a receita do miojo e cantam uma ode ao Palmeiras. Besteira!Quem precisa utilizar a norma culta da língua? Isso é coisa da direita. E uma vez terminados os cursos,daqui a pouco,o Olimpo dos mestrados e doutorados não será mais o reduto da excelência,mas das minorias antes oprimidas por 500 anos de história.Viva! Eu fico pensando se não seria mais fácil investir no ensino a partir do básico,ensinar a meninada a ler aos 5 anos como aconteceu comigo,e além de Português e Matemática, Geografia e História, apresentar-lhes Cidadania, Civismo, Redação e Oratória. Como acontece na maioria dos países civilizados desse mundo. Como relação ao fato, de que a tal população escolarizada, iria saber

quanto seus representantes estivessem se distanciando da real, não haveria nenhum problema. A Dilma e o Mantega combinariam não mais dizer que estão para realizar – ações excludentes simultâneas. Simples assim. Brilhante o Mercadante. Abraço. (grifos nossos)

Esses exemplos nos permitem verificar que as *cartas do leitor* publicadas na internet, ao ocorrerem nessa mídia, apresentam um contexto diferente de interação, possibilitando um leque maior de direcionamentos desses enunciados, se comparadas às cartas publicadas na versão impressa da revista *Veja*. Os locutores, ao interagirem por meio do gênero *carta do leitor online*, consideram tanto a possibilidade de poderem se dirigir a um público leitor geral da revista, quanto, a públicos mais específicos. Esse aspecto de abrangência das possibilidades de direcionamento desses enunciados pode ser observado nos exemplos acima: em CLO#01, o locutor se dirige explicitamente a Lya Luft; em CLO#06 o locutor opta por iniciá-lo em 3ª pessoa, mas, no decorrer do enunciado, se dirige aos profissionais da educação, e, por fim, a Lya Luft; já em CLO#09, o locutor se dirige a Ricardo Setti, colunista de *Veja* e organizador do *blog* onde são disponibilizadas as *cartas do leitor* referentes aos artigos de Lya Luft. Certamente, os locutores, ao elaborarem suas cartas, preveem não somente seu interlocutor direto, marcando ou não explicitamente isso em seu texto, mas também um interlocutor maior, o leitor geral da revista, o internauta interessado nos temas em discussão. Porém, para além disso, talvez devido à ausência de edição, já que as cartas são disponibilizadas exatamente como os leitores internautas as elaboram, ao contrário do que ocorre na versão impressa da revista, observamos que, no ambiente *online*, as possibilidades de responsividade são ampliadas, permitindo que tome novos rumos.

Em CLO#09, por exemplo, além de dirigir-se a Setti, no decorrer do texto o locutor deixa clara sua posição valorativa contrária às ações governamentais quanto à educação, dirigindo seu discurso aos que apoiam essas medidas. Trata-se, assim, de um enunciado que visa, em termos de direcionamento, também um público leitor de segmentos políticos específicos. Sua *carta do leitor* torna-se, assim, um meio de propagação de ideais político-partidários, isto é, o locutor se vale do gênero para organizar sua atitude responsiva-valorativa frente às ações políticas, as quais contraria, dirigindo seu discurso aos que apoiam as ações governamentais. Considerando essa intenção, o direcionamento do enunciado é ampliado, tendo em vista que se dirige, neste caso, também a segmentos políticos específicos.

Ao analisarmos as *cartas do leitor online* entendemos que as possibilidades de interação são diversas. O internauta-leitor dos artigos de Lya Luft pode se dirigir a diferentes interlocutores: à Lya Luft; a Ricardo Setti; a partidos políticos específicos; ao público internauta em geral, entre outras possibilidades de interação. Pode (aspecto não possível na versão impressa da revista), até mesmo, interagir com o autor de outra carta publicada anteriormente no mesmo ambiente, como ocorre em CLO#24 e CLO#25, citadas a seguir:

CLO#24

Toninho malvadeza

10/06/2013 às 18:29h

O Brasil está na desordem implantada pelo PT e por políticos da base que se locupleta!(2)

CLO#25

Luiz

10/06/2013 às 10:35h

O Brasil está na desordem implantada pelo PT e por políticos da base que se locupleta!

Em CLO#24, ao assumir sua responsividade, o locutor opta por repetir o enunciado de outro leitor, acrescentando somente, ao final, a expressão “(02)”. Ao que nos parece, essa repetição não nos permite concluir que os dois enunciados tenham o mesmo sentido. Sendo cada enunciado único, irrepitível, entendemos que o locutor da CLO#24, ao se valer do enunciado do outro, também estabelece um diálogo com seu autor e demonstra que respalda o que o outro disse.

Outra situação de interação específica que identificamos no ambiente em que as cartas *online* são disponibilizadas, diz respeito à possibilidade de o mesmo leitor poder se enunciar mais que uma vez nesse espaço, aspecto não notado na versão impressa da revista *Veja*. É o que ocorre em CLO#05 e CLO#07:

CLO#05

antony de molay

23/04/2013 às 18:40h

olá gente de bem e progressistas(nós leitores da veja).como já havia citado em um post anterior,nunca fui um fã da colunista lya luft.essa semana entetanto,qual foi minha(grata)surpresa por ler um artigo tão contundente e bem elaborado.parabéns lya,é preciso que mais pessoas como vc que lidam com crianças,se manifestem e façam com k nossas vozes sejam ouvidas.é preciso acabar com a hipocrisia,um marginal juvenil é irrecuperável,ponto.tais criaturas nascem em ambientes degenerados,seu desenvolvimento é prejudicado por todos os fatores possíveis e,os estímulos que recebem são voltados para a revolta e a violência contra todos os

que se colocarem em seus caminhos.li o post da professora mineira e,num breve relato ela definiu a situação em que o sistema educacional brasileiro se encontra.o aluno delinquente hj não é exceção e sim regra. o pior é saber que o galã de novela mexicana,ex-ministro da educação, considera-nos vermes prenes de falsas promessas e,defende que nesses jovens marginais se encontra o futuro do país portanto,nada de reprova-los,pois isso seria um indicdor de incompetência dos administradores PTralhas em educar o povo.hj sra.lya,a juventude de baixa renda vive num caos,pais sem tempo,educação, exemplos, enfim nada para transmitir aos filhos. indivíduos que podem eleger um político amoral,ms que é idolatrado pelos pais deste pq o mesmo lhe dá esmolas,e lhes garante impunidade.lya pergunto-lhe,já lhe passou pela mente que muitos desses canalhas esquerdistas devem ter se comemorado a morte do jovem assassinado por um celular? note que escrevo alguns, pois,não somos levianos como os esquerdistas que sem nos conhecer nos rotulam de “vermes”. somos humanos,pequenos, egoístas, pequenas matrizes individuais de conquistas e frustrações, fadados à finitude e muitas vezes à decrepitude.entretanto precisamos que façamos ouvir nossas vozes,a marginalidade aumenta exponencialmente e,a tendência é que tudo piore pois há vinte anos atrás tudo contribuía para que nos tornássemos cidadãos de bem,hj,vemos a falência de todas as instituições que podem fazer um país andar.o plot do filme “idiocracy”não será a américa,já é o brasil,infelizmente. (grifo nosso)

CLO#06

Adriana Silva Santiago

22/04/2013 às 16:26h

Adoro Lya Luft! Quando compro a revista VEJA vou direto à sua coluna. Tenho visto o empenho dessa grande escritora em escrever sobre educação, em clamar por melhorias e seriedade nesse setor, fundamental à vida das pessoas e ao crescimento de um país que queira ser verdadeiramente desenvolvido. O que venho escrever aqui é um apelo, para que profissionais assim comprometidos continuem a lutar pela educação e, se possível, sugerir a esta revista, que é tão lida e respeitada, que faça uma reportagem sobre a real situação dos professores nesse país. No meu caso, falo por Minas Gerais, moro em Três Pontas, sul de Minas. Uma breve história pessoal: sou jornalista, professora de História, passei em primeiro lugar em concurso do Governo do Estado de Minas Gerais para exercer o cargo de professora da rede estadual. Com dois meses de trabalho, já larguei o cargo. Não aguentei a falta de respeito e disciplina por parte dos alunos, a falta de respeito e descaso dos pais para com a educação de seus filhos e por consequência, falta de respeito para com os professores de seus filhos. Além do mais, o sistema adotado em Minas, a tal progressão continuada em que o aluno NÃO PODE ser reprovado, faz do aluno um ser prepotente, que não respeita ninguém, enfim, o professor não tem autoridade nenhuma na sala, está desmoralizado. Com exceção de alguns alunos que querem aprender, e que são os mais prejudicados juntamente com os professores, mais da metade dos alunos não querem fazer nada, não copiam matéria, não fazem exercícios, não obedecem o professor, vão à escola EXCLUSIVAMENTE para brincar, se divertir, farrear. E também porque são obrigados, já que o governo obriga a todas as

crianças irem a escola, ficando os pais responsáveis por obrigá-los, caso contrário, respondem judicialmente. Os professores estão sofrendo muito! Eu saí, mas e os milhares que estão lá dentro? E que escola é essa em que o aluno passa de ano infinitamente sem saber quase nada? Só a imprensa pode ajudar nessa campanha pró-educação e em SOCORRO aos professores. Por favor, nos dê voz e visibilidade! A sociedade precisa saber o que está acontecendo! Alguma coisa tem que ser feita! O professor perdeu a dignidade em seu trabalho! Está até apanhando! E mesmo que não sofra o horror da agressão física, sofre a desmoralização em sala de aula. Uma coisa absurda! Inacreditável! Eu estive lá, eu vi! Não é exagero! Esses dois meses só me renderam frustração e um problema de pressão alta, que não quer voltar ao normal, coisa que nunca tive em minha vida! Cara Lya Luft, admiro seu trabalho, sua sensibilidade. Não sei se vai chegar a ler esse desabafo/depoimento/DENUNCIA/PROTESTO. Caso leia, ajude-nos nessa campanha pró-professor! Obrigada e parabéns por sua coluna na VEJA e por seus livros! Adoro!

CLO#07

antony de molay

15/04/2013 às 15:25h

olá, nunca fui um fã da coluna da lya luft por razões próprias. entretanto,o tema abordado é de vital importância especialmente nessa época de mudanças que estamos a vivenciar.divido meus afazeres em duas áreas distintas:segurança e educação. observo em ambas as áreas uma total perversão de tudo o me foi transmitido e k akredito. enfrentamos um problema que penso ainda não ter sido percebido pelos formadores de opinião como um todo.posso afirmar que estamos numa nau sem capitão e à iminencia de um motim.vejamos:lido diariamente com profissionais sem o menor preparo para desempenhar as funções que lhes foram confiadas.em qualquer curso de licenciatura haverá a incompatibilidade entre o k é ensinado,o nível medio dos aprendizes e o resultado final.não sou pesquisador e nem me interessa adentrar nessa seara,pois um dos piores males que herdamos dos portugueses,foi a mania de furar papel de modo a encher linguiça e,acho que o mercado está prenhe de tantos “intelectuais”de fim de semana.ms ao observar o cotidiano,diria que apenas 15% dos que saem de uma faculdade dominam minimamente o k lhes foi ministrado.some à esse fato a degradação do núcleo familiar.hj os pais de famílias de classe média a média baixa travam batalhas diárias para a manutenção da prole que por sua vez,está irremediavelmente exposta ao que há de bom e ruim nas novas midias.o maior e pior problema dessa exposição é a sexualização precoce de jovens k sem maturidade se engajam em relacionamentos efêmeros e geram mais crianças que fatalmente estarão à deriva.o ser humano é imitador e,observe os exemplos dos jovens hj:dj e cantores de rap e hip hop que prefiro sugerir à autora que faça sua pesquisa(comece pelo dj buru)e tire suas próprias conclusões.não sou e hipótese alguma moralista ms a próxima novela da globo será ambientada num bordel.no ano passado quando o lixo televisivo “avenida brasil”estava no ar vi coisas inenarráveis entre os jovens no ano k vem... para terminar,imagine na mente de um jovem assistir um programa tipo “bbb” e ver

escroques que sob a égide da globo se tornam celebridades.como diria um professor meu em tom de brincadeira lógico,"estamos maus"

Após já ter publicado uma *carta do leitor*, conforme exemplificamos, em CLO#05 o locutor opta por novamente se enunciar, na tentativa de estabelecer um diálogo responsivo frente ao que a autora de CLO#06 expõe em sua carta. Com um novo enunciado, na CLO#05, além de novamente assumir atitude responsiva em relação à Lya Luft e seu artigo, o autor dialoga com outra carta (CLO#06) publicada nesse mesmo ambiente. Notamos, assim, que o autor de CLO#05 / CLO#07, ao se referir à CLO#06, assume também responsividade a esse enunciado e a sua autora. Logo, observamos que, no ambiente *online*, os leitores têm a possibilidade de interagir mais vezes, elaborando novos elos comunicativos, posicionando-se mais que uma vez, organizando mais que um enunciado. Esse aspecto não foi observado na interação mediada pelas cartas publicadas na versão impressa da revista *Veja*.

Além disso, dada a maior circulação da versão digital da revista *Veja*, a responsividade por parte dos leitores também é ampliada nessa mídia, permitindo que pessoas de diferentes nacionalidades possam interagir, elaborando suas reações-resposta. É o que nos revela o exemplo a seguir:

CLO#13

Vanessa Alfonzo

28/10/2013 às 19:27h

Eu sou Venezuelana. Achaba que isso só acontecia no meu pais mas de um tempo pra aca vejo que America Latina está cada vez mais sumergida nun mundo egoista. Os politicos só tem vontade de ficar com mais e mais dinheiro sem se preocupar por sua gente. É triste. (desculpem minha ortografia)

A autora da carta acima, venezuelana, elabora sua reação resposta buscando traçar um perfil comparativo dos políticos na América Latina. A partir desse exemplo, entendemos que a internet amplia a possibilidade de responsividade, dada a amplitude de abrangência dessa mídia em relação à versão da revista impressa.

No ambiente *online*, verificamos, ainda, que os locutores podem elaborar sua reação-resposta configurada no gênero *carta do leitor* a qualquer tempo, diferentemente do que ocorre no espaço da revista impressa, onde normalmente esses enunciados se referem a artigos de, no máximo, uma ou duas semanas atrás.

Assim, compreendemos que uma das especificidades da interação por meio das *cartas do leitor* na internet é a ampliação de possibilidades de responsividade

que o locutor pode assumir, tendo em vista os múltiplos direcionamentos que seus enunciados podem considerar nessa mídia.

A partir dessas considerações, passamos, a seguir, às discussões sobre o estilo e a construção composicional do gênero discursivo *carta do leitor*.

3.2.2 As projeções estilístico-composicionais

Considerando as discussões acerca do conteúdo temático da *carta do leitor*, nesta seção pretendemos analisar aspectos das regularidades estilístico-composicionais desse gênero, tendo em vista uma situação específica de interação. Para tanto, esta seção se encontra assim organizada: primeiramente tratamos das projeções de estilo da *carta do leitor* em diferentes suportes e mídias; em seguida, analisamos a construção composicional desse gênero e suas especificidades em cada ambiente; ao final, tecemos considerações acerca da *carta do leitor* e sua intercalação com o gênero *comentário* no ambiente *online*.

3.2.2.1 Projeções de estilo da *carta do leitor* em diferentes suportes e mídias

Ao buscarmos compreender o estilo da *carta do leitor*, entendemos que, para isso, precisamos nos remeter tanto a elementos verbais quanto extraverbais que orientam e constituem esse tipo de enunciado, uma vez que este gênero “é pleno de *tonalidades dialógicas*, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 298). As relações dialógicas, assim, tornam-se elementos constitutivos da linguagem. Logo, sendo atravessado pelas relações dialógicas, por discursos, o estilo dos enunciados não pode ser compreendido pela simples análise de sua materialidade linguística.

Sob essa perspectiva, buscamos, com esta subseção, investigar os recursos lexicais e fraseológicos que engendram o gênero discursivo *carta do leitor*, considerando sua determinação pela situação de interação específica em que este tipo de enunciado é produzido. Considerando seu contexto de produção, ao analisarmos as *cartas do leitor* publicadas na revista *Veja* observamos que em cada mídia/suporte esse gênero apresenta singularidades, especificidades.

No caso das ***cartas dos leitores publicadas na versão impressa da revista Veja***, verificamos que um de seus aspectos estilísticos recorrentes é a preferência

pelo uso da norma padrão culta nesses enunciados. Isso pode estar relacionado ao seu contexto de produção e autoria, uma vez que, como já afirmado, as cartas enviadas à revista impressa passam, em sua grande maioria, por um processo de edição. A seleção dessa variedade linguística, então, pode ser uma escolha estilística do editor, o qual, ao editar a *carta do leitor*, “corrige” eventuais desvios que o leitor possa ter cometido.

Confirmando a relação estreita entre a palavra e a vida, observamos o uso de recursos linguísticos que denunciam a posição valorativa do locutor frente ao tema. É o caso da escolha da pontuação.

CLI#01

Em “A formação de um povo” (10 de abril), a escritora Lya Luft **aborda** com propriedade o maior problema do Brasil: a má qualidade do nosso ensino, em todos os níveis. Será que o ministro da Educação não fica com vergonha ao ler o artigo? E a presidente Dilma Rousseff, não fica vermelha? Uma pena o que está sendo feito com a nossa educação – cada vez pior!

SILVÉRIO JOSÉ HUPPES, Arroio do Meio, RS.

(Revista *Veja*, edição 2317, ano 46, nº 16, de 17 de abril de 2013)

Nesse exemplo, assim como na CLI#07 e na CLI#08, podemos observar que o uso tanto do sinal de interrogação, quanto o de exclamação denunciam o posicionamento contrário do locutor em relação às ações governamentais na área da educação no Brasil, além de provocar um diálogo retórico com os leitores da revista, cobrando deles, indiretamente, um posicionamento frente aos seus argumentos.

Além disso, verificamos a ocorrência de verbos que identificam o discurso de outrem, como é o caso de “aborda”, na CLI#01, citada acima. Essa escolha se dá, na medida em que o locutor busca, com isso, retomar o discurso de Lya Luft acerca da má qualidade do ensino brasileiro.

Ainda com relação às *cartas do leitor* da versão impressa da revista, embora haja um predomínio do uso da norma culta padrão, identificamos recorrência a expressões do senso comum ou coloquiais em diversos desses enunciados. Esse aspecto pode ser notado no exemplo acima, quando o locutor utiliza expressões como “não fica vermelha”, “não tem vergonha”, “Uma pena”. Ao denunciar sua posição valorativa frente ao tema, a partir do uso desses recursos linguísticos, o autor apresenta uma fraca progressão do tema e revela um domínio frágil da norma culta. Todavia, ao optar por deixar essas marcas no texto ao editar as cartas,

presumimos que o editor quer preservar uma certa “originalidade” do autor que escreve a carta: pessoas descontentes com a educação no país e que extravasam com naturalidade sua indignação. Assim, a *carta do leitor* configura-se, também, como um espaço de desabafo.

Ao analisarmos as cartas publicadas na *Veja* impressa, atentamos para o predomínio da primeira pessoa do plural. Vejamos:

CLI#05

Estamos todos afogados na violência, que cresce de forma vertiginosa, assistindo à inércia do estado e de seus poderes constituídos.

MAURÍCIO JOSÉ MANTELLI MARANGONI, Araras, SP.

(Revista *Veja*, edição 2319, ano 46, nº 18, de 01 de maio de 2013)

CLI#07

Até quando **vamos** suportar tanto descaso, desfaçatez, falta de empenho do governo em **nos** dar saúde, educação, segurança?

LUCIMAR SANTOS SANTINI, Caxias do Sul, RS.

(Revista *Veja*, edição 2319, ano 46, nº 18, de 01 de maio de 2013)

CLI#09

Precisamos urgentemente realizar uma grande cruzada para fazer cumprir o que está escrito em **nossa** bandeira (“ordem”), pois os **nossos** governantes já se esqueceram disso há muito tempo.

PEDRO P. BALSEMÃO, Ivoti, RS.

(Revista *Veja*, edição 2319, ano 46, nº 18, de 01 de maio de 2013)

Ao selecionarem a primeira pessoa do plural para elaborar seus enunciados, os locutores, de certa forma, buscam e antecipam a concordância por parte de seus interlocutores com relação à sua posição valorativa frente ao tema. É como se, com isso, o locutor da carta estivesse já pressupondo a existência de uma parcela de seus interlocutores que pensam como ele, por isso, não está sozinho, mas há outros que concordam com seu posicionamento.

Além disso, como também encontramos nos exemplos acima, uma das regularidades das cartas impressas é a opção por parte dos locutores do uso de verbos no Presente do Indicativo. Isso está relacionado à ideia de que o tema posto em questão no artigo e nas reações-resposta dos leitores é uma discussão atual, imbricada, assim, ao seu cronotopo e sua relação com a contemporaneidade.

Eventualmente, como notamos no exemplo a seguir, nas cartas impressas observamos o uso do Pretérito Perfeito do Indicativo.

CLI#03

O pai que vê seu filho com dificuldades ou desleixo na escola muitas vezes faz vista grossa. Outros apelam para a imposição e até para o “castigo”. **Mas**, enquanto o estudante não entender a importância do estudo para o próprio bem-estar futuro, ele não se dedicará. Estudantes **perderam** o interesse; pais **deixaram** de se importar; professores **cansaram** de insistir; e o governo, para variar, é indiferente.

TAÍSA MEDEIROS, 17 anos, Cachoeira do Sul, RS.

(Revista *Veja*, edição 2317, ano 46, nº 16, de 17 de abril de 2013)

Nesta carta, além de valer-se do presente do indicativo para apontar algumas das causas que geraram o estado crítico da educação brasileira e sua relação com a violência, o locutor da carta opta também pelo uso dos verbos no Pretérito Perfeito, no intuito de apontar e realçar quem são, no seu ponto de vista, os maiores responsáveis pela situação atual. Nesse caso, o tempo verbal no pretérito é um recurso para dar sustentação aos argumentos ao trazer exemplos para ilustrá-los.

Outro aspecto que identificamos em nossa análise diz respeito à presença de operadores argumentativos (normalmente conjunções), funcionando como norteadores de posicionamentos, no intuito de direcionar a opinião do interlocutor. O uso do “mas” na CLI#03, citada acima, exemplifica essa situação. Da mesma forma, em muitas outras cartas, observamos o uso de marcadores discursivos, os quais buscam, além de definir uma orientação valorativa do locutor, estabelecer um vínculo com a possível reação resposta do interlocutor. É que ocorre também, por exemplo, na CLI#07 (“até quando”).

Acerca do estilo da carta do leitor publicada na versão online da revista *Veja*, encontramos algumas especificidades. Além dos recursos linguísticos já levantados na análise do estilo da *carta do leitor* na revista impressa, quando publicada na internet, esse gênero abrange, além desses, outros aspectos.

Um desses aspectos diz respeito à ausência de preocupação, por parte dos autores de muitas dessas *cartas do leitor online*, em pontuar os textos conforme estabelecido pela norma padrão culta tradicional. Vejamos:

CLO#22

DH, especialistas

10/06/2013 às 19:09h

Prezado, temos mais ou menos a mesma idade, logo, sabes do que falo.... tudo começou a ruir, nos anos 60, tudo de ruim apareceu pro lá... alias, o Sarkozy em seu discurso d posse fala na Sorbone de 68, nas esquerdas.... mas, vinahmos levando o barco, até que OS DH, AS ONGS, AS PASTORAIS, OS ESPECIALSITAS EM TODAS A S

Outra especificidade estilística observada nas cartas *online* diz respeito ao uso de abreviações próprias da linguagem, denominada popularmente como “internetês”: linguagem marcada pela influência das novas tecnologias, em alguns enunciados, como exemplifica a carta a seguir, e em diversos outros. O locutor, ao selecionar os recursos linguísticos para elaborar seu enunciado, vale-se de expressões próprias de uma situação de interlocução informal:

CLO#07

antony de molay

15/04/2013 às 15:25h

olá, nunca fui um fã da coluna da lya luft por razões próprias. entretanto,o tema abordado é de vital importância especialmente nessa época de mudanças que estamos a vivenciar.divido meus afazeres em duas áreas distintas:segurança e educação. observo em ambas as áreas uma total perversão de tudo o me foi transmitido e **k akredito**. enfrentamos um problema que penso ainda não ter sido percebido pelos formadores de opinião como um todo.posso afirmar que estamos numa nau sem capitão e à iminencia de um motim.vejamos:lido diariamente com profissionais sem o menor preparo para desempenhar as funções que lhes foram confiadas.em **kualker** curso de licenciatura haverá a incompatibilidade entre o **k** é ensinado,o nível medio dos aprendizes e o resultado final.não sou pesquisador e nem me interessa adentrar nessa seara,pois um dos piores males que herdamos dos portugueses,foi a mania de furar papel de modo a encher linguiça e,acho que o mercado está prenhe de tantos “intelectuais”de fim de semana.ms ao observar o cotidiano,diria que apenas 15% dos que saem de uma faculdade dominam minimamente o **k** lhes foi ministrado.some à esse fato a degradação do núcleo familiar [...]

Influenciado pela mídia em que interage, sem se preocupar com espaçamentos, pontuação, letras maiúsculas, no intuito de tornar o processo de interação mais rápido, o locutor opta por substituir letras em seu enunciado.

Verificamos, ainda, que o uso de alguns recursos linguísticos por parte do locutor denuncia uma posição valorativa contrária às ações do governo na área educacional.

CLO#15

Maria

12/06/2013 às 22:22h

Lya está certa...é isso que é o brasileiro...já vivi fora e posso dizer que brasileiro é invejoso, maldoso, fofoqueiro! Preocupa-se mais com a vida dos outros do que da sua própria! Mas depois do PT o brasileiro virou pior... Com o exemplo de cima, viraram bandidos. Não falo de todos, claro, mas uma grande maioria, inclusive aqueles que vivem do bolsa-familia, bolsa-bandido, etc. E enquanto o PT estiver no comando a coisa só vai piorar... eu não tenho sossego,

nem paz...já fui vitima de sequestro relâmpago e tudo e todos me apavora. não durmo quando os filhos estão fora de casa...também já fui vítima de telefonemas anônimos no meio da madrugada, pior que parecia a voz da minha filha! Esse país não dá para viver depois do PT. Minha vontade é poder viver em outro país, mas não sou petista e portanto não tenho o dinheiro do mundo! Me recuso a ser petista e desconstruir uma sociedade inteira...me recuso a ser subornada em detrimento de uma sociedade inteira! [...]

O locutor de CLO#15, assim como ocorre em outras cartas (por exemplo, em CLO#09 e CLO#27), ao elaborar seu enunciado e selecionar seus recursos estilísticos, reflete um discurso político de discordância às ações governamentais. Isso pode estar relacionado ao fato de que, como já afirmado, o público-alvo da revista, pertencente predominantemente às classes A e B, não se constitui como o alvo das principais ações do governo atual, o que geraria essa posição de discordância observada em diversas *cartas do leitor*.

Além disso, verificamos que o posicionamento valorativo do locutor das cartas, tanto impressas, quanto *online*, porém, especialmente nestas, pode ser identificado a partir da análise de outro recurso linguístico: o uso de marcadores avaliativos. Trata-se de adjetivações, adverbializações que denunciam a concordância ou discordância do locutor acerca do tema em discussão, projetando orientações valorativas. Vejamos:

CLO#29

jota be

09/06/2013 às 19:19h

O problema nosso esta no Legislativo **demagogo** que não impõe uma legislação de acordo com nossa realidade. Não adianta copiar de países europeus, pois aqui tem brasileiros. E concordo com seu artigo, somos cada vez **mais violentos** e parece que estamos acostumando com isso. É uma carga **pesada** sobre quem trabalha e produz neste pais. Acorda Brasil.

CLO#04

Edjane Silva

30/06/2013 às 12:03h

Sou professora dos anos iniciais do ensino fundamental a 15 anos, hoje tenho 34 anos, admiro muito Lya Luft e, mais uma vez ela escreve **grandes verdades reais** sobre a educação brasileira, pois nesses 15 anos de sala de aula, é exatamente isso que vejo acontecer, nossos alunos cada vez aprendendo **menos** devido à falta de investimentos na educação. Mas sabemos **muito bem** porque: Povo **ignorante** é muito **mais fácil** manipular, enganar e iludir com bolsa família, paternalismo que não ensina se esforçar por um crescimento necessário. É **lamentável** que nossos políticos e até

mesmo nosso povo nem pense no assunto! Amei sua matéria Lya, mais uma vez!

Como destacamos nos recursos linguísticos grifados nestas cartas, o uso desses marcadores avaliativos demonstra a orientação valorativa do locutor, denunciando a defesa de um discurso contrário às medidas governamentais na área educacional e da segurança.

Outro aspecto observado diz respeito à presença de indicadores modais. O uso desses recursos lexicais e fraseológicos indicam determinados recortes de valor, apresentando-se como materializações da relação dialógica do enunciado do leitor com o enunciado da reação-resposta do leitor, configurada na carta.

CLO#05

antony de molay

23/04/2013 às 18:40h

olá gente de bem e progressistas(nós leitores da veja).como já havia citado em um post anterior,nunca fui um fã da colunista lya luft.essa semana entetanto,qual foi minha(grata)surpresa por ler um artigo tão contundente e bem elaborado.parabéns lya, **é preciso** que mais pessoas como vc que lidam com crianças,se manifestem e façam com k nossas vozes sejam ouvidas. **é preciso** acabar com a hipocrisia,um marginal juvenil é irrecuperável,ponto.tais criaturas nascem em ambientes degenerados,seu desenvolvimento é prejudicado por todos os fatores possíveis e,os estímulos que recebem são voltados para a revolta e a violência contra todos os que se colocarem em seus caminhos. [...]

Nesta, assim como em diversas outras cartas *online*, observamos a incidência de indicadores modais que apontam para aspectos da relação dialógica do enunciado. No exemplo acima, as expressões destacadas indicam uma tentativa do leitor/autor em estabelecer um diálogo com sua interlocutora direta, Lya Luft, definindo sua posição valorativa frente ao tema.

Observamos, ainda, a presença do discurso bivocal. De forma não demarcada, em alguns enunciados, o locutor se vale de um discurso alheio. Como forma de respaldar sua orientação valorativa, o locutor vale-se do discurso de um outro ao interagir. É o que pode ser conferido nas cartas citadas a seguir:

CLO#18

Ronaldo Barra

11/06/2013 às 14:21h

O epíteto de homem cordial dado por Sérgio Buarque de Holanda no seu livro Raízes do Brasil foi colocado mais como ironia. O brasileiro parece cordial quando lhe chama por diminutivo,

abraça e põe a mão no ombro. A maioria das vezes por falsidade e por querer entrar na intimidade de outro. De maneira geral é egoísta, invejoso e violento. Gosta de dizer “qualquer dia destes vou lhe convidar para jantar em casa”. Espere pois anos se passam sem realizar o convite. Se ao contrário vc menciona um convite é o primeiro a chegar, levando um amigo ou parente. Estas são as características do brasileiro ..”tão bonzinho”.

CLO#03

LEORDO PALMEIRA

28/08/2013 às 17:58h

[...] Ainda tentei pensar como a autora do texto, mas é impossível. O sistema de cotas foi implantado para tentar diminuir um prejuízo social de décadas e vejo que isso incomoda parte da classe dominante. **Os (as) médicos (as), advogados (as), psicólogos (as) ... e demais categorias profissionais de prestígio querem continuar criando filhos (as) com formação similar. Entretanto os porteiros (as), vigilantes, pedreiros, empregadas domésticas não querem que os seus filhos sejam impedidos de cursar um curso superior, antes de serem recrutados pelos empregos menos qualificados ou pior, pelo mundo do crime.** Igualdade na educação básica não será construída da noite pro dia e nesse sentido faço a pergunta: o enorme contingente de alunos saídos do ensino médio devem esperar a melhoria do ensino fundamental para refazê-lo, e a partir daí tentar uma vaga nas universidades?

Conferimos, com esses exemplos, que uma das relações dialógicas instauradas nesses enunciados diz respeito ao discurso bivocal, ocorrido quando o autor, de forma não demarcada explicitamente, busca fundir sua voz à voz de um outro, no intuito de refratar suas posições valorativas. Por exemplo, em CLO#18, o locutor faz referência ao livro Raízes do Brasil, do antropólogo Sérgio Buarque de Holanda, especificamente a um capítulo denominado “O homem cordial”. Neste capítulo, Sérgio Buarque de Holanda trata sobre o perfil do brasileiro e sua tendência à cordialidade, à informalidade com que interage nas mais diversas situações da vida. O locutor da carta, valendo-se do discurso de Sérgio Buarque de Holanda, ao elaborar seu enunciado, funde sua voz à voz do antropólogo, coadunando seu discurso ao discurso de outrem. De forma semelhante procede o locutor de CLO#03. Ao buscar posicionar-se valorativamente acerca do tema, o autor traz para seu enunciado os discursos de categorias profissionais distintas: de um lado, médicos, advogados, os quais “querem continuar criando filhos (as) com formação similar”; de outro, “porteiros (as), vigilantes, pedreiros, empregadas domésticas não querem que os seus filhos sejam impedidos de cursar um curso superior, antes de serem recrutados pelos empregos menos qualificados ou pior,

pelo mundo do crime”. Trata-se, portanto, do discurso de outro(s) assumido pelo autor.

Depois de apontarmos as regularidades estilísticas da *carta do leitor*, na próxima seção, passamos a apresentar as marcas composicionais desse gênero e suas especificidades em cada mídia e suporte.

3.2.2.2 A construção composicional da *carta do leitor* em diferentes suportes e mídias

Conforme já dito, na perspectiva bakhtiniana, a construção composicional diz respeito ao modo de organização da materialidade linguística, à forma como o locutor organiza seu enunciado, tendo em vista o conteúdo temático sobre o qual pretende falar, a quem se destina seu enunciado, e em que situação de interação este se insere. Assim, a situação de interação acaba por definir o enunciado em todas as suas dimensões.

Considerando os estudos de Bonini (2011) acerca da relação entre o suporte, a mídia e o gênero, entendemos que o gênero *carta do leitor* apresenta diferentes relações em um e em outro suporte.

Em nossa análise, observamos que o suporte das *cartas do leitor* publicadas na versão *online* de *Veja* (isto é, os cabos, o monitor, o computador) não exerce determinação na construção composicional desses enunciados (e em nenhuma outra dimensão do gênero). Em contrapartida, no caso das *cartas do leitor* publicadas na versão impressa dessa revista, notamos que o suporte (a página da revista, o papel) exerce determinação mais relevante no que diz respeito à forma desse gênero. Notamos que, devido à possível edição⁷² e ao espaço reduzido destinado pela revista à seção de *cartas do leitor*⁷³, estas acabam por apresentar uma construção composicional mais concisa, se comparada às *cartas do leitor* em sua versão *online*. Vejamos:

⁷² A revista afirma em nota ao final da seção de cartas que, “por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente”.

⁷³ Verificamos que nas edições dessa revista referentes aos meses de março, abril e maio de 2013, somente duas edições tiveram mais que as 3 páginas normalmente destinadas à seção.

CLI#05

Estamos todos afogados na violência, que cresce de forma vertiginosa, assistindo à inércia do estado e de seus poderes constituídos.

MAURÍCIO JOSÉ MANTELLI MARANGONI, Araras, SP.

(Revista *Veja*, edição 2319, ano 46, nº 18, de 01 de maio de 2013)

CLO#05

antony de molay

23/04/2013 às 18:40h

olá gente de bem e progressistas(nós leitores da veja).como já havia citado em um post anterior,nunca fui um fã da colunista Iya Luft.essa semana entretanto,qual foi minha(grata)surpresa por ler um artigo tão contundente e bem elaborado.parabéns Iya,**é preciso** que mais pessoas como vc que lidam com crianças,se manifestem e façam com k nossas vozes sejam ouvidas.**é preciso** acabar com a hipocrisia,um marginal juvenil é irrecuperável,ponto.tais criaturas nascem em ambientes degenerados,seu desenvolvimento é prejudicado por todos os fatores possíveis e,os estímulos que recebem são voltados para a revolta e a violência contra todos os que se colocarem em seus caminhos.li o post da professora mineira e,num breve relato ela definiu a situação em que o sistema educacional brasileiro se encontra.o aluno delinquente hj não é exceção e sim regra. o pior é saber que o galã de novela mexicana,ex-ministro da educação, considera-nos vermes prenes de falsas promessas e,defende que nesses jovens marginais se encontra o futuro do país portanto,nada de reprova-los, pois isso seria um indicador de incompetência dos administradores PTralhas em educar o povo.hj sra.Iya,a juventude de baixa renda vive num caos,pais sem tempo,educação, exemplos, enfim nada para transmitir aos filhos. indivíduos que podem eleger um político amoral,ms que é idolatrado pelos pais deste pq o mesmo lhe dá esmolas,e lhes garante impunidade.Iya pergunto-lhe,já lhe passou pela mente que muitos desses canalhas esquerdistas devem ter se comemorado a morte do jovem assassinado por um celular? note que escrevo alguns, pois,não somos levianos como os esquerdistas que sem nos conhecer nos rotulam de “vermes”. somos humanos,pequenos, egoístas, pequenas matrizes individuais de conquistas e frustrações, fadados à finitude e muitas vezes à decrepitude.entretanto precisamos que façamos ouvir nossas vozes,a marginalidade aumenta exponencialmente e,a tendência é que tudo piore pois há vinte anos atrás tudo contribuía para que nos tornássemos cidadãos de bem,hj,vemos a falência de todas as instituições que podem fazer um país andar.o plot do filme “idiocracy”não será a américa,já é o brasil,infelizmente.

Como pode ser observado no primeiro exemplo (assim como ocorre em todas as outras *cartas do leitor* publicadas na versão impressa), este apresenta uma marcada brevidade, concisão, possivelmente devido à edição feita, tendo em vista as poucas folhas previamente reservadas para esta seção.

Porém, ao analisarmos a dimensão relativa à construção composicional destes enunciados em outra mídia (internet) e suporte, verificamos uma tendência

inversa. Como não há limite de espaço, os leitores podem interagir livremente, podendo organizar seus enunciados de modo mais extenso, sem possibilidade de edição. Essa situação influencia na construção composicional dessas cartas. Verificamos que, ao contrário das *cartas do leitor* impressas, na versão *online* da revista, esse gênero apresenta uma construção composicional mais flexível, podendo, o leitor, organizar seu enunciado no espaço de uma linha, ou valer-se de uma página inteira. Nessa mídia, a internet, as possibilidades de organização desse enunciado são ampliadas, permitindo ao leitor não somente ter maior liberdade de organização da construção composicional desse gênero, como também de seu estilo e de aprofundamento (ou não) do conteúdo temático, conforme seu projeto discursivo.

Observamos, ainda, que, embora não tenhamos identificado este aspecto em nenhuma das *cartas do leitor* da revista *Veja* impressa, nas publicadas na internet, é comum que os leitores organizem seus enunciados com vocativos, despedidas, marcas composicionais frequentes em cartas com diferentes finalidades. Nessa mídia, a internet, os leitores, ao terem maior liberdade de organização de seus enunciados (uma vez que suas cartas não sofrem nenhum tipo de edição), podem valer-se desses recursos linguístico-composicionais, como pode ser notado em CLO#05, citada acima, assim como nos exemplos a seguir:

CLO#09

moacir

14/04/2013 às 17:58h

Setti, Em 2012 o governo investiu R\$ 10 bilhões nas Forças Armadas.E apenas R\$ 4 bilhões em educação.Pelos números a gente percebe,claramente,que educação não é prioridade para esse governo. O que faz sentido. [...]

CLO#10

bereta

14/04/2013 às 17:30h

Caro Setti. Permita-me narrar um pouco da minha história. Meus pais foram pessoas simples, sem quase nada de escolaridade. Mesmo assim, aprendi a ler jornais com o meu pai. Minha obrigação, quando menino, era ir ao correio, no interior de São Paulo [...]

CLO#22

DH, especialistas

10/06/2013 às 19:09h

Prezado, temos mais ou menos a mesma idade, logo, sabes do que falo..... tudo começou a ruir, nos anos 60, tudo de ruim apareceu pro lá... alias, o Sarkozy em seu discurso d posse fala na Sorbone de 68,

como pode ser notado, por exemplo, em CLO#03 e em CLO#08. Em nenhuma das *cartas do leitor* da versão impressa foi verificado o uso de tal recurso linguístico-composicional. Entendemos que isso ocorre por motivos diferentes. No caso das *cartas* impressas, possivelmente isso ocorra por conta do processo de edição que esses enunciados sofrem antes de serem publicados, tendo em vista o espaço relativamente reduzido destinado à seção. Nas *cartas online*, embora o locutor tenha maior espaço e liberdade para interagir, em cerca de metade das cartas não observamos o uso de vocativos e despedidas, atendo-se, os locutores, ao desenvolvimento do “corpo” das cartas, em busca de posicionar-se acerca da questão discutida. É frequente, porém, ao término de diversas *cartas do leitor online*, a presença de perguntas, como pode ser observado nos exemplos a seguir:

CLO#03

LEORDO PALMEIRA

28/08/2013 às 17:58h

[...] Igualdade na educação básica não será construída da noite pro dia e nesse sentido faço a pergunta: o enorme contingente de alunos saídos do ensino médio devem esperar a melhoria do ensino fundamental para refazê-lo, e a partir daí tentar uma vaga nas universidades?

CLO#11

Lourds

14/04/2013 às 17:19h

[...] Precisa explicar mais o que? Até sugere limite máximo de idade em que as crianças estejam alfabetizadas, assim, nos dois anos anteriores elas estarão iniciando e aperfeiçoando o que já deverá ser pleno aos oito. Puxa, que complicado, não??

CLO#19

Geraldo de Freitas

11/06/2013 às 10:09h

[...] A situação acima já passou pelo Rio de Janeiro (e ainda não se pode considerar que acabou); está dominando São Paulo, dando mostras de querer se instalar em Santa Catarina e tende a migrar – ou espalhar – para outros estados. Será que eles estão se preparando para evitar isso?

CLO#21

Ana Maria

10/06/2013 às 20:59h

[...] E então me dizem: precisamos aprender a votar...É verdade, precisamos mesmo...mas quem vai ensinar????

Ao elaborarem seus enunciados, os locutores das cartas acima optaram por, ao final destas, elaborar questionamentos. Essa escolha linguístico-composicional

por parte dos locutores indica que estes esperam que o diálogo não termine ali. Ao concluírem suas cartas com perguntas, os leitores lançam mão de uma espécie de convite à continuidade do diálogo, pressupondo que novos enunciados/elos podem vir, confirmando a condição dialógica própria de todo enunciado.

Tendo em vista a (re)configuração do gênero *carta do leitor* na mídia *online*, e na versão impressa, entendemos haja uma intercalação de gêneros em sua composição. Sobre essa conclusão a que chegamos, refletiremos a seguir.

3.2.2.3 *Carta do leitor* e a intercalação de gêneros

Conforme Rodrigues (2001), “um dos traços relativos à heterogeneidade dos gêneros diz respeito à característica de combinação, de intercalação (implantação) de gêneros, que pode ser vista tanto no seu processo histórico de formação quanto no seu funcionamento discursivo” (RODRIGUES, 2001, p. 226). Mesmo considerando a “relativa estabilidade” do gênero *carta do leitor*, identificamos a intercalação de gêneros, revelando, com isso, a plasticidade dos gêneros e sua dialogização.

O processo de intercalação de gêneros, além de permitir ao locutor se enunciar a partir de outros projetos discursivos, pode representar um modo de construção de uma orientação axiologicamente demarcada.

A partir disso, com relação à intercalação de gêneros na *carta do leitor* identificamos, inicialmente, tanto nas cartas impressas, quanto nas *online*, a intercalação com o gênero *comentário*, da esfera jornalística. Isso pode ser percebido ao lermos muitos desses enunciados, uma vez que temos a impressão de se tratar de um diálogo informal entre os interlocutores. A impressão que se tem é que o gênero secundário *carta do leitor*, em sua formação, absorve e reelabora o gênero primário *comentário* (em sua versão informal, oral), travando um diálogo entre si. Esse aspecto pode ser notado a partir da análise do estilo e da construção composicional das *cartas do leitor* selecionadas para esse estudo. Vejamos um exemplo:

CLO#28

marcelo ferreira

10/06/2013 às 7:30h

perá lá...dona Lya...também não é assim...os arrastões não são tão comuns assim em sp...e em sampa...o busílis é que a policia de sp

prende a vagabundagem que tem se escondido atrás de menores criminosos...e a justiça solta a pilantragem...a redução da maioria penal vai por freio nestes meliantes...e, ademais...ir a restaurantes em sp é muito mais seguro do que morar em algum morro com UPP do Cabral...lá a bandidagem de maior idade e de menor idade mandam mesmo...

Conforme podemos verificar no enunciado acima, o locutor da carta busca argumentar sobre o tema valendo-se de uma marcada informalidade, deixando em todas as dimensões de seu enunciado, marcas próprias do gênero *comentário*. Por exemplo: o enfoque temático e o uso de recursos linguísticos, como a repetição das reticências, denotam uma situação bastante informal de uso da língua; sua construção composicional é breve, própria do gênero *comentário*.

Além de considerarmos isso um caso de intercalação de gêneros, entendemos que há uma relação de constitutividade genérica, que se inicia no *comentário* até chegar à *carta do leitor*. Em outras palavras, a *carta do leitor*, especialmente a *online*, nasce da intenção do leitor em posicionar-se informalmente sobre o tema abordado em outro enunciado.

Embora essa intercalação também possa ser notada nas *cartas do leitor* da revista *Veja* impressa, devido à possível e provável edição, não é possível avaliar como isso se insere no enunciado original.

Além desse caso de intercalação, identificamos que, em algumas *cartas do leitor* publicadas na revista *Veja online*, ocorre a inserção de gênero da esfera da propaganda. Nesses casos, não se trata somente de uma (re)adequação do gênero, a partir de alterações de suas marcas estilístico-composicionais, mas, sim, de uma tentativa, por parte do locutor, de inserir no espaço da *carta do leitor*, um gênero da esfera da propaganda. Vejamos:

CLO#27

Francisco Silva

10/06/2013 às 8:20h

Lya A solução existe. Já foi aplicada e testada com sucesso. O poder público envolvido admirador e espectador do crime que é bandeira eleitoreira , q enterrou com pá de cal esta solução. Veja o vídeo que a BAND colocou no YOUTUBE dobre esta solução e que também foi abafada. O poder público não resolve o problema porque não quer resolver. É cúmplice de tudo que ocorre . Os 50.000 mortos anuais são testemunhas desta assertiva.

<http://www.youtube.com/watch?v=LkBDNW5hwSo%20>

CLO#26

Ricardo Nascimento

10/06/2013 às 9:29h

Bom dia LYA. E nossos governantes? Omissos ou envolvidos? Sou jornalista investigativo de Políticas Públicas Sociais. Recentemente, após 3 anos de pesquisa , inclusive de campo, escrevi e publiquei um livro sobre este tema. A conclusão que cheguei é assustadora, pois se não há solução é porque o poder público NÃO QUER SOLUCIONAR. **O livro é o Coronel, o Exército e a Maré** , da Editora Ciência Moderna e aborda as Favelas da Maré no Rio de Janeiro e as soluções encontradas pelo Coronel do Exército que se viu à braços com este problema. As sensacionais soluções encontradas, adotadas e testadas por ele, foram simplesmente ignoradas pelo PODER PÚBLICO e tudo continua como sempre. NO entanto a mídia nacional e estrangeira publicou dezenas de matérias sobre este tema, de forma que não foi desconhecido este trabalho. Apenas foi propositalmente “esquecido”.

O autor da CLO#27, Francisco Silva, ao final de sua carta, divulga um link de um vídeo, no qual é veiculada uma suposta “notícia”, a qual, na verdade, se constitui como uma propaganda de um livro de autoria de Ricardo Nascimento. Cerca de uma hora mais tarde, no mesmo dia (10/06/2013), a carta seguinte a esta (CLO#26), assinada por Ricardo Nascimento, traz um comentário sobre seu livro, o mesmo referenciado no vídeo da carta anterior.

Ao analisarmos o enfoque dado ao tema pelos autores das duas cartas, observamos que possivelmente se trata da mesma pessoa. Em ambos os enunciados, os locutores se dirigem a Lya Luft, chamando a atenção para a existência de soluções para o problema da violência no Brasil, afirmando que isso estaria esclarecido no livro de Ricardo Nascimento. Observamos, a partir disso, que o locutor desses enunciados se vale da possibilidade de interação nessa mídia, para, além de posicionar-se valorativamente frente ao tema em discussão, também utilizar o espaço para a veiculação de uma propaganda de um produto, seu livro. Essas *cartas do leitor*, assim, são atravessadas, intercaladas, com outro gênero, neste caso, a propaganda.

Especificidades vinculadas ao tipo de mídia em que circula (internet), essas possibilidades de interação não foram verificadas na versão impressa da revista.

Como cada gênero se situa em um diferente cronotopo, nessa situação, tem-se um cronotopo dentro de outro cronotopo, tendo em vista a mudança do projeto discursivo do leitor (que passa da intenção de tomar posição acerca do tema em debate, para a intenção de veicular uma propaganda de seu livro). Esse processo de inserção da propaganda na *carta do leitor* funciona como uma estratégia do locutor, a fim de induzir os possíveis interlocutores a conhecerem o produto, objetivando

estabelecer uma relativa influência sobre o leitor-consumidor em relação ao livro anunciado.

A partir disso, constatamos a plasticidade dos gêneros, os quais, marcadamente as *cartas do leitor online*, apresentam, em sua constituição, a intercalação de gêneros como uma de seus aspectos de composição.

Com essas reflexões encerramos a análise e passamos, a seguir, a tecer algumas considerações em relação aos propósitos da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa de mestrado partiu dos seguintes questionamentos: *Sabendo que o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional dos gêneros estão indissoluvelmente ligados, como se configura essa reorganização do projeto linguístico-discursivo do locutor, tendo em vista um novo contexto de interação verbal promovido pela Internet? Que fatores determinam a constituição e o funcionamento da carta do leitor em diferentes suportes e mídias? Quais as relações dialógicas que se estabelecem por meio do gênero carta do leitor nas versões da revista Veja em seus suportes impresso e online?*

Na perspectiva de encontramos respostas a tais perguntas, objetivamos investigar, com base nos textos do Círculo de Bakhtin e em estudos da ADD, a constituição e o funcionamento do gênero discursivo *carta do leitor*, do jornalismo de revista, considerando sua circulação em diferentes suportes e mídias. Para tanto, realizamos uma análise dos elementos constitutivos desse gênero – conteúdo temático, estilo e construção composicional –, atentando para suas regularidades e as relações dialógicas estabelecidas entre suas dimensões (social e verbal).

Ao final dessa pesquisa, observamos a viabilidade de se analisar os gêneros na perspectiva teórica bakhtiniana, segundo a proposta inicial do projeto “O gênero *carta do leitor* no suporte digital e sua interface com o suporte impresso: uma análise de aspectos linguístico-discursivos”. Conforme apontado na introdução dessa dissertação, a análise das regularidades de constituição e funcionamento desse gênero traz contribuições para o campo da análise de gêneros e para a área de ensino de Língua Portuguesa.

A análise e a metodologia de apresentação de dados foram norteadas também pelo trabalho de Rodrigues (2001). A partir dessa orientação, separamos o capítulo da análise, o terceiro, em duas partes: **dimensão social** e **dimensão verbal** da *carta do leitor*. Segundo a autora, essa divisão se justifica somente para fins de pesquisa, haja vista o caráter indissociável dessas duas dimensões na materialização desse gênero como enunciado concreto.

Com relação à dimensão social do gênero, tendo em vista que todo gênero é orientado pela esfera social em que se situa, inicialmente tratamos sobre como se constituiu a esfera jornalística, mais especificamente o jornalismo de revista. Após

tratarmos também da evolução do jornalismo na internet, passamos a analisar a *carta do leitor* nesse contexto, considerando seu cronotopo e suas condições sócio-históricas na contemporaneidade. Desse contexto maior, passamos a analisar a situação de interação mais imediata, focalizando a autoria e os interlocutores previstos. Constatamos, a partir disso, que diferentes relações dialógicas se estabelecem por meio do gênero *carta do leitor* nas versões da revista *Veja* em seus suportes impresso e *online*.

Quanto à dimensão verbal, analisamos, primeiramente, o objeto de discurso da *carta do leitor*, o qual é composto pela marcação de uma posição axiológica dos leitores acerca de aspectos relacionados à educação e à violência contemporâneas. Verificamos que a finalidade desse gênero consiste na elaboração de uma reação-resposta do locutor, que busca tomar uma posição acerca da situação da educação e da violência brasileira, tendo como evento motivador imediato os artigos de uma colunista/escritora sobre essas questões. Em suas reações-resposta, os locutores apresentam diferentes posições avaliativas frente ao tema, ora discordando, ora concordando.

Ao analisarmos a *carta do leitor* em diferentes suportes e mídias, observamos que estas apresentam orientações para diferentes interlocutores numa e em outra situação. Enquanto na versão impressa de *Veja*, os enunciados são dirigidos ao editor, à colunista e ao público leitor, na versão da revista publicada na internet, as possibilidades de interlocução são ampliadas. Os locutores podem se dirigir, a qualquer tempo, tanto ao público leitor geral da revista, quanto a públicos mais específicos, a outros colunistas, etc.

Verificamos também que esse gênero apresenta regularidades estilísticas e composicionais diferentes em cada suporte e mídia. Por exemplo, na versão impressa da revista, possivelmente devido ao processo de edição, destaca-se a preferência pelo uso da norma padrão culta nas *cartas do leitor*, enquanto na *online*, apresenta forte tendência ao uso informal da linguagem, dada a maior liberdade de interação observada nessa mídia. Sobre as marcas composicionais específicas desse gênero em sua versão *online*, constatamos como uma regularidade discursiva a intercalação da *carta do leitor* com outros gêneros, como o comentário e a propaganda.

Articuladamente à dimensão social, ao analisarmos a dimensão verbal, observamos que diferentes fatores determinam a constituição e o funcionamento da

carta do leitor nos dois contextos (impresso e digital). Constatamos que esse gênero se estabiliza e é orientado na/pela esfera jornalística. Porém, compreendemos que a mídia e o suporte também são fatores que exercem determinações neste tipo de enunciado. Durante a análise, verificamos, ainda, que o mesmo gênero, a *carta do leitor*, então, se assenta em diferentes cronotopos, o que leva esse enunciado a apresentar diferentes regularidades numa e noutra situação de interação. Cada gênero se situa em uma dada esfera, nesse caso a jornalística, e apresenta regularidades próprias e diferenciadas. Embora consideremos que há gêneros mais padronizados que outros, como consequência da própria situação de interação ou do próprio processo de ensino mais sistematizado, o fato é que essa “padronização” não ocorre com a *carta do leitor*. No decorrer de nossa análise, constatamos que esse gênero se estabiliza de maneiras diferentes num e noutra suporte e mídia.

Durante o percurso analítico, observamos que empreender uma investigação sobre as regularidades da *carta do leitor* a partir de embasamento teórico-metodológico bakhtiniano implica um olhar aguçado do pesquisador para a linguagem em uso, para o gênero como enunciado concreto, real.

Assim, acerca da relação entre o gênero-suporte-mídia, concordamos com Bonini (2011), no sentido de que “o suporte se caracteriza como parte da mídia” e que “é a mídia que determina as coordenadas de cada gênero que nela circula” (BONINI, 2011, p. 688). Em geral, compreendemos, a partir da análise das dimensões da *carta do leitor*, que o suporte, como elemento da mídia, não é o componente que mais diretamente se relaciona ao gênero. No processo de interação em que se situam as *cartas do leitor* em estudo, constatamos que é a mídia que exerce maiores determinações na constituição e no funcionamento desse gênero, e não o suporte.

Embora tenhamos respondido a questões sobre a dinâmica da constituição e do funcionamento do gênero *carta do leitor* do jornalismo de revista, não esgotamos todas as possibilidades de análise, uma vez que novas questões foram surgindo no desenrolar das reflexões feitas durante a pesquisa, ultrapassando nossos objetivos. Por isso, esse diálogo não se encerra nesse estudo. Há, nesse tema, questões que suscitam o desenvolvimento de novas pesquisas, como por exemplo, o estudo dos gêneros numa perspectiva mais voltada ao ensino de língua portuguesa nessa perspectiva dos gêneros do discurso. Nesse sentido, concordamos com Costa-Hübes quando afirma:

Se assumimos uma concepção dialógica de linguagem e consideramos a interação como um princípio do dialogismo, cumpre-nos assumir uma postura discursiva de ensino da Língua Portuguesa, reconhecendo, nesse contexto, os gêneros discursivos como importantes instrumentos que dispõem de condições para o aprimoramento da linguagem. Logo, é preciso recorrer a eles se realmente queremos ampliar as capacidades discursivas de nossos alunos (COSTA-HÜBES, 2014, p. 21).

A partir disso e antecipando a emergência de novas compreensões ou novas perguntas que deem continuidade ao diálogo aqui proposto, damos por concluído provisoriamente esse enunciado, pressupondo-o como um simples elo e aguardando que novas contrapalavras sejam lançadas.

REFERÊNCIAS

ACOSTA-PEREIRA, R. **Gênero carta de conselhos em revistas online: na fronteira entre o entretenimento e a autoajuda**. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

_____. Contribuições dos estudos sobre gêneros do discurso para a análise linguística em sala de aula: perspectivas dialógicas. **Revista Caminhos em Linguística Aplicada**, Volume 5, n. 2, p. 21-41, 2011.

_____. **O Gênero jornalístico notícia: dialogismo e valoração**. Dissertação (Mestrado Em Linguística), Programa de Pós-graduação em Linguística. Florianópolis: UFSC, 2008a.

_____. Gêneros do discurso – experiências psicossociais tipificadas. Revista Letra Magna. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura** – Ano 04, n. 08, 1º semestre, 2008b.

_____; RODRIGUES, R. H. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. **Linguagem e (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n.1, p. 177-194, jan/abr. 2014.

_____; RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin. **Letras**, Santa Maria, v. 20, n. 40, 147-162, jan/jun 2010.

_____; RODRIGUES, R. H. Perspectivas atuais sobre gêneros do discurso no campo da Linguística. **Letra Magna**, ano 05, nº 11, 2º semestre de 2009.

ALBERTOS, J. L. M. **Redacción Periodística** (los estilos y los géneros em La prensa escrita). Barcelona: ATE, 1974.

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: Outros Conceitos-Chave**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 95-113.

BAKHTIN, M; VOLOSHINOV, V. N. [1929]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Traduzido por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

_____. _____. **Discurso na vida e discurso na arte (sobre a poética sociológica)**. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.

_____. [1929]. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

_____. [1975]. **Questões de literatura e de estética: A teoria do romance**. Tradução do russo por Aurora Formoni Bernardini *et al.* 6.ed. São Paulo: Hucitec, 2010b.

_____. [1965]. **A cultura popular na Idade Média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo/Brasília: Hucitec, 2008.

_____. [1979]. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS FILHO, C. de. **Ética na comunicação**. São Paulo: Editora Moderna, 2001.

BELTRÃO, L. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

_____. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1976.

_____. **A imprensa informativa: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário**. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

BONINI, A. Mídia/suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 11, n.3, p. 679-704, 2011.

_____. Em busca de um modelo integrado para os gêneros do jornal. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (Org.). **Gêneros textuais e referência**. Fortaleza, CE: Grupo Protexoto, 2004. (livro em cd-rom)

BORDIEU, P. A Influência do Jornalismo. In: ____ **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRAIT, B. A natureza dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de.(orgs). **Diálogos com Bakhtin**. 4.ed. Curitiba, PR: UFPR, 2007, p. 61-80.

_____. Análise e teoria do discurso. In: _____ (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-33.

_____. (org). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005a.

_____. Estilo. In: _____. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005b. p. 79-102.

_____; MELO, R. de. Enunciado / enunciado concreto / enunciação. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 61-78.

_____; SOUZA-E-SILVA, M. C. (orgs). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012.

CEREJA, W. Significação e tema. In: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin: Conceitos-Chave**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 201-220.

CHAPARRO, M. C. **Sotaques d'aquém e d'além mar: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro.** Santarém: Jortejo, 2000.

COSTA-HÜBES, T. da C. Os Gêneros discursivos como instrumentos para o ensino de Língua Portuguesa: perscrutando o método sociológico Bakhtiniano como ancoragem para um encaminhamento didático-pedagógico. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes; ROJO, Roxane Helena Rodrigues. (orgs). **Gêneros de texto/discurso e os desafios da contemporaneidade.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

_____. A construção do objeto de ensino no curso de Letras. In. **Letras**, Santa Maria, v. 22, n. 44, p.107-132, jan/jun. 2012.

DEBRAY, R. **Curso de midiologia Geral.** Petrópolis, RJ, Vozes, 1993.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In: FARACO, Carlos A.; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de (orgs). **Diálogos com Bakhtin.** 4. ed. Curitiba, PR: UFPR, 2007, p. 97-108.

_____. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: Conceitos-Chave.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 37-60.

FERRARI, P. **Jornalismo digital.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2010.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GERALDI, J. W. **Portos de Passagem.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 1991.

_____. **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 1984.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade.** Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e Identidade.** Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GRILLO, S. Esfera e campo. In. **Bakhtin: outros conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2006. p. 133-160.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: Conceitos-Chave.** São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Narrativa combinatória dos gêneros prosaicos: a textualização dialógica. Itinerários, **Araraquara**, nº 12, 1998, p. 33-46.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCONDES FILHO, C. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2000.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: XAVIER, Antônio C. (org.). **Hipertexto e gêneros digitais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. A questão do suporte dos gêneros textuais. **Revista DLCV - Língua, linguística e literatura**, João Pessoa, v. 1, n.1, 2003.

_____. **Por uma proposta para a classificação dos gêneros textuais**. Recife. Trabalho não publicado, 1996.

MARQUES DE MELO, J. M. de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

_____. **A opinião do jornalismo brasileiro**. 2. ed. rev. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____; J. & ASSIS, F. de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UESP, 2010.

MEDVIÉDEV, P. N. [1928]. **O método formal nos estudos literários: Introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução: Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

MELO, C. R. B. de. **Cartas à redação: uma abordagem discursiva**. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 1999.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: Conceitos-Chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

MOITA LOPES, L. P. (org.) Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: _____. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008. p. 13-42.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná – Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Portuguesa**. Curitiba: SEED, 2008.

PASTANA, M. do P. S. D. **Leitura e produção do gênero carta do leitor: os desafios de uma proposta de ensino.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará. Belém, Pará, 2007.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PERNISA JUNIOR, C.; ALVES, W. **Comunicação Digital: jornalismo, narrativas, estética.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea.** São Paulo: Contexto, 2008.

RAMONET, I. **A tirania da comunicação.** Tradução de Lúcia M. E. Orth. Petrópolis: Vozes, 1999.

RODRIGUES, R. H. Os Gêneros do Discurso na Perspectiva Dialógica da Linguagem: A Abordagem de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirré (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates.** São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

_____. **A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.

ROJO, R. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica: provação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** 2.ed. São Paulo: Parábola, 2008. p. 253-274.

_____. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirré. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates.** São Paulo: Parábola, 2005. p.184-207.

SEIXAS, L. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: Proposta de novos critérios de classificação.** São Paulo: LabCom Books, 2009.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista.** São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, V. L. P. P. da. Variações tipológicas no gênero textual carta. In: KOCH, I. V.; BARROS, K. S. M. (orgs.). **Tópicos em linguística de texto e análise da conversação.** Natal: EDUFRRN, 1997, p. 118-124.

SIMÕES, A. C.; GOMES, M. C. A. **Panorama de estudos linguísticos sobre o suporte: proposições e debates.** Gláuks, v. 11, n.1, 2011, p. 15-34.

SOBRAL, A. Estética da Criação verbal. In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin: Dialogismo e Polifonia.** São Paulo: Contexto, 2013.p.167-187.

_____. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

_____. O Ato “Responsível”, ou o Ato Ético, em Bakhtin, e a Centralidade do Agente. **Signum: Estud. Ling.** Londrina, n. 11/1, jul/2008, p. 219-235.

_____. Ético e estético: Na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In: BRAIT, Beth (orgs.). **Bakhtin: Conceitos-Chave.** São Paulo: Contexto, 2005. p.103-121.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: Conceitos-Chave.** São Paulo: Contexto, 2005. p.177-190.

TÁVORA, A. D. F. A subsunção da categoria suporte de gêneros pela noção de interação. **Linguagem em (Dis)curso**, SC, v. 12, n. 1, p. 299-324, jan/abr. 2012.

_____. **Construção de um conceito de suporte:** a matéria, a forma e a função interativa na atualização de gêneros textuais. Tese de doutorado. Fortaleza: UFC, 2008.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo -** Porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VILAS BOAS, S. **O estilo magazine:** o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.

VOLOCHÍNOV, V. N. [1930]. A construção da enunciação. In: GERALDI, J. W. (org). **A construção da enunciação e outros ensaios.** Tradução de João Wanderley Geraldi. Supervisão da tradução: Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

XAVIER, A. C. **O hipertexto na sociedade de informação:** a constituição do modo de enunciação digital. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2002.

ANEXO 01

Cartas do leitor relativas ao artigo “A formação de um povo”, publicadas na revista *Veja*, edição 2317, ano 46, nº16, de 17/04/2013.

CLI#01

Em “A formação de um povo” (10 de abril), a escritora Lya Luft aborda com propriedade o maior problema do Brasil: a má qualidade do nosso ensino, em todos os níveis. Será que o ministro da Educação não fica com vergonha ao ler o artigo? E a presidente Dilma Rousseff, não fica vermelha? Uma pena o que está sendo feito com a nossa educação – cada vez pior!

SILVÉRIO JOSÉ HUPPES, Arroio do Meio, RS.

(Revista *Veja*, edição 2317, ano 46, nº 16, de 17 de abril de 2013)

CLI#02

Sou professor de geografia e vou tentar mostrar aos meus alunos que nem tudo está perdido.

RENATO FILGUEIRAS DE MORAES FILHO, Corumbá, MS.

(Revista *Veja*, edição 2317, ano 46, nº 16, de 17 de abril de 2013)

CLI#03

O pai que vê seu filho com dificuldades ou desleixo na escola muitas vezes faz vista grossa. Outros apelam para a imposição e até para o “castigo”. Mas, enquanto o estudante não entender a importância do estudo para o próprio bem-estar futuro, ele não se dedicará. Estudantes perderam o interesse; pais deixaram de se importar; professores cansaram de insistir; e o governo, para variar, é indiferente.

TAÍSA MEDEIROS, 17 anos, Cachoeira do Sul, RS.

(Revista *Veja*, edição 2317, ano 46, nº 16, de 17 de abril de 2013)

***Cartas do leitor* relativas ao artigo “Brasileiro bonzinho”, publicadas na revista *Veja*, edição 2319, ano 46, nº18, de 01/05/2013.**

CLI#04

O extraordinário artigo “Brasileiro bonzinho?” (24 de abril), da escritora Lya Luft, é um retrato vívido e em alta definição da violência praticada por menores assassinos no Brasil.

PEDRO SANTA INÊS, Jeremoabo, BA.

(Revista *Veja*, edição 2319, ano 46, nº 18, de 01 de maio de 2013)

CLI#05

Estamos todos afogados na violência, que cresce de forma vertiginosa, assistindo à inércia do estado e de seus poderes constituídos.

MAURÍCIO JOSÉ MANTELLI MARANGONI, Araras, SP.

(Revista *Veja*, edição 2319, ano 46, nº 18, de 01 de maio de 2013)

CLI#06

É impressionante como as famílias foram obrigadas a criar estratégias rígidas de segurança em sua vida.

ANA LÚCIA AGUIAR CAVALLIERI, Rio de Janeiro, RJ.

(Revista *Veja*, edição 2319, ano 46, nº 18, de 01 de maio de 2013)

CLI#07

Até quando vamos suportar tanto descaso, desfaçatez, falta de empenho do governo em nos dar saúde, educação, segurança?

LUCIMAR SANTOS SANTINI, Caxias do Sul, RS.

(Revista *Veja*, edição 2319, ano 46, nº 18, de 01 de maio de 2013)

CLI#08

Com 53 anos de idade, eu definitivamente quero ir embora do Brasil!

CLAUDIO TEIXEIRA, Barueri, SP.

(Revista *Veja*, edição 2319, ano 46, nº 18, de 01 de maio de 2013)

CLI#09

Precisamos urgentemente realizar uma grande cruzada para fazer cumprir o que está escrito em nossa bandeira (“ordem”), pois os nossos governantes já se esqueceram disso há muito tempo.

PEDRO P. BALSEMÃO, Ivoti, RS.

(Revista *Veja*, edição 2319, ano 46, nº 18, de 01 de maio de 2013)

ANEXO 02

Cartas do leitor publicadas na revista *Veja online* e referentes ao artigo de Lya Luft denominado “A formação de um povo”. Disponíveis em:

<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/lya-luft-a-formacao-de-um-povo/>
Acesso em 25/11/2014

CLO#01

Hosana Lima

06/09/2014 às 19:09h

Lya Luft, de uma pessoa que tem experiência em escrever sobre educação e tempo para redigir artigos relevantes aos mais frívolos, espera-se o mínimo de informação para não exigir conhecimento suficiente de quem costuma apresentar argumentos superficiais. Em mais um texto inocentemente distópico em que a senhora prevê queda da importância da educação, é perceptível a falta de coerência com a atualidade, pois os discursos políticos caso a senhora não saiba, tem como foco a educação. Além disso, o brasileiro vem acordando para a importância da formação pedagógica em suas vidas – importância não vital, portanto é desonesto dizer não ser importante dar um prato de comida a quem em seguida precisaria trabalhar. Comida é uma necessidade, a qual a senhora não passou-. Pouco importa a senhora a redução do nível de formação já que mostra incapacidade criticar o sistema de cotas seriamente ao atribuir a queda do objetivo de excelência aos cotistas. Se a senhora puder se informar antes de escrever, agradeço. Teria encontrado pesquisas que comprovam que o cotista tem sim a capacidade de manter-se no curso e com menores índices de evasão em relação aos “alunos saídos de escolas particulares”, entre eles a senhora que como os supostos estudantes de letras não aprenderam a argumentar. Não fica bem para uma escritora, conhecida e influente, disfarçar seu preconceito com uma comovente preocupação com o sistema educacional brasileiro a que propõe mudanças rasas em termos de orçamento governamental. E sobre essas centenas de jovens enviados ao exterior, qual a fonte da senhora que comprova o insucesso deles por conta de uma base primeira de ensino ruim? Não se sinta parte dos conformados, desinteressados e mal orientados. Não somos nós, Lya Luft. A senhora não faz parte da parcela da população que recebe educação precária e deve se preocupar com necessidades básicas como saúde e comida (que nada adianta certo? Errado). Poupe-nos de sua falsa simetria em que serviços insatisfatórios se comparam a vida de fracasso escolar e sobrevivência em meio a separatistas (como a senhora) e atenha-se a falar da vida de shoppings e seus espaços livres de rolezinhos deste povo “cordial” que segundo esse artigo, merece que lhes tirem seu direito.

CLO#02

LEANDRO

27/10/2013 às 13:35h

Ao presenciar determinado seminário destinado aos professores, observei e realizei certas pesquisas sobre o comportamento de satisfação dos mesmos com as falas dos palestrantes, e por incrível que pareça, sendo quase que ao meu ver um paradoxo, o que mais chamava a atenção eram os palavrões, os comportamentos vulgar, desprezados pelos protagonistas das conferências. Penso eu que estamos vivendo momentos duvidosos, em um momento de descontração, um palavrão aqui,

outro lá, entre poucos amigos, não é o correto, mas ainda passa, informalmente, mas num Colóquio, em que se trata sobre educação, é desproposital certas ações em que se desprestigiam convenções que foram conquistadas a partir de todo um processo histórico. Volto a repetir que tem atitudes que podemos até mesmo cometê-las, mas em casa em pequenos grupos, em momentos menos informal, mas não em grandes grupos, simpósios, ainda mais quando falamos em educação, quando se ministra ou fala em uma formação de professores. Pronúncias como merda, bosta, cagada, filho da puta, gestos obscenos, representação de homossexualidade banal, será mesmo necessário? creio eu que não é eu ser conservador, retrógrado, careta, mas é perceber que sem perceber a sociedade faz menção e apologia à barbárie, é retrocedermos a época dos bárbaros, em que tudo era de todos de uma forma banal, o mais forte imperava, se alimentavam com as mãos em qualquer momento, arotavam, peidavam, brigavam durante as refeições ou a qualquer momento em qualquer lugar, a promiscuidade era “aberta”, se destrataavam, não havia respeito, o que ocasionava brigas a todo momento. Será que eu é que estou errado nessas minhas observações?

CLO#03

LEORDO PALMEIRA

28/08/2013 às 17:58h

Não discordo do texto no que tange à qualidade da educação básica. Porém a afirmação de que a redução da qualidade do ensino superior é causada pela aceitação de alunos cotistas é preconceituosa e leviana. Lamentável uma pessoa com formação fortemente ligada à educação dizer isto. Não vejo nenhum problema do cidadão ser contrário a política de cotas, mas não aceito acusá-la do que não tem culpa. Os alunos cotistas durante o curso de formação recebem as mesmas aulas e fazem as mesmas provas que os alunos selecionados pelo processo seletivo convencional. Sou aluno cotista da UnB e posso afirmar que a responsabilidade pelo nível de ensino é da Universidade. É o corpo acadêmico da instituição que define os conteúdos dos mais variados cursos. Portanto quem determina a qualidade do ensino superior são os Governantes, Professores e instituições Universitárias. Ainda tentei pensar como a autora do texto, mas é impossível. O sistema de cotas foi implantado para tentar diminuir um prejuízo social de décadas e vejo que isso incomoda parte da classe dominante. Os (as) médicos (as), advogados (as), psicólogos (as) ... e demais categorias profissionais de prestígio querem continuar criando filhos (as) com formação similar. Entretanto os porteiros (as), vigilantes, pedreiros, empregadas domésticas não querem que os seus filhos sejam impedidos de cursar um curso superior, antes de serem recrutados pelos empregos menos qualificados ou pior, pelo mundo do crime. Igualdade na educação básica não será construída da noite pro dia e nesse sentido faço a pergunta: o enorme contingente de alunos saídos do ensino médio devem esperar a melhoria do ensino fundamental para refazê-lo, e a partir daí tentar uma vaga nas universidades?

CLO#04

Edjane Silva

30/06/2013 às 12:03h

Sou professora dos anos iniciais do ensino fundamental a 15 anos, hoje tenho 34 anos, admiro muito Lya Luft e, mais uma vez ela escreve grandes verdades reais sobre a educação brasileira, pois nesses 15 anos de sala de aula, é exatamente isso que vejo acontecer, nossos alunos cada vez aprendendo menos devido à falta de

investimentos na educação. Mas sabemos muito bem porque: Povo ignorante é muito mais fácil manipular, enganar e iludir com bolsa família, paternalismo que não ensina se esforçar por um crescimento necessário. É lamentável que nossos políticos e até mesmo nosso povo nem pense no assunto! Amei sua matéria Lya, mais uma vez!

CLO#05

antony de molay

23/04/2013 às 18:40h

olá gente de bem e progressistas(nós leitores da veja).como já havia citado em um post anterior,nunca fui um fã da colunista lya luft.essa semana entetanto,qual foi minha(grata)surpresa por ler um artigo tão contundente e bem elaborado.parabéns lya,é preciso que mais pessoas como vc que lidam com crianças,se manifestem e façam com k nossas vozes sejam ouvidas.é preciso acabar com a hipocrisia,um marginal juvenil é irrecuperável,ponto.tais criaturas nascem em ambientes degenerados,seu desenvolvimento é prejudicado por todos os fatores possíveis e,os estímulos que recebem são voltados para a revolta e a violência contra todos os que se colocarem em seus caminhos.li o post da professora mineira e,num breve relato ela definiu a situação em que o sistema educacional brasileiro se encontra.o aluno delinquente hj não é exceção e sim regra. o pior é saber que o galã de novela mexicana,ex-ministro da educação, considera-nos vermes prenhes de falsas promessas e,defende que nesses jovens marginais se encontra o futuro do país portanto,nada de reprova-los,pois isso seria um indicdor de incompetência dos administradores PTralhas em educar o povo.hj sra.lya,a juventude de baixa renda vive num caos,pais sem tempo,educação, exemplos, enfim nada para transmitir aos filhos. indivíduos que podem eleger um político amoral,ms que é idolatrado pelos pais deste pq o mesmo lhe dá esmolos,e lhes garante impunidade.lya pergunto-lhe,já lhe passou pela mente que muitos desses canalhas esquerdistas devem ter se comemorado a morte do jovem assassinado por um celular? note que escrevo alguns, pois,não somos levianos como os esquerdistas que sem nos conhecer nos rotulam de “vermes”. somos humanos,pequenos, egoístas, pequenas matrizes individuais de conquistas e frustrações, fadados à finitude e muitas vezes à decrepitude.entretanto precisamos que façamos ouvir nossas vozes,a marginalidade aumenta exponencialmente e,a tendência é que tudo piore pois há vinte anos atrás tudo contribuía para que nos tornássemos cidadãos de bem,hj,vemos a falência de todas as instituições que podem fazer um país andar.o plot do filme “idiocracy”não será a américa,já é o brasil,infelizmente.

CLO#06

Adriana Silva Santiago

22/04/2013 às 16:26h

Adoro Lya Luft! Quando compro a revista VEJA vou direto à sua coluna. Tenho visto o empenho dessa grande escritora em escrever sobre educação, em clamar por melhorias e seriedade nesse setor, fundamental à vida das pessoas e ao crescimento de um país que queira ser verdadeiramente desenvolvido. O que venho escrever aqui é um apelo, para que profissionais assim comprometidos continuem a lutar pela educação e, se possível, sugerir a esta revista, que é tão lida e respeitada, que faça uma reportagem sobre a real situação dos professores nesse país. No meu caso, falo por Minas Gerais, moro em Três Pontas, sul de Minas. Uma breve história pessoal: sou jornalista, professora de História, passei em primeiro lugar em concurso

do Governo do Estado de Minas Gerais para exercer o cargo de professora da rede estadual. Com dois meses de trabalho, já larguei o cargo. Não aguentei a falta de respeito e disciplina por parte dos alunos, a falta de respeito e descaso dos pais para com a educação de seus filhos e por consequência, falta de respeito para com os professores de seus filhos. Além do mais, o sistema adotado em Minas, a tal progressão continuada em que o aluno NÃO PODE ser reprovado, faz do aluno um ser prepotente, que não respeita ninguém, enfim, o professor não tem autoridade nenhuma na sala, está desmoralizado. Com exceção de alguns alunos que querem aprender, e que são os mais prejudicados juntamente com os professores, mais da metade dos alunos não querem fazer nada, não copiam matéria, não fazem exercícios, não obedecem o professor, vão à escola EXCLUSIVAMENTE para brincar, se divertir, farrear. E também porque são obrigados, já que o governo obriga a todas as crianças irem a escola, ficando os pais responsáveis por obrigá-los, caso contrário, respondem judicialmente. Os professores estão sofrendo muito! Eu saí, mas e os milhares que estão lá dentro? E que escola é essa em que o aluno passa de ano infinitamente sem saber quase nada? Só a imprensa pode ajudar nessa campanha pró-educação e em SOCORRO aos professores. Por favor, nos dê voz e visibilidade! A sociedade precisa saber o que está acontecendo! Alguma coisa tem que ser feita! O professor perdeu a dignidade em seu trabalho! Está até apanhando! E mesmo que não sofra o horror da agressão física, sofre a desmoralização em sala de aula. Uma coisa absurda! Inacreditável! Eu estive lá, eu vi! Não é exagero! Esses dois meses só me renderam frustração e um problema de pressão alta, que não quer voltar ao normal, coisa que nunca tive em minha vida! Cara Lya Luft, admiro seu trabalho, sua sensibilidade. Não sei se vai chegar a ler esse desabafo/depoimento/DENUNCIA/PROTESTO. Caso leia, ajude-nos nessa campanha pró-professor! Obrigada e parabéns por sua coluna na VEJA e por seus livros! Adoro!

CLO#07

antony de molay

15/04/2013 às 15:25h

olá, nunca fui um fã da coluna da lya luft por razões próprias. entretanto,o tema abordado é de vital importância especialmente nessa época de mudanças que estamos a vivenciar.divido meus afazeres em duas áreas distintas:segurança e educação. observo em ambas as áreas uma total perversão de tudo o me foi transmitido e k akredito. enfrentamos um problema que penso ainda não ter sido percebido pelos formadores de opinião como um todo.posso afirmar que estamos numa nau sem capitão e à iminencia de um motim.vejamos:lido diariamente com profissionais sem o menor preparo para desempenhar as funções que lhes foram confiadas.em qualquer curso de licenciatura haverá a incompatibilidade entre o k é ensinado,o nível medio dos aprendizes e o resultado final.não sou pesquisador e nem me interessa adentrar nessa seara,pois um dos piores males que herdamos dos portugueses,foi a mania de furar papel de modo a encher linguiça e,acho que o mercado está prenhe de tantos "intelectuais"de fim de semana.ms ao observar o cotidiano,diria que apenas 15% dos que saem de uma faculdade dominam minimamente o k lhes foi ministrado.some à esse fato a degradação do núcleo familiar.hj os pais de famílias de classe média a média baixa travam batalhas diárias para a manutenção da prole que por sua vez,está irremediavelmente exposta ao que há de bom e ruim nas novas midias.o maior e pior problema dessa exposição é a sexualização precoce de jovens k sem maturidade se engajam em relacionamentos

efêmeros e geram mais crianças que fatalmente estarão à deriva.o ser humano é imitador e,observe os exemplos dos jovens hj:dj e cantores de rap e hip hop que prefiro sugerir à autora que faça sua pesquisa(comece pelo dj buru)e tire suas próprias conclusões.não sou e hipótese alguma moralista ms a próxima novela da globo será ambientada num bordel.no ano passado quando o lixo televisivo “avenida brasil”estava no ar vi coisas inenarráveis entre os jovens no ano k vem... para terminar,imagine na mente de um jovem assistir um programa tipo “bbb” e ver escroques que sob a égide da globo se tornam celebridades.como diria um professor meu em tom de brincadeira lógico,”estamos maus”

CLO#08

Maria Soares

14/04/2013 às 19:35h

Penso que a hipótese mais provável é “nem pensando no assunto”. É por isso que estamos quase em último lugar no ensino de matemática e ciências. No português então, melhor nem falar.

CLO#09

moacir

14/04/2013 às 17:58h

Setti, Em 2012 o governo investiu R\$ 10 bilhões nas Forças Armadas.E apenas R\$ 4 bilhões em educação.Pelos números a gente percebe,claramente,que educação não é prioridade para esse governo.O que faz sentido. Sim,pois não creio que nossos governantes atuais almejem um povo educado,informado, e esclarecido. Ficaria muito complicado para o Governo.Por exemplo,se nosso povo soubesse o que é ajuste fiscal,o Mantega não poderia afirmar,de um lado, que medidas duras seriam tomadas nesse sentido,enquanto a Dilma preocupada com a eleição,do outro lado,aumentaria o número de Ministérios.O tal povo informado e educado saberia, é claro,que o Mantega estava falando de reduzir o custo do Estado,cortar os gastos da coisa pública, só gastar o que se arrecada.E que a Dilma ao abrir Ministérios, estava falando do oposto de tudo isso. Pois não deve sair barato criar,dar endereço,mobiliário,decorar,instalar equipamentos e contratar funcionários para novos Ministérios dos quais o Brasil não precisa,só a Dilma.Em troca de votos.Uma questão de ordem eleitoreira,apenas. Então é o seguinte – perigoso esse tal de povo educado.Melhor deixar as coisas como estão. As crianças só deverão ler aos 8 anos – até lá se distrairão aprendendo a desenhar na aula de arte.Os jovens ingressarão nos cursos superiores bem “cotados”,apesar nem serem incapazes de interpretar textos, nem de escrevê-los.A não ser tipo assim, enxendo de erus a fixa de redação, enquanto passam a receita do miojo e cantam uma ode ao Palmeiras. Besteira!Quem precisa utilizar a norma culta da língua? Isso é coisa da direita. E uma vez terminados os cursos,daqui a pouco,o Olimpo dos mestrados e doutorados não será mais o reduto da excelência,mas das minorias antes oprimidas por 500 anos de história.Viva! Eu fico pensando se não seria mais fácil investir no ensino a partir do básico,ensinar a meninada a ler aos 5 anos como aconteceu comigo,e além de Português e Matemática, Geografia e História, apresentar-lhes Cidadania, Civismo, Redação e Oratória. Como acontece na maioria dos países civilizados desse mundo. Como relação ao fato, de que a tal população escolarizada,iria saber quanto seus representantes estivessem se distanciando da real,não haveria nenhum problema. A Dilma e o Mantega combinariam não mais dizer que estão para realizar – ações excludentes simultâneas. Simples assim.Brilhante o Mercadante. Abraço

CLO#10

bereta

14/04/2013 às 17:30h

Caro Setti. Permita-me narrar um pouco da minha história. Meus pais foram pessoas simples, sem quase nada de escolaridade. Mesmo assim, aprendi a ler jornais com o meu pai. Minha obrigação, quando menino, era ir ao correio, no interior de São Paulo. Os meios de transporte eram precários e isso fazia os jornais chegarem com até dois dias de atraso. Nem por isso ele deixou de assinar por anos seguidos a Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, hoje Estadão, ou a Folha da Manhã. Minha mãe, dona de casa, alfabetizou três de seus quatro filhos. A mais nova recusou-se a aprender e foi alfabetizada na escola. Nós, os três, tivemos a felicidade de ter nossa mãe como mestra. Passando roupa ou costurando, a cartilha estava ao seu lado e nós, a cartilha diante dos olhos. A ela não bastava nos alfabetizar. Era preciso começar a ter amor aos livros, a leitura. Lembro-me do primeiro livro que nos comprou:- No reino da bicharada. Nessa época eu não lia. Ela o fazia por mim. Depois, alfabetizado, fui para a escola. Enquanto os colegas aprendiam, eu lia Meninice, livro de um colega repetente, o Nicanor. Nunca mais o vi. Jamais perdi o gosto pela leitura. Hoje, quando vemos crianças no espaço escolar, mormente aquelas agraciadas por programas na Unicef, assistimos batuque, capoeira, mil e uma atividades grupais, mas nada de livros, matemática, ou algo que lhes possa dar alicerce intelectual. Talvez eu esteja a generalizar, mas é o que posso ver. Insisto em ver algo diferente disso, mas não me é mostrado. Logo.... Quem sabe esse novo programa governamental, esse que arrebanhará as crianças de quatro anos em diante, possa corrigir essa falha, pois serão no mínimo dois anos mais em recinto escolar. Talvez possa estar aí a solução. Despertar mais cedo a vontade de ler, de aprender, de participar. Aguardemos o resultado. Ele será de suma importância para os novos alunos. Para os de hoje é possível que haja maiores dificuldades.

CLO#11

Lourds

14/04/2013 às 17:19h

Parece que algum colunista não aprendeu interpretar texto. O que diz o texto da proposta de lei é justamente que todas as crianças devem estar alfabetizadas e em condições de ler plenamente ATÉ os oito anos de idade. Precisa explicar mais o que? Até sugere limite máximo de idade em que as crianças estejam alfabetizadas, assim, nos dois anos anteriores elas estarão iniciando e aperfeiçoando o que já deverá ser pleno aos oito. Puxa, que complicado, não??

ANEXO 03

Cartas do leitor publicadas na revista *Veja online* e referentes ao artigo de Lya Luft denominado “Brasileiro Bonzinho”. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/lya-luft-brasileiro-bonzinho-na-verdade-estamos-indefesos-e-apavorados/> Acesso em 25/11/2014

CLO#12

marcelo

16/03/2014 às 12:04h

A Lya Luft como sempre tem a ‘sutileza’ de transmitir as mensagens de forma “clara” e “precisa” em seus textos. (eu a admiro cada vz mais) Srs GOVERNANTES e REPRESENTANTES do “povo” vale a pena dar uma ESPIADINHA de vz em qdo! Acreditem...

CLO#13

Vanessa Alfonzo

28/10/2013 às 19:27h

Eu sou Venezuelana. Achaba que isso só acontecia no meu pais mas de um tempo pra aca vejo que America Latina está cada veiz mais sumergida nun mundo egoista. Os politicos só tem vontade de ficar com mais e mais dinheiro sem se preocupar por sua gente. É triste. (desculpem minha ortografia)

CLO#14

Maria Gomes

08/09/2013 às 11:18h

A matéria da Lya, diz tudo o que penso a respeito da nossa situação atual. Vivemos num país do medo, em que sair de casa seja para o trabalho ou a lazer virou uma aventura. Quando saímos, não sabemos se voltaremos. Policiais na ruas não vemos. Sou da época em que havia guarda em bancos e não existia explosões de caixas eletrônicos. Os caras pintadas saiam as ruas sem máscaras lindos jovens lutando por uma causa justa. Diferente de hoje, em que os baderneiros saem as ruas para bagunçar geral, sem saber até porque estão ali.

CLO#15

Maria

12/06/2013 às 22:22h

Lya está certa...é isso que é o brasileiro...já vivi fora e posso dizer que brasileiro é invejoso, maldoso, fofoqueiro! Preocupa-se mais com a vida dos outros do que da sua própria! Mas deois do PT o brasileiro virou pior... Com o exemplo de cima, viraram bandidos. Não falo de todos, clapro, mas uma grande maioria, inclusive aqueles que vivem do bolsa-familia, bolsa-bandido, etc. E enquanto o PT estiver no comando a coisa só vai piorar... eu não tenho sossego, nem paz...já fui vitima de sequestro relâmpago e tudo e todos me apavora. não durmo quando os filhos estão fora de casa...também já fui vítima de telefonemas anônimos no meio da madrugada, pior que parecia a voz da minha filha! Esse país não dá para viver depois do PT. Minha vontade é poder viver em outro país, mas não sou petista e

portanto não tenho o dinheiro do mundo! Me recuso a ser petsita e desconstruir uma sociedade inteira...me recuso a ser subornada em detrimento de uma sociedade inteira! As vezes sonho ganhar na loto para poder me mudar daqui, mas quem diz que a loteria não tem maracutaia? Só ganha uma pessoa do fim de mundo, cujo nome do interior a gente nunca ouviu falar e ainda jogando apenas 2,00, eles realmente tem certeza que brasileiro ainda por cima é burro, pacato, gosta de sofrer e s®o gosta de carnaval, cerveja, etc. Que país é esse? Artistas querendo mudar a direção sexual das nossas crianças. Daniela Mercury chama todos para serem gays, o gordo da globo querendo defender a zoofilia! esse país está sem moral... Temos que fazer campanha para nenhum turista vir para cá... a sociedade podre! tudo culpa do PT por que quem defende o crime e criminoso!

CLO#16

Sidney

12/06/2013 às 8:46h

Corretíssimo o que a Lia escreveu. Tenho certeza que 99% da população brasileira clama por uma imputabilidade criminal a partir dos 14 anos mas, vem o petralha do ministro da justiça e diz que isso é impossível. Nada é impossível se houver vontade política, principalmente se apoiada pelo grosso da população. Somos, como diz a Lia, reféns em nossas casas, cercadas de grades e, se temos filhos, não conseguimos ter paz se eles estiverem nas ruas, nos colégios ou num simples cinema no shopping. Nota-se algum movimento a nível federal para encaminhar soluções? a nível estadual? Municipal? Quase nada. A morte do índio Terena lá no norte, em conflito com os fazendeiros, é lembrada toda hora pelos jornais, pela internet. Causou até a suspensão, pela justiça, da retomada da área. Autoridades do governo foram até lá! E quanto a nós? Dezenas são assassinados todos os dias pelo Brasil, pelos motivos mais fúteis, e nada acontece. Agora virou moda atear fogo nas vítimas! É duro você chegar em casa e, ao esperar a porta da garagem se abrir, ficar olhando de um lado para o outro a procura de um possível criminoso que irá apontar uma arma para sua cabeça. Tá difícil. Muito difícil.

CLO#17

paolo

11/06/2013 às 16:23h

disse tudo:o brasileiro não é civilizado.não vou mais aos estádios de futebol por conta dos marginais travestidos de torcedores nem vou a eventos como a virada cultural de são Paulo por causa da ralé que vai lá.o brasileiro não é civilizado.

CLO#18

Ronaldo Barra

11/06/2013 às 14:21h

O epíteto de homem cordial dado por Sérgio Buarque de Holanda no seu livro Raízes do Brasil foi colocado mais como ironia. O brasileiro parece cordial quando lhe chama por diminutivo, abraça e põe a mão no ombro. A maioria das vezes por falsidade e por querer entrar na intimidade de outro. De maneira geral é egoísta, invejoso e violento. Gosta de dizer “qualquer dia destes vou lhe convidar para jantar em casa”. Espere pois anos se passam sem realizar o convite. Se ao contrário vc menciona um convite é o primeiro a chegar, levando um amigo ou parente. Estas são as característica do brasileiro ..”tão bonzinho”.

CLO#19

Geraldo de Freitas

11/06/2013 às 10:09h

Os bandidos têm ‘comando’, ‘hierarquia’, ‘orçamento’ (já que, como o governo, estabelecem a contribuição que cada um deve dar à ‘organização’ – se duvidar muitas são pagas com o dinheiro do ‘auxílio-reclusão’) e quem não pode pagar em espécie paga com ‘trabalho’ (como, por exemplo, a execução de policiais ou parentes, atentados às unidades policiais ou tarefas como queimar ônibus. Têm, também, ‘comunicação’; cada um (mesmo os presos) tem vários aparelhos celulares, acesso às ‘redes sociais’. Além disso, seus ‘feitos’ são divulgados pela mídia com grande destaque. Outra coisa importante que eles têm, que é de vital importância para qualquer guerra, é a ‘espionagem’; os bandidos sabem os nomes dos policiais – e de seus parentes, seus endereços, seus trajetos, a marca de seus carros, seus horários de trabalho. Informações que contribuem em muito para deixar os policiais cada vez mais amedrontados. Por último, e não menos importante, os bandidos têm ao seu lado os “defensores dos direitos humanos”: Qualquer ação da polícia, mesmo defensiva, desperta nessa turma o desejo de confirmar se aquele ‘suposto’ bandido tinha mesmo que ser morto, se a polícia não poderia usar meios persuasivos ao invés de matá-lo, se o elemento tinha antecedentes criminais, se não foi mais uma arbitrariedade, se não foi usado excesso de meios ou força desproporcional; se um ‘civil’ for morto por uma ‘bala perdida’ fazem de tudo para tentar provar que a arma de origem era de policial. Enquanto isso o estado, que deveria ter a prerrogativa do uso da força, está atônito, as autoridades passam mais tempo tentando jogar as culpas entre vários ‘responsáveis’, aproveitam para discutir as verbas que foram cortadas, as obras que não foram feitas, a fiscalização de fronteiras que deixa passar armas, munições e drogas. As comunicações não funcionam, eles não se entendem. Parece que a piada de que ‘inteligência policial’ é um oxímoro é verdadeira; a polícia não tem nenhuma informação sobre os bandidos, ou do porquê eles estão atacando, ou do porquê executam este ou aquele policial, ou queimam este ou aquele ônibus. “Especialistas” dão as mais diversas sugestões. A população, assustada, evita sair às ruas e os policiais, amedrontados e impotentes, abandonam suas casas e tentam se fazer passar por cidadãos comuns. As autoridades estaduais dão entrevistas dizendo que está tudo sob controle; só não dizem de quem. Penso que a situação chegou a este ponto porque a polícia abandonou as ruas – e os bandidos aproveitaram para tomar conta delas. Essa sistemática equivocada de segurança pública se prova ineficaz a cada dia e as autoridades parecem não se dar conta disso. A situação acima já passou pelo Rio de Janeiro (e ainda não se pode considerar que acabou); está dominando São Paulo, dando mostras de querer se instalar em Santa Catarina e tende a migrar – ou espalhar – para outros estados. Será que eles estão se preparando para evitar isso?

CLO#20

Haroldo Kennedy

10/06/2013 às 21:37h

Eu me sinto seguro aqui em Belo Horizonte. Ando à pé e de ônibus! Me sinto inseguro quando ando de carro depois de 01:00 da manhã, quando jovens de todas as idades dirigem seus carros como se fossem pilotos de fórmula um e estivessem numa pista particular da casa deles! Não vejo tv, não leio jornais de 25 centavos... Reparo o que está em minha volta, não é minha cidade natal mas também não é

Bruno Sampaio

10/06/2013 às 18:41h

O Haiti é cada vez mais, aqui. E ninguém que pode fazer algo a respeito, faz.

CLO#24

Toninho malvadeza

10/06/2013 às 18:29h

O Brasil está na desordem implantada pelo PT e por políticos da base que se locupleta!(2)

CLO#25

Luiz

10/06/2013 às 10:35h

O Brasil está na desordem implantada pelo PT e por políticos da base que se locupleta!

CLO#26

Ricardo Nascimento

10/06/2013 às 9:29h

Bom dia LYA. E nossos governantes? Omissos ou envolvidos ? Sou jornalista investigativo de Políticas Públicas Sociais. Recentemente, após 3 anos de pesquisa , inclusive de campo, escrevi e publiquei um livro sobre este tema. A conclusão que cheguei é assustadora , pois se não há solução é porque o poder público NÃO QUER SOLUCIONAR. O livro é o Coronel, o Exército e a Maré , da Editora Ciência Moderna e aborda as Favelas da Maré no Rio de Janeiro e as soluções encontradas pelo Coronel do Exército que se viu à braços com este problema. As sensacionais soluções encontradas , adotadas e testadas por ele , foram simplesmente ignoradas pelo PODER PÚBLICO e tudo continua como sempre. NO entanto a mídia nacional e estrangeira publicou dezenas de matérias sobre este tema , de forma que não foi desconhecido este trabalho. Apenas foi propositalmente “esquecido”.

CLO#27

Francisco Silva

10/06/2013 às 8:20h

Lya A solução existe . Já foi aplicada e testada com sucesso. O poder público envolvido admirador e espectador do crime que é bandeira eleitoreira , q enterrou com pá de cal esta solução . Veja o vídeo que a BAND colocou no YOUTUBE sobre esta solução e que também foi abafada. O poder público não resolve o problema porque não quer resolver.É cúmplice de tudo que ocorre . Os 50.000 mortos anuais são testemunhas desta assertiva.
<http://www.youtube.com/watch?v=LkBDNW5hwSo%20>

CLO#28

marcelo ferreira

10/06/2013 às 7:30h

perá lá...dona Lya...também não é assim...os arrastões não são tão comuns assim em sp...e em sampa...o busílis é que a policia de sp prende a vagabundagem que tem se escondido atrás de menores criminosos...e a justiça solta a pilantragem...a redução da maioria penal vai por freio nestes meliantes...e, ademais...ir a

restaurantes em sp é muito mais seguro do que morar em algum morro com UPP do Cabral...lá a bandidagem de maior idade e de menor idade mandam mesmo...

CLO#29

jota be

09/06/2013 às 19:19h

O problema nosso esta no Legislativo demagogo que não impõe uma legislação de acordo com nossa realidade. Não adianta copiar de países europeus, pois aqui tem brasileiros. E concordo com seu artigo, somos cada vez mais violentos e parece que estamos acostumando com isso. É uma carga pesada sobre quem trabalha e produz neste pais. Acorda Brasil.

ANEXO 04

Artigo de Lya Luft, publicado na revista *Veja*, edição 2316, ano 46, nº 15, de 10/04/2013.

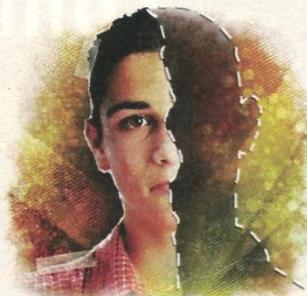


A formação de um povo

A formação de um povo pode ser olhada sob vários aspectos. Aqui eu falo da formação cultural, informação, crescimento, consciência dos direitos e deveres de quem vive numa democracia verdadeira, que se interesse por um povo formado e informado. Aqui entra primariamente a educação, que venho comentando sem conseguir esgotar, assunto inexaurível na vida privada de todo cidadão e na existência geral de um povo. É preciso ter em mente que, para os líderes, sejam quais forem, esse deve ser um interesse primordial em sua atividade.

A mim me preocupa a redução do nível de formação e informação que nos oferecem. Escrevi muito sobre as cotas, com que, em lugar de melhorar a educação pela base, subindo o nível do precário ensino elementar, se reduz o nível do ensino superior, para que se adapte aos que lá entram mais por cota do que por mérito e prepa-

“Se a alfabetização for concluída no fim do 3º ano elementar, quando os alunos tiverem já 8 anos, talvez mais, quando e como serão preparados? Com que idade estarão prontos para um mercado de trabalho cada vez mais exigente?”



ro, em lugar de ser, como deveria, o inverso. Com isso, nosso ensino superior, já tão carente e ruim, com algumas gloriosas exceções, piora ainda mais. Vejam-se os dados assustadores de reprovação, no exame da Ordem dos Advogados do Brasil, de candidatos saídos dos nossos cursos de direito. Os exames de igual caráter para egressos de cursos de medicina ainda não apresentam resultado tão incrivelmente ruim, mas começam a nos deixar alertas: pois esses médicos vão lidar com o nosso corpo, a nossa vida. Estudantes de letras frequentemente nem sabem ortografia, e mais: não conseguem se expressar por escrito, não têm pensamento claro e seguro, não foram habituados, desde cedo, a argumentar, a pensar, a analisar, a discernir, a ler e a escrever.

LYA LUFT
é escritora

Agora, pelo que leio, parece que vão conseguir piorar ainda mais a situação, pois a meninada só precisa se alfabetizar no fim do 3º ano da escola elementar. Pergunto: o que estarão fazendo nos primeiros dois anos de escola? Brincando? Gazeando? A escola vai fingir que está ensinando, preparando para a vida e a profissão? E os pais que se interessam, o que podem esperar de tal ensino? Aos 8 anos, meninos e meninas já deveriam estar escrevendo direito e lendo bastante — claro que em escolas públicas de qualquer ponto do país onde os governos tivessem colocado professores bem pagos, seguros e com boa autoestima; em escolas nas quais cada sala de aula tenha uma prateleira com livros doados pelos respectivos governos, municipal, estadual ou federal, interessados na formação do seu povo.

Qualquer coisa diferente disso é ilusão pura. Não resolve enviar centenas de jovens ao exterior ou trazer estudantes estrangeiros para cá, se a base primeira do ensino é ruim como a nossa, pois não adianta um telhado de luxo sobre paredes rachadas em casas construídas sobre areia movediça. Como não adianta dar comida a quem precisaria logo a seguir de estudo e trabalho que proporcionasse crescimento real, projetos e horizontes em lugar da dependência de meninos que não conseguem largar o peito materno mesmo passada a idade adequada.

O que vai acontecer? Com certeza vai se abrir e aprofundar mais o fosso entre alunos saídos de escolas particulares que ainda consigam manter um nível e objetivo de excelência e a imensa maioria daqueles saídos de escolas públicas ou mesmo privadas em que o rebaixamento de nível se instalar. Grandes e pequenas empresas e indústrias carecem de mão de obra especializada e boa, milhares de vagas oferecidas não são preenchidas porque não há mão de obra preparada: imaginem se a alfabetização for concluída no fim do 3º ano elementar, quando os alunos tiverem já 8 anos, talvez mais, quando e como serão preparados? Com que idade estarão prontos para um mercado de trabalho cada vez mais exigente? Ou a exigência também vai cair e teremos mais edifícios e outras obras mal construídos, serviços deixando a desejar, nossa excelência cada vez mais reduzida?

Não sei se somos um povo cordial: receio que sejamos desinteressados, mal orientados e conformados, achando que é só isso que merecemos. Ou nem pensando no assunto.

ANEXO 05

Artigo de Lya Luft, publicado na revista *Veja*, edição 2318, ano 46, nº 17, de 24/04/2013.

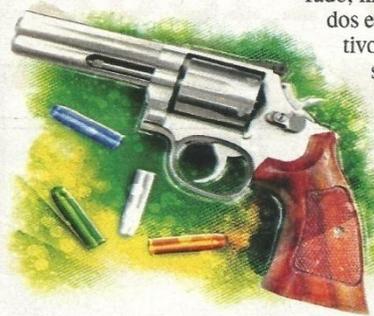


Brasileiro bonzinho?

Tempos atrás, num programa cômico de televisão, uma jovem americana radicada no Brasil, a cada comentário sobre violência ou malandragem neste país, pronunciava com muita graça: “Brasileiro bonzinho!”. E a gente se divertia. Hoje nos sentíamos insultados, pois não somos bonzinhos nem sequer civilizados. O crime se tornou banal, a vida vale quase nada. Poucos de meus conhecidos não foram assaltados ou não conhecem alguém assaltado: ser assaltado é quase natural — não só em bairros ditos perigosos ou nas grandes cidades, mas também no interior se perdeu a velha noção de bucolismo e segurança.

Em São Paulo, só para dar um exemplo, os arrastões são tão comuns que em alguns restaurantes o cliente é recebido por dois ou quatro seguranças fortemente armados, com colete à prova de bala, que o acompanham olhando para os lados — atentos como em séries criminais americanas. Quem, nessas condições, ainda se arrisca a esta coisa tão normal e divertida, comer fora?

“Jovens monstros, assassinos frios, sem remorso, drogados ou simplesmente psicopatas saem para matar e depois vão beber no bar, jogar na lan house, curtir o Facebook, com cara de bons meninos”



Pessoas inocentes são chacinadas: vemos protestos, manifestações, choro e imprensa no cemitério, mas nada compensará o desespero das famílias ou pessoas destroçadas, cujo número não para de crescer. Em nossas ruas não se vê um só policial, daqueles que poucos anos atrás andavam em nossas calçadas. A gente até os cumprimentava com certo alívio. Não sei onde foram parar, em que trabalho os colocaram, nem por que desapareceram. Mas sumiram. Morar em casa é considerado loucura, a não ser em alguns condomínios, e mesmo nesses o crime controla o porteiro, entra, rouba, maltrata, mata. Recomenda-se que moremos em edifícios: “mais seguros”, seria a ideia. Mas, mesmo nos edifícios, nem

pensar, a não ser com boa portaria, ou será alto risco, diz a própria polícia, aconselhando ainda porteiros preparados e instruídos para proteger dentro do possível nossos lares agora precários.

Somos uma geração assustada, desamparada, confinada, gradeada — parece sonho que há não tanto tempo fosse natural morar em casa, a casa não ter cerca, a meninada brincar na calçada; e não morávamos em ilhas longínquas de continentes remotos, mas aqui mesmo, em bairros de cidades normais. Éramos gente “normal”. Hoje, a população, apavorada, está nas mãos de criminosos, frequentemente impunes. Na desorganização geral, presídios superlotados onde não se criariam porcos também abrigam pessoas inocentes ou que nunca foram julgadas. A impunidade é tema de conversas cotidianas, leis atrasadas ou não cumpridas nos regem, e continua valendo a inacreditável lei de responsabilidade criminal só depois dos 18 anos. Jovens monstros, assassinos frios, sem remorso, drogados ou simplesmente psicopatas saem para matar e depois vão beber no bar, jogar na lan house, curtir o Facebook, com cara de bons meninos. Num artifício semântico insensato e cruel, se apanhados, não os devemos chamar de assassinos: são infratores, mesmo que tenham violentado, torturado, matado. Não são presos, mas detidos em chamados centros socioeducativos. E assim se quer disfarçar nosso incrível atraso em relação a países civilizados. No Canadá, Holanda e outros, a idade limite é de 12 anos; na Alemanha e outros, 14 anos. No Brasil, consideramos incapazes assassinos de 17 anos, onze meses e 29 dias.

Recentemente, um criminoso de 15 anos confessou tranquilamente ter matado doze pessoas. “Me deu vontade”, explicou, sem problema, e sorria. “Hoje a gente saiu a fim de matar”, comentou outro adolescentezinho, depois de assaltar, violentar e matar um jovem casal junto com outro comparsa. Esses e muitos outros, caso estejam em uma dessas instituições em que se pretende educar e socializar indiscriminadamente psicopatas e infratores eventuais, logo estarão entre nós, continuando a matança. Quem assume a responsabilidade? Ninguém, pois estamos em uma guerra civil que autoridades não conseguem resolver, uma vez que nem a lei ajuda. Estamos indefesos e apavorados, nas mãos do acaso. Até quando?